Revista do INSTITUTO HISTÓRICO e GEOGRÁFICO

DO RIO GRANDE DO SUL

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO R. G. DO SUL

ANO XXII — I TRIMESTRE — JANEIRO - MARÇO DE 1942 — Nº 5

SUMÁRIO

Alfredo Ferreira Rodrigues 1
O Brasil e a Companhia de Jesús. Conferência pelo Dr. Darcy Azambuja 5
Notas para a história das ferrovias Sul-Riograndenses, pelo Eng. Aníla do Amaral 11
"Plano das marchas e acampamentos das tropas espanholas no Rio Grande", por Ricardo R. Caillet-Bois 2
Tricentenário da Batalha do Mbororé (11 a 16 de Março de 1641), pelo Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J 27
Relação da Guerra e vitória dos aborígenes (em 6 de abril do ano de 1641), por Cláudio Ruyer 29
Contribuição aos estudos dos problemas de alimentação no Rio Grande do Sul, por Raul Panatieri 56

ATRAVÉS DA IMPRENSA

"O momento de Vernhagen", por Jaime Adour da Câmara. — "Gente que eu conheci". — **Eduardo Guimarães,** por De Souza Junior — "Maragatos e Gaúchos", por Castilhos Goycochêa 187

NOTICIÁRIO

Uma carta do brilhante historiador uruguaio José Aguiar — Wolfgang Hoffmann Harnisch — Virgilio Varzea — Monumento a Euzébio de Oliveira — Regiões geoeconômicas do Brasil — Instituto Brasil-México — Centenário da Revolução de 1842 e da ação pacificadora de Caxias — Instituto de Geografia e História Militar do Brasil — Centenário Dom Vital — Heróis de Laguna e Dourados — Para um livro sôbre os Estados-Unidos — D. Júlia Lopes de Almeida — D. Pedro II — Centro de Pesquisas Educacional — Dr. Edmundo Navarro de Andrade — Xavier Marques — Marechal Argollo — Manoel Ribeiro — Exposição do livro Português — Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — A História e a Geografia do Colégio Pedro II — Diário Revista — Louis Bertrand — O ensino da língua Portuguesa — A troca sistemática dos nomes das ruas — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Concurso de filmes brasileiros — Alberto de Oliveira — Instituto Heráldico-Genealógico — Academia Brasileira de Letras — Descobertos em Rio Pardo fósseis de gigantescos tatús e preguiças multimilenarios 201

BIBLIOGRAFIA

Prof. Olinto Simmartin (O. S.) 255
REVISTAS 253

INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL

Presidente honorário: Desemb. Florêncio C. de Abreu e Silva.
Presidente: Dr. Leonardo Macedônia Franco e Souza.
Vice-Presidente: Prof. Otelo Rosa.
Secretário Perpétuo: Dr. Eduardo Duarte
2º Secretário: Prof. J. A. L. Tupi Caldas
Orador: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.
Tesoureiro: Professor Afonso Guerreiro Lima.
Bibliotecário: Dr. Olinto Sanmartin.

COMISSÕES PERMANENTES

Fundos e orçamentos:
Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Cel. Gaston Hasslocher Mazeron
Prof. Jorge Bahlis
Dr. João C. Maia

História:
Cap. D. Paranhos Antunes
Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.
Dr. Mario Teixeira de Carvalho
Dr. Manoelito G. de Ornellas

Geografia:
Prof. A. G. Lima
Dr. Darcí Azambuja
Prof. Otelo Rosa
Dr. Olinto Sanmartin

Arqueologia, Etnografia e Paleontologia:
Prof. Ângelo Guido
Dr. Armando Dias de Azevedo
Prof. J. A. L. Tupí Caldas
Prof. Jorge Bahlis

Folclore e línguas indígenas:
Prof. Ângelo Guido
Sr. Dante de Laytano
Cel. Luiz Carlos de Moraes
Dr. Manoelito G. de Ornellas

Admissão de Sócios:
Dr. Armando Dias de Azevedo
Dr. Eduardo Duarte
Cel. Gaston Hasslocher Mazeron
Cel. Luiz Carlos de Moraes

Consultores:
Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Cel. E. F. de Souza Docca
Dr. Eduardo Duarte
Prof. Walter Spalding

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO
RIO GRANDE DO SUL

(FUNDADA EM 1920)

——x——

- Registrada de acôrdo com as exigências da lei.
- Publicação trimestral
- Órgão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.
- Reconhecido de utilidade pública por decreto n.º 4373 de 29 de novembro de 1921.

——x——

DIRETOR

DANTE DE LAYTANO

——x——

- Assinatura anual ..... 20$000
  Cada número ..... 6$000
  Números atrasados: preços especiais.
- A Revista não se responsabiliza pelos conceitos emitidos por seus colaboradores.
- Tôda a correspondência deverá ser remetida para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.
- Solicitamos permuta.

Alfredo Ferreira Rodrigues

Com o falecimento dêsse ilustre homem de letras, acaba de perder o Brasil e, especialmente, o Rio Grande do Sul, um dos mais nobres dos cultores do nosso passado.

Prosador e poeta e dotado de notáveis qualidades de historiador consagrou-se desde jovem ao estudo do passado sul-riograndense de que foi um sabedor.

Possuindo sólido curso de humanidade aprimorado pelo seu padrinho e protetor — o sábio professor Bernardo Taveira Junior, se impôs Alfredo Rodrigues, pelo brilho de suas narrativas e pela orientação de seus magníficos estudos.

O amor ao Rio-Grande-do-Sul, o culto pela verdade histórica, a glorificação de nossos heróis, tiveram no escritor que desaparece um dos mais impressionantes e dos mais nobres exemplos a ser apontado entre os estudiosos de nosso pretérito.

Tôdas as suas energias, quasi toda sua vida e todos os primores de sua inteligência foram consagrados, com raro desprendimento e edificante dedicação à vida idealística e heróica do Rio-Grande-do-Sul.

Conhecedor profundo da alma de sua gente e dos fatos de sua vida, muito contribuiu para o seu estudo em geral, sendo o seu maior lavor na sublimação da Grande Revolução Farroupilha.

Seus estudos nesse sentido foram propícios à justiça na apreciação dessa cruzada memorável e indicaram alguns dos elementos que serviram para que se fixasse definitivamente a fisionomia dessa Revolução — evidenciando seu acentuado cunho de brasilidade.

Entre seus trabalhos se destacam: "Notícia descritiva e estatística do Rio-Grande-do-Sul", "Primeiros Fortes do Rio-Grande", "A Pacificação do Rio-Grande", "David Canabarro e a surpresa dos Porongos", em dois magistrais estudos de reparação histórica, "Notas para a história da imprensa no Rio-Grande-do-Sul", "Bento Gonçalves e seu ideal político",

Bento Manuel Ribeiro e seu papel na Revolução", "Antônio Neto — combate do Seival e a proclamação da República" e muitos outros, sendo de se salientar a série "Homens e Fatos do Passado", que constituem precisas lições de cultura cívica.

Publicou também interessantes estudos biográficos de grandes vultos de nossa pátria, merecendo destaque as biografias do General Osório, de Carlos von Koseritz, de Domingos José de Almeida, de Bento Gonçalves, de Lobo da Costa, do Barão de Triunfo, de Bernardo Taveira Junior, seu grande mestre e protetor; de José Gomes Portinho, de Antônio Vicente da Fontoura, de João Manoel de Lima e Silva.

Os estudos históricos de Alfredo Rodrigues tiveram grande influência no espírito dos fundadores do atual Instituto Histórico e Geográfico do Rio-Grande-do-Sul, que marca nova e brilhante era no estudo de nosso pasado.

O veículo de divulgação dos trabalhos de Alfredo Ferreira Rodrigues, foi o "Almanáque Literário e Estatístico do Rio-Grande-do-Sul", por êle fundado em 1889 e que apareceu ininterruptamente até 1917.

O Brasil e a Companhia de Jesús

(CONFERÊNCIA)

Darcy Azambuja

Por certo nenhuma outra nação terá, mais do que o Brasil — e talvez nenhuma tanto, quanto o Brasil — o dever de celebrar o quarto centenário da Companhia de Jesús. O Brasil nasceu com ela, antecedendo-a de apenas quarenta anos, e lhe coube logo receber as primícias da sua obra de catequese e educação, a primeira prédica dos seus primeiros missionários, o sacrifício dos seus primeiros mártires.

Ainda frementes da modelação espiritual, feita pelo próprio Inácio de Loyola, inflamados na incoercível energia que o grande santo, sabia comunicar aos seus discípulos, os Jesuítas desembarcaram na América para conquistá-la. Para conquistar a terra, contra as feras e as florestas, e amansá-la e fecundá-la com a fartura nas searas, com o trabalho e a segurança nas fazendas, o refúgio e a esperança nas capelas, e confôrto e a prosperidade nas povoações; para conquistar o homem à bruteza e à idolatria, e abrir-lhe nas almas tôscas as clareiras da fé, com as palavras da luz e da vida na suave mensagem do Redentor.

Ano a ano, das caravelas dos governadores e das naus dos vice-reis, êles desembarcavam, cada vez mais numerosos e mais decididos, para preencher as falhas que as doenças e o martírio abriam nas fileiras dos soldados da cruz; palmo a palmo a sua conquista avançava contra a vastidão da terra, no rasto das *entradas*, redimindo e convertendo os índios cativos; sozinhos e inermes furavam as brenhas, precipitavam-se no côncavo das igaras em procura das tabas selvagens, e já nas praias do oceano se erguiam, sôbre os outeiros risonhos, as primeiras obras da sua ação civilizadora: a capela e a escola.

Batizar e ensinar, foram as duas modalidades da ingente batalha que tão poucos soldados da fé levaram travada contra a gente selvagem, perdida na vastidão inexpugnada da terra, e até contra os cristãos, que, na passagem do equador, deixavam para lá dessa

tinha ideal que separava o mundo civilizado do mundo bárbaro, as virtudes que lhes deviam ter infundido na alma mil e quinhentos anos de prédica evangélica.

Em verdade, a luta fôra o signo que desde o comêço assinalara o nascimento da Sociedade de Jesús.

Quando Inácio de Loyola reuniu os seus primeiros discípulos, havia poucos anos que Lutero arremeçara um tinteiro à cabeça do diabo, com quem costumava discutir teologia nos vastos salões do castelo de Wartburgo. As consequências dêsses colóquios hereges e danados lavravam já nos terríveis incêndios da Reforma por tôda a Europa. A Companhia de Jesús nascia combatendo. Os seus pregadores e doutores, pelas catedrais e pelas Universidades, atacaram de frente o cisma colossal, e dentro dos próprios concílios, no seio mesmo da Igreja romana, os teólogos jesuítas sobressaíam em tôdas as discussões doutrinárias, numa obra de exegese e de divulgação que constitue sem dúvida o maior e o mais grandioso movimento filosófico dos séculos XVI e XVII. A "polêmica da graça" e a questão do livre arbítrio nasceram aí. À sombria doutrina da predestinação, com que Calvino pretendia transformar o mundo numa tumultuosa antessala do inferno, onde predestinados e condenados, sem esperança e convencidos da inutilidade da fé, errariam embrutecidos, os jesuítas opunham a própria palavra de Cristo, feita de misericórdia e de perdão.

No seu combate à reforma, os jesuítas realizavam uma dupla tarefa. A primeira era a de mostrar os erros da teologia protestante; a segunda era a de demonstrar que as teorias científicas, propagadas como uma conquista da religião reformada, não somente não se opunham aos dogmas católicos, mas também que estes eram um estímulo às investigações filosóficas e um abrigo seguro contra os desvarios da imaginação. Foram os primeiros a compreender que o mundo se transformara e que a igreja católica não podia ceder o passo às novas seitas na educação e orientação do povo e das classes ilustradas.

E assim, enquanto defundiam os princípios essenciais e eternos da religião de Cristo, humanizavam e atualizavam as interpretações, dizendo em palavras modernas as verdades antigas, corrigindo os abusos do fanatismo e desmascarando as pretensões da ignorância. A sua ação estendeu-se a todos os ramos da atividade humana; não foi apenas nos púlpitos e nos confessionários que êles exercessem os misteres para os quais a ordem fôra organizada, não foi somente à teologia e à filosofia que êles trouxeram a contribuição de uma incansável atividade. A física, a química, a astronomia, a mecânica, a literatura, a pintura e as artes em geral, inclusive o teatro, foram campos em que os jesuítas disputavam palmo a palmo a primazia aos leigos, quer por trabalhos originais de membros da pró-

pria Companhia, quer protegendo sábios e artistas e divulgando-lhes as obras. Leibniz e Miguel Ângelo, Rubens e Van Dick foram amigos íntimos e dedicados dos jesuítas, e nenhuma obra científica, filosófica ou artística deixava de receber dêles o comentário devido, sem nenhum laivo de fanatismo, e antes com uma largueza de vista, uma simpatia e tolerância, que somente encontrava limites nos dogmas da sua religião.

Era natural, portanto, que a sua influência social crescesse e que o seu prestígio aumentasse. Dentro de dois séculos, era sem dúvida a mais poderosa das ordens religiosas. E era natural também que êsse prestígio e essa influência encontrassem adversários e invejosos. Uma tremenda campanha, surda ou ostensiva, levantou se contra os jesuítas, cujos episódios mais célebres são de tôdos conhecidos.

Mas, não seria aquí o momento, nem me socorreriam recursos bastantes, para descrever, mesmo em síntese apressada, a vida da Companhia de Jesús.

Basta-nos, para esta comemoração, uma rápida vista de conjunto sôbre a sua ação no Brasil. Por muito rápido e apressado que seja êste exame, e há de sê-lo por fôrça, colheremos motivos de sobra para justificar as expressivas comemorações com que tôda a nação assinala o seu quarto centenário.

O Brasil colônia recebeu a influência de dois poderes organizados; um temporal, político, administrativo e militar, a Coroa portuguesa; o outro espiritual, desarmado e sem mando, a Companhia de Jesús. A influência de ambos foi profunda, diferente uma da outra e muitas vezes em contradição. A Corôa descobriu, povoou e explorou; a Companhia de Jesús cristianizou, educou e civilizou. A cupidez pelas riquezas da terra, a crueldade para com seus habitantes, o descaso em relação aos destinos do país, recém-descoberto, assinalaram quasi constantemente a orientação dos administradores da metrópole; o desapêgo aos interêsses materiais, a caridade heróica na catequese, o incansável desejo de aperfeiçoar e engrandecer o povo e a terra, foram os ideais invariáveis dos missionários jesuítas. De certo momento em diante, sobretudo no govêrno do marquês de Pombal, o govêrno português não tem outra preocupação além da de extorquir as riquezas naturais e oprimir até o último extremo o desenvolvimento da colônia para evitar que se emancipasse; os jesuítas, com deslealdade com a metrópole portuguesa, não esqueceram um momento que o Brasil devia ser uma nação.

A catequese jesuítica no Brasil foi uma epopéia, e a mais viva imaginação de um homem de agora mal poderá aflorar a imensidade dos seus sacrifícios, os prodígios da sua energia, a soma inacreditável dos seus pequenos heroísmos e da sua inestinguível abne-

gação. Se refletirmos que ainda hoje o nosso território contém regiões inacessíveis, umas povoadas por selvagens rebeldes a todo o contacto com os brancos, outras por serem imensas estufas tropicais, onde residem os miasmas das mais terríveis doenças, podemos ter uma noção aproximada do que seria o Brasil de 1550 a 1650, que foi o século das "bandeiras cristãs de conversão e civilização dos indígenas".

À selvageria natural de muitas tribus, juntava-se já o ódio de quasi tôdas as que povoavam o litoral, pelos maus tratos e as perfídias dos primeiros colonos; à extensão desconhecida da terra, coberta de florestas impenetráveis e de rios caudalosos, acrescia a falta absoluta de quaisquer meios de transportes. A pé sem roteiro, sem armas, sem auxílio de espécie alguma, os missionários entravam pelas matas, cruzavam os campos, venciam as serras e vadeavam os rios. Ninguém melhor do que um dêsses desbravadores legendários poderia descrever, no estilo do tempo, a vida assombrosa que levavam. Eis o trecho escrito pelo maior dêles, pelo grande Anchieta, o Apóstolo do Brasil, em uma carta de 1584:

"Os perigos e trabalhos que nisto se passam, pela diversidade dos lugares a que se acodem, se podem conjeturar. Perigos de cobras, de que há grandíssima cópia nesta terra, de diversas espécies, que ordinariamente matam com a sua peçonha, de que frequentíssimamente quasi por milagre são livrados e alguns mordidos sem perigar; — perigos de onças e tigres, que também são muitos, pelos desertos e matas por onde é necessário caminhar; — perigos de inimigos de que algumas vezes por Providência Divina tem escapado; tormentas por mar e naufrágios, passagem de rios caudalosos, tudo isto é comum; calmarias por vezes excessivas que parece chegar o homem a ponto de morrer, de que vem a passar gravíssimas enfermidades; — frio, principalmente na capitania de S. Vicente, no campo, onde já por vezes se acharam índios mortos de frio; e, assim acontecia muitas vezes, ao menos no princípio, a maior parte das noites não se podendo dormir de frio nas matas, por falta de roupa e de fogo, por que nem calças nem sapatos havia, e assim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas muitas e mui grossas e contínuas; e com isto grandes enchentes de rios e muitas vezes se passam águas muito frias, por longo espaço pela cintura e às vezes pelos peitos; e todo o dia com chuvas muito grossa e fria, gastando depois grande parte da noite em enxugar a roupa ao fogo, sem haver outra para mudar. E contudo nada disto se estima; e muitas vezes, para acudir e batizar ou confessar um escravo de Português, se andam seis e sete léguas a pé, e às vezes sem comer...

Não há descansar, e nisto se gasta cá a vida dos nossos, com que se tem ganhado no Brasil muitas almas ao Senhor."

Eis, na linguagem tocante e singela de Anchieta o breve resumo

de um martírio quotidiano, não apenas sofrido por todos, mas buscado por todos incessantemente durante mais de um século, e aceito com alegria e ofertado a Jesús pela salvação de algumas almas de índios brutos e desamorosos, quasi sempre cruéis e desagradecidos. Quantas vezes, após semanas e meses dêsses perigos por terra e tormentos por mar, atingida a taba dos selvagens, eram os missionários escorraçados violentamente e, se escapavam com vida, desandavam o seu calvário, percorrendo as mesmas regiões imensas e hostís, perseguidos pelas frechas dos índios, tocaiados pelas onças, picados pelas serpentes, quasi nus, famintos, doentes, doentes de corpo e de espírito, por não terem conseguido ganhar uma só alma para o Senhor.

Não desanimavam, porém, nunca esmoreceram. Alguns breves dias de repouso, longas horas de exercícios espirituais, de preces e penitências e lá investiam de novo contra o inferno verde para abraçar os que os repeliam, para salvar os que os martirizavam, para dar a vida aos que os matavam.

Não se podem ler as crônicas daqueles tempos duros e desconhecidos sem um arrepio de pavor e de admiração pelo heroísmo dêsses homens singulares, humildes e gigantescos, fracos e irresistíveis, que viviam morrendo, e morriam confessando e batizando; que repetiam obscuramente cada dia e cada hora o apostolado de S. Paulo, o martírio de S. Pedro e o exemplo de Jesús. Dir-se-ia que foi a própria mão de Deus que destacara para a evangelização do Brasil criaturas excelsas, de uma fé incoercível e de uma energia fulgurante, figuras de santos e de apóstolos da estatura de um Nóbrega, de um Anchieta, de um João de Almeida, de escritores sábios e oradores como Simão de Vasconcelos, Alexandre de Gusmão e Antônio Vieira. Êsses nomes, mais conhecidos e afamados, são apenas o expoente de inúmeros outros que se lhes equiparam nas obras, na inteligência, no sacrifício e na abnegação.

Não obstante a magnitude da catequese dos jesuítas entre nós, quem se ativesse apenas a êsse aspecto, religioso e por assim dizer profissional, não somente faria uma idéia unilateral e incompleta da sua ação, como também não compreenderia a evolução histórica do Brasil, desde o descobrimento até à independência.

Outro aspecto de sua obra, neste sentido ainda mais vasta, e mais duradoura, e de eficácia social incomparavelmente mais profunda, assegurou à Companhia de Jesús um papel decisivo na formação moral e intelectual da nacionalidade brasileira.

Durante mais de duzentos anos o Brasil colônia sofreu um regime de opressão econômica e social que não encontra similar na história do que é possível fazer pelo embrutecimento e o atraso de um povo. As grosseiras indústrias que a custo surgiram na terra, foram arrasadas pelos decretos portugueses e proibido terminante-

nem e o estabelecimento de qualquer outra; ainda no tempo dos últimos vice-reis nenhum tecido podia ser feito no Brasil e até o uso das roupas interiores era regulado pela pragmática, sendo pormenorizadamente prescrito o que podiam usar os nobres, os burgueses e os escravos. Em 1747 foi fundada no Rio a primeira tipografia, mas, no mesmo ano era fechada por ordem da Côrte, o material confiscado e remetido para além mar e vedado o funcionamento de qualquer oficina de impressão. Nenhum livro podia ser vendido sem autorização expressa da Mesa de Conciência e Ordens de Lisboa, e é fácil imaginar a odisséia de um requerimento de licença, enviado do Rio para Lisboa, pleiteando qualquer favor semelhante.

Data de 1772 a criação das primeiras aulas públicas no Brasil. Até então, todo o ensino no Brasil foi feito pelos jesuítas. Os desvelos, os sacrifícios, a energia que empregaram para ensinar os brasileiros, só encontra similar no heroísmo dispendido para catequisar os *brasís,* como eram chamados então os nossos índios. Nas missões que aquí empreenderam, nas *residências,* nas *visitas* que fundavam, não raro a escola antecedia à própria capela, e esta foi sempre o recinto em que se cultuava Deus e se cultivavam os espíritos. Onde chegava a cruz, chegavam, não os livros que não havia ainda ou eram proibidos, mas os manuscritos, elaborados pelos próprios padres, as *cartas de a, b, c,* em que o filho do índio e o filho do colono aprendiam a ler, às *tábuas,* onde se exercitavam nas *contas.* As capelas de rezar vizinhavam com as *aulas de ler e contar,* as mesmas vozes guturais de tamóios e guaranís que de manhã entoavam o *de Angelis,* à tarde soletravam as cartilhas. E não era apenas aos catecúmenos que ministravam as primeiras letras, mas também aos filhos dos colonos, e não eram somente estes os seus discípulos nem se resumia o seu magistério à simples alfabetização. Nas povoações mais importantes, funcionavam cursos médios, com a gramática, humanidades, retórica e a geografia; e até o curso superior, com as ciências naturais, a filosofia e a teologia, os jesuítas organizavam, sendo mesmo um dos agravos do marquês de Pombal contra êles a pretensa preocupação que mostravam pelo ensino de matérias mais elevadas.

Em um país, descoberto em 1500, emancipado em 1822, e onde durante dois séculos o ensino primário, secundário e superior foi exclusivamente ministrado por jesuítas, nunca se encarecerá demasiado o que a êles deve a nação que se formou mentalmente sob o seu desvelado carinho; e se acrescentamos ao adverbio "exclusivamente" um outro por igual verdadeiro, que é "gratuitamente", não poderemos deixar de confessar que o poder espiritual entre nós exerceu, na elaboração da nossa nacionalidade, uma função pelo

menos tão importante quanto o poder temporal e político da metrópole portuguesa.

Por isso mesmo, a expulsão dos Jesuítas constituiu para o Brasil um tremendo golpe. Ficávamos de súbito privados não apenas dos catequisadores e pacificadores dos índios, mas de todos os mestres, de tôdas as escolas, de todos os seminários, de tôdas as incipientes Faculdades. Com razão um escritor brasileiro, bem apreciando as consequências advindas ao Brasil e a Portugal, classificou êsse acontecimento "um novo Alcacer-Quibir", e outro escritor o denominou "um segundo terremoto de Lisboa".

Até hoje não estão bem elucidadas as causas que levaram o retrógado e cruel ministro de D. José, o marquês de Pombal, a essa estúpida perseguição. O que se tem dito, aquem e além mar, para elucidá-las, os motivos que se têm apontado, não convencem, a menos que na alma sombria de Pombal existiam ressonâncias específicas, que lhes desse a amplitude, o poder, a tenacidade encanzinada que caracterizou a perseguição.

Esta, no Brasil, começou sob signos adversos. O terror e o perjúrio assinalaram os seus pródromos, como se a Providência quisesse admitir a todos que onde aquele mau conselheiro e êste crime aparecem, não há de cogitar que opere a vontade divina, senão as artimanhas usuais dos poderes das trevas.

Em agôsto de 1758 aportavam à Baía os três magistrados, investidos pelo marquês de Pombal na deshonrosa e ruim tarefa de prender os jesuítas, sequestrar-lhes os bens e expulsá-los do Brasil. Eram êsses três beleguins Antônio Azevedo Coutinho, José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho Melo e Manuel Estêvão Vasconcelos Barbarim. A nau que os trouxera sofrera em alto mar uma tremenda tempestade. Entre o oceano cavado em abismos que ameaçavam traga-los, em montanhas que pareciam espatifar a embarcação, e o céu todo negro, de onde choviam raios e rebentavam trovões, os três encarregados de sujos negócios, aterrorizados, caíam de joelhos e fizeram voto a Santo Inácio de Loyola de que, no desempenho da ordenança em que vinham nenhuma injustiça praticariam contra os jesuítas, promessa solente a que tôda a tripulação assistiu.

A borrasca passou, a nau sulcava por mares bonançosos e, com a tranquilidade, parece que na alma dos três magistrados pombalinos os conselhos da aleivosia começaram a achar grande demais o compromisso para um perigo já passado. A terra não estava longe, o marquês não era homem de tolerar complacências na execução de suas ordens. Talvez já a sinistra trindade, acreditando-se a salvo, planejasse o perjúrio.

Mas, o pânico acossou-os novamente. Uma calmaria podre imobilizou a nau. Dias e dias, sôbre o mar leitoso e quieto, debaixo de um sol comburente, as velas caídas ao longo dos mastros, o navio

derivou ao sabor das lentas correntes oceânicas, sem um sôpro de vento que lhe permitisse reaviar para o destino. A fome e a sêde, ainda piores que a morte, ameaçavam a tripulação e os passageiros. Mais alguns dias de calmaria, e já não haveria água nem alimentos a bordo. Outra vez, na coberta da nau, os três pusilânimes e refalsados beatos preitaram a misericórdia de Santo Inácio de Loyola, renovando o voto anterior, ratificando a promessa que mentalmente já haviam quebrado.

O vento repontou de quadrante favorável e a nau aportou à Baía. Aí, dos três apenas um, José Mascarenhas, cumpriu o voto feito em peripécias tão trágicas, preferindo sofrer o ódio implacável do marquês de Pombal a deshonrar a justiça e faltar aos sentimentos cristãos na cega e odiosa trituração legal dos jesuítas do Brasil. Os outros dois, desaçamados agora do mêdo, levaram por diante a empreitada que lhes outorgara o marquês de Pombal, com uma fúria, uma desfaçatez e uma crueldade inauditas. Presos e cercados, os jesuítas tiveram ainda de sofrer a tortuosa perfídia dos delegados reais, que usaram de tôdas as traças, desde a intimidação ao subôrno, para afastar da Companhia os noviços e conseguir apostasias dos professos. Nada obtiveram, além de algumas declarações, obtidas por fraude a alguns noviços, que, mal se encontraram em liberdade, tornaram a se apresentar aos dois magistrados, retratando-se e oferecendo-se a quaisquer castigos.

Confiscados os bens da Companhia, com que o ministro de D. José prelibava o enrequecimento do erário real, a alçada pombalina apurou a irrisória quantia de mil e duzentos escudos. E' verdade que saíram, do Colégio da Baía para o convento dos franciscanos, quatro arcas abarrotadas de ouro, mas era dinheiro da Coroa portuguesa que, a falta de bancos era a primeira a reconhecer a honradez dos jesuítas para cuidar dos haveres públicos.

Nas demais cidades, como Recife, Paraíba, Fortaleza, Rio, as cenas foram semelhantes e afinal, lançados nos porões imundos dos navios, foram os jesuítas enviados para Lisboa. Nem todos os capitães dessas naus sinistras foram verdugos, mas um pelo menos houve cujos maus tratos causaram a morte, em pleno oceano, de alguns dos míseros prisioneiros e, se maiores atrocidades não cometeu, foi porque a própria marinhagem ameaçou revoltar-se ante a selvageria que empregava.

Com a expulsão dos jesuítas ficava interrompida a sua missão no Brasil. Interrompida, sim; porém não perdida. A obra imensa e maravilhosa daquela falange de santos e civilizadores permanecia e avultava. Nações selvagens pacificadas e convertidas, povoações fundadas e prósperas, escolas, colégios e academias por êles criadas e transitoriamente, na sua ausência, dirigidas por outras ordens religiosas; as línguas indígenas conhecidas, divulgadas e disciplinadas

em gramáticas, o catecismo e diversas doutrinas cristãs traduzidas para elas, facilitando assim a tarefa dos futuros catequisadores — foram alguns dos frutos principais da sua presença no Brasil.

E essa obra, longe de esmorecer ou apagar-se, cresce e valoriza-se com o tempo. Os brasileiros de hoje, como cidadãos, como historiadores, como cientistas, podemos aprender com êsses pioneiros infáveis da palavra de Jesús, a amar, a defender e a conhecer o Brasil. A sua vida de catequese nos reconcilia com a bruteza dos colonizadores; os seus atos de heroísmo nos orgulham, quando defendiam o Rio de Janeiro contra os franceses e os índios, a Baía contra os holandeses, e todo o Brasil contra as fôrças selvagens que o ameaçavam na sua integridade e no seu progresso; os seus passos, marcados com sangue na selva e no sertão, fizeram nascer alí as primeiras povoações, unindo num abraço imenso duas épocas e dois mundos, duas raças e duas civilizações; os seus relatórios, as suas cartas, as suas crônicas são o mais completo arquivo de que dispõem hoje os estudiosos para conhecer a terra, na sua geologia, na sua flora e na sua fauna, e para conhecer os costumes dos caracteres, a organização social e política dos ameríndios.

Podemos aproveitar ainda hoje os frutos dessas vidas dedicadas ao bem e á ciência, mas, o que não podemos, homens de agora, é avaliar os seus sacrifícios. Não eram somente os perigos físicos, de que Anchieta nos deixou uma descrição exata; eram os perigos morais que os martírios e as tentações padecidas na solidão armou o espírito do homem. Por que, afinal, aqueles gigantes eram homens, semelhantes a nós nas fraquezas e nas contingências da condição humana, e só dissemelhantes de nós na energia inecercível com que lutavam contra elas. Isolados longos meses entre os índios de costumes sexuais inteiramente livres, de uma ferocidade, astúcia e doblez às vezes inacreditáveis, tentados, feridos, doentes, martirizados, nenhum dêles cedem jamais; no entanto, é possível imaginar os dramas interiores dessas criaturas excelsas, as lutas que travaram e venceram, sem outro escudo que a fé, muitas vezes sem o conselho e assistência de nenhum superior, longe do mundo, num mundo estranho, perverso e infernal.

Nenhum cedeu, e nem todos, entretanto, eram da estatura moral de Anchieta. Êste é um pico vertiginoso e singular no sistema ciclópico dos evangelizadores, coberto pela pureza da neve para os vícios do mundo, aureolado de radiosas auroras para a vida do espírito, abrigando no íntimo do ser labaredas inextinguíveis de amor, de caridade e de abnegação. Êste foi só, inatingível, inimitável, imensamente longe dos homens pela perfeição, bem perto dêles pelo amor. Santo Anchieta, chamaram-lhe os contemporâneos; *pobre e inútil José* assinava êle nas missivas. Santo da inteligência, gênio do coração, escrevia poemas suaves à Virgem nas areias da

praia e as ondas do oceano, ansiosas e frementes, suspendiam no arremêço, detinham-se no ar, para que êle pudessa decorar seis mil versos antes que elas os apagassem num soluço de espumas ante o sacrilégio que iam cometer; abraçava ternamente o selvagem que ia já esmigalhar-lhe a cabeça com o tacape ou trespassar-lhe o coração com a flecha, e à sua voz tranquila e sonora as tabas emudeciam os cantos guerreiros e vinham chorar de alegria ajoelhados aos seus pés depois da doce prédica que êle lhes fazia na própria língua dos filhos de Tupã. Êsse foi só, "cavaleiro de mistica aventura, herói cristão", passava ao lado das onças sem se apressar, as cascavéis e as sucurís afastavam-se para não perturbá-lo, os pássaros calavam o seu canto quando ajoelhava para rezar, e nos largos rios, nos dias de calor causticante, as garças e colhereiros vinham fazer sôbre a sua igara um docel branco e rosa para protegê-lo do sol. Bem disse dêle o grande poeta:

Semeador de esperanças e quimeras
Bandeirante de entradas mais suaves,
Nos espinhos a carne dilaceras:
E, porque as almas e os sertões desbraves,
Cantas: Orfeu humanizando as feras,
São Francisco de Assis pregando às aves..."

Mas, sendo tão grande, Anchieta é um símbolo, é o símbolo daquela fôrça organizada para defender e propagar a doutrina de Cristo, para servir a Deus no mundo. A sua vida prodigiosa é um versículo do evangelho da vontade ideado pelo santo de Loyola para atingir à perfeição. Sendo tão só e singular na sua grandeza, Anchieta é um naquela estirpe de heróis e de santos que evangelizaram a América. Nele, tão grande e tão puro, tão singular e tão bom, veneramos a todos os seus irmãos por quanto amaram e serviram o Brasil.

Notas para a história das ferrovias Sul-Riograndenses

Eng. Attila do Amaral

A Estrada de Ferro Pôrto Alegre-Novo Hamburgo

Coube ao Govêrno Provincial, então sob a Presidência do Dr. João Sertório, contratar, em 30 de julho de 1869, com John Mac Genity e Julio Villain, a construção da primeira estrada de ferro no Rio Grande do Sul — a Pôrto Alegre — Novo Hamburgo — 43,426 quilômetros de bitola de 1,067 m — cujos trabalhos foram iniciados em 26 de novembro de 1871. A inauguração do primeiro trecho — Pôrto Alegre — São Leopoldo — 33,756 quilômetros — teve lugar a 14 de abril de 1874 e a do segundo — São Leopoldo-Novo Hamburgo — 9,670 quilômetros — em 1.º de janeiro de 1876.

———o———

Pôrto Alegre-Uruguaiana e seus ramais

A data de 20 de dezembro de 1873 assinalou a assinatura do contrato entre o Govêrno Imperial e Cristiano B. Otoni, Herculano Ferreira Pena e Caetano F. de Almeida, para a exploração e estudos da Estrada de Ferro Pôrto Alegre-Uruguaiana, autorizada pelo decreto 2397, que D. Pedro II sancionou em 10 de setembro do mesmo ano.

Margem do Taquarí foi o local escolhido para o início da construção, em 23 de dezembro de 1877, a cargo de vários empreiteiros.

A 7 de março de 1883, inaugurou-se o trecho Margem do Taquarí-Cachoeira, a 13 de outubro de 1884, o de Cachoeira-Santa Maria e a 23 de dezembro de 1890, o de Santa Maria-Cacequí.

Diversas causas, entre as quais a revolução de 93, interromperam os trabalhos de construção, afinal, suspensos em 1896.

Cogitou o Govêrno Federal, nessa época, de arrendar a estrada, mediante concorrência, que se realizou em 1897. Venceu Afonso Spee, organizador da Companhia "Auxiliaire" que assumiu a exploração da Estrada em junho de 1898.

Obrigações contratuais da "Auxiliaire" e providências ulteriores resultaram na conclusão do trecho Cacequí-Alegrete, em 22 de novembro de 1907; de Alegrete-Uruguaiana, em 24 de dezembro do mesmo ano, de Montenegro-Rio dos Sinos, em 2 de julho de 1909, e de Montenegro-Santo Amaro, em 10 de maio de 1910.

Só, então, isto é, 37 anos depois da assinatura do contrato, ficou terminada a Estrada de Ferro Pôrto Alegre-Uruguaiana que se ligou com a Estrada de Ferro Pôrto Alegre-Novo Hamburgo em Rio dos Sinos e veio a formar, mais tarde, uma das linhas-tronco da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, com a extensão de 764,970 quilômetros.

A ela vieram incidir, mais tarde, o ramal Ramiz Galvão-Santa Cruz, com 31,099 quilômetros, mandado construir pelo Estado e inaugurado em 15 de novembro de 1905; o ramal Montenegro-Caxias, com 216,470 quilômetros, cujos trabalhos foram iniciados pelo Estado em 1904 e concluídos pela Companhia "Auxiliaire" que inaugurou o trecho até Maratá, em 2 de julho de 1909, até Barão em 1.º de dezembro dêsse ano, até Carlos Barbosa em 27 de dezembro do mesmo ano e até Caxias, em 31 de maio de 1910; a linha Novo Hamburgo-Canela, prolongamento de Pôrto Alegre-Novo Hamburgo, formado pelos trechos de Novo Hamburgo-Taquara inaugurado em 17 de agôsto de 1903 e de Taquara a Canela pôsto em tráfego em 14 de agôsto de 1924; as linhas-tronco Santa Maria-Marcelino Ramos e Cacequí-Rio Grande, das quais trataremos adiante, o ramal Entroncamento-Santana do Livramento, com 158,564 quilômetros, construído pela Companhia "Auxiliaire" de acôrdo com o contrato de arrendamento renovado em 1905, cuja inauguração teve lugar em 15 de novembro de 1909 até Rosário e em 30 de outubro de 1910 até Livramento; o ramal de Dilermando de Aguiar a São Borja, com a extensão de 304.800 quilômetros, empreendimento autorizado no Govêrno do Marechal Hermes da Fonseca, realizado pela firma João Corrêa & Irmão até Jaguarí (inaugurado em 13 de maio de 1919) e pelo 1.º Batalhão Ferroviário, de Jaguarí a São Borja (inaugurado em 1.º de janeiro de 1938); e o ramal de Alegrete a Quaraí, também autorizado no Govêrno do Marechal Hermes, empreitado pelos Engenheiros Florisbelo Leivas, André Rebouças e João B. Garcez até Severino Ribeiro, em 27 de fevereiro de 1911, construído pela Emprêsa Construtora do Rio Grande do Sul até Severino Ribeiro (inaugurado em 10 de agôsto de 1924, pela Brigada Militar do Estado) sob orientação técnica da 5.ª Divisão da Viação Férrea, até Mancarrão, e pela Viação Férrea até Quaraí.

Com a extensão total de 112,385 quilômetros o ramal Alegrete-Quaraí foi, finalmente, inaugurado em 25 de novembro de 1939.

———::———

Cacequí-Rio Grande e seus ramais

O decreto 2397, de 10 de setembro de 1873, originou também a linha férrea troncal Rio Grande-Cacequí, projetada primeiramente, de Rio Grande a Candiota, depois de Rio Grande a Alegrete e finalmente de Rio Grande até encontrar a linha Pôrto Alegre-Uruguaiana, em Cacequí.

O primeiro concessionário Higino Correia Durão que havia assinado o contrato para exploração e estudos, em 15 de abril de 1874, não logrou levar a bom têrmo os seus trabalhos.

Só em 1878, Miguel G. da Cunha e James G. Taylor conseguiram nova concessão, transferida por decreto 7934, de 11 de dezembro de 1880 à "Compagnie Imperiale du Chemin de Fer du Rio Grande do Sul" que se fundiu com a "Southern Brasilian Rio Grande do Sul Co.", em 1883.

Finalmente, em 2 de dezembro de 1884, com a presença do Conselheiro José Júlio de A. Barros, Barão de Sobral, então Presidente da Província, foi inaugurado o tráfego entre Rio Grande e Bagé.

A ligação dessa linha com a de Pôrto Alegre-Uruguaina, foi, porém, retardada e só se concretizou em 1900, pois, em 24 de agôsto de 1896, inaugurou-se o trecho Cacequí a São Gabriel, em 3 de dezembro do mesmo ano o de Bagé-São Sebastião e em 8 de outubro de 1900 o de São Sebastião-São Gabriel.

Medindo 490,037 quilômetros e ligando a zona fronteiriça com o pôrto marítimo do Estado, a linha tronco Cacequí-Rio Grande, originou, também, a construção de vários ramais que são os seguintes:

1.º) *São Sebastião-Santana do Livramento* com a extensão de 55 quilômetros, contratado pelos mesmos engenheiros do ramal de Quaraí, em 1911, construído parte por êles e parte pela Companhia Construtora do Rio Grande lo Sul e inaúgurado até D. Pedrito, em 17 de fevereiro de 1923.

O contrato para a construção do trecho restante — D. Pedrito-Livramento, foi rescindido em 1924, incumbindo-se de concluí-lo o 1.º Batalhão Ferroviário que iniciou os respectivos trabalhos em 1939 e ainda prosseguem.

2.º) *Bazílio-Jaguarão* com a extensão de 113,600 quilômetros. Em 1890, o General Falcão da Frota, então à testa do Govêrno da Província, concedeu privilégio a Augusto César Leivas e ao Eng.º José Barbosa Gonçalves para a construção, uso e gôso dessa estrada.

Malogrando a tentativa, o Govêrno Federal mandou abrir concorrência para construí-la, em 1910.

Foram, também, contratantes, os Engenheiros Leivas, Rebouças e Garcez, que transferiram os seus direitos à Emprêsa Construtora, em 1912.

Esta concluiu o trecho Bazílio-Airosa Galvão, inaugurado em 5 de janeiro de 1925, cabendo ao 1.º Batalhão Ferroviário terminá-lo até Jaguarão, em 12 de dezembro de 1931, quando foi aberto ao tráfego.

3.º) *Pelotas-Fluvial* com 2,989 quilômetros, construído em 1902, pela Municipalidade com o auxílio do Govêrno Federal e doado à União ao ser incorporado a "Southern Brasilian".

4.º) *Junção-Vila Siqueira* medindo 17,281 quilômetros, construído em 1887 por Antônio C. da Siqueira e ligado à linha Rio Grande-Bagé, em 1894.

———::———

Santa Maria-Marcelino Ramos e seus ramais

Ainda no regime da monarquia, seis dias antes da proclamação da República, 9 de novembro de 1889 — o grande engenheiro João Teixeira Soares, obteve concessão (decreto 10432) para a construção uso e gôso de uma ferrovia que partindo das margens do rio Itararé terminasse em Santa Maria da Bôca do Monte, incluindo os ramais de Guarapuava, Piquirí e foz do Iguassú, no Paraná e o de Cruz Alta, pelo Ijuí Grande, até às margens do Rio Uruguai.

A concessão dependia de aprovação do poder legislativo mas, proclamada a República, o Marechal Deodoro declarou-a efetiva, por decreto 305 de 7 de abril de 1890, data em que foi também lavrado o respectivo contrato.

A construção dessa importante linha inter-estadual, encontrou de parte dos Govêrnos inteiro apôio e se processou rapidamente graças à atuação e espírito realizador de Teixeira Soares.

Sucessivas alterações do contrato e transferências de obrigações confiaram a construção do trecho Santa Maria-Cruz Alta à "Sud Ouest Bresiliens" e o trecho Cruz Alta-Itararé à "Companhia União Industrial dos Estados do Brasil".

Os estudos definitivos apresentados pelas duas companhias para os trechos Santa Maria-Cruz Alta e Cruz Alta-Rio Uruguai, foram aprovados, respectivamente, em 14 de novembro de 1891 e 20 de outubro de 1892, iniciando-se os trabalhos em 4 de janeiro de 1893.

O ano seguinte — 20 de novembro — marcou a abertura do tráfego da linha Santa Maria-Cruz Alta, sétimo por ordem de data, inaugurado no Rio Grande do Sul.

A 7 de março de 1895, a construção do trecho Cruz Alta-Rio Uruguai e do ramal de Ijuí, que fôra transferida pela União In-

dustrial à Companhia São Paulo-Rio Grande, ficou, também, a cargo da "Sud Ouest Bresiliens".

Os trabalhos prosseguiram normalmente inaugurando-se o tráfego do trecho Cruz Alta-Pinheiro Marcado, em 31 de maio de 1897, o de Pinheiro Marcado-Carazinho, em 15 de novembro do mesmo ano e o de Carazinho-Passo Fundo, em 31 de janeiro de 1898.

Concluída a linha Santa Maria-Passo Fundo, o Govêrno Federal resolveu logo depois encampá-la, o que se verificou em 1902, após o acôrdo celebrado em Bruxelas.

Na mesma ocasião, o Govêrno mandou abrir concorrência para o seu arrendamento, que foi anulada, por inaceitáveis as propostas apresentadas. O engenheiro Jorge Benedito Ottoni que fôra encarregado de receber a estrada, assumiu, então, a sua direção até o seu arrendamento definitivo ocorrido, afinal, em 1905.

Coube à Companhia "Auxiliaire", arrendatária da rêde e na forma do contrato construir o trecho Passo Fundo-Rio Uruguai concluído em 3 de maio de 1910 até Capoerê, em 30 de agôsto até Baliza e em 25 de outubro do mesmo ano até Marcelino Ramos.

A incumbência de construir o ramal de Ijuí foi dada ao 2.º Batalhão de Engenheiros, pôsto à disposição do Ministério da Viação, em 1907.

Três anos depois, foram aprovados os estudos e orçamentos da linha Cruz Alta-Santo Ângelo, com a extensão de 109,070 quilômetros, inaugurando-se o trecho até Ijuí, em 23 de março de 1911, até Rio Branco, em 24 de abril de 1915 e até Santo Ângelo, em 16 de outubro de 1921.

Ordenado, posteriormente, o prolongamento dêsse ramal até Pôrto Lucena, no Rio Uruguai, foi a sua construção confiada ao 1.º Batalhão Ferroviário que a concluiu, até Giruá, em 1.º de novembro de 1928.

Tempos depois, o Govêrno do Estado contratou com a firma Dahne, Conceição & Cia., a conclusão do trecho Giruá-Santa Rosa, inaugurado em 10 de julho de 1937 até Cruzeiro e em 12 de maio de 1940 até Santa Rosa.

A linha Santa Maria-Marcelino Ramos com a extensão de.... 531,263 quilômetros foi, pois, posta em tráfego 20 anos após a assinatura do primitivo contrato e a de Cruz Alta-Santa Rosa, com 180,996 quilômetros, 50 anos depois do mesmo ato.

———::———

Arrendamento, Unificação e Encampação das Linhas Férreas do Rio Grande

Ao arrendamento da Estrada de Ferro Pôrto Alegre-Uruguaiana e das linhas de Cacequí-São Gabriel e Bagé-São Sebastião à "Auxi-

liaire", em 3 de maio de 1898 (Decreto 2884, de 25 de abril de 1898), seguiu-se, ao seu têrmo, em 1905, a renovação do contrato com a mesma emprêsa e a unificação da rêde ferroviária do Rio Grande do Sul, sob a inspiração de Lauro Müller, então Ministro da Viação do operoso Govêrno do Conselheiro Rodrigues Alves.

O novo contrato, assinado em 19 de junho de 1905, impôs à "Auxiliaire" as seguintes obrigações:

Arrendar as linhas de:

Margem do Taquarí-Cacequí
Cacequí-Bagé
Rio Grande-Bagé com os ramais da Costa do Mar e Pelotas Fluvial
Santa Maria-Passo Fundo
Pôrto Alegre-Novo Hamburgo
Novo Hamburgo-Taquara.

Construir ou concluir as linhas de:

Cacequí-Uruguaiana
Entroncamento-Santana
Margem do Taquarí-Rio dos Sinos
Ramiz Galvão (Couto)-Santa Cruz
Montenegro-Caxias.

Pelas cláusulas contratuais o arrendamento duraria 53 anos e a construção das novas linhas como a conclusão das já iniciadas, deveriam estar terminadas em 1.º de dezembro de 1907.

O início da execução do contrato deu-se em 1.º de julho de 1905, quando o Eng.º Frederico Nonnenberg, um dos diretores da "Auxiliaire", assumiu a direção da rêde arrendada e começou a recepção das linhas que não figuravam no contrato anterior.

Concluído o processo de recebimento, em 15 de abril de 1907, a companhia mandou proceder aos estudos para as obras a executar ou a concluir, orçados em 50.741:274$421.

Tendo à frente, dentre outros, a figura respeitável e justamente apreciada do eng.º Gustavo Vauthier, a administração belga explorou os serviços da rêde até 1911, quando os americanos passaram a dirigí-la.

Nessa situação, isto é, sob a orientação da "Brasil Railway", os transportes ferroviários do Rio Grande mantiveram-se até 1919, época em que os belgas reassumiram a sua direção.

Quando isso aconteceu a rêde se encontrava em situação precária, originando reclamações de tôda ordem.

Para conjurá-la, a "Auxiliaire" conseguiu por duas vezes um aumento de tarifas, mas os protestos se avolumaram em proporções equivalentes à desorganização dos serviços.

Foi, então, que o Govêrno do Estado, sob a presidência do Dr. Borges de Medeiros, encarando o problema de frente, propôs ao Govêrno Federal a encampação ou o sub-arrendamento da estrada.

De logo atendido pelo Presidente Epitácio Pessoa, promoveu-se a seguir um acôrdo com a Companhia, que tinha por fim encampar as linhas de sua propriedade e arrendar tôda rêde ao Estado.

Firmou-se, em 29 de março de 1920, o acôrdo provisório entabulado pelo Govêrno Estadual, contendo entre outras disposições, a encampação das linhas da "Auxiliaire" por 200 milhões de francos belgas e a consequente transferência do arrendamento para o Estado.

Finalmente, depois de ultimadas tôdas as providências, a rêde ferroviária foi entregue à administração rio-grandense, em 29 de julho de 1920, quando então contava com o desenvolvimento de 2.328,205 quilômetros de linha em tráfego.

———::———

A incorporação da Estrada de Ferro Carlos Barbosa-Alfredo Chaves e da "Brasil Great Southern".

Em 1915, o Govêrno Estadual resolveu construir a linha Carlos Barbosa - Alfredo Chaves cujos estudos e orçamentos haviam sido feitos, anteriormente, pela "Auxiliaire".

Em 7 de setembro de 1918, inaugurou-se o trecho até Garibaldi e, em 10 de agôsto de 1919, até Bento Gonçalves.

Na mesma época, o Govêrno Estadual contratou com a firma Octacilio Pereira & Cia. o prolongamento até Alferdo Chaves, cujos serviços foram paralisados em 1923.

Só em 1934 as obras tiveram prosseguimento, mediante contrato com a firma Heitor Mazzini, e ainda não foram terminadas.

———::———

A "Brasil Great Southern" compreendendo a linha Barra de Quaraí a Itaquí, construída por essa companhia inglesa (1877-1888) e a de Itaquí-São Borja de propriedade da União (1908-1913), com a extensão total de 291,754 quilômetros, teve uma existência cheia de dificuldades que culminou com a paralisação do tráfego, em 1924.

O Govêrno da República decidiu, então, encampá-la e incorporá-la à Viação Férrea, fato registado em 1.º de agôsto de 1933.

———::———

Em consequência dessas incorporações, da retificação técnica de vários trechos da linha de Santa Maria a Cruz Alta e de Santa Maria a Pôrto Alegre; da construção da Variante do Barreto (60,294 quilômetros), inaugurada em 14 de abril de 1938; da extinção do ramal do Paredão (3,292 quilômetros) em 1938; e correções de outros pequenos trechos, contava a Viação Férrea, em 1939, com.... 3.369,093 quilômetros de linha em tráfego, intercomunicando várias regiões do Rio Grande.

Estão, atualmente, em construção, além do trecho Bento Gonçalves-Veríssimo de Matos, a cargo do Estado, os ramais Santiago-S. Luiz e D. Pedrito-Santana e a linha Pelotas-Santa Maria, por conta do Govêrno Federal e execução do 1.º Batalhão Ferroviário, sob o comando do General Deniz Desiderato Horta Barbosa.

Concluídas essas linhas, a rêde ferroviária rio-grandense tornar-se-á a mais extensa do sistema nacional, posição agora ocupada pela Rêde Mineira de Viação.

Expande-se, assim, ano por ano, a sua eficiência econômica e a sua função de ordem social, política e militar, intimamente ligadas ao progresso de um dos mais importantes Estados da Federação.

"Plano" das marchas e acampamentos das tropas espanholas no Rio Grande

Ricardo R. Caillet-Bois

A história das questões hispano-lusitanas no Rio da Prata deparar-nos-á mais de uma novidade. Assim o faz prever a riqueza documental que encerram nossos arquivos, riqueza da qual é uma demonstração convincente o volume editado pelo nosso "Archivo General de la Nación", com o título de "CAMPANHA DO BRASIL."

Se a história das campanhas militares nas fronteiras do Rio Grande e de Santa Catarina, está ainda por escrever-se, (1) outro tanto pode dizer-se da análise cartográfica referente a ditas operações.

Acrescenta-se agora esta modestíssima contribuição, cujo achado é obra que por inteiro pertence ao diligente comissionado do *Instituto* na Europa, senhor José Torre Revello, à rica e insubstituível coleção de planos dados a conhecer por Pedro Torres Lanzas, José Revello e Félix F. Outes.

Corria o ano de 1773. Os portugueses, em uma das suas contínuas investidas, ocuparam a serra dos Tapes, desbordando-se até as margens do Jaguarí. A operação não passou desapercebida pelo governador João José de Vértiz, (2) e lhe deu motivo para escarmentar os invasores. Organizou assim uma fôrça composta de 1014 homens, (3) e a 7 de novembro (4) deu comêço à campanha, rompendo suas marchas da praça de Montevidéu. Com o fito de assegurar a fronteira e dar-lhe um ponto de apôio sólido, ordenou ao engenheiro Lecocq (5) a fortificação de Santa Tecla. Por sua parte, Vértiz avançou até o Piquirí, "cortando as pontas do Camaquã e Irapuá", em cujas margens se achava entrincheirada uma fôrça portuguesa.

Traduzido por *Lourival de Andrade Cruxen*, do "Boletim do Instituto de INVESTIGAÇÕES HISTÓRICAS" Anos XV - T. XXI — Buenos Aires, Julho de 1937, ns. 69 - 72.

"Para resistir o ataque espanhol, o governador do Rio Grande dispunha somente de 714 homens, dos quais 263 atendiam as necessidades da fronteira atacada.

"Tomou D. João José Vértiz — escreve a êste respeito o marquês de Grimaldi — suas medidas à vista das provas de resistência que advertiu, e de imediato dispôs passar, antes, os requerimentos correspondentes, por escrito, ao oficial que alí fazia as vezes de comandante, e aos demais que ocupavam as guardas e postos fortificados em domínios da Espanha, como também aos governadores de Viamão e Rio Pardo, para que desocupassem e fizessem desocupar os territórios em que indevidamente se haviam introduzido os portugueses, cientificando-os que se veria precisado de usar da fôrça para recuperar as terras e suster os direitos do Rei, replicando aquela proposição.

54. Entregou-se êste ofício...ao citado comandante do Passo do Rio Piquirí, quem só acusou seu recebimento, sem dar o menor sinal de retirar-se, e tendo Vértiz feito rufar os tambores de sua tropa à alerta, com intento de instar segunda vez aquele oficial para que, sem o deter por mais tempo em seu trânsito, desocupasse o território espanhol, não obteve outra resposta que uma descarga cerrada de fuzilaria: procedimento tão bárbaro, irregular e alheio ao estilo estabelecido ainda mesmo em guerra aberta, que obrigou a Vértiz a acometer o Piquirí, que no ato abandonaram os portugueses com precipitada fuga. Sucessivamente foi Vértiz afugentando a tropa que encontrou em ademanes de guerra, tanto na guarda chamada Tomatingaí (sic), que haviam estabelecido em domínios del Rei, anos depois do tratado de París, como em outras mais posteriores, tais as que denominam da Encruzilhada, do Cêrro Partido, do Arroio das Palmas e Ouro..." (6).

Forçado o Passo do Piquirí (janeiro 5 de 1774), tornou a encontrar os contingentes inimigos em Ibatingaí (Tabatinguai?) e por segunda vez o êxito coroou as armas espanholas. No mesmo mês de janeiro, o português Rafael Pinto Bandeira conseguiu surpreender nas cercanías de Santa Bárbara uma partida de milícias de Corrientes, causando-lhes sensíveis perdas entre mortos e feridos. (7)

Aos 14 de janeiro de 1774 Francisco Bruno de Zabala, que mandava uma das colunas da expedição, foi bruscamente atacado, em Tabatingaí, pelas forças de Rafael Pinto Bandeira, e depois de

ver dispersada a parte dos seus 440 soldados, viu-se obrigado a bater em retirada.

A expedição deteve suas marchas em o Campo do Capitão Pereira, "a duas léguas distantes de Rio Pardo, onde chegou a 13", em cuja data, ignorando a derrota sofrida por Zabala, tornou a endereçar aos portugueses uma enérgica intimação. Porém, pouco depois, ao conhecer o desastre de Tabatingaí, manifestava estar satisfeito porque a sua finalidade tinha sido a de destruir as guardas portuguesas ao sul do Jacubí. Em 16, Vértiz retrocedeu dirigindo-se para a Vila do Rio Grande de São Pedro. Os guerrilheiros portugueses hostilizaram a sua retaguarda até Camaquã, lugar onde cessaram as hostilidades. No entanto o Governador lusitano ao ver desvanecido o perigo, não tardou em restabelecer as guardas do Piquirí e Tabatingaí.

O "Plano" cuja reprodução incluímos, assinala com tôda clareza a direção seguida pelas fôrças expedicionárias espanholas, assim como também os diversos acampamentos que fizeram no transcurso de suas marchas. E' muito provável que a documentação relativa a êsse momento histórico, permitirá elucidar quem é o autor dêsse trabalho cartográfico — (Miguel Rodriguez?). Anotamos, como contribuição final, que a cartografia militar das campanhas coloniais recebe, com o presente "Plano", um elemento nada desprezável para a análise crítica das operações que se realizaram então contra os lusitanos.

ANOTAÇÕES:

1) José Torre Revello, "Juan José de Vértiz y Salcedo governador y virrey de Buenos Aires, Ensayo basado en documentos inéditos del "Archivo general de Indias", em FACULDADE DE FILOSOFIA E LETRAS, publicações do INSTITUTO DE INVESTIGAÇÕES HISTORICAS, numero LX, Buenos Aires, 1932.

2) Veja-se: "Resposta do Marquês de Grimaldi sôbre a questão de limites na Banda Oriental do Rio da Prata e notícias sôbre os dois sítios da Colônia do Sacramento em 1762 e 1777, escritas por testemunhas oculares e publicadas pela primeira vez, Montevidéu, 1849 (Mariano B. Berro) Anais da República Oriental do Uruguai vol. I, De 1492 a 1816, Notas para escrever a história civil e colonial, p. 63 (Montevideu?), 1895; Francisco Bauzá, Historia da Dominação espanhola em Uruguai, t. II, segunda edição, pp. 222 e 223, Montevidéu, 1895.

3) "Resposta do Marquês de Grimaldi" etc., cit., p. 39; Horácio Arredondo (filho) "O Forte de Santa Teresa, *in* "Revista do Instituto histórico e geográfico do Uruguai", t. II, n.º 1, p. 196, Montevidéu, 1921.

4) Horácio Arredondo (Filho), O Brigadeiro de Engenheiros Dom Bernardo Lecocq, *in* "Revista do Instituto" etc., cit., t. IV, n.º 1, p. 199, Montevidéu, 1925.

5) "Resposta do Marquês de Grimaldi etc., cit." pp. 38 e 39 Cfr. o excelente estudo do Cel. Jonathas da Costa Monteiro, "Dominação espanhola no Rio G. do Sul, 1763-1777". p. 179 e seguintes, Rio de Janeiro, 1935, na qual refere minuciosa informação relativa a esta campanha.

6) MARIANO B. RERRO "Anais da Republica Oriental do Uruguai" etc., p. 63; DÁMASO LARRAÑAGA e José R. Guerra, "Apontamentos históricos sôbre o descobrimento e povoamento da Banda Oriental do Rio da Prata e as cidades de Montevidéu, Maldonado, Colônia, etc., *in* "Revista histórica", t. VI, pp. 624 e 625, Montevidéu, 1913.

7) Jônatas da Costa Rêgo Monteiro, "Dominação espanhola, etc," cit. pp. 192 a 198.

Pardo e Rio Grande em 1773.

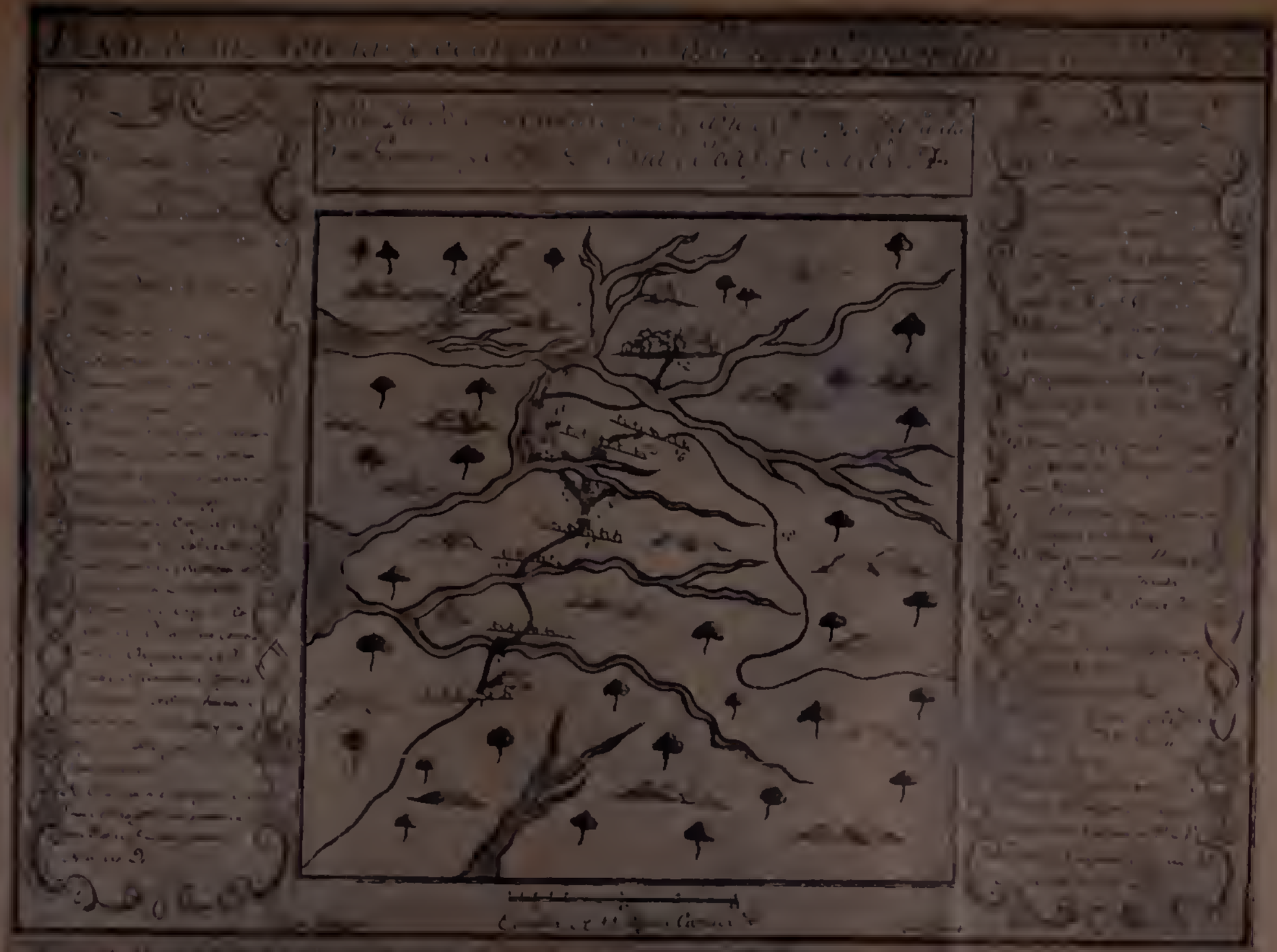
ororé

toriadores
icarniçada
; guaranís
fozes do

s páginas
da parte
deixaram
tar.
NTES no
hieta, em
relucos de
o estado
tapes, as
xpedições
uipam o
gente de
os e emi-
ados pelos

menos da
dos índios,
es haviam
lo que era
armas de

, o famoso
pós longos
permissão
e fogo aos



Reproducción de "Estampa" o "Plano" [illegible] de la Expedición del Gobernador Don Juan de Vertiz [illegible]
D. [illegible] SEVILLA.

Tricentenário da Batalha do Mbororé

11 a 16 de março de 1641

Duvidamos haja nestas terras brasílicas uma dúzia de historiadores que conheçam mais de perto a suprema importância da encarniçada luta, que durou vários dias, travada entre os bandeirantes e os guaranís nas águas do alto rio Uruguai, mais ou menos na altura das fozes do Comandaí e Ijuí, na semana santa de 1641.

Não será, pois, demais recordá-la em breves traços nas páginas desta REVISTA, segundo os documentos mais primos, tanto da parte paulista um pouco escassos, como do lado dos jesuítas que deixaram relatórios pormenorizados acerca dessa memoravel ação militar.

Em nosso ensaio sobre as "INVASÕES BANDEIRANTES ao Rio-Grande-do-Sul, 1635-1641, Porto-Alegre, Ginásio Anchieta, em 1940", — estampamos um resumo de toda a obra dos mamelucos de São Paulo nas suas correrias depredatórias ao Rio-Grande: o estado florescente das 18 Reduções jesuíticas entre os guaranís e tapes, as causas que induziram os paulistas de 1636 a empreenderem expedições armadas às Reduções rio-grandenses, a superioridade de equipamento piratininganço contra a arma indígena, a obra arrasadora da gente de São Paulo, o número aproximado de baixas, cativos, fugitivos e emigrados, e, por fim, a reação dos guaranís, dirigidos e militarizados pelos missionários da Companhia de Jesús.

Até o ano de 1639 os paulistas haviam varrido mais ou menos da metade setentrional do Rio-Grande-do-Sul a quase totalidade dos índios, conduzindo presos para os mercados de São Paulo os que lhes haviam caido nas mãos. Ficara nesses anos sobejamente comprovado que era de todo ponto impossível conter o avanço bandeirante sem armas de fogo.

Nesse intuito, pois, embarcou para a Espanha, em 1637, o famoso missionário peruano Padre Antônio Ruíz de Montoya, que, após longos memoranduns e insistentes súplicas, obteve de Felipe IV a permissão limitada e provisória de entregar certo número de armas de fogo aos

guaranís, ficando, entretanto, responsaveis os Padres por qualquer abuso contra os espanhóis. Tão cegos estavam a corte de Madrí e seus ministros sul-americanos que não quiseram compreender que os melhores defensores dos seus territórios eram justamente os ameríndios cristianizados, aos quais injusta e obstinadamente se negava o único e eficaz meio de defender seus haveres e suas vidas. Tanto é verdade isso que, se os guaranís não tivessem embargado o passo aos ousados paulistas em março de 1641, bem diverso seria hoje o mapa político desta parte do Atlântico.

Em 1639 os mamelucos haviam sofrido pesados revezes da parte dos guaranís na região entre a hodierna Santo Ângelo e o rio Uruguai. O orgulho piratiningano exigia terrivel desforra por essas humilhações, como ainda era preciso desalojar de uma vez para sempre ao odiado espanhol das margens do Uruguai até ao rio Paraná.

O modo magistral como os guaranís, sob a direção dos religiosos da Companhia, apararam esse perigoso golpe de vida ou morte, no-lo deixou consignado circunstanciadamente o Padre Cláudio Ruyer, jesuita flamengo, superior regional das Reduções de ambas as margens do Uruguai, num longo relatório dirigido a seu provincial, Padre Lupércio Zurbano, sucessor do Padre Diogo de Boroa, documento que se encontra na Biblioteca Nacional do Rio, Coleção de Ângelis, sob o N.º I. 29. 1. 93., publicado por Capistrano de Abreu, em 1905, nas páginas 529 a 553 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, Vol. X.

A leitura desse monumento histórico, escrito em espanhol, em fraseado descuidado e caligrafia deficiente, é indigesta. Oferecemos aos nossos leitores uma versão fidedigna, tanto quanto possivel, marcando as passagens indecifraveis com um ponto de interrogação e explicando alguns nomes e fatos por meio de notas.

Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.

Relação da guerra e vitória dos aborigenas

Em 6 de abril do ano de 1641

Pax Christi, etc.

Muito antes de o Padre Diogo de Boroa, amoroso pai das Reduções ([1]), nos avisasse da vinda certa dos Portugueses de São Paulo no intuito de destruir as Reduções, tive particular cuidado que em todas as fronteiras aplicassem especial cuidado e vigilância, com a ordem de que jamais faltassem sentinelas e espias, e juntamente em todos os povos cuidassem de fazer sentinelas, alardos e exercícios militares. Com essa medida nossos filhos ([2]) se animaram notavelmente e já nem podiam mais esperar a hora de virem às mãos com o inimigo. Causava-lhes incômodo e aborrecimento tanta demora, vindo a fazer já o mesmo caso que soldados valorosos fazem de homens afeminados.

Entre tanta vontade de medir as forças, estando com notavel suspensão de ânimo, sem saber ao certo da chegada do inimigo às cabeceiras do Uruguai, tendo quase por certo que da sua numerosa infidelidade se deslisaria alguma canoa de infiéis, fugindo dos Portugueses, atendendo às muitas ofertas que lhes havíamos feito e partidos aqueles havíamos saido se nos avisassem (?), assegurando-nos que o fariam, pois que todas as vezes que o inimigo dessa nação guaraní lhes infestou as suas terras o faziam, garantindo-nos disso, ainda mais pelo fato de haver tantos parentes seus tão próximos à Redução de Santa Maria. ([3])

Porém, uma vez que eles, por justos juizos de Deus, talvez em castigo da sua dureza não o fizeram nem os enfrentaram, mas até

---

(1) Aldeiamentos de índios cristianizados.

(2) Sempre que Ruyer fala em "nossos filhos", refere-se aos índios "reduzidos" ou cristianizados pelos Padres jesuítas.

(3) Entre os rios Uruguai e Paraná.

admitiram as ofertas que contínuamente lhes fizemos, entregando-se infamemente aos Portugueses, Nosso Santo Padre, compadecido destes pobrezinhos filhos nossos, o fez com o aviso que o Padre Diogo de Boroa ([4]) nos enviou tão oportunamente e com tanto auxílio de material para a guerra e prêmios para os soldados, enviando o Irmão P.º Sadorni, seu companheiro para que ele nos trouxesse o aviso com presteza e cuidado, cuidado que ele demonstrou vindo com brevidade e tão a tempo que ainda me foi possivel mandar voltar os Padres que já iam à missão da serra e estavam já no ...iro. Se demorasse um pouco mais teria sido coisa dificil o detê-los e nos teriam feito grande falta tanto os Padres como os índios, por irem mais de mil índios com as suas armas de fogo, e para a missão de Santa-Teresa ([5]) estavam já para partir do Uruguai outros dois Padres com mais de duzentos índios e suas armas de fogo.

Com o aviso, pois, e ajuda de custas do Padre Diogo de Boroa creceu o cuidado e a diligência; e vendo que o golpe nos ameaçava pelo Uruguai, além dos espias que deviam prestar peculiar vigilância e animar os outros, destaquei o P. Diogo Suárez para que assistisse os índios que faziam a ordinária sentinela. Fê-lo com cuidado durante quinze dias que alí esteve, nos quais nos deu aviso quase certo Nosso Senhor e da chegada a este rio dos Portugueses de São Paulo mandando em tempo extraordinário, qual é o dos meses de dezembro e janeiro, uma enchente deste rio Uruguai na qual desceram boiando mais de cem canoas e com elas muitas coisas da pobreza dos índios de acima, e algumas canoas já perfeitamente falquejadas para balsas e muita flecharia.

Com estes indícios quase evidentes, — pois que denunciavam claramente o deslisar dessas boas canoas repletas de haveres dos índios que eles tinham pressa e fugiam, como ainda as próprias balsas indicavam serem elas artefatos de gente mais ladina e habil que os índios infiéis, — dando graças a Deus pelo aviso e a lembrança, com a aprovação dos Padres, no dia oito de janeiro fiz uma convocação de sómente dois mil índios dos povos, deixando o restante da força de prontidão e com a ordem de se juntar todos logo ao primeiro aviso certo.

---

(4) Fora Provincial do Paraguai, pouco tempo antes.

(5) S. Teresa, a primitiva, ficava na serra rio-grandense, perto das nascentes do Igaí (Jacuí), nas proximidades da cidade de Passo Fundo. Devido a seu ponto isolado foi transferida em 1633 mais para o Oeste, possivelmente para as pontas do Uruguai-mirim (rio Passo Fundo). Foi destruida poucos anos depois pelos bandeirantes. Por isso ignoramos a que "missão de S. Teresa" se refere Ruyer. Talvez fosse constituida de refugiados da S. Teresa rio-grandense, estabelecidos provisóriamente na margem direita do Uruguai, enquanto durasse o perigo bandeirante.

Abalei com eles ao Acaraguá ([6]) determinado a enfrentar alí o inimigo e de passagem destruir aquelas provisões de boca, a-fim-de que o inimigo, se viesse, não se apoderasse delas e cobrasse nova coragem. Alí resolví com o beneplácito dos Padres enviar gente para indagar o que passava rio acima. Escolhí para essa missão os Padres Cristovão de Altamirano, Diogo Salazar, Antônio de Alarcón e o Irmão P.º Sadorni, acompanhados de soldados, com a ordem de informar-se e tomar língua acerca do inimigo e dos seus intentos, e, se se oferecesse alguma boa oportunidade para ofender o inimigo, não a perdessem.

Foram os Padres, e logo pelo caminho já toparam alguns corpos mortos, dos quais alguns, a julgar pelo frescor, tinham indícios de haver sido mortos poucos dias antes, além disso encontraram grande quantidade de frechas, canoas que se cruzavam girando, e sobretudo encontraram mais de dez ou doze balsas feitas de umas canas da terra que os índios chamam taquaras, muito bem trabalhadas e acabadas. Desses indícios concluiram os Padres da proximidade do inimigo e vizinhança da nossa fronteira, e assim, chegados a um posto próximo ao Salto deste rio Uruguai ([7]), enviaram os Padres gente por terra e água para ver se apanhavam algum espia ou gente que os informasse sobre o que havia na região. Os que iam por terra tiveram ótima sorte, porque já com três horas, pouco mais ou menos da noite, voltaram com umas dezesseis almas que haviam vindo, abandonadas as suas canoas, fugindo por terra dos Portugueses, aos quais já haviam avistado rio acima e encontrando-se em ajuntamentos que os do rio acima haviam feito contra os Portugueses, e ao mesmo tempo avisaram aos Padres da sua determinação que era a de ir alguns ao Para..., outros por Santa Teresa à Conceição e outros em canoas pelo Uruguai abaixo no intuito de divertir as forças de nossas Reduções.

Com esse aviso certo os Padres determinaram chegar-se ao salto e esperar alí os espias enviados, onde os aguardaram até quase as três horas da tarde do dia seguinte e alí avistaram grandíssima quantidade de canoas e balsas dos Portugueses que haviam deslisado. Passou a nossa gente duas léguas para cima do salto, onde acharam todos os povos e portos já desertos, sem gente nem canoas. Com isso se persuadiram os Padres que o Português havia voltado à sua terra ou feito o que se suspeitava e diziam os índios apanhados. Assim os Padres voltaram imediatamente com a sua gente para estarem apercebidos para qualquer evento e terem todas as forças reunidas.

---

(6) O Acaraguá é um pequeno rio, que alguns chamam Mbororé, mas parece que são dois riozinhos diferentes acima da atual San Javier, enfrente à foz do Comandaí e Ijuí.

(7) Salto do Uruguai, no município de Palmeira, 12 kms. abaixo da foz do Peperí-guaçú.

E com isso saíram do Acaraguá os dois mil índios que eu havia mandado juntar-se e pelo receio que havia de que o Português tomasse os campos e o caminho que sempre tinha seguido. Para maior cuidado, os Padres missionários, que nessa ocasião como nas outras, jamais se pouparam ao trabalho pelo amor de Deus e dos seus filhos, se encarregaram os Padres Paulo de Benavides, Pedro de Mola e Cristovão Portel, posto que em tempo de excessivos calores e com extraordinárias incomodidades à sombra de uma choupana, a fazer sentinela ininterrupta por aquela região, estando durante quinze dias, e vez houve que durante um mês, padecendo o que Deus sabe; e outro tanto passou no Paraná, no qual os Padres mostraram, como sóem, a força do divino amor e dos próximos que reina nos seus corações.

No Acaraguá, embora parece não ameaçava já tanto perigo, ordenei ao P. Cristovão de Altamirano, se encarregasse de que seus filhos acudissem a espiar e fazer contínuas sentinelas pelo rio acima, e assim deixei o Padre naquele posto, ainda que tivesse já a sua gente um dia de caminho mais para baixo, no Bororé, e segura, a-fim-de que, à sua sombra e com a sua presença, os índios tivessem em maior apreço a sentinela que faziam, na qual gastaram um mês e meio sem cessar, ocupação que o Padre e seus filhos tiveram faz quatro anos com grande diligência e cuidado.

Finalmente, aos 25 de fevereiro quis o Senhor avisar-nos da vinda certa dos Portugueses a nossas Reduções com haver apanhado no mencionado dia os do Acaraguá, que estavam de sentinela, a dois rapazes fugidos dos Portugueses, que, trazidos à presença do P. Altamirano, lhe disseram o que havia, e, mais firmes do que uma rocha, afirmaram ser certa a determinação e vinda dos Portugueses, que estavam muito ativos e afanosos em fabricar canoas e matalotagem para descer pelo rio para dar sobre as Reduções. Imediatamente despachou o Padre um destacamento que havia ido em balsas a seu povo antigo em busca de milho, a que acudiu a gente pressurosa e logo me deram parte de tudo, e o Padre duplicou os espias e colocou duzentos índios em vários pontos para saber ao certo o movimento dos inimigos.

Recebido o aviso voltei do Paraná, onde houve algum rumor de inimigos, e para onde eu havia ido para dispor algumas coisas. Chegado a este Uruguai dei ordem para tudo estar de prontidão, e assim mesmo encarreguei ao Padre Altamirano cuidasse daquela fronteira pois do seu cuidado dependia o bem das Reduções. Fê-lo assim como lho haviam encarregado, com o qual Nosso Senhor nos auxiliou, pois havendo o Padre mandado oito canoas rio acima, e, de acordo com a sua instrução, saído de manhã a fazer um reconhecimento do rio, ao nascer do Sol avistaram o inimigo. Viraram com presteza as proas, porque imediatamente o inimigo, embarcando nas canoas ligeiras que para esse fim já trazia prontas, com o desejo de apanhar os nossos espias dos quais já estavam informados pelos infiéis do rio acima e

dos postos em que se faziam, começou com seis canoas e esforçados remadores a dar-lhes caça e a seguí-los cerca de meia légua puxada com toda a fúria e tal denodo que quase chegaram a igualar as proas e a dar vozes e fazer outras coisas no intuito de perturbar os nossos filhos e fazê-los desanimar a-fim-de poder tomar-lhes a dianteira e rendê-los, e fazê-los desanimar para ter, digo, e rendê-los e apanhar-nos re-repente, depois de apanhados os espias; porém, estando já as duas canoas de nossos filhos neste ponto e já quase como vencidas (pois o mais provavel é que com trabalho teriam escapado dos inimigos) sairam em seu auxílio de uma meia emboscada as outras seis canoas, e disparando um arcabuz e levantando uma vozearia, com toda a sua pingolleria (?), que o Padre, prevendo já semelhante lance, os havia feito levar, se deteve o inimigo e deixou livres nossos filhos, ficando envergonhados e muito burlados e frustrados os seus intentos, e nossos filhos lhes deram uma vaia desafiando-os, e avisaram o Padre da proximidade do inimigo, o qual, receiando alguma cilada, disparou toda a sua arcabuzaria, arvorou as suas bandeiras, tocou suas caixas e enveredou por uma vasta enseada que por alí há no rio em forma de guerra.

Nossos filhos, conhecendo os seus desígnios, foram-se colocando de ponta a ponta no rio, manobra com que foram trazendo os contrários até perto do Acaraguá. Nesse ínterim, o Padre, havendo-me dado parte de tudo o que tinham apurado esses índios, a-pesar-de um grande aguaceiro e com a água até meia perna numa canoa, por causa das ondas, veio até o Bororé que é para onde se mudou a Redução, a-fim-de dar ordem de retirar os não-combatentes, encarregando-se disso o P. Pedro de Mola, tornou o mesmo Padre à mesma hora ao Acaraguá, onde havia deixado determinado aos índios o que haviam de fazer e o que lhes importava para que o inimigo não os colhesse desprevenidos. Isso lhes deu vida, porque havendo-os antes ouvido de confissão a todos e exortado à defesa das suas terras com um Cristo nas mãos, animando-os a fazer ao menos alguma demonstração, fizeram mais do que o Padre pensava como logo direi.

Aquela noite, o inimigo, no intento de apanhar a gente desapercebida, e algumas índias que ele desejava muitíssimo, mau grado toda a chuvarada, rodearam o povo por três lados e se espalharam pelo rio com as suas canoas. Nossos filhos que não dormiam e se tinham colocado em outra parte, fizeram outro tanto vigiando e pondo-se na parte oposta do inimigo. Sucedeu, porém, que as sentinelas do rio se misturaram de tal jeito que uns espias se encontravam com os outros sem conhecer-se, pois perguntando os do inimigo aos nossos quem eram e como se chamavam se fingiram índios novos respondendo "ad ephesios" e dizendo: "Meu nome?" Perguntaram-lhes mais, quem vos enviou aquí, respondendo: "O Capitão-mor". E com isso se retiraram os nossos depressa para não serem conhecidos.

Amanheceu e o inimigo acometeu o povoado achando-se ludibriado por não encontrar alma viva nele. Nisso os nossos filhos saíram em suas canoas para desafiar o inimigo, embora tão poucos que não passavam de duzentos e cincoenta das Reduções do Acaraguá e São Xavier em apenas trinta canoas, sendo que o inimigo tinha mais de cem, que aceitou a batalha tendo como certa a vitória; mas, ajudando Deus aos nossos, guiados por S. .Franscisco Xavier, nosso Padroeiro, o capitão Inácio Abiarú com quinze canoas acometeu a mais de cincoenta do Português, e, durando a peleja mais de duas horas, um mosqueteiro nosso disparou e, guiando a bala S. Francisco Xavier, deu num músculo a um Português e lho partiu, dando com ele na água, e outro, de outra canoa, acertou em outro Português num lado e o derrubou; um outro, com uma bala de mosquete disparada de perto, limpou uma canoa de inimigos.

Entrementes chegou o P. Altamirano animando de-novo os índios que, cobrando novos brios, deram sobre o adversário e o fizeram fugir infamemente mais de oito quadras e saltaram em terra não querendo combater mais, bem que os nossos o desafiassem e incitassem muitíssimo.

Nisso chegaram três bandeiras do inimigo, e vendo o Padre que a força que trazia era grande, retirou os índios contra a vontade deles, pois, conquanto fossem poucos, desejavam morrer "pro Patria et lege".

Trouxe-os a todos o Padre ao Bororé sem ter tido nenhum ferido nem desgraça que muito se temeu, pois choviam as balas como granizo e setas a montões sobre os nossos, porém sem causar dano algum, o que foi de muito proveito, porque com isso cobraram muito alento todos os nossos filhos. A consequência aí estava à vista: se poucos faziam fugir covardemente a tantos, quanto melhor não o faria todo o nosso exército junto e com tantas armas!

Naquele mesmo dia, sábado nove de março, enviou Nosso Senhor uma terrivel chuvada e tormenta com que o inimigo se quedou aquele dia no Acaraguá e no domingo em que se reuniu a gente toda do Uruguai. Se Nosso Senhor não tivesse mandado tão a tempo o temporal, o adversário teria executado o que desejava, que era vir logo empós das canoas que os haviam enfrentado, e se teriam apoderado das provisões do Mbororé, com o qual muito trabalho nos teriam dado e fora muito dificil expulsá-lo da terra, cobrando brio e crecendo a sua soberba e orgulho que era grande e fiado nela já se prometia o bom êxito e a destruição de todas as nossas Reduções, tendo feito já partilha delas e da sua gente; porém, muito pouco depois se desenganaram completamente vendo no Acaraguá, onde pensavam dar um terrivel assalto, conforme o tinham determinado desde São Paulo, segundo o conta a gente que se separou deles, viram-se sem gente alguma, as casas desertas e afugentados por poucos índios. Contudo, levados daquele desejo tão conatural de prear índios, não descansaram empreendendo várias correrias pelas chácaras e demais postos daquele

povoado, e voltando os Tupis (que são seus corredores maiores) sem presa alguma, os açoitavam e apaleavam, atribuindo a pouco cuidado e a demasiada frouxidão não terem trazido nem uma única alma sequer.

Com isso abateu-se-lhes o ânimo e disseram entre si e a seus vassalos que se cansavam em vão, e que melhor fora não terem vindo, pois haveriam de voltar feridos deixando a muitos mortos; e por fim, vazios e sem presa nenhuma trataram de-fato com toda a sinceridade de voltar segundo afirmam quantos se apartaram deles.

Cegos, porém, pela cubiça e querendo Nosso Senhor que muitos dentre eles pagassem por seus pecados, e querendo humilhá-los e trabalhá-los pesadamente, pelo que se sabe, não fomentou essa determinação permitindo que subitamente mudassem de idéia e descessem este Uruguai abaixo.

Em nosso arraial do Mbororé, enquanto o inimigo ficava perplexo no Acaraguá, trataram os Padres de verificar o que se havia de fazer. Em primeiro lugar se prontificaram a ouvir de confissão, dia e noite, os seus filhos, estando ocupados nisso sem cessar, não se poupando a trabalho nenhum, que o tiveram grande, pois a força já passava de três mil índios. Consolava ver a fé dos índios e as ansias com que desejavam encontrar os Padres a-fim-de confessar-se, embora todos já estivessem confessados, apreendendo vivamente o temor da morte em pecado. Nesse exercício gastaram os Padres o sábado e o domingo até segunda feira, mais ou menos as duas da tarde, jejuando tão rigorosamente que sua alimentação ao meio dia não passava de meia colação, por se verem obrigados a atender a tantas coisas e ajuda das almas e dos corpos dos seus filhos, pois disso dependia o bem e o aumento delas, atendendo com toda a diligência a-fim-de preparar a gente e as coisas para a luta, sendo que do bom êxito dela dependia a conservação de todas as Reduções.

Enquanto os Padres e seus filhos tratavam tão deveras de dispor-se para a guerra, o inimigo Português, vendo que não achavam rasto algum de gente, resolveram-se a descer o rio abaixo, porém com tão pouca união e tão medrosos que duas vezes voltaram ao posto do Acaraguá, de mais de meia légua de caminho, até que por fim decidiram-se a descer, mas com tamanho medo que apenas remavam, com grandes receios de alguma cilada.

Em nosso exército, advertindo a proximidade do inimigo, tudo ficou a postos conforme a ordem do P. Pedro de Mola que tinha as minhas vezes por eu me achar doente de terçãs em São Nicolau, distante três léguas do Bororé, enquanto não vinha o P. Pedro Romero que por ordem do P. Provincial anterior, Diogo de Boroa, havia de acudir para a guerra, o qual arribou no segundo dia e se encarregou dela.

Aprestou-se a armada do rio, na qual se acharam setenta canoas com cincoenta e sete arcabuzes, sendo nomeado comandante em chefe

do rio o capitão Dom Inácio Abiarú, que cumpriu o seu encargo magníficamente com aplauso dos Padres e dos índios, falando e adestrando os seus soldados sobre o modo que haviam de observar no combate com o inimigo que aguardavam aflitos. O da terra tambem se dispôs muito bem, incumbindo-se o Irmão Domingos de Torres da execução, a que ele acudiu com notavel ardor, grande ânimo e esforço, que patenteou em ocasiões e combates em que aparecia pessoalmente encorajando os índios e auxiliando-os com a sua indústria, sem reparar em trabalhos que padeceu muito grandes, e nos ajudou muitíssimo; e o Irmão P.º Sadorni, da sua parte, tambem nos ajudou com todas as veras em tudo, cuidando tambem de medicar os feridos os quais assistiu com grandíssima aplicação e caridade até mais de três ou quatro horas da noite, edificando notavelmente os Padres, dos quais acudiam uns a confessar feridos, outros a fazê-los trazer da guerra e fazer-lhes fogo para que não se resfriassem, cedendo todos os seus cômodos, porque a choça onde todos viviam serviu de enfermaria e hospital, trazendo os próprios Padres o fogo, pedindo para poder banhar e cauterizar os feridos, enroupando-os com as suas próprias vestes e mantas (frezadas ?), fazendo tiras das suas camisas para faixas e outras coisas que necessitam os feridos.

Estando já iminente o perigo da batalha falou-se aos índios para que fizessem fervorosos atos de contrição e pedissem a Deus misericórdia; absolvendo-os aos grupos pelo tempo já não dar lugar para mais. Fizeram-no os nossos filhos com afeto e devoção que enternecia a seus Padres pedindo a Deus misericórdia e perdão dos seus pecados e defeitos. Absolvidos todos, na segunda feira, onze de março, lá pelas duas da tarde, chegou uma canoa nossa remando a bom remar com o aviso da vinda do inimigo; logo surgiu outra e ainda uma terceira, — que as tínhamos dispostas para que não nos colhessem de surpresa, — saltaram nossos filhos em suas canoas e se puseram em ordem de batalha, e, estando já tudo de prontidão, começou a despontar por um promontório do rio a armada inimiga, que vinha ostentando o seu poder e arrogância.

Logo que descobriram o casario do Bororé encostaram todos numa grande chácara que havia pela margem do rio, e, saltando em terra alguns reconheceram-na.

O comandante em chefe Dom Inácio saiu impaciente (antes que fosse tarde demais) para apresentar-lhes batalha, tirando apenas cinco canoas; e para obrigá-lo a sair logo antes de o inimigo ter descansado, começou a lançar-lhes em rosto os agravos que aos índios faziam destruindo-os e acabando-os, tirando-lhes as suas igrejas, cativando-os e privando-os da sua liberdade e da vida do corpo e da alma e exortando em altas vozes a gente que o Português trazia que saissem e se recolhessem junto dos nossos. Vendo, porém, que a tudo isso não se mexia o adversário, mostrando até, ao que parecia,

um pouco de medo em aceitar a batalha, insistiu em que saísse já e não fosse covarde, dizendo-lhes que tivessem vergonha de que uns índios nús se expusessem a enfrentá-los, dizendo-lhes ainda outras palavras de vitupério e despreso.

O restante da gente de nossos filhos que estavam nas canoas, ao verem a seu capitão em perigo e já impacientes com a demora, sairam ordenadamente em forma de meia lua. Na vanguarda haviam posto um canhãozinho que ia numa balsa forte e bem guarnecida com parapeitos, etc., e nela uma bandeira com a imagem de Nosso Santo Padre e Padroeiro S. Francisco Xavier.

Afrontados os Portugueses ao verem a valentia dos nossos filhos e corridos com as palavras de desdem e mofa que lhes diziam, tornaram a embarcar em suas canoas e começaram a por-se em ordem. Imediatamente os Padres, convencidos de que dessa vez ficava o inimigo em pé ou pelo chão, principiaram a pedir de joelhos a Nosso Senhor, por intercessão de S. Xavier, a vitória, este prometendo jejuar-lhe a vigília a pão e água, outro oferecia cincoenta missas às almas — e destes houve muitos — e em altas vozes instavam os Padres com os nossos filhos que pedissem misericórdia a Deus, e invocassem ao glorioso S. Francisco Xavier, como de-fato o fizeram com grande afeto, e logo se puseram os Padres a rezar em coros as ladainhas, e no tempo em que com grande afeto invocavam ao Santo Padroeiro, os índios dispararam o tiro com tão bom acerto que com ele mataram a dois Portugueses e transtornaram três canoas dos inimigos, ferindo e matando a muitos índios, coisa que os atemorizou grandemente e deu singular esforço a nossos filhos. E assim, dando vozes e pondo-se em fila o inimigo, travou-se a batalha, com brava valentia de parte a parte.

Começou a arcabuzaria de ambos os lados, carregando e disparando nossos filhos tão de pressa e com tal destreza que pareciam soldados de Flandres. Foram-se retirando nossos filhos com o desejo de aliciar ao inimigo — que desejavam atraí-lo para longe da sua chusma para a seu salvo arcabuzá-lo e dar cabo dele.

Nesse interim saltou em terra o capitão Pedroso ([8]) o maior velhaco de todos) com trinta homens, e atravessando matos e um arroio grande, subitamente começaram a arcabuzar pelas costas a nossos filhos que estavam em terra. Apanhando-os assim de-repente, mataram três e feriram mais de trinta. Volvendo, porém, sobre si os índios, ao verem que os acometiam por tantas partes, acometeram aos Portugueses defendendo-se varonilmente e matando logo a um Português e a quatro Tupís, fizeram fugir aos demais, enviando-os muito mal feridos e arrastando-se uns aos outros, dos quais morreram alguns em sua paliçada. Com os demais tambem foi ferido numa coxa o

(8) Jerônimo Pedroso de Barros, chefe da bandeira.

traidor do seu capitão, a quem mais que a ninguem desejavam matar os índios, e bem pouco lhes faltou para conseguí-lo.

Retiraram a seu rancho ou paliçada tão escarmentados que ninguem se atreveu mais a sair por terra para acometer os nossos. Ao ruido de suas escopetas três canoas, que pelejavam com nossos filhos, investiram com a nossa paliçada, cuidando que tínhamos toda a nossa força no rio, e que somente os índios e a chusma estavam na paliçada, porque de indústria estavam todos os índios encobertos e as bandeiras escondidas, para que se aproximassem por alí onde estava mosquetaria esperando-os. Chegaram as ditas três canoas inimigas com arrogância bem cerca da paliçada, e vendo-os já os nossos, de improviso lhes dispararam tantos mosquetes que pareciam granizo as balas que caíam sobre eles. Mostrou-se toda a gente levantando e tremulando as bandeiras com grande vozerio. Espantou-os e assombrou-os de sorte que as canoas estacaram estendidos todos eles pelas quilhas das canoas e, à vista de todos, alí, ficou morto um Português e todos ou quasi todos os seus remeiros, e dos demais ficaram malferidos e destroçados e tão sem alento que depois de um grande intervalo, remando com as mãos se apartaram retirando-se para junto da sua gente por não termos alí uma única canoa, que, se a tivéssemos, todos teriam ficado alí cativos ou mortos.

Os índios do rio, menos numerosos do que os Portugueses, — pois os que pelejaram, dos inimigos eram mais de cento e trinta canoas, e quase trezentos Portugueses nelas e mais de seiscentos tupís afora os remadores, e os nossos apenas setenta canoas e trezentos índios, — andaram tão valorosos que havendo trazido os Portugueses da sua gente um muito grande trecho rio-abaixo, retirando-se em boa ordem, sem reparar nas muitas arcabuzadas que lhes disparavam, voltaram sobre eles com tal denodo e esforço que obrigaram ao inimigo a voltar mais que depressa, e os nossos atrás deles a tiros de arcabuzes e frechas apertaram-nos de sorte que uns, atirando suas escopetas à água, se jogaram das canoas saltando em terra na outra banda do rio a esconder-se pelo mato, deixando suas canoas — que foram quatorze — em mãos dos nossos com todo o seu fato, vestido, ferramenta, prisioneiros e outras coisas. Outros se viram constrangidos, para escapar, a deixar a escopeta e tomar a pá do remo, para vogar. Deste modo os levaram grande trecho matando-os e ferindo-os. Ficaram mortos nove Portugueses, feridos tanto de Portugueses como dos seus índios muitíssimos, tiraram-lhes uma bandeira, pólvora e balas e uma escopeta (pois que as outras lançaram-nas à água para não virem ao poder dos nossos). Finalmente os largaram onde estava a sua gente com o seu presídio, corridos e afrontados, ficando os nossos vitoriosos, agitando suas bandeiras, tocando suas caixas, e (pingo lleria?), senhores do campo assim por terra como pelo rio. E o que mais admira, não sairam pelo rio mais do que seis ou sete índios nossos

feridos, e nenhum morto. Quem não vê claramente aqui o favor do céu e amparo do glorioso Santo e Padre Nosso S. Francisco Xavier? Até os próprios inimigos, tão cegos, o conheceram e confessaram.

Era já posto o Sol e assim se desistiu de seguir no alcance e vitória do inimigo, com que ficamos todos consoladíssimos e rendendo infinitas graças ao Senhor e a nosso Santo Padroeiro.

No dia seguinte, doze de março, trataram os nossos de dar outra vez sobre o inimigo, pois que já não o temiam. O Português, havendo visto o nosso poder e o ânimo e valor de nossos filhos, trabalhou toda aquela noite fazendo uma forte paliçada pelo temor de algum assalto. Já de manhã a tinham quase acabada. Nossos filhos, não fazendo caso dos seus feridos nem mortos, sairam pela manhã a desafiar novamente o inimigo e a dizer-lhes as mil leis — como dizem — (dizer-lhes as verdades?); ele, porém, ficou quieto sem querer sair à batalha, antes pelo contrário, enviou uma carta com dois velhos, do seguinte teor, que (revertida do espanhol ao português), reza assim:

Mui Reverendos Padres. Chegamos aquí onde vínhamos falar a Vossas Paternidades para saber dos homens que Vossas Paternidades apanharam nos anos passados, a saber Pascoal Leite Paes e dos demais, de quem nunca temos tido notícia nem por mar nem por terra, se são vivos ou mortos. Pelo que vi ante-ontem vejo que Vossas Paternidades estão postos em armas, e antes que tivéssemos bem chegado já achamos este rio cheio de canoas de guerra por ordem de Vossas Paternidades, às quais quatro moços descortezes sem ordem minha, se dispuseram a sair ao encontro, o qual Vossas Paternidades, sem nenhuma razão nem cristandade o fizeram, que, se eu viesse para fazer mal, abalroara com todo o meu exército, porém, antes mandei recolher a gente toda e assim o fizeram como Vossas Paternidades bem viram, vendo que eram religiosos e servos de Deus e nós cristãos: e sem havermos antes falado uns aos outros nem dito para que vínhamos; e logo rio acima, querendo falar às canoas de Vossas Paternidades içamos uma bandeira branca à qual nos responderam com muitas arcabuzadas, coisa que cada vez vai de mal em pior. E assim requeiro a Vossas Paternidades, de parte de Deus e de sua Majestade uma e muitas vezes, descarregando a minha conciência e de todo este acampamento sobre Vossas Paternidades do que suceder de hoje em diante de parte a parte, pois provocaram-no Vossas Paternidades, pois é claro que não tive tal intenção e para isso deixo traslado desta minha carta para que em todo o tempo conste esta verdade, pois nós não temos intenção de fazer mal a cristãos. Assim, ao que viemos, não é mais que saber de nossos Irmãos e parentes, que os demais deles são casados e estão carregados de filhos e filhas, que estão hoje em grande desamparo e clamando e pedindo justiça a Deus contra Vossas Paternidades pelo desamparo e misérias em que se veem: e a mim como da parte do Padre Vicente Rodrigues da Companhia de Jesús me pediram

as partes interessadas me chegasse aqui para saber deles; e assim estimarei que Vossas Paternidades me façam a caridade e mercê de que nos vejamos e principalmente para que nos digam missa, e ouçam algumas confissões, pois estamos na santa quaresma, e assim não imaginam Vossas Paternidades que temos vindo cá com cubiça dos seus índios, que muito bem sabem Vossas Paternidades o muito gentio que tinha este rio em si, ao qual enviei na frente, e com que Vossas Paternidades se cheguem aquí a avistar-se comigo, verão que acharão ser tudo isso certo e verdadeiro, eu fico esperando a Vossas Paternidades ou resposta; e não seja a que se deu a Antônio Raposo Tavares em Jesús-Maria e Vossas Paternidades muito bem sabem o que dalí resultou, (9) o que entendo não farão Vossas Paternidades e assim querendo Vossas Paternidades chegar-se aquí podem fazê-lo confiadamente sem receio algum, eu fico esperando a Vossas Paternidades a quem guarde, etc. 13 de março de 1641 anos. De Vossas Paternidades servidor que beija suas mãos o Capitão Manuel Peres (10).

Até aquí a carta que lida por conhecer já por experiência de tantos anos e tão a custa de nossas Reduções ser traça sua para com isto entreter o tempo em demandas e respostas, enfadar e entibiar os ânimos de nossos filhos e fazer-nos suspeitosos a eles, levantando-nos mil testemunhos e dizendo que temos trato com eles e os entregamos em suas mãos, por isso a resposta que se deu a essa carta, havendo falado a nossos filhos e dilacerado deante deles um traslado dela, foi que animados se determinaram a cercá-lo pelo rio e por terra para acabar com ele e consumí-lo dentro de sua mesma paliçada, e assim, embora erguessem mais a bandeira branca os inimigos de Deus, puseram-se em ordem três mil índios por um mato espesso e com grande silêncio chegaram a tiro de arcabuz até a paliçada dos Portugueses, e assim começaram a dar-lhes logo uma famosa rociada de arcabuzada e frecharia.

Turbaram-se imediatamente; mas vendo o estrago que lhes seguiria do cerco e vizinhança do nosso exército, sairam todos arrostados fora de sua paliçada a pelejar contra a nossa gente, para retirá-la e fazê-la desistir de uma estacada que ao mesmo tempo iam fazendo alí e combatendo simultaneamente. Mas os nossos brigaram com tal valor que três vezes fizeram fugir aos Portugueses e entrar

---

(9) Parece aludir a um fato ainda não publicado pelos nossos cronistas, e é que a gente de Raposo Tavares, que atingiu a Redução de Jesús-Maria, em 2-XII-1636, pediu alimento aos Padres. Como estes não respondessem, os bandeirantes, enfurecidos, arrasaram no dia seguinte a ferro e fogo a Redução.

10) Manuel Peres, ou melhor o Manuel Pires dos velhos documentos paulistas, marido de Maria Bicudo, sogro de Raposo Tavares e 7.º avô de Otoniel Mota (Do rancho ao palácio, p. 130), morreu, ao que parece, obintestato. Deve ter perecido nesta fracassada expedição do Mbororé.

em sua paliçada mais que de-vagar, matando a quatro Portugueses e ferindo muitos, e dos seus tupís mataram grande quantidade, e ainda que durasse o combate quase três horas não desistiu dele até muito entrada já a noite, que a desejavam muito, vendo a nossos filhos tão valentes que chegavam a tirar paus da sua mesma estacada, e se durasse mais o dia, teriam ficado de todo vencidos, porque já os Portugueses estavam cansadíssimos e medrosíssimos, e as índias do seu arraial choravam e se lamentavam da sua destruição, vendo-se já muitas feridas e maltratadas e os Portugueses mesmos altercavam uns com os outros e se lançavam maldições por haverem vindo a dar sobre as nossas Reduções, vendo o estrago que nossos filhos faziam no meio deles e da sua gente. Ao mesmo tempo se acometeu tambem pelo rio com seis balsas bem armadas de mosquetes com os seus parapeitos, donde os canhonearam e fizeram muito dano.

A noite apartou nossos filhos dos Portugueses, e por ser o sítio mau e não apropriado para cercar o inimigo, embora a pesar seu se houvesse concluido já um muito grande lanço de paliçada, se retiraram outra vez ao acampamento de noite, deixando ao Português bem castigado e descontente da resposta que se lhe deu à carta.

No dia imediato se lhe moveu outra vez guerra mais forte e cruel, e foi que havendo-se saido deles alguns Tupís e vindo para junto de nós, entre os quais um famoso arcabuzeiro trazendo alguns machetes e um talabarte e alguma munição, levaram-nos numa balsa e os mostraram aos Portugueses e exortaram a seus índios que se saissem deles e os deixassem para gozarem a liberdade que Deus e o Rei lhes davam. Aborrecidos disso os Portugueses, com cólera e despeito atiraram muitas arcabuzadas à balsa, e os que iam nela lhes pagaram a salva com outra de bons mosquetaços.

Surtiu bom efeito esta ação, pois depois dela se lhes escaparam muitos e se entregaram aos nossos. Não cessavam pelo rio as seis balsas a hostilizar o inimigo de dia e de noite dando cargas de mosquetaria a seus ranchos que, por estarem numa chácara desobstruida e eminente na mesma margem do rio, recebia muito grande estrago. A um Português que estava soprando o fogão do seu rancho, entrou uma bala e dando-lhe na boca o deixou morto alí mesmo. A outro miseravel, estando deitado na sua rede e uma índia — que depois escapou deles — junto a ele, entrou outra bala através de uns paus, e tambem o deixou morto alí. A outro, estando ceiando, veio outra bala dando por cima da mesa, quebrando-lhe o prato em que comia, lhe deu no umbigo e o matou logo; e assim temeroso com estes acontecimentos, tomaram a resolução de dormir pelo chão e sem acender fogos, não se contentando com uma estacada e outra, senão que cada um dos seus ranchos tinha sua contrapaliçada pelo lado do rio; davam muitas balas nas árvores que dentro da paliçada havia e desgalhando

galhos escalavravam aos que debaixo estavam, causando isso semelhante horror nos infiéis do rio acima, que não sabiam que fazer e se lamentavam por não haverem crido em nossas admoestações.

Advertindo o inimigo o grave dano que recebia com as balsas cobertas de táboas que nós tínhamos, intentou fazer outras ele tambem, mas as nossas lho impediram com os mosquetes com morte de alguns que andavam ocupados na obra.

Doutra feita, bem de noite, quiseram dar assalto a nossas canoas, e sentindo-os os nossos deram-lhe tal chuveiro (de balas) que com desconcertada pressa sairam das canoas e entraram em sua paliçada, porque o Padre João de Porras, que cuidava da gente do rio, não repousava andando em continua vela e cuidado.

Persuadidos já e resolvidos eles a não combater mais pelo rio, embora nossos filhos mais os desafiassem, e se punham a tiro de arcabuz, todas as canoas pelo receio de que não nos escapassem eles pelo rio, como sabíamos dos seus tupís que intentavam fazê-lo, dávamos traças de tirar-lhes as canoas; e alguns de nossos filhos, lançando-se à água, foram de noite, pouco a pouco, e acercando-se das canoas, não conseguiram tirar-lhes mais de duas ou três por tê-las eles tão bem amarradas e com muitos guardas, e para poder fazê-lo melhor vieram de-repente nossas balsas e deram uma chuva com que feriram a alguns e os espantaram.

Nestas contínuas refregas gastaram nossos filhos desde a segunda feira onze de março até o sábado 16 do mesmo mês, o qual dia, lá pelas onze, saiu do seu acampamento uma canoa com uma bandeira branca, e os índios com desejo de que não se tratasse de concerto algum, tomaram o papel e o fizeram em pedaços.

No mesmo momento, todos os Portugueses despeitados, vendo que não se tratava de ouví-los nem admitir-lhes meio algum de paz, atacaram com grande furor a suas canoas e com uma fúria infernal eles e seus índios começaram a disparar a toda pressa, saiu nossa armada a impedir-lho com a mosquetaria e matando de um mosquetaço um Português, pararam de razarlas (?), contudo razaron (?) mais de cem, porque traziam mais de duzentas e cincoenta canoas, as mais eram dos pobres índios do rio acima, outras haviam feito eles mesmos de má figura embora de bom porte.

Foi causa desta sua resolução o ver-se repentinamente cercados pelo lado do rio acima — por onde lhes era forçoso passar querendo voltar ao Acaraguá por terra, — de mais de mil e duzentos índios, que por ordem do Padre Pedro Romero haviam vindo do Paraná e os havia despachado na desembocadura do Tabaí com ordem de alí fazerem a sua paliçada e tolher o passo ao inimigo como o fizeram, o qual reparou o inimigo este dia por ver arvorar uma bandeira e tocar caixas naquele posto.

Nessa mesma noite, indo três Padres visitar a gente que estava

no arraial do Tabaí e consolar os da armada, começou um Português a falar, e o Padre José Domenech lhes falou, afeiando-lhes sua má vida, ponderando-lhes suas maldades e a excomunhão em que haviam incorrido, a deslealdade que tinham a seu Rei fazendo essas "entradas" contra as suas reais cédulas, como tendo nelas tantos e tão enormes pecados, com que lhe tocou um ponto da eternidade, e ultimamente lhes disse que se tivessem alguns feridos mortais os enviassem que os confessávamos. Disse o capitão que tinham onze brancos — que assim chamam aos Portugueses — e outros índios. Então um moço mau saiu dizendo que não eram mais que dois os feridos de morte, para não descobrir a fraqueza e o dano que haviam recebido de nossos filhos, que pelejaram nesta ocasião tão valente e esforçadamente que o Irmão Domingos de Torres dizia que soldados de Flandres não o fariam melhor, e até os mesmos Portugueses vendo o esforço tão estranho e a perseverança, sem assombrar-se com a vista de feridos e mortos, até hoje se persuadiram que pelejavam não com índios senão com espanhóis, ajudando-lhes a essa persuasão o ver tanta gente e tantos arcabuzeiros com talabartes em nosso exército. Já (vê) meu Padre Provincial que nossos filhos (são) ouvidos e (son cides ya ?) ajudados por Deus e a intercessão de nosso Santo Padre Francisco Xavier, são outros em valor, brio e esforço, e bem o demonstraram, pois fizeram rosto a mais de trezentos e cincoenta Portugueses e mais de mil e duzentos Tupís, tão bem armados e preparados e que haviam saido com ânimo de acabar com todas as Reduções; porém não o permitiu Nosso Senhor que ajuda aos pobres e ajuda as orações ordinárias e extraordinárias de Vossa Reverência e de toda a província. Elas são as que deram ânimo a nossos filhos, elas as que nos defenderam com grande confusão de nossos inimigos, que desejaram se lhes desse passagem franca para voltar ao Uruguai acima, enviou novos papéis num cabaço muito bem fechado, ao qual nossos filhos deixaram ir rio abaixo sem tocar-lhe com desejo de dar a tão maus homens o castigo que mereciam. Com isto, vendo já seu negócio tão mal parado, dizendo a sua gente e uns aos outros, já não há remédio de vencer nem sujeitar aos filhos dos Padres, pois claramente vemos que Deus lhes ajuda e defende; despeitados e cheios de uma cruel ira começaram a guerra entre si, tratando-se muito mal e quase vindo às mãos, lançando-se a culpa uns aos outros desembainhando espadas, levantando escopetas e apontando-se uns aos outros, dando desmedidas vozes como gente totalmente fora de juizo e razão, vendo perdidos os trabalhos de tantos meses, lembrando-se das dívidas em que se haviam empenhado pelos grandes gastos que haviam feito em munição e pólvora e outras coisas da sua matalotagem, cuja paga haviam de ser nossos pobrezinhos filhos se Deus não os defendesse e seus Padres, com tanto cuidado, não os animassem e principalmente o Padre Diogo de Boroa, antecessor de V. Rev. não houvesse posto

tão extraordinário cuidado em aumentar-lhes as armas de fogo, animá-los oralmente e por escrito e sobretudo não perdoando a trabalho algum, solicitando que tirassem os pecados que são causa de semelhantes castigos.

Com o qual, por fim, se livraram contra o poder de tantos sertanistas do Brasil, homens que gastaram sua vida em destruir povos de índios, homens que arruinaram a cristandade do Guaíra, serra do Tape, Pinhais e parte do Uruguai, homens que fiados em suas armas se prometiam já o dito Uruguai todo em suas mãos e juntar a sua destruição com a do Paraná, homens que blasonavam haver de enviar a suas terras os Padres e até de matá-los ou ao menos de conduzí-los a suas terras maniatados, depois de haver-lhes tirado seus queridos filhos de tanta dor, homens que levados de louca e cega paixão se jactavam já e compraziam como se já tivessem em seu poder as mulheres e filhos dos pobrezinhos índios dos quais se prometiam gozar bem a seu salvo e não se envergonhavam de dizê-lo em altas vozes a seus mesmos maridos e Padres: homens que traziam montões de cadeias e grilhões, algemas e coleiras para que sujeitando-os e vencendo-os ficassem nelas, postos em miseravel cativeiro; homens tão desalmados que alguns deles a gritos diziam aos Padres que haveriam de matá-los a tiros de escopeta, outros que haveriam de enforcá-los e frechá-los. Estes pois, que tão inchados e soberbos diziam a vozes que haveriam de destruir até os próprios povos dos espanhóis ficaram vencidos, destruidos e afugentados pela mão poderosa do Senhor, tomando por instrumento a estes nossos pobrezinhos filhos.

Vendo-se já com tantos feridos e mortos e suas forças diminuidas, porque cada dia se lhes ia desertando a gente em maior número, fizeram o que outras vezes haviam feito, que é ir por entre montes e sarçais a toda pressa, ficando-se muitos deles entre os paus da sua paliçada escondidos em cilada no intuito de enganar a nossos filhos e matá-los. Nosso Senhor, porém, que os defendia e amparava deu-lhes um freio mediante um forte aguaceiro, com que, às gatinhas, para não serem vistos, se meteram entre os matos e fugiram como os outros, o que viram os espias que tínhamos posto pelo alto das árvores, que nos avisaram, e logo se reconheceu a paliçada e se começou a seguir no encalço com grande ânimo de nossos filhos, não reparando na espessura dos matos, aspereza das serras, que com a chuvarada antecedente estavam tais que a todo momento caíam os que por elas subiam. Todavia, nossos filhos, desejosos de apanhar os que Nosso Senhor lhes entregava em suas mãos, não perdoavam a trabalho algum, assistindo-lhes, como sempre, os seus Padres, com toda aquela chuvada em cima, sem que muitos tivessem com que mudar-se nem para onde recolher-se, a fazê-lo em todo aquele dia, nem enxugar-se até a noite, do qual para alguns se lhes originou alguma doença, dando-a por muito bem empregada por amor de Nosso Senhor e de seus filhos,

e mais ainda alcançando o inimigo como de-fato o alcançaram já pela volta das cinco da tarde, que depressa fazia paliçada e procurava fortificar-se. Antes de realizá-lo, posto que defendido por umas terriveis serranias, nossos filhos (valorosos soldados, honra da nação guaraní), os acometeram denodadamente, afligindo-os e esgotando-os tanto que diziam: "Estamos perdidos", e aos índios: "Não nos matemos em quaresma" e outras palavras de grande submissão e lástima. Nossos filhos, porém, reconhecidos à mercê do céu, apertavam-nos mais e mais até que por fim a noite os separou.

Bem de manhã se pôs em fuga o inimigo e sentindo-o os nossos foram no seu encalço dando-lhes braba bateria sem treguas — não havendo dormido quase na noite anterior, tendo chovido a cântaros sobre eles, fazendo grande frio e não parando ainda a água — não obstante nada disso os mudou nem estorvou em dar após o inimigo que afirmava, vendo a sua coragem, não serem homens senão demônios; outros os chamavam de tigres cruéis pois não se fartavam de derramar sangue humano. Nada, porém, perturbava a nossos filhos senão que cada hora mais animosos cometeram uma grande temeridade, que foi a de meter-se por uns espessíssimos matos e umas íngremes serranias, arcabuzeando e frechando, com o que mataram seis Portugueses e feriram muitíssimos, e dos seus Tupís de quatro em quatro estavam os corpos mortos, e com ver nossa gente que nos matos não conheciam nem viam e que iam expostos a grandes perigos se empenharam de sorte que durou a peleja desde a manhãzinha até as duas da tarde, correndo por aqueles montes e terras, caindo e levantando por momentos, causando ao inimigo grande estrago e pondo-o em tais transes que ultimamente vendo a todos os seus índios tão amedrontados e malferidos, tomaram eles mesmos, digo os Portugueses, as rodelas e machetes e fizeram rosto aos nossos filhos enquanto passavam as serranias os feridos e demais chusma, que a todo correr ia adiante, e todos eles se esforçavam quanto podiam por ver que lhes ia a vida, e assim feriram a mais de trinta dos nossos, quebrando a alguns os braços e atravessando-lhes as coxas e mataram três. Aí nossos filhos destemidos arremeteram de sorte que se misturaram tanto com os mesmos Portugueses que a paus e machetadas e balaços mataram a quatro Portugueses e dos seus Tupís tantos que ficaram os matos semeados dos seus cadáveres, não sem grande risco dos nossos, porque sem saber uns dos outros se metiam entre os Portugueses, e assim esteve apanhado já o capitão general Dom Nicolau Neenguirú, porém acudiu-lhe para defendê-lo sua gente, matando aos gualachos que o haviam agarrado. O capitão Arazas esteve já quase rendido, mas acudiu-lhe bem ao acaso outro que deixou alí prostrado ao inimigo. Ao capitão Dom Inácio do Acaraguá já o arrastavam para levá-lo aos Portugueses, ao qual livrou Nosso Senhor enviando a um rodeleiro

do seu mesmo povo que enfrentou dois Portugueses e quatro Tupís e ajudando-lhe o capitão tambem, se pôs em pé e deu atrás dos inimigos matando a um deles e escalavrando e ferindo aos outros, pondo-os em fuga. Ao capitão Dom Francisco Mbayroba de São Nicolau tambem o teve já quase rendido um Português, ao qual matou um índio da mesma redução e livrou a seu capitão — que como os capitães são os mais valorosos vão avante de todos e entram primeiro nos perigos. Outro índio se empenhou de sorte que se achou entre os mesmos Portugueses, e vendo-se só e advertindo o seu perigo se fez do bando deles e sem ser conhecido deles lhes ofereceu ajudar mostrando-se valente defensor; porém, em breve viram o engano, pois de-repente, vendo-se em alguma segurança, virou o seu arco e frechas contra eles. Outro caiu numa cilada dos mesmos Tupís e Portugueses, e advertindo o seu perigo, com grande dissimulação se tirou o rosário que trazia ao pescoço a-fim-de não ser conhecido e se pôs na cilada com eles e deixando-os descuidar, empregou suas frechas nos Portugueses, deixando-os burlados e feridos.

Houve muitos casos parecidos que, para não cansar se omitem, porém os mencionados bastam para mostrar quão animosos e quão sobre si andavam os nossos. No meio de toda essa confusão lhes ia fugindo e entregando-se aos nossos muita da sua gente, e os Portugueses mesmos, com aquela revolução e perturbação se feriram uns aos outros e mataram a seus Tupís pensando que eram filhos nossos.

Com essa confusão, crecendo cada hora com o fumo da pólvora e da neblina a escuridão dos matos, não conhecendo já uns aos outros, os Portugueses medrosos, vendo tantos dos seus mortos, e reparando na diminuição dos seus Tupís, e sobretudo espantados do valor dos nossos, e da sua constância, aproveitando-se dessa confusão, se puseram em fuga dando gritos e dizendo: "Deixai-nos já, capitão Neenguirú, soltai-nos, basta que nos hajais matado todos os brancos!" Mas os nossos, inflamados em justa cólera, ainda os seguiam até que por fim a fragosidade dos montes, a aspereza das serras, a escuridão do fumo, e o contínuo trabalho de haver combatido desde as seis da manhã até às duas e meia ou três da tarde, cansados de trepar encostas empós dos Portugueses — que esta foi a sua defesa — insultando-os porque não lhes faziam rosto, cheios de injúrias, a que corridos não respondiam, soltando grande vozearia e fazendo grande algazarra, retiraram-se nossos filhos para descansar, gozosos e contentes, por lhes haver saido tão bem o que a todos nos tinha em grande cuidado, ficando apenas mortos dez dos nossos em todas as guerras que houve pelo espaço de oito dias contínuos, contando-se quase sessenta Portugueses mortos, e quase todos feridos, e dos seus Tupís sem comparação mais, deixando semeados os matos de corpos mortos e

cheios os ranchos onde param, pois num só se contaram dez mortos a frechadas e arcabuzadas.

Um dos inimigos mais cruéis que teve o Português foi a fome, porque se lhe defenderam todas as chácaras de sorte que não colheram nem uma espiga de milho afora do que acharam na chácara onde fizeram a sua paliçada, que não foi muito e assim não comiam outra coisa que palmitos e sua gente caía de ...? estado, mortos de fome, e em todas as suas rancharias ou dormidas deixaram crianças mortas e gente tão magra que apenas se podia mexer, feitas uns esqueletos. Outras crianças mataram-nas com machetes, abrindo-lhes as cabeças, outras com setas e aos doentes deixaram-nos na sua mesma paliçada sem remédio algum nem comida já muito fracos, outros não tão fracos sem deixar-lhes nem uma só espiga de milho, nem sequer fogo para poder-se aquecer, fazendo então muito frio, e chovendo e os pobres tiritando de frio, e apurados com câmaras de sangue.

Nestes se empregou a caridade dos Padres, ajudados dos seus filhos, carregando-os, pondo-os nas canoas e dando-lhes algum refresco e sobretudo catequizando-os, e aos que estavam muito acabados batizando-os, ficando os tais consoladíssimos ao ver-se morrer entre cristãos e os Padres gozosíssimos ao vê-los acabar com os sacramentos.

Logo que o inimigo fugiu, enviou-se ao Acaraguá para ver que rumo ele tomava, e por estar tão maltratado e haver-se retirado por tão extraordinários caminhos e serranias, levado do medo, que muitas vezes lhes foi forçoso atar-se cordas às cinturas para deixar-se deslizar por elas entre as quais deixou morta muita da sua gente, e se lhe escapou outra, até dos seus mesmos pagés e confidentes, indo com tanto medo que por momentos se assombravam, e ao ruido insignificante de uma árvore ou voo de pássaro tinham por numeroso exército, e uma noite se assustaram de sorte que pensando estava já cercado de nossos filhos se pôs imediatamente de prontidão e tomado de medo tendo a seus mesmos Tupís por inimigos lhes atiraram duas arcabuzadas com que os mataram, ferindo a outros, e até os mesmos índios que em sua companhia estavam se atiravam frechas e ter-se-iam acabado uns aos outros se não se socegassem e advertissem no seu espanto vão.

Jamais faltou ao inimigo, enquanto andou pelos matos, quem o hostilizasse, pois até os próprios tigres os desassossegavam de noite não os deixando dormir, que cevados nos muitos corpos mortos, buscavam ao dito inimigo para fazer presa nele.

Por estas e muitas outras causas se deteve o inimigo seis dias nos matos sem saber-se ao certo nada dele, nem do rumo que levava. A gente que foi ao Acaraguá, queimou oitenta fanegas de trigo, e outras coisas de sustento, às quais o inimigo tinha posto o olho para o seu aviamento. Encontraram os mencionados filhos nossos alguns

corpos mortos nas rancherias que haviam sido dos Portugueses quando desceram pelo rio, e entre os que acharam foi um o de uma índia já quase desfeita e encima dos ossos dela uma criança de uns cinco anos, onde havia estado dez dias, e perguntando-lhe pelo que tinha comido respondeu balbuciante que um pouco de milho queimado lhe havia servido de sustento no mencionado tempo, conservando-lhe a vida até aquele dia, que foi o da (vida) espiritual de sua alma, trazendo-a para onde foi batizada e vive agora.

Queimaram os índios os ranchos e casarios e demais coisas que poderiam servir de algum alívio ao Português e a seus vassalos; retiraram as sete canoas que haviam deixado escondidas quando baixaram a dar sobre as nossas reduções, e de volta, ao sexto dia depois da batalha perto do Acaraguá, mais ou menos uma curta meia leguazinha, perceberam ao inimigo na margem do Uruguai a quem deram vozes e dispararam dois mosquetaços, com o qual, fora de si o Português, cheio de medo, não reparando si eram apenas espias, se alvorotou de sorte que fugiu aos montes com a sua chusma, intentando romper de noite novamente pelos matos e sair por onde a sua ventura os conduzisse. A espia voltou e tratei logo de partir atrás deles, como se executou, saindo no seu encalço mais de mil e duzentos índios para hostilizá-los quanto possível e, encontrando uma boa ocasião, dar-lhes uma boa pancada. Com este efeito enviei os Padres Pedro de Mola, Cristovam de Altamirano, João de Porras, Miguel Gomes e Diogo Suarez. Partido o exército, o capitão Dom Inácio, com alguns dos seus, se ofereceu a ir avante, para com semelhante prático da terra tomar língua sobre o inimigo e dos seus intentos; o qual, antes de chegar ao Acaraguá saiu por terra, empós do rasto dos Portugueses, e encontrou um índio muito fraco que, com a sua mulher e filha, extraviados, não sabiam que rumo tomar, e sem coisa para a boca, conduziu-os à sua canoa, deu-lhes de comer, com o que voltaram a si e se animaram e chorando diziam: "Oh, quem houvesse acreditado aos Padres, sendo filhos deles, então não me veria agora na miséria em que me vi e na qual estão agora atualmente meus desditosos parentes, escravos dos seus inimigos os Portugueses.

Tambem achou a outro índio com a coxa atravessada de uma arcabuzada e uma perna malferida de uma frechada, que apenas se podia mexer, que, se não tivesse ido por lá e auxiliando-lhe Deus, teria morrido de fome. Com isso, carregando-o às suas costas, usou da mesma caridade que com os primeiros. Prosseguiu no seu caminho na quarta feira santa, e deixando anoitecer, foi e deu com o espia do Português, e maniatando-o, na quinta feira santa pela manhã, o trouxe aos Padres, que informou acerca do paradeiro do inimigo, e da sua determinação de logo após a Páscoa partir do dito Acaraguá, tomando sua derrota pelos matos para sair junto a um arroio que está este Uruguai acima chamado Guarumbaca, e dividir-se

ali uns em direção ao Iguaçú, outros passar pelo salto o Uruguai em direção a Santa Teresa, para ir rebuscar as taperas de Jesús-Maria e dalí ao Caamo, Caagua ([11]) etc. e outros resolveram ir o Uruguai acima rebuscar os povos dos infiéis.

No intuito de dar-lhe serviço antes de que saisse da nossa zona, esperaram os Padres toda a quinta feira santa, em lugar escondido, que chegasse todo o nosso exército. Veio o resto dele e quase ao nascer do Sol, sairam do rancho e se puseram perto do Acaraguá, e muito de manhã, reconhecidos os postos dos Portugueses que por segurança e medo se haviam metido da outra margem do rio Acaraguá, deram os nossos nos seus Tupís e gente que estava descuidada por quatro lados de uma e outra margem do dito rio com tão boa ordem e tão a tempo que mataram muitos deles e apanharam outros e os maniataram tanto a índios como algumas índias, e aos que fugiram seguiram-nos frechando-os muito depressa até dar com eles no mesmo Acaraguá, ao qual se lançaram e lhes serviu de defesa para escapar com as vidas, ainda que malferidos, pois não se perdia tiro neles. Todo o qual se fez sem ruido de arcabuzes afim de não serem percebidos pelo Português.

Com este inopinado sucesso, os Portugueses que estavam ocupados em levantar cruzes, fazer calvários, enramar arcos e andar estações, dizendo aos índios que nossos filhos não os atacariam em dias tão santos e quietos, espantados por tão inesperado sucesso, soltaram os altares, interromperam suas estações, desampararam os seus calvários e se retiraram aos matos tratando logo de fugir naquela mesma noite.

Muita da gente do Português que desejava como a água de maio a vinda de nossos filhos, a nado uns, correndo outros, começaram a escapar dentre os Portugueses e assim toda a sexta feira santa, desde as doze do dia até a tarde de citano (?) deixaram de sair-se deles vindo aos nossos, embora o Português, reparando nisso, fez todo o esforço possivel para lho impedir, com o qual não puderam sair tantos quantos desejavam fazê-lo com ameaças e levantando-nos gravíssimos testemunhos como sóem: primeiro que nós lhes havíamos escrito que enforcaríamos a quantos dos seus passassem para os nossos; segundo que de-fato o havíamos executado assim, e que a igreja de Acaraguá estava cheia de cabeças dos enforcados por ordem nossa por haver-se saido dos Portugueses; terceiro que aos fugidos havíamos de restituí-los logo; que nossos filhos os haviam de matar onde quer que os achássemos e sem avisar os Padres, com que alguns medrosos e de curta capacidade ficaram entre eles, porém, outros, mais advertidos, rindo-se de semelhantes ditos tendo-os por qualificadas mentiras e patranhas, dizendo não poder persuadir-se que Padres tão amorosos

(11) O Caamo ficava mais ou menos nos municípios de Vacaria e Bom Jesús; o Caagua extendia-se pelo município de São Francisco de Paula.

seus como o eram os da Companhia de Jesús e o haviam sido sempre, se trocassem assim de-repente; sem reparar em nada, fiados em Nosso Senhor e na caridade dos Padres, com desejo de viver como cristãos e deixar aquela má vida que entre os Portugueses levavam sem confissão nem missa, nem obra alguma de cristãos, deixando quanto tinham, se passaram para nós.

Outros mais animosos e sagazes, vieram trazendo juntamente todo o fato de seus amos, deixando-os sem rede de dormir, sem fresadas (?) (frezadas = cobertores), vestidos, nem camisas, todo o qual repartiram logo comnosco. Nisso se passou a sexta feira santa até de tarde, e havendo descansado um pouco nossos filhos, se lhes pregou a paixão que ouviram com atenção acompanhando ao pregador com lágrimas e gemidos e fervorosos atos de contrição, que consolava os Padres o vê-lo. Ao qual se seguiram muitas confissões de maneira que mais parecia congregação devota que exército de soldados vitoriosos.

Aquela mesma noite o capitão Dom Inácio Abiarú com índios foi e reconheceu os ranchos e paliçadas do inimigo, e viu tudo e gastou toda a noite em contínua vigia não reparando em que, se fosse advertido, seria morto ou preso, porém, ajudou-lhe Nosso Senhor pelas orações dos Padres que naquela noite lh'o suplicaram afetuosamente e ao amanhecer, estando com grande cuidado acerca do sucedido, nos veio a dar contas de tudo, e da disposição em que estava o inimigo e parece que fugia já, pois não tinha chusma consigo como foi certo, porque nô-lo garantiu um índio dos Portugueses, capitão dos seus Tupís que cansado daquela vida bestial que entre os Portugueses levava, desejoso de viver como cristão, ainda que estimado por eles e tratado como se fosse um deles por seu valor e esforço pospondo todos esses regalos e gostos ao que desejava ter verdadeiro, separou-se deles no tempo em que partiam e nos disse que, assombrados já de nosso poder e admirando-se da perseverança dos nossos filhos, temendo ser exterminados, se haviam posto já em fuga, dizendo a brados que haviam de matar quem quisesse medir-se com nossos filhos.

Com esta notícia nossos filhos quiseram ir logo no encalço, porém, o mesmo Tupí os advertiu de não fazê-lo, já porque era a terra fragosíssima, já porque os estariam talvez esperando em alguma cilada de que já haviam tratado e seria factivel que caíssem nela. Com isso os índios muito a contragosto e como violentados se detiveram todo o sábado santo, e no domingo de páscoa, muito cedo, tendo ouvido missa e comungado alguns e confessado outros muitos, fiados em Nosso Senhor, foram detrás dos Portugueses e reconhecer sua paliçada e rastro e o seguiram até muito de tarde sem poder alcançá-lo por ir a toda pressa e ter alguns dias antes feito já os caminhos malabertos e defendidos com muitas obstruções e tojais, porém, já que não o alcançaram, trouxeram muitos dos pobrezinhos índios e índias que dos Portugueses iam-se embora, trazendo quase todos alguma coisa dos

seus amos, deixando-os muito desventurados e desacomodados, atirando pelos matos as cargas de alimento.

O que consolou muito os Padres nesta ocasião foram muitas crianças fracas e já para morrer, que lhes trouxeram os filhos espirituais dos Padres; às quais depois de havê-las batizado lhes procuravam a saude e regalo do corpo dando-lhes de comer da sua pobreza, a que sem mais se atiravam, mortos de fome, cuidando da lenha, dos ranchos e encomendando-os muitas vezes a seus filhos e visitando-os para verificarem si se cumpria o que se lhes encarregava. Partia o coração o vê-los e enternecia seu aspecto aos Padres e índios; os quais mostraram a sua caridade trazendo muito de longe índios e índias fraquíssimas e algumas que não esperavam mais do que a água do batismo para sair deste miseravel mundo.

Foram estas as páscoas que os Padres celebraram batizando crianças e catequizando adultos. Naquela noite trataram os Padres entre si acerca de ir seguindo as pegadas dos Portugueses não tanto para seguir-lhes no encalço quanto a buscar doentes fracos e crianças. E havendo rezado missa muito cedo na segunda feira depois da páscoa, oferecendo o trabalho do caminho ao Senhor com todas as veras, todos os nossos filhos assim capitães como soldados não o permitiram opondo-se eficazmente aos designios e determinação dos Padres, oferecendo-se de irem eles mesmos em pessoa para fazer o que os Padres talvez não poderiam totalmente alcançar pela fragosidade e aspereza da terra e pântanos grandes que dificultavam o caminho. Com efeito, com grande dificuldade partiram e se espalharam pelos bosques e sendas dos Portugueses, indo até bem perto deles sem reparar em perigos; pelas quatro da tarde vieram voltando muitos com os enfermos e fracos (abandonados pelos ditos inimigos) para que os Padres empregassem seus fervorosos desejos, ajudando-lhes. Entre os que trouxeram houve uma rapariga cujos pés estavam todo queimados vertendo sangue, esfolados até o peito do mesmo pé e pendurando-lhe a pele das plantas, queixando-se lastimosamente. Acudiu-se-lhe como se poude, e perguntada, respondeu que um Português que a tinha a serviço, aborrecido já de trazê-la, e vendo-se que já não podia seguir por seus pés, tomou todo o rescaldo de um fogão e com brasas e cinzas lho jogou em cima, queimando-lhos ambos.

Encontraram-se corpos mortos tanto de crianças como de velhos e velhas e alguns moços mortos violentamente com facas e paus, porque de pura fraqueza não os podiam seguir: partia o coração ouví-lo, quanto mais vê-lo; e a nossos filhos foram estes espetáculos umas exortações muito vivas de quanto lhes importava viver com os Padres e defender-se dos seus inimigos.

Teve-se notícia de alguns doentes fraquíssimos que ficavam muito perto do curral dos Portugueses e embora houvesse perigo em ir para

lá, por amor daquelas almas e ofereceram os Padres a ir, porém nossos filhos reconhecidos pelo muito que a seus Padres devem, se animaram e foram e trouxeram os doentes que eram duas índias fraquíssimas, das quais uma morreu logo naquela noite depois de batizada, e outras crianças muito acabadas que tambem foram batizadas; foi tambem com os soldados um catequista muito preparado, para o caso de haver algum moribundo. Foi advertência do céu aquela, porque achou uma índia que estava acabando, e catequizada a batizou e logo morreu. Alegres com isso, voltaram da sua missão, não deixando doente, nem fraco que não trouxessem. Em paga dessas boas obras, sem dúvida, se serviu Nosso Senhor para que os nossos, sem perda alguma nem derramamento de sangue próprio afugentassem o inimigo de todas as suas terras. O qual fica tão destroçado que como afirmaram os que dele desertaram, vão enfiadas inteiras de feridos, com báculos nas mãos, mais humildes a suas terras (se é que a elas chegam) do que vieram, deixando nossas reduções não só não destruidas como eles orgulhosamente se prometiam, senão aumentadas com o melhor da sua gente que se nos ficou, com bastante dor de seus corações como o lamentavam dizendo terem vindo por lã e voltarem tosquiados.

Lançados já os inimigos de todos nossos confins, voltaram os Padres e seus filhos vitoriosos e reconhecidos aos favores do céu e à intercessão do glorioso apóstolo S. Francisco Xavier, foram-se à sua igreja e alí cantaram uma missa solene e um Te Deum laudamus em ação de graças, vendo-se já livres de seus inimigos tão gloriosamente. Outro tanto fiz eu nesta Redução de São Nicolau onde me achei e o mesmo fizeram os demais Padres em todas as reduções, e afora isso, em cada uma delas, se cantou uma missa de requiem por nossos filhos defuntos que morreram no combate, ficando muito reconhecidos a Nosso Senhor pela multidão de mercês que da sua liberalíssima mão temos recebido nesta ocasião, e juntamente muito agradecidos a Vossa Reverência e a toda a província que com tantas veras nos ajudaram e alcançaram com suas orações de Nosso Senhor essa vitória, na qual ficaram mortos, feridos e envergonhados a flor dos sertanistas de São Paulo e do Brasil, inimigos declarados desta afligida cristandade e dos seus Padres.

Agora torno a enviar o Padre Cristovam de Altamirano o rio acima para que recolha a gente que do Português cada dia debanda, e acuda aos enfermos e crianças que sem dúvida irá (quedando?) encontrando em todos os ranchos, e saiba o rumo que este inimigo leva. Do resultado avisarei a V. Rev.ª em outra ocasião. Peço a V. Rev.ª com todo o afeto de milha'alma se sirva de mandar encomendar a Nosso Senhor esta missão e a da serra que se fará em breve, e em seus santos sacrifícios não me esqueça.

Desta Redução de São Nicolau, abril 6 de 1641.

Cláudio Ruyer.

NOTA EXPLICATIVA

A carta do padre Cláudio Ruger (sic!) agora impressa entrou para a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com a coleção Ângelis. Consta de nove folhas escritas de ambos os lados, exceto a última, reunida posteriormente onde três vezes se lê no dorso o título e mais: *archivo de Buenos Ayres, gaveta* 6 — *legax* 4.

O catálogo de Ângelis considera-a autógrafa; o carater da letra, a qualidade do papel, certos acréscimos e emendas dificeis de explicar si não se tratasse da redação primitiva, persuadem a realidade do asserto.

Serviu agora para a impressão na *Revista* uma cópia extraida, vai para muitos anos, a pedido do benemérito Barão do Rio Branco, por A. do Valle Cabral, de saudosa memória, e pelo abaixo assinado.

Por motivo hoje impossivel de apurar, deixou de ser remetida em tempo a seu destino.

A correção das provas foi feita pelo autógrafo. Pontos de interrogação indicam leituras duvidosas.

Rio — Novembro 1905.

Capistrano de Abreu

(Fim da pág. 553 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, vol. X, 1905).

RAUL PANATIÉRI

Contribuição ao estudo dos problemas de alimentação no Rio Grande do Sul

INDICE

I — *Introdução*
— alimentação e alimentos.

II — *Regimes locais*
— Alimentação para cada um dos 10 tripulantes duma gasolina que trafega entre Rio Pardo e Pôrto-Alegre.
— Ração diária de um soldado do exército, arranchado, nesta zona.
— Carro restaurante da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, passando por êste município
— Ração de cada preso na cadeia civil
— No asilo São Vicente de Paula
— Ração alimentar no Hospital em Rio Pardo

III — *Quadro comparativo dos princípios nutritivos nas observações do presente trabalho, após os quadros comparativos sôbre*
— Lipídeos ou gorduras.
— Glacídeos ou hidrato de carbono.
— Protídeos ou albuminóides.
— Calorias.

IV — *Mapa de regimes locais*
— De algumas observações sôbre alimentação no Rio Grande do Sul.

V — *Percentagem de consumidores, segundo os alimentos e as refeições*
— do meio-dia e da noite
— da manhã e da tarde
— percentagem de consumidores em relação aos alimentos mais usados.

VI — *Dados econômicos*
— Comparação econômica
— Salários nas emprêsas risícolas
— Preços correntes dos gêneros alimentícios
— Quadro comparativo

VII — *Estatística biológica.*
— Percentagem das cáries de dentes
— Dados sôbre sorteados: pêso, altura e diâmetros torácicos expiratórios
— Clínica privada em Rio Pardo: movimento de consultório, segundo as doenças.
— Hospital dos Passos de Rio Pardo: movimentos de doentes de 1930 a 1940.
— Obituário de Rio Pardo, em 1940, segundo os boletins do D.E.S.
— Obituário do R. G. do Sul (1918-1927)
— Idem de Pôrto Alegre
— Idem do Rio Pardo.

VIII — *Inquérito sôbre media dos regimes alimentares no Estado do R. G. do Sul*
— Zona colonial: Alfredo Chaves, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Candelária, Caxias, Encantado, Farroupilha, Flores da Cunha, Guaporé, Montenegro, Prata, Santa Cruz, São Pedro, Taquara, Taquarí e Venâncio Aires
— Litoral: Guaíba, Pelotas, Pôrto Alegre, Rio Grande, Santo Antônio, São João do Camaquã, São Lourenço, Tôrres e Viamão
— Fronteira: Alegrete, Dom Pedrito, Itaquí, Jaguarão, Livramento, Pinheiro Machado, Quaraí, Rosário, São Borja, São Gabriel, São Luiz Gonzaga, Santa Rosa, Santa Vitória do Palmar e Uruguaiana.
— Serra: Bom Jesús, Cruz Alta, Erechim, Getúlio Vargas, Iraí, José Bonifácio, Palmeira, Soledade e Vacaria
— Centro: Cachoeira, Caçapava, Cangussú, Encruzilhada, General Câmara, São Jerônimo, Santiago do Boqueirão, São Sepé, Triunfo.

IX — *Regime dos flagelados da enchente de maio de* 1941.
— Pôrto Alegre (Seção da Escola de Engenharia)
— Ração preparada, por flagelado, nos postos de socorro, durante a enchente — diariamente — no Rio Padro
— Ração individual diária distribuída em gêneros — no Rio Pardo (quadro).

X — *Regimes usados em hotéis de zonas coloniais do Rio G. do Sul*
— Regime usado em hotéis de colônias agrícolas — de origem alemã — no Rio Pardo.
— Média de regime alimentar em hotéis de zonas da colônia italiana no nosso Estado.

X — *Média de regime alimentar, mais comum em diversos paises europeus*
— Na Alemanha do norte
— Em Portugal
— Na Espanha
— Na Polônia alemã
— Na Ucrânia e Bulgária
— Na Itália (Sicília)
— Racionamento na Rússia (guerra de 1941)
— Regime na Sibéria
— Almôço e janta num submarino inglês
— Regime na Inglaterra

XII — *Tipos apresentados como padrão para ração alimentar*
— Hiss-Zurich
— Tipo I e correspondente cardápio

XIII — *Mapa estatístico da tuberculose em Rio Pardo* (1863-1940)

XIV — *Conclusões*

XV — *Água do rio Jacuí, em cuja margem se acha Rio Pardo*
— Água bruta (6/I/1941)
— Água tratada (6/I/1941)
— Período da enchente: água bruta e tratada

XVI — *Quadro sinóptico do município de Rio Pardo em* 1939

XVII — *Mapa geográfico do município*

I – INTRODUÇÃO

A alimentação é questão básica para a vida humana. Retirada do meio ambiente, à sua aquisição corresponde sempre trabalho.

E' ela indispensável ao crescimento e ao reparo dos danos causados pela própria vida, e ainda fornece energia que se exteriorizará nesse mesmo trabalho.

Como o carvão que queima na locomotiva, desprendendo calorías para movimentar a composição, assim o nosso organismo, através do aparelho digestivo e seus anexos, liberta a energia potencial que lhe fornecem os alimentos ingeridos. Da terra e do ar, sob a influência dos raios solares, é que essa fôrça é sintetizada nos vegetais e nos animais, dos quais a espécie humana se abastece para poder viver. Desdobra-os, então, na intimidade dos tecidos, lançando-os pela corrente sanguínea para todos os recantos, reabastecendo uns, desenvolvendo outros, desprendendo o calor necessário para as reações orgânicas e fornecendo aos músculos a fôrça suficiente para que êles executem o trabalho quotidiano.

E' neste cadinho maravilhoso, mixto de barro e sôpro etéreo, que se molda a imagem divina.

Por sua composição química, foram os alimentos grupados em protídeos, glicídeos e lipídeos, cabendo a cada um determinada taxa para integrar a ração alimentar ideal. Para uma parte dos primeiros, devem corresponder seis dos segundos; meio a um dos terceiros. Veiculados ainda por êles, vão os sais, as vitaminas e a água.

Complexos em sua estrutura, há alimentos que encerram todos os componentes elementares, como o leite, por exemplo, enquanto outros são providos mais duma qualidade que doutra.

As carnes são ricas em protídeos; os cereais e as frutas, em glicídeos; os leguminosos, em ambos, sendo mais avantajados nestes; os lipídeos: abundam nos animais e em certos vegetais, as oleaginosas.

Os sais e as vitaminas são transportados pelos vegetais, (hortaliças e frutas) e produtos animais. A água é veículo obrigatório.

A diferenciação biológica entre a composição dos alimentos, que ingerimos, e a dos tecidos humanos, obriga a prévia transformação daqueles pelo aparelho digestivo, para igualá-los e, então, incorporá-los definitivamente. E' a assimilação cujo epílogo denominamos de nutrição.

Daí deduzimos que, quanto mais próximos forem os componentes alimentícios dos do corpo humano, mais facilmente serão aproveitados e mais integralmente nele se fixarão.

Além dessa condição, ainda sobressai a especificidade de alguns: os aminoácidos dos protídeos animais, tanto servem para reparar o desgaste diário como se prestam para o crescimento; enquanto os de origem vegetal desempenham somente a primeira função. Completos e integrais, denominaremos uns; insuficientes, os outros.

Eis porque o leite é chamado o alimento ideal, porque não só leva os diferentes aminoácidos dos prótídeos como também fornece glicídeos, lipídeos, sais e vitaminas. As carnes e os ovos seguem-lhe os passos, mas mais sóbrios na composição.

Justifica-se, pois, a variedade de alimentos, para constituir a ração alimentar ideal; cada um contribuirá com as parcelas com que foram dotados pela natureza.

Repisemos ser o equilíbrio entre as diversas quotas de princípios alimentares condição para o bom funcionamento orgânico.

A predominância ou o exagêro de uns sôbre outros só é justificável em determinados casos, todos dependentes do meio ambiente. Enquanto nos climas frios é feito um apêlo aos alimentos produtores de calorias — os lipídeos e glicídeos, (uma grama daqueles produz nove calorías, e dêstes quatro, com o mínimo de resíduos para serem expelidos pelos órgãos depuradores) — nas zonas ou estações quentes, logicamente, se impõe a sua redução.

Do repouso ao trabalho vai também uma exigência especial; mínima num, variável com a intensidade do outro.

Serviu para medida orientadora o número de calorías desprendidas pelos alimentos e a proporção já enumerada. Anexamos neste trabalho uma tabela clássica, citada pelos maiores mestres na matéria.

Considerando como básica a questão alimentar, pois dela é que depende a eficiência do trabalho humano, e porque nos convencemos que o perigo da subnutrição avança a pasoss largos, ameaçando a nossa resistência física, resolvemos coligir dados sôbre a alimentação aquí, estendendo a observação a todo o Rio Grande, e, ainda mais, comparando-a com a dos países adiantados em civilização, como estudo complementar.

II — REGIMES LOCAIS

Alimentação para cada um dos 10 tripulantes duma gasolina que trafega entre Rio Pardo - Pôrto Alegre

ALIMENTOS	p/30 dias	p/dia	protídeos	lipídeos	glicídeos	calor	VITAMINAS					
							A	B1	B2	C	D	E
Arroz	60 kgs.	200 gr.	16	0,6	158	714	—	—	—	—	—	—
Azeite	5 "	16 "	0,1	13	—	120	++					+
Açúcar	50 "	170 "	—	—	161	661	—	—	—	—	—	—
Banha	28 "	93 "	—	89	—	896	++					+
Batata	40 "	134 "	2,4	0,5	19,5	87	+	++		++	—	—
Carne de rês..	210 "	700 "	143,5	12	—	630	+++	+	++	—	—	++
Charque	10 "	33 "	16	3,6	—	103	+++	+	++			++
Carne de porco	10 "	33 "	6	15	—	163	+++	+	++	—	—	++
Feijão preto....	35 "	117 "	27	2,3	58,5	377	+	+++	—	+++	—	+
Farinha trigo..	12 "	40 "	5,6	7	28	144	+	+++	—	—	—	+
Far. mandioca.	10 "	33 "	4	3	27	112	—	+				
Massa	20 "	66 "	8,8	0,6	49	238						
Pão mixto.....	67 "	—	17	7	138	593	+	++				
Verduras	30 "	—	1,4	0,2	4,8	25	+	++		+		
TOTAL....			247,8	153,8	643,8	4863						

Obs. 340

Diária: De 8$000 a 10$000. Etapa: 3$100.

Ração diária de um soldado do Exército, arranchado, nesta zona

ALIMENTOS	p/dia	protídeos	lipídeos	glicídeos	calor	VITAMINAS					
						A	B1	B2	C	D	E
Arroz	160	13	6	126	576						
Açúcar	160	0	0	152	624						
Banha	25	0	24	0	227	++					+
Café	50	1	0	7	35						
Carne verde	450	90	8	0	395	+++	+	++	—	—	++
Farinha mand. ...	150	2	1,5	120	510		+				
Feijão preto.....	160	36	3	80	515	+	+++	—	—	—	+
Massa	20	3	0	15	72						
Mate	10	0	0	0	2						
Manteiga	15	0	12	0	112	+++	—	+	+	+	+
Pão	300	15	3	183	852	+	++				
Xarque	300	144	33	0	939	+++	+	++			++
TOTAL.....		304	900,5	683	4859						

OBSERVAÇÃO: — Etapa do soldado nesta zona, corresponde a 3$100.

Obs. 401

Carro restaurante da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, passando por êste município

Cardápio, em 3 refeições

ALIMENTOS	p/dia	protídeos	lipídeos	glicídeos	calor	VITAMINAS					
						A	B1	B2	C	D	E
Leite	150	5	6	7,5	102	+++	++	+	++	++	+
Café	10	1,5	—	1,0	7						
Açúcar	25	—	—	24	97						
Pão	75	4	0,5	45	213	+	++				
Manteiga	10	—	8,5	—	75	+++	—	+	+	+	+
Sopa de cereais...	500	4	—	39	178						
Peixe	300	30	7	—	183	+	+				
Batata inglesa....	200	3	1	1	130	+	++	—	++	—	—
Carne em conserva	150	30	10	—	195	+++	+	++	—	—	++
Carne de rês.....	200	40	3	—	180	+++	+	++	—	—	++
Arroz	200	16	0,5	158	714						
Verdura	200	2	—	9	50	+	++	—	+++	—	
Frios	50	10	4	—	65	+++	+	++	—	—	++
Massa	20	3	—	15	74						
Sobremesa (doces)	25	—	—	15	64	+	++	—	+++	—	+
TOTAL.....		148,5	40,5	314,5	2327						

Obs. 498

Alimentação de cada pessoa na Cadeia Civil

ALIMENTOS	p/dia	protídeos	lipídeos	glicídeos	calor	VITAMINAS					
						A	B1	B2	C	D	E
Café (infusão)....	250	1	0	7	35	—	+	—	—	—	—
Açúcar	25	0	0	24	97	—	—	—	—	—	—
Pão mixto	75	4,5	1	46	213	+	++	—	—	—	—
Arroz	300	24	1	237	1071	—	—	—	—	—	—
Feijão	400	92	8	200	1288	+	+++	—	—	—	—
Batata inglesa....	200	3	1	28	130	+	++	—	++	—	—
Carne	300	60	5	—	270	+++	+	++	—	—	—
Banha	50	—	48	—	375	—	—	—	—	—	++
TOTAL.....		184,5	64	566	3479						

OBSERVAÇÃO: — A batata inglesa pode ser substituída por batata doce, abóbora, xuxú, verdura, mandioca.

\+ Vitamina está presente em pequena quantidade
++ Representa boa fonte de vitamina
+++ Representa excelente fonte de vitamina.

No Asilo São Vicente de Paula

15 pessoas — 1940

ALIMENTOS	p/dia	protídeos	lipídeos	glicídeos	calor	VITAMINAS					
						A	B1	B2	C	D	E
Leite	360	11,8	18,4	23	244	+++	++	+	++	++	+
Pão	70	3,9	0,7	43	200	+	++				
Açúcar	44	—	—	41,8	171	—					
Café	13	0,4	—	1,6	10	—					
Carne de rês.....	130	26,5	2,2	—	117	+++	+	++	—	—	++
Feijão preto.....	40	9,5	0,9	20	129	+	+++	—	—	—	+
Arroz polido	40	3	—	31,6	142	—	—	—	—	—	—
Banha	30	—	28,8	—	273	++					+
Massa	15	2	—	11,6	54						
Aipim	100	0,5	0,8	28	117		+				
Verdura	50	0,6	—	2,4	12	+	++		+		
Banana	100	3	0,2	29	131	+	+	—	++	—	—
ou											
Laranja						+	++	—	+++	—	—
TOTAL.....		61,2	52,0	232,0	1600						

Obs. 403

+ contém
++ contém bastante
+++ contém muita.

Ração alimentar no Hospital em Rio Pardo

7 ½ horas

1	ovo cozido
25,0	salame
20,0	manteiga
250	cc. café com leite ¼ p. ¾
25,0	açúcar
75,0	pão mixto
—	mel ou doce

10 horas

250	cc. de caldo de cereais (canjica, trigo, avela)

11 ½ horas

arroz
feijão preto
carne de rês (bife, assada, cozida)
galinha ou peixe
verduras (abóbora, couve, repolho, mostarda)
batata inglesa ou doce
tomate ou cebola em salada
sobremesa — frutas ou doce de frutas

15 horas

Chá de mate com leite, pão e manteiga

18 ½ horas

Sopa (de verduras, massa ou farinha)
Arroz
Feijão preto
Carne
Mandioca ou batata inglesa
Verduras
Sobremesa
Cafezinho ou chá.

III — QUADROS COMPARATIVOS DOS PRINCÍPIOS NUTRITIVOS

Lipídeos ou gorduras

Quadro comparativo parcial:

Marinheiros	159
Soldados Exército	100
Presidiários	64
Asilados	52
Carro Restaurante	40

Glacídeos ou Hidratos de Carbono

Quadro comparativo parcial:

Soldados Exército	683
Marinheiros	643
Presidiários	566
Carro Restaurante	314
Asilados	232

Protídeos ou albuminoides

Quadro comparativo parcial:

Soldados Exército	304
Marinheiros	247
Presidiários	224
Carro Restaurante	158
Asilados	61

Calorias

Quadro comparativo parcial:

Marinheiros	4.863
Soldados Exército	4.859
Presidiários	3.479
Carro Restaurante	2.327
Asilados	1.600

Quadro comparativo dos princípios nutritivos nas observações dêste trabalho

	Protídeos	Lipídeos	Glicídeos	Calorias
Carro restaurante.	158	40	314	2.327
Marinheiros	247	153	643	4.863
Presidiários	224	64	566	3.479
Soldados Exército.	304	90,5	683	4.859
Asilados	61	52	232	1.600

REFEIÇÃO DA			
Farinha de mandioca	Farinha de milho	Massas	Arroz polido
+			+
			+1
+			+
			+
			+
		+	+
+			+
+			+
	.+.		+
+			+
+			+

+ usa bastante +. usa pouco —. não [illegible]

IV — Algumas obs

Número de ordem	Idade	Profissão	Raça	Salário Diário	Salário Mensal	Horário de trabalho	Estado civil	Pessoas	Mulher: Serviços caseiros	Mulher: Serviço externos	Filhos: Número	Filhos: Maiores de 10 anos	Filhos: Menores de 10 anos	Filhos: Serviços domésticos	Filhos: Serviços externos	Filhos: Salário Diário	Filhos: Salário Mensal	Filhas: Número	Filhas: Maiores de 10 anos	Filhas: Menores de 10 anos	Filhas: Serviços domésticos	Filhas: Serviços externos	Filhas: Salário Diário	Filhas: Salário Mensal	Residência: Alvenaria	Residência: Madeira
[illegible]	[illegible]	Jornaleiro	preto	6$[illegible]		6 [illegible] 8 1/2, 12 13 1/2 - 19 1/2	casado	9	+	—	4	1	3	—	3	5$, [illegible] 2$500		3	1	2	1	—	—	—	—	—
[illegible]	[illegible]	Quitandeiro	branco	10$ a 15$		não tem	casado	9	+	—	3	—	3		—		—	1	—	1	—	—	—	—		+
[illegible]	[illegible]	Pequeno proprietário	branco	—		não tem	casado	6	+	—	2	—	2	2	—	—	—	2	—	2	—	—	—	—		+
[illegible]	[illegible]	Pequeno proprietário	mixta		—	não tem	casado	[illegible]	+	—	1	—	1		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+
[illegible]	[illegible]	Jornaleiro lavrador	mixta	2$[illegible]	—	6 - 8 h; 8 1/2, 12 13 1/2 - 19 1/2	casado	[illegible]	+	—	1	1			+		+	3	3	—	2	1		+	—	—
		Fazendeiro	branca			não tem	viúva	8	+	—	1	1			+			—	—	—	—		—	—	—	—
		Fazendeira	branca	—	—	não tem	viúva	13	+	—	1	1	—		+			—	—	—	—		—	—	—	—
[illegible]	[illegible]	Jornaleiro lavrador	mixta	6$500	—	6 - 9 h, 9 1/2 - 12; 13 1/2 - 19	casado	7	+	—	3	2	1	1	1	[illegible]$000	—	2	1	1	1	1	3$500	—	—	—
[illegible]	[illegible]	Jornaleiro lavrador	branco	7$ e 6$	—	6 - 8 h, 8 1/2 - 12; 13 1/2 - 19	casado	8	+	—	3	2	1	1	2	6[illegible]0 e 2$500		3	2	1	3	—	—	—		—
[illegible]	[illegible]	Pequeno agricultor	mixta	—	—	não tem	casado	9	+	—	3	—	3	—	—			2	1	1	1		—	—		—
[illegible]	[illegible]	Pequeno agricultor	mixta		—	não tem	casado	6	+	—	1	1	—	+	1			2	2				—	—	—	
[illegible]	[illegible]	Sem profissão	branca	—	—	não tem fixo	casado	9	+	—	4	3	1	—	3	2$, 1$8, 1$500	—	3	1	2	3		—	—	—	—
[illegible]	[illegible]	Peão de Fazenda	branca	—	30$000	não tem fixo	casado	6	+	—	4	1	3	—	—	—	—	—	—	—	—		—	—	—	—
[illegible]	[illegible]	Pequeno agricultor	branca		—	não tem	casado	5	+	—	3	3	—	—	3	6$ a 5$000	150$000	—	—	—	—	—	—	—	—	—
[illegible]	40	Pequeno agricultor	branca	—	—	não tem	casado	9	+	—	7	4	3	1	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
[illegible]	16	Pequeno agricultor	branca			6 - 8 h; 8 1/2 - 12; 13 1/2 - 19	casado	6	+	—	2	2			2	6$000	10$000	1	1	—	1	—	—			+
[illegible]	[illegible]	Pequeno agricultor	branca	—	—	não tem	casado	8	+	—	3	3	2	1	2	+		1	1	—	1	—	—	—	+	—
[illegible]	[illegible]	Pequeno agricultor	branca	—	—	não tem	casado	4	+	—	1	1	—	—	1	—	—	1	1	—	1	—	—	—	—	—
[illegible]	[illegible]	Pequeno agricultor	branca	—	—	não tem	casado	8	+	—	3	3	—	—	3			—	—	—			—	—	+	—
[illegible]	13	Pequeno fazendeiro	branca	—	—	não tem	casado	12	+	—	6	2	4	1	1	—		4	2	2	2	—	—	—	+	—
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	—	—	10 h - 16 h	casado	2	+	—	—	—	—	—	—			—	—	—	—	—	—	—	+	—
[illegible]	[illegible]	Fazendeiro	[illegible]	—	—	não tem	casado	4	+	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—
[illegible]	[illegible]	Fazendeiro	[illegible]	—	—	não tem	viúva	16	+	—	8	8			8	6$ a 7$000	—	1	1	—	1	—	—	—	+	—
[illegible]	[illegible]	Militar e fazendeiro	[illegible]	—	3.000$000	não tem	casado	4	+	—	1	1		—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	+	—
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]		—	10 h - 16 h	casado	10	—	+	1	1	—	—	1	—	450$000	—	—	—		—	—	—	+	—
[illegible]	7	Agricultor	branca	—	—	não tem	casado	8	+	—	6	2	4	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—
[illegible]	[illegible]	[illegible]	mixta	—	—	não tem	casado	11	+	—	1	3	1	—	—	—	—	5	2	3	—	—	—	—	+	—
[illegible]	[illegible]	Ferroviário	mixta	—	300$000	8 - 12 h; 13 1/2 - 17 1/2	casado	2	+	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+
[illegible]	[illegible]	[illegible] agricultor	branca	7$000	—	6 - 8 h, 8 1/2 - 12; 13 1/2 - 19	casado	7	+	—	2	1	1	2	—	—	—	3	—	3	1	—	—	—	—	—
[illegible]	[illegible]	[illegible]	mixta	—	200$000	não tem fixo	casado	2	+	—	—	—		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+
[illegible]	[illegible]	[illegible]	branca	—	—	não tem	casado	14	+	—	8	6	4	3	3	—	—	4	1	3	1	—	—	—	+	—
	—		branca	—	—	—	viúva	6	—		1	3	—	—	3	7$000, 5$500	—	1	—	1	1	—	—	—	—	—
		[illegible] proprietário	branca	—	—	não tem	casado	4	+		—		—	—	—	—	—	2	—	+	—	—	—	—	—	—
[illegible]	[illegible]	Fazendeiro lavrador	branca		—	não tem	casado	1			1	1	—	—	—	—		1	1	—	—	—	—	—	+	—
[illegible]	[illegible]	[illegible] inglês	branca	—	—	7 - 24 h c/pouco repouso	casado	—				—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
[illegible]	17	Pequeno proprietário	branca	—	—	não tem	casado	8			1		1	—	—	—		3	3	—	3	—	—	—	+	—
		Hospital Cidade	—		—	—	—				—	—	—	—		—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	—
[illegible]	[illegible]	Carreteiro	branca		—	não tem	casado	5	+	—	3	—	3	—	—	—		—	—	—	—	—	—	—	+	—
[illegible]	23	Auxiliar maquina	branca	—	300$000	6 - 8 h; 8 1/2 - 12, 13 1/2 - 17	casado	9	+	—	4	2	2	2	2	6$-6$000	—	3	3	—	3	—	—	—	—	—
[illegible]	—	Operário da turma provisória de substituição de trilhos da 4ª Divisão da V F R G do S[illegible] em número de 75	—	8$000	—	8 horas		—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+

[illegible] tale u a

[illegible] mente [illegible]

[illegible] pouco nas

[illegible] (1)

[illegible] farinha de

Toma leite (1)

57 Só assistimos ac

43 Leite cozido à m

62 Após almoço 1

ervações sôbre alimentação no Municipio de Rio Pardo —

DADOS DE FAMILIA

CULTIVA

| | | | VACA | | | | REFEIÇÃO DA MANHÃ | | | |

Rio Grande do Sul

| REFEIÇÃO DA TARDE | | |

V — PERCENTAGEM DE CONSUMIDORES, SEGUNDO OS ALIMENTOS E AS REFEIÇÕES

Do meio-dia e da noite

Carne de vaca	m.	+ 32,5 % +. 27,5 % .+. 10 %	Ovos	m.	+ 7,5 % +. 0 .+. 5 %	Arroz polido	m.	+ 95 % +. 0 .+. 0	Milho	m.	+ 0 +. 0 .+. 0
	n.	+ 27,5 % +. 5 % .+. 2,5 %		n.	+ 5 % +. 0 .+. 5 %		n.	+ 90 % +. 0 .+. 0		n.	+ 2,5 % +. 0 .+. 0
Carne de porco	m.	+ 7,5 % +. 5 % .+. 2,5 %	Banha	m.	+ 95 % +. 0 .+. 0	Feijão preto	m.	+ 95 % +. 0 .+. 0	Batata inglesa	m.	+ 35 % +. 5 % .+. 0
	n.	+ 5 % +. 0 .+. 2,5 %		n.	+ 90 % +. 0 .+. 0		n.	+ 90 % +. 0 .+. 0		n.	+ 25 % +. 0 .+. 0
Carne de aves	m.	+ 7,5 % +. 5 % .+. 12,5 %	Farinha de trigo	m.	+ 0 +. 0 .+. 0	Verduras	m.	+ 5 % +. 0 .+. 0	Batata doce	m.	+ 40 % +. 0 .+. 5 %
	n.	+ 12,5 % +. 7,5 % .+. 12,5 %		n.	+ 0 +. 0 .+. 0		n.	+ 10 % +. 0 .+. 2,5 %		n.	+ 25 % +. 0 .+. 0
Carne de peixe	m.	+ 2,5 % +. 0 .+. 7,5 %	Farinha de mandioca	m.	+ 20 % +. 0 .+. 0	Abóbora	m.	+ 10 % +. 0 .+. 0	Mandioca	m.	+ 57 5 % +. 0 .+. 2,5 %
	n.	+ 0 +. 0 .+. 0		n.	+ 30 % +. 0 +. 0		n.	+ 17,5 % +. 0 .+. 0		n.	+ 55 % +. 0 .+. 0
Carne sêca	m.	+ 2,5 % +. 0 .+. 2,5 %	Farinha de milho	m.	+ 7,5 % +. 0 .+. 0	Tomate	m.	+ 2,5 % +. 0 .+. 0	Frutas	m.	+ 30 % +. 0 .+. 0
	n.	+ 2,5 % +. 0 .+. 0		n.	+ 7,5 % +. 0 .+. 2,5 %		n.	+ 2,5 % +. 0 .+. 2,5 %		n.	+ 10 % +. 0 .+. 0
Carne em frios	m.	+ 2,5 % +. 0 .+. 0	Massas	m.	+ 0 +. 0 .+. 0	Cebola	m.	+ 5 % +. 0 .+. 0	Sobremesa (doces)	m.	+ 15 % +. 0 .+. 0
	n.	+ 5 % +. 0 .+. 2,5 %		n.	+ 20 % +. 0 .+. 5 %		n.	+ 15 % +. 0 .+. 2,5 %		n.	+ 17,5 % +. 0 .+. 0

CONVENÇÃO

+ usa bastante +. usa pouco .+. usa raramente

Da manhã e da tarde

Leite	m.	+ 70 %	Doces	m.	+ 10 %	Café	m.	+ 80 %	Mel	m.	+ 12,5
		.+. 2,5 %			+. 0			+. 0			+. 0
		.+. 0			.+. 0			.+. 0			.+. 0
	t.	+. 40 %		t.	+ 5 %		t.	+ 50 %		t.	+ 10
		.+. 2,5 %			+. 0			+. 0			+. 0
		.+. 0			.+. 2,5 %			.+. 0			.+. 0
Açúcar	m.	+ 87,5 %	Mate-chimarrão	m.	+ 30 %	Pão misto	m.	+ 75 %	Bolos fritos	m.	+ 15
		+. 0			+. 0			+. 0			+. 0
		.+. 0			.+. 0			.+. 2,5 %			.+. 0
	t.	+ 52,5 %		t.	+ 25 %		t.	+ 55 %		t.	+ 10
		+. 0			+. 0			+. 0			+. 0
		.+. 0			.+. 0			.+. 0			.+. 0
Manteiga	m.	+ 25 %	Frios	m.	+ 5 %	Queijo	m.	+ 12,5 %	Batata doce	m.	+ 0
		+. 0			+. 0			+. 0			+. 0
		.+. 0			.+. 0			.+. 0			.+. 0
	t.	+ 15 %		t.	+ 0		t.	+ 2,5 %		t.	+ 2,5
		+. 0			+. 0			+. 0			+. 0
		.+. 0			.+. 0			.+. 5 %			.+. 0

CONVENÇÃO

+ usa bastante +. usa pouco .+. usa raramente

A

Percentagem de consumidores em relação aos alimentos mais usados

Arroz, média de	92,5 %	1.º
Feijão, média de	92,5 %	2.º
Banha, média de	92,5 %	3.º
Açúcar, média de	69,5 %	4.º
Mandioca, média de	56,2 %	5.º
Café, média de	55 %	6.º
Pão mixto, média de	55 %	7.º
Leite, média de	55 %	8.º
Batata doce, média de	32,5 %	9.º
Batata inglesa, média de	30 %	10.º
Carne, média de	29,5 %	11.º
Mate-chimarrão, média de	25,5 %	12.º
Farinha de mandioca, média de	25 %	13.º
Frutas, média de	20 %	14.º
Manteiga, média de	20 %	15.º

VI — DADOS ECONÔMICOS

Comparação econômica

Número nas Observações	Número de pessoas	Número dos que trabalham	Total dos ganhos diários	*Para a alimentação de cada pessoa*	
				Importância	Número de refeições
5	9	4	16$500	1$800	Tôdas as refeições
9	6	1	de 10$ a 15$	2$500	„ „ „
33	3	1	7$000	2$400	„ „ „
41	7	3	12$500	1$800	„ „ „
43	8	3	15$500	1$900	„ „ „
156	7	1	7$000	1$000	„ „ „
172	5	3	17$000	3$400	„ „ „
323	—	—	—	5$000	„ „ „
300	—	—	—	3$000	Cada refeição
340	—	—	de 8$ a 10$	3$100	Tôdas as refeições
371	—	—	—	4$000	„ „ „
401	—	—	—	3$100	„ „ „
498	—	—	—	13$500	„ „ „
500	—	—	—	10$000	„ „ „

Salários nas Emprêsas Risícolas

Diária para adultos	6$000 a 8$000
„ „ mulheres	3$500 a 5$000
„ „ crianças	2$500
„ „ operários de	8$000 a 14$000

Preços correntes dos gêneros alimentícios

GÊNEROS E QUANTIDADES	Comêço de 1941	Fins de 1941
Arroz, Kg.	1$200	1$800
Açucar, Kg.	1$800	1$900
Abóbora	—	—
Aveia, pacote	2$800	3$200
Banha, Kg.	3$600	4$800
Batata inglesa, Kg.	$800	1$500
Batata doce, saco	7$500	7$500
Bananas, cento	2$500	2$500
Café moído, Kg.	4$200	5$800
Cebola, Kg.	3$200	5$000
Carne de gado, Kg.	1$800	2$000
Carne sêca, Kg.	3$200	4$000
Carne de porco, Kg.	3$200	4$000
Couve, pé	$100	$100
Feijão preto, Kg.	1$000	1$000
Farinha de trigo, Kg.	1$500	1$600
Farinha de mandioca, Kg.	$500	$600
Farinha de milho, Kg.	$700	$800
Galinha, uma	5$000	6$000
Leite, litro	$800	$800
Massa, Kg.	2$600	2$600
Manteiga, Kg.	8$000	12$000
Milho — canjica, Kg.	1$400	1$400
Mandioca, saco	7$000	2$000
Laranja, %	3$000	3$000
Peixe fresco, Kg.	2$000	2$500
Pão mixto, Kg.	2$800	3$000
Ovos, Dz.	3$000	1$800
Uvas, Kg.	2$000	—
Queijo comum, Kg.	3$000	10$000
Pêras, uma	1$200	1$500
Maçãs, uma	1$300	1$200
Alho, Kg.	6$000	16$000
Erva-mate	—	—

Quadro comparativo

52,5 % cultivam horta
35 % cultivam árvores frutíferas
60 % criam aves
27,5 % criam vacas para fornecer leite
47,5 % têm casa de alvenaria
17,5 % têm casa de madeira
30 % têm casa de sapé

VII — ESTATÍSTICA BIOLÓGICA

Percentagens das Cáries de dentes

COM NUMEROSAS	54,40 %
DE 5 PARA BAIXO	27,00 %
AUSÊNCIA	13,60 %

Dados sôbre sorteados

	Pêso
Com 55 Kms. em média	44,44 %
Com 60 Kms. em média	33,33 %
Com 50 Kms. em média	11,11 %
De 70 Kms. para cima	5,55 %

	Altura
De 1 mt. 66 a 1 mt. 70	50,00 %
De 1 mt. 71 a 1 mt. 75	22,22 %
Até 1 mt. 65	17,44 %
De mais de 1 mt.75	11,11 %

	Diâmetros Toráci-cos Expiratórios
De 81 a 85 centímetros	50,00 %
Até 75 centímetros	17,44 %
De 76 a 80 centímetros	17,44 %
De mais de 86 centímetros	17,44 %

Clínica privada em Rio Pardo

MOVIMENTO DE CONSULTÓRIO, SEGUNDO AS DOENÇAS

Aparelho digestivo	27,6 %
Aparelho respiratório	13,9 %
Aparelho genital	11,9 %
Doenças da pele e anexos	11,1 %
Aparelho circulatório	7,4 %
Sistema nervoso	5,0 %
Doenças infecciosas	4,9 %
Aparelho urinário	4,9 %
Sífilis	4,3 %
Acidentes	2,6 %
Verminose	2,4 %
Doenças das articulações	1,5 %
Intoxicações	0,6 %
Tumores malignos	0,5 %
órgãos dos sentidos	0,7 %
Tuberculose	0,5 %
Diabetes	0,5 %
Doenças de glândulas internas	0,2 %

Hospital dos Passos de Rio Pardo

MOVIMENTO DE DOENTES DE 1930 A 1940

3.436

Aparelho digestivo	16,3 %
Aparelho genital	16,2 %
Aparelho respiratório	14 %
Acidentes	11,7 %
Sífilis	11,1 %
Doenças da pele e anexos	9,2 %
Aparelho circulatório	5,7 %
Sistema Nervoso	3,5 %
Doenças das articulações	2,3 %
Aparelho urinário	2,3 %
Infecções não especificadas	2,4 %
Tuberculose	1,4 %
Tumores malignos	1,2 %
Verminose	1,5 %
Intoxicações	0,6 %
Doenças das glândulas internas	0,09 %
Diabetes	0,08 %

1940

Obituário de Rio Pardo

SEGUNDO OS BOLETINS DO D. E. S.

Aparelho digestivo	18,6 %
Aparelho respiratório	16,6 %
Tuberculose	16,6 %
Acidentes	14,7 %
Aparelho circulatório	10,7 %
Doenças infecciosas	7,8 %
Sífilis	4,9 %
Tumores malignos	3,9 %
Aparelho urinário	2,9 %
Aparelho genital	1,9 %
Sistema nervoso	0,9 %

Anos	População	Óbitos gerais	Óbitos por tuberculose	Coeficiente por 100.000 habitantes	Coeficiente por 1.000 óbitos gerais
Do Estado do Rio Grande do Sul					
1918	1.985.500	30.219	2.597	130,8	85,9
1919	2.005.870	23.068	2.174	108,3	94,2
1920	2.046.480	23.459	2.193	107,1	93,3
1921	2.097.500	23.477	2.257	107,6	96,1
1922	2.149.060	22.499	2.255	104,9	100,2
1923	2.182.410	25.551	2.256	103,3	88,2
1924	2.226.688	25.429	2.438	109,0	95,8
1925	2.287.940	26.648	2.273	99,3	85,2
1926	2.358.000	23.344	2.488	105,5	106,5
1927	2.612.500	25.970	2.358	90,2	90,7
Da cidade de Pôrto Alegre, capital do Estado					
1918	163.500	5.087	724	442	142,3
1919	165.000	3.091	641	396	213,8
1920	168.500	3.864	658	395	172,9
1921	172.000	3.515	643	373	182,9
1922	176.500	3.580	667	377	186,3
1923	180.750	4.124	708	391,6	171,7
1924	190.450	4.269	769	403,8	180,1
1925	200.100	4.080	767	383,3	187,9
1926	210.000	4.250	816	388,5	192,0
1927	247.960	4.501	827	333,8	183,7

(Segundo o Boletim de Bio-Estatística do D. E. S. P. do Estado)

Da cidade de Rio Pardo					
1918	4.500	143	12	250	83,9
1919	4.500	107	9	200	84,1
1920	4.500	74	6	130	81,0
1921	4.650	61	7	150	114,7
1922	4.650	50	5	110	100,0
1923	4.800	51	7	150	137,0
1924	4.800	80	5	110	62,5
1925	4.950	98	7	150	71,3
1926	5.000	67	2	50	32,2
1927	5.000	100	15	330	150,0

VIII — *Inquérito sôbre a média dos regimes alimentares no Rio Grande do Sul.*

1.ª

ZONA COLONIAL

1 — ALFREDO CHAVES

Pela manhã: Café com leite, pão ou polenta, salame ou queijo, manteiga ou marmelada.
Almôço: Sopas (de verdura ou massa); carne, especialmente de porco; polenta, arroz e vinho.
Das 15 às 16 horas: Merenda: pão com mel e, às vezes, café.
Janta: Carne pouca, polenta, verduras, arroz e vinho.

2 — ANTÔNIO PRADO

Pela manhã: Salame, queijo, polenta, raramente pão, vinho; café, às vezes, e de qualidade inferior.
Almôço: Sopas (de feijão, massas e verduras), polenta, carne poucas vezes, aipim, ovos, hortaliças e vinho.
Das 15 às 16 horas: Uma fatia de pão com salame ou mel; ou batata doce e vinho.
Janta: Semelhante ao almôço.

Observação: A batata inglesa é pouco cultivada e a carne de gado, pelo seu alto preço, usada raramente.

3 — BENTO GONÇALVES

Pela manhã: Classe média: Café, leite, pão, manteiga.
Classe rural: Pão ou polenta, salame, ovos, queijo, vinho.
Almôço: Classe média: Carne, saladas, massas, queijo, vinho.
Classe rural: Sopa de massa, polenta, carne de porco ou de galinha, salada, queijo, macarrão e vinho.
Das 15 às 16 horas: Classe média: cafézinho.
Classe rural: Polenta, salame, queijo, vinho.
Janta: As mesmas iguarias do almôço.

Observação: Esta alimentação é fundamental na zona denominada italiana. Entre a reduzida população genuinamente brasileira a refeição se reduz a: carne verde, arroz, feijão, batata, legumes.

4 — CANDELÁRIA

Pela manhã: Café, leite, pão, manteiga, mel, "schmier".
Almôço: Sopas, arroz, feijão, carne de gado, batata, aipim, legumes.
Das 15 às 16 horas: Não é hábito esta refeição.
Janta: Café com leite, pão, manteiga, reforçados pela sobra do almôço.

5 — CAXIAS

Pela manhã: Salame, queijo, polenta e vinho.
Almôço: Sopas (de legumes ou cereais), carne de porco sob formas diversas, polenta, massas, saladas (de radice ou alface), queijo e vinho.
Das 15 às 16 horas: Raramente usam merenda.
Janta: Semelhante ao almôço, acrescida de ovos e verduras.

Observação: Raramente usam carne de gado. Entre a população da cidade são usados o café e o leite.

6 — ENCANTADO

Pela manhã: Chimarrão, café, polenta e presunto.
Almôço: Arroz, feijão, polenta, macarrão, carne, radice, queijo, laranja, vinho.
Das 15 às 16 horas: Chimarrão.
Janta: A comida do almôço.

7 — FARROUPILHA

De manhã: Classe média: Café com leite, pão, manteiga ou marmelada.
Zona rural: Polenta, salame, queijo e vinho.
Almôço: Classe média: Sopa de legumes, arroz, massa, carne de porco sob diversas formas, batatas, saladas, frutas.
Zona rural: Sopa de legumes, salame, polenta, queijo, saladas, vinho.
Das 15 às 16 horas: Geralmente não usam refeição.
Jantar: Classe média: Sopas, carne, arroz, legumes, vinho.
Zona rural: Sopa, "Minestrão", reforçada.

Observação: Na zona rural há dias de excepcional fartura; atualmente, a vontade de vender todos os produtos impõe diminuição nos alimentos: galinha já não é prato costumeiro; o pão tende a desaparecer das refeições; o vinho já não se recomenda pela qualidade, lamentavelmente.

8 — FLORES DA CUNHA

De manhã: Café feito de misturas, banana, marmelada ou polenta.
Almôço: Sopas (de feijão, ervilha ou massas), carne de porco sob formas diversas, arroz, verduras (chicória, alface, couve) ovos, batatas, vinho.
Das 15 às 16 horas: Em geral não é usual esta refeição.
Janta: Sopa, arroz, às vezes ovos ou carnes, saladas, marmelada ou queijo, vinho.

9 — GUAPORE'

De manhã: Salame, polenta ou pão, vinho. Raramente café.
Almôço: Sopa (de feijão ou massa), carne de porco sob formas variadas, polenta, vinho.
Das 15 às 16 horas: Não é costume usar esta refeição.
Jantar: Carne, polenta, verdura, vinho.

Observação: A carne às vezes é de galinha.

10 — JAGUARÍ

De manhã: Café, pão ou polenta, queijo ou salame, leite.
Almôço: Feijão, arroz, carne, massas, sopa, ovos.
Das 15 às 16 horas: No verão: café com pão.
Janta: *Saladas* (radice ou alface),, polenta, carne, ovos, massa.

11 — MONTENEGRO

De manhã: Café, leite, pão de milho ou mixto, "Schmier" ou coalhada com "Schmier".
Almôço: Feijão, arroz ou massa, carne de porco (mais usada) ou de gado, legumes ou hortaliças. Frutas.
Das 15 às 16 horas: Raras vezes merenda.
Jantar: Semelhante ao almôço ou então sopa "Menestrão".

12 — PRATA

De manhã: Café, polenta ou pão, carne de porco ou ovos.
Almôço: Sopa de legumes, polenta, arroz, feijão, batata, carnes, especialmente de porco.
Das 15 às 16 horas: Raramente pão com mel.
Janta: Polenta, verduras, carne de porco, batata, pão.

13 — SANTA CRUZ

De manhã: Café com pão ("broto"), "Schmier" ou manteiga.
Almôço: Feijão, arroz, carne, em geral de porco, batata e verduras.
Das 15 às 16 horas: O mesmo alimento da manhã.
Janta: O mesmo alimento do almôço.

14 — SÃO PEDRO

De manhã: Café e pão.
Almôço: Feijão, arroz, carne de porco ou de gado, batata, mandioca, farinha de mandioca.
Das 15 às 16 horas: Café e pão.
Janta: Idêntico ao almôço.

15 — TAQUARA

De manhã: Café, leite, pão, manteiga.
Almôço: Feijão, arroz, carne, batata.
Das 15 às 16 horas: Café com farofa.
Janta: Mais ou menos como no almôço.

Observação: O uso do leite não é muito espalhado.

16 — TAQUARÍ

De manhã: Chimarrão, ou café simples, pão ou bolinho.
Almôço: Feijão com farinha, aipim, batata doce, ovos, às vezes.
Das 15 às 16 horas: Chimarrão.
Janta: Semelhante ao almôço.
Observação: Carne usada uma vez por semana.

17 — VENANCIO AIRES

De manhã: Chimarrão. Depois, Café, pão, melado, nata. Coalhada ou mel.
Almôço: *Carne,* especialmente de porco, feijão, arroz, batata, aipim, verdura (couve, alface, repôlho). Chimarrão.
Das 15 às 16 horas: Café com pão.
Janta: Geralmente o que sobra do almôço. Chimarrão.

Observação: O pão é geralmente de farinha de milho.

2.ª

LITORAL

1 — GUAÍBA

Pela manhã: Café puro ou com leite, pão de trigo e de milho. As classes pobres usam também nas devidas épocas batata doce ou aipim.

Almôço: Classe média: Carne, feijão, arroz, batata inglesa e batata doce.

Classe pobre: Feijão, arroz, canjica de milho, batata doce e aipim.

Das 15 às 16 horas: Café ou mate.

Janta: O mesmo usado no almôço.

2 — PELOTAS

De manhã: Café, pão, manteiga.

Almôço: Via de regra: feijão, arroz, batata, excepcionalmente carne.

Das 15 às 16 horas: Mate-amargo.

Janta: Sopa, feijão mexido, arroz, algumas vezes ovos ou linguiça.

3 — PÔRTO ALEGRE

De manhã: Café com leite, pão e manteiga.

Almôço: Feijão, arroz, batata, carne, cafezinho.

Das 15 às 16 horas: Cafezinho.

Janta: O mesmo que no almôço, de cujas sobras se compõe.

4 — RIO GRANDE

De manhã: Café e pão (mais ou menos 20 % pode adquirir leite e 10 % manteiga).

Almôço: Feijão e arroz. Farinha de mandioca. Carne (20 % pode acrescentar ao feijão: linguiça, xarque ou carne de porco).

Das 15 às 16 horas: Nada.

Janta: Repete o almôço.

Uma chícara de café simples e pão.

5 — SANTO ANTÔNIO

De manhã: Café (de batata ou cevada) polenta ou pão.
Almôço: Polenta, feijão, batata, verduras, carne de porco ou de galinha. Raramente carne de gado.
Das 15 às 16 horas: Nada.
Janta: Os mesmos alimentos relacionados para o almôço.

Observação: Entre os elementos de origem alemã é muito usado o chimarrão.

6 — SÃO JOÃO DO CAMAQUAM

De manhã: Café, leite, pão, manteiga.
Almôço: Feijão, arroz, carne, batata.
Das 15 às 16 horas: Café com pão.
Janta: Semelhante ao almôço.

Observação: O leite não é muito abundante.

7 — SÃO LOURENÇO

De manhã: Zona rural: café, leite, pão, manteiga, mel, linguiça.
Cidade (classe rica) café, leite, pão, manteiga.
(Cidade classe média) café, leite, pão.
Cidade (classe pobre) café e pão.
Almôço: Classe abastada: feijão, arroz, carne, verduras, ovos.
Classe média: feijão, arroz, carne.
Classe operária: feijão, arroz, farinha, carne de quando em vez.
Das 15 às 16 horas: Classe abastada: café, pão, manteiga.
Classe média: café e pão.
Classe operária: café simples.
Janta: Os mesmos alimentos do almôço.

Observação: Na Zona rural a alimentação é farta; na cidade é a estritamente necessária.

8 — TÔRRES

De manhã: Café com pão ou batata doce.
Almôço: Feijão, arroz, carne de peixe, farinha de mandioca, legumes.
Das 15 às 16 horas: Café.
Janta: Sopa (de arroz), feijão e carne de peixe.

9 — VIAMÃO

De manhã: café, pão, manteiga.
Almôço: Feijão, arroz, batata doce, aipim, verduras.
Das 15 às 16 horas: Café com pão.
Janta: Semelhante ao almôço.

Observação: A maioria da população pobre usa café sem leite.

3.ª

FRONTEIRA

1 — ALEGRETE

De manhã: Chimarrão. Depois café com bolacha.
Almôço: Feijão, carne de gado, arroz, batata doce.
Das 15 às 16 horas: Café simples ou chimarrão.
Janta: Feijão, arroz, carne, legumes.

2 — DOM PEDRITO

De manhã: Café, leite e pão.
Almôço: Feijão, arroz, carne, batata, verduras pouco usadas.
Das 15 às 16 horas: Café, pão ou bolacha. Frutas.
Janta: Sopa de massas, arroz, carne, batatas.

3 — ITAQUÍ

De manhã: Chimarrão, churrasco com farinha.
Almôço: Feijão, carne, arroz, mandioca.
Das 15 às 16 horas: Nada.
Janta: Como no almôço.

Observação: A comida principal é a carne.

4 — JAGUARÃO

De manhã: Chimarrão, café com bolacha.
Almôço: Feijão (prato forte), arroz, carne, batata.
Das 15 às 16 horas: Café com bolacha ou chimarrão.
Janta: Da mesma maneira que no almôço.

5 — LAVRAS

De manhã: Café simples, chimarrão, pão ou bolacha.
Almôço: Carne, feijão, arroz.
Das 15 às 16 horas: Como de manhã.
Janta: Como no almôço.

6 — LIVRAMENTO

De manhã: Café, leite, pão ou bolacha.
Almôço: Carne, feijão e arroz, são os principais. Canjica de milho e alguma verdura.
Das 15 às 16 horas: Apenas o chimarrão.
Janta: Semelhante ao almôço, mais sopa.

Observação: Poucos usam manteiga ou mel.

7 — PINHEIHO MACHADO

De manhã: Café, leite (no verão) pão.
Almôço: Feijão, arroz, carne (de carneiro) canjica de milho ou batata doce com leite.
Das 15 às 16 horas: Café e pão.
Janta: Repete-se quasi o almôço.

8 — QUARAÍ

De manhã: Churrasco e chimarrão.
Almôço: Feijão, carne, canjica, batata doce, abóbora ou mandioca.
Das 15 às 16 horas: Leite com farinha ou pão.
Janta: Sopa (de arroz ou massa) carne, batata.

9 — ROSÁRIO

De manhã: Café, pão, leite e manteiga, às vezes.
Almôço: Carne, feijão, arroz, verdura.
Das 15 às 16 horas: Café e pão.
Janta: Sopa, arroz, carne e verduras.

10 — SÃO BORJA

De manhã: Café, leite e pão.
Almôço: Carne, massas, cereais e leguminosas.
Das 15 às 16 horas: Café e pão.
Janta: Semelhante ao almôço.

11 — SÃO GABRIEL

De manhã: Zona rural: Chimarrão. Café, leite, bolacha.

Zona risícola: Café, bolacha ou batata doce.

Almôço: Zona rural: feijão preto, carne, arroz, farinha de mandioca, alternando, às vezes, com canjica de milho, abóbora, milho verde ou batata doce com leite.

Zona risícola: quasi a totalidade se alimenta de arroz com guisado de carne.

Das 15 às 16 horas: Nada.

Janta: Semelhante ao almôço e sopa.

Observação: Diária dos trabalhadores na lavoura de arroz: 6$000 a 7$000, de sol a sol, na safra sêca. Nos cortes: 7$000 a 8$000 por dia.

Ordenados nas fazendas: Com alimentação de 60$000 a 80$000 mensais.

12 — SÃO LUIZ GONZAGA

De manhã: Café com pão.

Almôço: Feijão, arroz, carne, mandioca, canjica.

Das 15 às 16 horas: Nada.

Janta: O mesmo que no almôço.

Observação: O leite é pouco usado, bem como as verduras.

13 — SANTA ROSA

De manhã: Café, pão (de farinha de milho ou mixto), mel, leite e manteiga, às vezes.

Mate ou café com farinha, é comum.

Almôço: Feijão (sagrado), pouca banha, carne de gado (uma vez por semana), assim também o arroz, farinha de mandioca, aipim, polenta. Verduras e ovos raríssimos. Sobremesa: laranja, melado, rapadura.

Das 15 às 16 horas: Chimarrão.

Janta: Repete o que sobra do almôço. Outros tomam café com polenta ou pão.

14 — SANTA VITÓRIA DO PALMAR

De manhã: Chimarrão, café, pão ou bolacha.
Almôço: Feijão, carne, (de gado ou de ovelha), arroz, canjica.
Das 15 às 16 horas: Café com pão.
Janta: O que sobra do almôço. Leite com batata doce ou abóbora.

Observação: O trabalhador rural é muito mal alimentado bem como a classe média. Agora começam a procurar nos legumes e frutas o alimento que lhes é necessário.

15 — URUGUAIANA

De manhã: Café, leite, pão.
Almôço: Carne, cereais, legumes.
Das 15 às 16 horas: Chá ou café, pão.
Janta: Carne, cereais e legumes.

4.ª

SERRA

1 — BOM JESÚS

De manhã: Café com misturas. Pão.
Almôço: Feijão, arroz, carne, batata.
Zona agrícola: Feijão, farinha de mandioca e xarque.
Das 15 às 16 horas: Nada.
Janta: Semelhante ao almôço.

Observação: Nas zonas agrícolas onde a maioria dos habitantes é pobre, o almôço é pouco variado, pois é quasi constituído de feijão com farinha e xarque; e às vezes batata doce ou inglesa.

2 — CRUZ ALTA

De manhã: Abastados: Café, leite, chocolate, pão, manteiga.
Classe média: Café e pão.
Classe pobre: mate.
Almôço: Abastados: Carne, feijão, arroz, batata, verduras, frutas, doces.
Classe pobre: Feijão, xarque, arroz, ou feijão mexido com arroz.
Das 15 às 16 horas: Frutas, mate ou café.
Janta: Semelhante ao almôço.

3 — ERECHIM

De manhã: Café, leite, pão, manteiga ou mel.
Almôço: Feijão preto (os outros são quasi desconhecidos) arroz, carne de porco ou de galinha, saladas verdes, massas.
Das 15 às 16 horas: Café, pão, para alguns.
Janta: Polenta, carne, café.

4 — GETÚLIO VARGAS

De manhã: Café, leite, pão, manteiga ou mel.
Almôço: Feijão, arroz, batata inglesa, massa, carne (verdura, mandioca e batata doce nas respectivas épocas).
Das 15 às 16 horas: Café, pão e mel.
Janta: O que sobra do almôço. Alguns usam simplesmente café com frios.

Observação: A variada população (brasileiros, italianos, alemães, russos, israelitas, suíços, etc.) impõe regime diferente.

5 — IRAÍ

Pela manhã: Mate, café, pão.
Almôço: Polenta, radice, feijão, pão, às vezes carne.
Das 15 às 16 horas: Nada.
Janta: Polenta, radice, feijão, às vezes carne.

6 — JOSE' BONIFÁCIO

De manhã: Café, leite, pão, salame, manteiga.
Almôço: Feijão, arroz, carne de porco, batata, mandioca, verduras. Frutas.
Das 15 às 16 horas: Café, pão, doces, frutas.
Janta: Como no almôço. Polenta.

Observação: Classes rurais. De preferência polenta, agrião, chicória e alface.

7 — PALMEIRA

De manhã: Café, leite, pão, manteiga ou mel.
Zona agrícola: Feijão, carne e ovos.
Almôço: Feijão, arroz, carne de porco, hortaliças, mandioca.
Na campanha: mais canjica com leite.
Das 15 às 16 horas: Café e pão.
Janta: Feijão, arroz, verduras, carne, ovos, mandioca.

Observação: São escassos as verduras e os ovos.

8 — SOLEDADE

De manhã: Café, bolos, queijo, pão, salame.
Almôço: Sopa, feijão, carne, arroz, verduras.
Das 15 às 16 horas: Semelhante ao da manhã.
Janta: O que restar do almôço. Café com pão e salame.

Observação: As verduras são raras.

9 — VACARIA

De manhã: Café, leite, pão e manteiga.
Almôço: Feijão, carne, arroz e legumes.
Das 15 às 16 horas: Café, pão e mel.
Janta: Sopa, batata, arroz e carne.

5.ª

CENTRO

1 — CACHOEIRA

De manhã: Chimarrão: Café, bolos fritos, leite, pão.
Café preto com farinha de milho.
Almôço: Zona de origem germânica: Carnes, ovos, feijão, sopas, batata, mandioca, leite, verduras. Coalhada. Cerveja. Frutas.
Zona de origem italiana: Salame, queijo, massas, batata, vinho.
Zona de origem nacional. Feijão, arroz, carne, ovos, verduras, Chimarrão.

Observação: Ovos, verduras, leite são escassos.
Das 15 às 16 horas: Café, pão, mel.
Janta: O que resta do almôço, mais canjica com leite, café com pão.

2 — CAÇAPAVA

De manhã: Café e pão.
Almôço: Feijão, arroz e carne (é a base). Verduras (escassas). Laranjas. Canjica.
Das 15 às 16 horas: Café, bolinhos ou pão. Chimarrão.
Janta: Sopas. Feijão, arroz, carne, batata, mandioca.

Observação: No verão sempre há um pouco de leite.

3 — CANGUSSÚ

De manhã: Mate. Café, leite, pão.
Almôço: Feijão, arroz, batata, carne, às vezes. Canjica de milho.
Das 15 às 16 horas: Café e pão.
Janta: Semelhante ao almôço.

4 — ENCRUZILHADA

De manhã: Café ou mate, leite e pão.
Almôço: Feijão, arroz, carne, verduras.
Das 15 às 16 horas: Mate, café e pão.
Janta: Repete o almôço, mais sopas.

Observação: O uso da carne se faz assim: O xarque é o mais consumido; nas fazendas a ovelha vem substituindo o gado; na zona colonial é o porco. O leite não é muito abundante, bem como as verduras.

5 — GENERAL CÂMARA

De manhã: Café ou mate doce com pão de milho ou polvilho.
Almôço: Feijão, arroz, xarque, batata doce, aipim.
Das 15 às 16 horas: Mate com pão.
Janta: Feijão, arroz, xarque, batata doce ou aipim, sopa.

6 — SÃO JERÔNIMO

De manhã: Café, pão ou bolacha.
Almôço: Feijão, carne, arroz, batata doce e mandioca.
Das 15 às 16 horas: Como pela manhã.
Jantar: A mesma alimentação do almôço.

Observação: O leite não é abundante.

7 — SANTIAGO DO BOQUEIRÃO

De manhã: Café, pão, chimarrão.
Almôço: Carne, arroz, feijão, batata, verduras, poucas vezes.
Das 15 às 16 horas: Café ou chimarrão, pão. (Quasi não é usada esta refeição).
Janta: Sopa e repetição do almôço.

Observação: No almôço como no jantar o alimento fundamental continua sendo a carne. E' raro o uso de verduras e escasso o leite, a-pesar-de ser município pastoril.

8 — SÃO SEPE'

De manhã: Café e pão (o leite é escasso).
Almôço: 50 % tem alimentação completa.
Os outros: Feijão, arroz e farinha de mandioca, (a carne é caríssima e as verduras escassas).
Das 15 às 16 horas: Raras as pessoas que tomam alimentos.
Janta: De acôrdo com o almôço.

9 — TRIUNFO

De manhã: Mate doce ou café com pão.
Almôço: Feijão com xarque, arroz, batata, aipim. Raramente carne fresca.
Das 15 às 16 horas: Chimarrão.
Janta: Repetição do que se come no almôço.

IX — REGIME DOS FLAGELADOS DA ENCHENTE DE 1941

PÔRTO ALEGRE

Secção da Escola de Engenharia

RAÇÃO

Pela manhã:	CAFÉ simples com açúcar	250 grs.
	PÃO mixto	110 grs.
12 horas :	SOPA — massa, pão torrado, caldo de osso com restos de carne	um prato fundo
	FEIJÃO preto	½ concha
	ARROZ	½ concha
	ENSOPADO DE CARNE COM BATATA (torpedo)	1 concha
	FARINHA de mandioca	20 grs.
À noite :	SOPA novamente	
	CAFÉ simples	
	PÃO mixto	

AÇÃO PREPARADA POR FLAGELADOS, NOS POSTOS DE SOCORROS, DURANTE A ENCHENTE, DIARIAMENTE

RIO PARDO

ALIMENTOS	Quantidade	Prot.	Lip.	Glic.	Calorias	Valor econômico	OBSERVAÇÕES
afé	10	1,5	—	1	7	0.005	A mulher = 0,85 do homem
rva-mate	a d l i b i t u m				—	0.003	A criança = 0,53 do homem
açúcar	50	—	—	48	194	0,60	Atendidos de 478 a 1.800 pes.
ão mixto	200	12.	0,25	120	580	400.	480 homens
rroz	140	11	—	110	504	140.	360 mulheres
eijão	200	45.	9.	100	645	280	960 crianças
arinha de mandioca	35	0,5	0,25	40	102	0.75	480 × 1.700 = 816$000
atata doce	a d l i b i t u m				—	100.	360 × 1.500 = 540$000
anha	50	—	48	—	454	200.	960 × 0.950 = 912$000
arne de rês	100	20	1,5	—	90	180.	
al	30	—	—	—	—	0.012	Gasto diário.. 2:268$000 nessa ocasião
		90	59.	419	2.566	1$302	1.700 para a ração homem 1.500 para a ração mulher
0 % p/quebras						$390	950 para a ração criança
Total		90	59.	419	2.566	1$692	

X — REGIMES USADOS EM HOTÉIS DE ZONAS COLONIAIS DO RIO GRANDE DO SUL

Regime usado em hotéis de colônias agrícolas no Rio Pardo (de origem alemã)

Manhã : CAFÉ com leite
QUEIJO "SCHMIER" (feito com coalhada, sal, cebola, e nata de leite batida)
PÃO de milho
MELADO
OVOS

9 horas : LINGUIÇA ou CARNE de porco sêca
CAFÉ com leite
PÃO de milho
OVOS

12 horas : FEIJÃO
ARROZ secado em casa
BATATA inglesa
ou BATATA DOCE
MANDIOCA
CARNE geralmente de porco
ABóBORA, chuchú, couve, nabo, repôlho, alface ou outra verdura
FRUTAS — laranja, figo, ameixa, uva ou outra qualquer, conforme a época;
Ou frutas sêcas, cozidas, misturadas com arroz com leite.

Às 15 horas : CAFÉ com leite, pão, manteiga ou melado

Ao escurecer: COMIDA deixada ao meio dia, requentada
CAFÉ com leite, pão, manteiga.

TE D

	1(

Café	9
Erva	
Bola	11(
Pão	1
Açúc	40
Arro	11(
Feij	150
Far	150
Ban	40
Xar	90
Car	11(
Sal	20

DIST

RAÇÃO INDIVIDUAL DIARIA DISTRIBUIDA EM GÊNEROS POR OCASIÃO DA GRANDE ENCHENTE DE MAIO DE 1941 NO MUNICIPIO DE RIO PARDO

ALIMENTOS	HOMENS 1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Café	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
			Adulto							
Erva-mate	150	300	450	600	750	900	1050	1200	1350	1500
Bolacha ou	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20
Pão	50	100	150	200	250	300	350	400	450	500
Açúcar	150	300	450	600	750	900	1050	1200	1350	1500
Arroz	200	400	600	800	1000	1200	1400	1600	1800	2000
Feijão Preto	200	400	600	800	1000	1200	1400	1600	1800	2000
Farinha de mandioca	50	100	150	200	250	300	350	400	450	500
Banha	50	100	150	200	250	300	350	400	450	500
Carne verde	150	300	450	600	750	900	1050	1200	1350	1500
Sal	30	60	90	120	150	180	210	240	270	300

ALIMENTOS	MULHERES 1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Café	10	20	25	30	40	50	60	70	80	90
				Adulto						
Erva-mate	110	220	330	440	550	660	770	880	990	1100
Bolacha ou	1 ½	3	4 ½	6	7 ½	9	10 ½	12	13 ½	15
Pão	40	80	120	160	200	240	280	320	360	400
Açúcar	110	220	330	440	550	660	770	880	990	1100
Arroz	150	300	450	600	750	900	1050	1200	1350	1500
Feijão Preto	150	300	450	600	750	900	1050	1200	1350	1500
Farinha de mandioca	40	80	120	160	200	240	280	320	360	400
Banha	100	200	250	300	450	500	600	700	800	900
Carne verde	110	220	330	440	550	660	770	880	990	1100
Sal	20	40	60	80	100	120	140	160	180	200

ALIMENTOS	CRIANÇAS 1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Café	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50
				Adulto						
Erva-mate	75	150	225	300	375	450	525	600	675	750
Bolacha ou	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pão	25	50	75	100	125	150	175	200	225	250
Açúcar	75	150	225	300	375	450	525	600	675	750
Arroz	100	200	300	400	500	600	700	800	900	1000
Feijão Preto	100	200	300	400	500	600	700	800	900	1000
Farinha de mandioca	25	50	75	100	125	150	175	200	225	250
Banha	50	100	150	200	250	300	350	400	450	500
Carne verde	75	150	220	300	375	450	525	600	675	750
Sal	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100

VALOR	Econômico	Calorias
Café	$005	7
Erva-mate	$003	20
Bolacha	$420	—
Pão	ou $400	426
Açúcar	$060	195
Carne com osso	$150	536
Arroz	$140	644
Feijão	$080	682
Banha	$200	435
Farinha de mandioca	—	—
Sal	$270	145
	$012	—
	1$740	3 100

PREÇOS CORRENTES HOJE.		
Café	Kg	4$200
Erva-mate	Kg.	$240
Bolacha	Kg	1$800
Pão	Kg.	2$800
Açucar	Kg.	1$200
Carne com osso	Kg.	1$800
Arroz	Kg.	1$000
Feijão	Kg.	$700
Banha	Kg	4$000
Farinha de mandioca	Kg.	$400
Sal	Kg	$390

O equivalente da carne pode ser fornecido em feijão.

Foi de 30 % a quebra nos gêneros.

ATENDIDAS DIARIAMENTE NOS DIAS NO POSTO DE DISTRIBUIÇÃO:

Uma moenda (canêca) 300 0 de arroz
250 0 de feijão
350 0 de banha
300 0 de açúcar
250 0 de farinha de mandioca
450 0 de sal
100 0 de café
170 0 = 10 bolachas

364 famílias compostas por

449 homens
607 mulheres
1 704 crianças
— —
2 760

1 0	= Homem	1$750
0 85	= Mulher	1$500
0 53	= Criança	$950
		4$200

édia de Regime alimentar, em hotéis de zonas da colônia italiana, no nosso Estado

LIMENTAÇÃO DA MANHÃ	10 HORAS	ALMÔÇO	15 ½	JANTAR
Frutas Café com leite Presunto Mortadela Queijo Manteiga Doces *do*: puro mixto centeio	Frutas	Sopa (massa legumes) Massas (macarrão e talharim) Galinha Carne de gado Ovos Arroz Batata inglesa Milho cozido Saladas (tomate e cebola) *Verduras*: Nabo Repôlho Couve Cenoura Radice Frutas	Leite Biscoitos Chá Café	Frios Sopas Massas Carne de gado Galinha Carne de porco Batata inglesa Verduras Legumes Arroz Ovos

XI — *MÉDIA DE REGIME ALIMENTAR MAIS COMUM EM DIVERSOS PAÍSES ENROPEUS*

NA ALEMANHA DO NORTE

De manhã: 6 ou 7 horas: Café ou leite, pão com manteiga ou bolachas ou chocolate.

Às 9 horas: Presunto ou linguiça, queijo, ovos; ou batatas fritas com compotas de frutas sêcas, bolinhos de farinha de trigo fritos em toucinho ou manteiga. Tomate com pão. Aveia com leite e frutas. Coalhada com batata inglesa. Pão de centeio.

Às 12 horas: Refeição principal: Sopa de carne (de porco, principalmente, ovelha ou galinha) com legumes e leguminosas (cenoura, repôlho, couve, feijão branco, ervilha) massas, toucinho. Verduras — bastante — (nabo, beterraba, abóbora, aspargo, espinafre, pepino, cebola). Batata inglesa em abundância e diversas formas. Salchichas ou peixe. Pão de farinha de trigo. Frutas em abundância. Maçãs, pêras, cerejas, ameixas, pêssegos.

Às 16 horas: Chocolate, chá com pão, manteiga ou marmelada. Bolos doces ou frutas. Radice cortada, sal. Pão centeio e cerveja.

Às 19 horas: Sopa de leite, batatas fritas em manteiga ou toucinho, ovos, compotas de frutas sêcas, saladas com vinagre, pimenta e nata de leite. Pão, manteiga, chá da Índia ou chocolate.

EM PORTUGAL

De manhã: Sopa de couve com pão (de trigo), ou de toucinho com pão. Vinho ou leite com pão.

Às 12 horas: Sopa (engrossada e mais verduras, toucinho e pão. Bacalhau com batata — muita — e verduras. Sardinhas assadas ou fritas. Pescada com batatas. Carne, mais de ovelha. Toucinho ou óleo de olivas. Pão de farinha de milho com farinha de trigo. Cebola e alho; verduras abundantes, salientando-se o tomate. Frutas, abundantes, — pêras, maçãs, uvas, figos, cerejas, avelãs, nozes, castanhas.

À noite: Sopas de feijão branco, com verduras, grão de bico, toucinho, ovos, carne de ovelha, Carne de porco, em formas diversas. Pão. Saladas com muita batata inglesa e cebola. Frutas, vinho, peixe.

NA ESPANHA

De manhã: Sopa (engrossada com farinha e pão) ou chouriço, toucinho e pão (de trigo) ou chocolate (feito com água) e pão.

Ao meio-dia: Puchero: Grão de bico ou feijão branco, chouriço, batata inglesa (muita), couve, repôlho, ou cenoura, cebola, alho, fava ou ervilha em sopa ou de outra forma, ovos, verduras com muito tomate, pão em abundância. Frutas abundantes: pêras, maçãs, figos, ameixas, castanhas, nozes, avelás silvestres.

À noite: Sopas com verduras, farinhas e grão de bico. Peixes, muita sardinha, olivas ou óleo de olivas. Conservas de carne de porco, toucinho, pão, frutas.

NA POLÔNIA-ALEMÃ

Manhã: (Café só para ricos e doentes), leite com pão de centeio (integral) ou de trigo ou sopa de batata inglesa, feijão miúdo ou canjica de milho, leite, pão, farinha de milho ou de trigo ou coalhada com batata inglesa e nata de leite. Pão.

Meio-dia: Sopa de leguminosas (feijão, ervilha, lentilha) com verduras (repôlho em conserva, nabo, couve-flor). Batata inglesa cozida, ralada com ou sem casca, sem gordura, e assada em forma de bolinhos, na chapa; ralada e misturada com leite ou coalhada ou queijo ralado, farinha de milho ou de trigo, cozida e comida com pão; assada com casca no borralho; cortada em finas fatias e assadas na chapa, tudo com sal. Verduras, em abundância e sempre presente. Carne, rara e pouca quantidade, assim mesmo de aves domésticas, galinha, pato, marreco, ganso. Arroz com leite raramente e só em dias sem trabalho por ser considerado alimento de fraco poder nutritivo, não garantindo fôrça para os serviços pesados. Farinha de milho em polenta, comida só ou com frutas cozidas e concentradas. Frutas constantes e permanentes em tôdas as mesas, em abundância, e variadas. Pão. Massas pouco, a-pesar-de feitas com farinha integral. Cebola e alho constantes. Toucinho ou óleo de linho.

À janta: Sopa de leguminosas, de verduras com batata. Batata sob as mais variadas apresentações. Leite, pão, frutas. Infuso de chá local com açúcar de beterraba ou de batata (expô-la à neve até endurecer bem, depois recolhê-la para dentro de casa, onde, pelo calor, amolece e desprende suco adocicado).

NA UCRÂNIA E BULGÁRIA

Pela manhã: Tzicória (Tipo de melado denso que se dissolve em água fervente, deixando-a escura como café, e que se mistura com leite) com pão de centeio — abundante — E' usado também o pão de trigo. Queijo às vezes. Usa-se muita manteiga.

Ao meio-dia: Boerste (sopa de beterraba, carne, feijão — branco ou pintadinho — ou ervilha, toucinho). Sopa de aveia — muito usada. — Massas de farinha de trigo pura, pouco usada. Carnes de gado (pouca), ovelha, galinha, porco. Verduras (com abundância): repôlho, couve — pouca — cenoura, rabanete, alface, — couve-flor, cebola, alho (em quantidade). Batata inglesa em quantidade e permanente — Frios de porco, uso médio. Azeite de oliva, muito. Arroz (quase não é usado). Farinha de milho para polenta, especialmente, muito usada. — Frutas — abundantemente — pêras, maçãs, pêssegos, figos, melancia. Ovos (muito usados). Milho também muito usado, sob formas diversas.

À noite: Sopas de feijão, de aveia, pouca carne, cevadinha. Queijo. Batata inglesa, alho, verduras, pão, cenoura, Melancia, frutas, chá da Índia.

NA SICÍLIA (ITÁLIA)

Pela manhã: Leite cru com pão de trigo (muito) ou Suco de uva concentrado com pão de trigo ou Frugata — Pão com queijo, alho, olivas (ou óleo de olivas), sardinha, pimenta.

Ao meio-dia: Carne de gado (uma vez por semana), de perdiz, coelho, de galinha. Massa — muito. — Leguminosas — muito — fava, ervilha, grão de bico, lentilha. Verduras abundantemente, — chicória, alcachofra, alho, mostarda, alface, repôlho, couve-flor, brócolos, funcho, cebola, aspargo, acelga, tomate, pimentão, abóbora de 40 dias, pepino, aipo, espinafre, radice. Trigo ou milho cozido, ovos, sopas (minestra) de massa com verduras e leguminosas, é prato constante como a massa. Óleo de olivas — a banha não é empregada. Frios (mais usados no inverno) toucinho salgado com carne, tipo presunto, salames, mortadelas, salchichas, linguiça. Frutas — abundância — figos, pêras, laranjas, poucas, passas de uva, pêssegos. No inverno — avelãs, nozes, castanhas, marenas. Mel, café (chicória) e açúcar de beterraba) como sobremesa, nunca como alimento principal.

À noite: Sopas, batata inglesa, verduras, queijo ou coalhada, pão, vinho.

O agricultor faz sua alimentação principal à noite; as do dia são frugais, ao contrário do citadino.

RACIONAMENTO NA RÚSSIA

PERÍODO DE GUERRA (16-7-1941)

para os OPERÁRIOS-TÉCNICOS industriais

									Prot.	lipid.	glicid.	Cal.
Pão	6.400	grs.	por	semana	ou	800	grs.	por dia	73,6	10,4	424,8	2112
Cereais .	2.000	"	"	"	"	250	"	" "	28,5	2,5	187,7	900
Açúcar .	1.500	"	"	"	"	187,5	"	" "	—	—	185,6	759
Carne ..	2.200	"	"	"	"	275	"	" "	56,3	4,6	—	247
Pescado .	1.000	"	"	"	"	125	"	" "	26,2	0,5	—	112
Graxa ..	800	"	"	"	"	100	"	" "	—	96,0	—	911
Total ..									184,6	114,0	798,1	5141

(As OUTRAS categorias — CLERO, NÃO TRABALHADORES, MENORES DE 12 anos — recebem de 50 % a 80 %) ou sejam

80 %	147,2	91,2	638,4	4112
50 %	92,3	57,0	399,0	4570

REGIME ALIMENTAR NA SIBERIA

Pela manhã, cedo: Leite com pão (feito de farinha integral de trigo e centeio)

Às 10 horas: Samovar (chá apresentável como o nosso fumo em rama, cortado em pedaços e pôsto a ferver o dia todo, sendo servido à família como às visitas, a qualquer hora, como fazemos com o nosso chimarrão) tomado em grandes copos.

Às 12 horas: Carne (abundante) de ovelha, gado, porco, galinha. Batata inglesa (a abundância é tal que quasi não se faz caso, servindo mais para preparar cachaça ou cerveja, tipos locais). Arroz, (vindo da China ou do Japão), que também não é muito apreciado, por não ser considerado como de muito valor nutritivo. Feijão miúdo, branco ou amarelo (não é conhecido o preto). Verduras em abundância. Massas de farinha de milho, também muito usado. A comida nacional por excelência é a sopa, preparada com carne, verduras, ovo, toucinho, feijão. Samovar.

Frutas, manteiga, queijo, fazem parte da mesa, em abundância; doces não são usados; açúcar de beterraba existe com fartura, especialmente para o uso do SAMOVAR.

À noite: Repete em geral, como durante o meio-dia. O leite, às mais das vezes, é usado cru. Mandioca, farinha de mandioca, chimarrão, café, banha não são conhecidos.

ALMÔÇO E JANTA NUM SUBMARINO INGLÊS

Sopa de ervilhas, Carneiro assado, Batatas cozidas, Môlho de Tomate. Pudim com môlho de geléia.

REGIME ALIMENTAR INGLÊS

Manhã: Presunto com ovos. Leite, chá, pão, manteiga ou queijo, geléias.

Às 10 horas: Caldo de sopa.

Às 12 horas: Frios, roast beef, sopa de cereais ou leguminosas com verdura. Peixe, conservas de verduras. Ovos, manteiga, pão.

Às 17 horas: Chá, pão e manteiga, geléias.

À noite: Frios, leguminosas, sopas, ovos, manteiga, pão, geléias.

XII — TIPOS APRESENTADOS COMO PADRÃO PARA RAÇÃO ALIMENTAR

Hiss-Zurich **Rose**

TRABALHO	PROT.	LIP.	GLIC.	CALOR.	CALOR.
I Ração de equilíbrio	60 — 100 15 %	40 8 %	400 77 %	2,192	2,200
II Trabalho moderado	60 — 100 13 %	50 8 %	500 79 %	2,666	2,700
III Trabalho pesado	60 — 100 10 %	65 8 %	650 82 %	3,388	3,000
IV Trabalho muito pesado	60 — 100 8 %	80 8 %	800 84 %	4,090	4,000
Oscilante em ascensão	A mesma quantidade	A mesma percentagem	Percentagem em oscilação ascendente	Em oscilação ascendente	

O TIPO I CORRESPONDE A ÊSTE CARDÁPIO

ALIMENTOS	Quantidade	CALORIAS		RÉIS	
Leite	200	208		160	
Café	20	14		85	
Açúcar	50	100		90	
Pão mixto	150	426		420	
Manteiga	10	75	823	80	$835
Carne	200	180		440	
Arroz	100	357		120	
Feijão Preto	60	193		60	
Banha	40	364		145	
Batata	100	65		80	
Ovo	1	140		250	
Massa	15	54		40	
Verdura	200	50		200	
Farinha de mandioca ..	20	68		10	
Suco de frutas	100	44	1.515	100	1$445
TOTAL		—	2.338	—	2$280

XIV — *CONCLUSÕES*

Em regra, a alimentação da manhã do nosso trabalhador se cinge, após o chimarrão, ao café simples, pão mixto ou "misturas" — bolinhos, batata doce, ou restos de comida. — E com ela atravessam, trabalhando, dessa hora até o almôço. A quantidade média de leite consumida por habitante e por dia foi de 50 gramas e a de manteiga 35 gramas por mês. Julgamos baixa essa média em relação com o rebanho bovino que atinge à bela soma de 100.000 cabeças em todo o município.

O almôço do trabalhador rural se limitou especialmente ao feijão preto, o arroz polido, um pouco de gordura, sal, farinha de mandioca, carne (quando há), assim como mandioca, batata doce ou abóbora: Os primeiros são considerados elementos de "escora".

A deficiência se verifica nas verduras, nos ovos, na carne, pão, leite e derivados e frutas. Déficit permanente de sais, vitaminas e protídeos.

Raramente ouvimos falar nas sopas nutritivas.

O magro cardápio do meio-dia se repete à noite, com a agravante de ser "o que sobrou". E' enganador, matando a fome, mas não nutrindo integralmente.

Não é um mal local, convenhamos, e dêle não está isenta nem mesmo a zona colonial, como bem deixamos assinalado no município de Farroupilha. A ânsia do lucro leva a miséria até a mesa, empobrecendo-a e encarecendo-a.

Entre nós, como nessa mesma zona, se introduziu o espantalho da monocultura. Se aquí é o arroz; alí, o gado; acolá, o fumo ou outra qualquer atividade isolada que ameaça a economia do município, com crises imprevistas mas infalíveis. Em especial evolue a desnutrição da população pobre, operária ou agrícola-pastoril.

A Secretaria da Agricultura reage fortemente. Em Rio Pardo, experimentado pelas crises da lavoura risícola, já se presta atenção ao milho, ao feijão, à batata, à mandioca, etc. E' um início de convalescença.

Notemos que o uso da carne é excepcional; deixou ela de fazer parte da tríade — carne, feijão, arroz —. O churrasco foi alimento característico do gaúcho, mas hoje se circunscreve o seu uso habitual a poucos municípios, especialmente aos da fronteira. O gado vacum, pelo preço a que chegou, foi substituído pela ovelha; é mais sóbria e não deixa margem a distribuição generosa entre os agregados. Resta o peixe, cujo uso ainda não se generalizou, como no norte do país. Assim, a tríade se reduz ao binômio — arroz, feijão — reforçado pela farinha de mandioca. Esboça-se uma outra ameaça a esta equação: é o preço a que atingiu o arroz!

Vinguemo-nos, mostrando a sua nudez: polido, como se apre-

I RIO

XIII. MAPA ESTATISTICO DA TUBERCULOSE EM RIO PARDO

| ANO | RAÇA | | | | ESTADO CIVIL | | | | IDADE | | | | PROFISSÕES | | | |

senta, é apenas uma fonte de glicídeos, perdendo, no embelezamento, a melhor parte do valor alimentício. Foi ponto de partida para experimentação de carência; o seu consumo produz o beriberi, por não conter vitaminas, que ficam no farelo.

Voltemos a carne. A percentagem local de consumidores é apenas de 30 %. Mas o que nos diz a capital do nosso Estado? :

"Sinopse estatística de Pôrto Alegre, 1940".

Págs. 126/7. Consumo de carne verde.

1939:44 Kgs., 27 por ano e por habitante ou sejam 120 gramas por dia (com osso).

LEITE

1939:40 litros, 40 por ano e por habitante ou sejam 0,ltr. 135 por dia."

A Rio Pardo cabe a média máxima de 90 gramas de carne e 0,ltr.50 de leite por dia e por habitante.

A alimentação do trabalhador dêste município, como da maioria do Estado, é, pois, insuficiente, involuindo para a subnutrição.

Os nossos quadros estatísticos locais fazem ressaltar a debilidade do aparelho digestivo, comprovado pela concordância entre o consultório, o hospital e o cemitério. Sobrecarrega permanentemente os cofres públicos e particulares com o crescendo das instituições de assistência social.

O benemérito Govêrno atual se empenha para resolver êste problema, base do trabalho e da saúde, como há muito clamam médicos e publicistas.

O reajustamento alimentar está em marcha.

A boa alimentação dá energia física e saúde, eleva o moral e conduz à alegria de viver.

A terra é pródiga, mas o homem é pobre por ignorância, por falta de estímulo; come mal e insuficientemente. Enquanto o trabalhador europeu vai ao campo para adquirir a sua alimentação, o nosso homem do campo vem à cidade para o mesmo fim, comprando caro e pouco. O seu poder aquisitivo se anemia paulatinamente.

O nosso aborígene é mais lógico na ração alimentar: come caça ou peixe, frutos silvestres e mel, milho, mandioca. Exercita-se constantemente para a sua aquisição e para a guerra.

Pastos rurais de ensino integral é medicação heróica. Os títulos de "Jeca", "vasto hospital", "preguiça" recaem em indivíduos ignorantes, sem assistência técnica, sem saúde, sem confôrto material e moral para si e sua miserável prole, explorado e mal alimentado.

Se o trabalho é manifestação exterior da energia que a alimen-

tação fornece internamente, é para ela que devem convergir todos os esforços, pois os demais problemas serão correlatos.

O Govêrno quer amparar o trabalhador; a legislação social nesse sentido, está acima da de qualquer outro país. Orientam se os esforços agora para a questão alimentar e não tardará que, ao trabalhador rural, lhe seja fornecido o que o operário já adquiriu: ração alimentar diária, barata, completa e sadia.

———::———

XV — ÁGUA DO RIO JACUÍ, EM CUJA MARGEM SE ACHA RIO PARDO.

Água bruta (6 de Janeiro de 1941)

Côr (em graus) — 17,5
Turvação (em graus) — 58
Temperatura (em graus centígrados) — 26
Gás carbônico livre (em miligramas por litro) — 6,25
Alcalinidade (em miligramas de CaCo3 por litro) — 30
Matéria orgânica (em miligramas de oxigênio absorvido por litro) — 2,8

Água tratada (6 de janeiro de 1941)

Côr (em graus) — 0,1
Turvação (em graus) — 0,2
Temperatura (em graus centígrados) — 25
Gás carbônico livre (em miligramas por litro) — 5,92
Dureza total (em graus franceses) — 1,87
Alcalinidade (em miligramas de oxigênio absorvido por litro) — 18,7
Índice do pH — 6,80
Cloro livre (em miligramas por litro) — negativo
Matéria orgânica (em miligramas de oxigênio absorvido por litro) — 1,0

Água bruta (6 de maio de 1941, *período da enchente)*

Côr (em graus) 18,6
Turvação (em graus) 61
Temperatura (em graus centígrados) 20
Gás carbônico livre (em miligramas por litro) 6,13
Alcalinidade (em milig. de CaCo3 por litro) 30
Matéria orgânica (em miligr. de oxigênio absorvido por litro) 2,8

Água tratada (6 de maio de 1941, período da enchente)

Côr (em graus) 0,3
Temperatura (em graus) 20
Turvação (em graus) 0,5
Gás carbônico livre (em miligr. por litro) 4,80
Dureza total (em graus franceses) 1,94
Índice do pH 6,8
Alcalinidade (em milig. de CaCo3 por litro) 19,4
Cloro livre negativo
Matéria orgânica (em milig. de oxigênio absorvido por litro) 1,0.

(Dados fornecidos, em 29 de agôsto de 1941, pelo Dr. Bruno Jalfine, engenheiro-chefe do DAER de Cachoeira).

———::———

1.º DI	TABATINGAÍ	BEXIGA
	773.389 m.² 2.000 hs.	415.335 m.² 3.000 hs.
	Nacionais	Nacionais
Pe	Grandes áreas	Grandes e pequenas áreas
	Grandes Fazendeiros	Fazendeiros e agricultores
	Gado bovino e ovino, arroz	Gado bovino, arroz, mandioca, milho
12 esta 1.36	estabelecimentos com 70 matrículas	8 estabelecimentos com 285 matrículas

XVI — QUADRO SINOPTICO DO MUNICIPIO DE RIO CARDO EM 1939

DENOMINAÇÕES, AREAS E POPULAÇÃO DOS DISTRITOS

[illegible]	ASSO DE [illegible] OBRADO	[illegible] DE, BPI	PEDREINEIRAS	CALIVARI	JOÃO RODRIGUES	TABATINGAI	BEXIGA
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	415.335 m² 3 [illegible] ha.

PREDOMINANCIA NA POPULAÇÃO

[illegible]	De [illegible] lena	De [illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	Nacionais

DIVISÃO DA TERRA

[illegible]	Peq[illegible] área	[illegible]	[illegible] pequenas áreas	[illegible]	Grandes e pequenas áreas	Grandes áreas	Grandes e pequenas áreas

PREDOMINÂNCIA DO CULTIVADOR DA TERRA

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible] e pequenos agricultor	[illegible]	Fazendeiros e agricultores	Grandes Fazendeiros	Fazendeiros e agricultores

GÊNEROS ALIMENTÍCIOS QUE PRODUZEM MAIS

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	Gado bovino, arroz, mandioca e milho	Gado bovino e ovino, arroz	Gado bovino, arroz, mandioca, milho

INSTRUÇÃO PRIMARIA

[illegible] com 11 estabelecimentos com [illegible] matrículas	[illegible] estabelecimentos com [illegible] matrículas	[illegible] estabelecimentos com [illegible] matrículas	[illegible] estabelecimentos com [illegible] matrículas	[illegible] estabelecimentos com [illegible] matrículas	[illegible] estabelecimentos com [illegible] matrículas	[illegible] estabelecimentos com [illegible] matrículas	[illegible] estabelecimentos com [illegible] matrículas

ASSOCIAÇÕES CULTURAIS, RECREATIVAS, BENEFICIENTES E RELIGIOSAS

14	2	1		1	1	0

IGREJAS, CAPELAS, CASAS ADAPTADAS PARA CULTO RELIGIOSO

4	1	1	1	1	1	1

CRIMES, CONTRAVENÇÕES, ETC

[illegible]	[illegible]	1 Lesões corporais	[illegible]	Defloramentos	5 Tentativas de suicídio	1 Defloramentos	3 Ferimentos leves 6
[illegible]	1 Furto	1 Atentado	1 Sedução	2 Lesões corporais	2 Suicídio	3 Roubo	2 Defloramentos 2
[illegible]	1 [illegible]	3 [illegible]	1 [illegible]	[illegible]	1	Lesões corporais	1 Submersão 3
[illegible]			[illegible]	[illegible]	1	Estupro	1
[illegible]			Estupro	1		Submersão	1
Suicídio	1						
Sedução	1						
Acidente	1						

RENDA MUNICIPAL

[illegible]	46.912$000	41.2[illegible]$000	[illegible]	[illegible]	7.266$000	69.015$000	42.185$000

ATRAVÉS DA IMPRENSA

O momento de Varnhagen

Jaime Adour da Câmara

Não se pode negar, hoje, a existência, no Brasil, de uma verdadeira e bem consolidada indústria do livro. Poucas eram outrora as casas que se dedicavam a êsse ramo de negócio com o mesmo desenvolvimento que se vem verificando neste momento entre nós.

Nestes últimos dez anos, inúmeras foram as casas que surgiram, editando intensamente, sem método, lançando, em intervalos curtos livros sôbre livros, numa avassaladora caudal de papel impresso. Muitas de tais casas tiveram existência efêmera, enquanto outras se consolidaram e aí se encontram em plena atividade editorial.

É êste, com efeito, um dos momentos mais intensos da nossa vida cultural. Diariamente aparece um livro novo, trazendo na capa nome conhecido e já consagrado, revelando ao público os valores das novas gerações de escritores.

O brasileiro médio, que tinha o hábito da leitura do livro estrangeiro, lentamente foi voltando as atenções para o produto nacional, ao passo que ia diminuindo a preferência pelo livro forasteiro, o qual dia a dia se vai tornando mais raro e de mais difícil aquisição. Tal fato, de todo ponderável, muito concorreu para o incentivo da edição nacional. O público que lê, entre nós, está dividido em duas classes que se não confundem. Há a que encontra no livro apenas um passatempo amável e que procura encher suas horas de lazer com as leituras meramente recreativas. Os livros de títulos pomposos e capas sugestivas encontram franca aceitação por parte de tais leitores. Se o livro nessas condições corresponde ao filme, que vem precedido de exagerada publicidade, encontra facilmente êsse mesmo público, passivo e acolhedor. Os outros leitores, os leitores de classe, já se mostram indiferentes a tais sucessos de livraria; têm as suas leituras programadas com uma finalidade cultural. Interessam-se, sobretudo, pelos livros de idéias gerais e comumente pelas obras sôbre o Brasil.

Ninguém hoje quer viver em estado de inocência com aprêço às coisas nacionais. O Brasil está sendo agora redescoberto pelos brasileiros. Todos os seus problemas, postos em equação, se acham amplamente ventilados e

expostos ao alcance de qualquer leitor. Mais de uma casa editora mantém publicações regulares sôbre assuntos nacionais. As monografias históricas e a respeito de motivos regionais se sucedem; as velhas narrativas de viagem dos primitivos visitantes estrangeiros encontram espontaneamente quem as traduza e, o que é mais, editores que as publiquem. As coleções de "brasiliana" crescem e aumentam de volume assustadoramente. E o Brasil, o grande desconhecido de ontem, já não poderá deixar de ser explicado e compreendido por falta de abundante material elucidativo.

Se ainda vivesse, Capistrano de Abreu já teria feito um apêlo para que se desse mais um pouco de ordem, de sistema científico, às coleções de estudos brasileiros, que prometem confusamente ir ao infinito. Em todo o caso, o mestre que traçara as mais rigorosas linhas para a exata compreensão das diferentes épocas do nosso passado, ficaria satisfeito, em última análise, com a variada bibliografia já publicada até o momento.

Já se pode, finalmente, escrever a História Geral do Brasil. Achava Capistrano que nenhum historiógrafo da sua geração seria capaz de escrevê-la, por isso que, acrescentava, "cada século exige certas qualidades especiais em quem o estuda". Examinando as aptidões de nossos historiadores, chegara à conclusão de que êles apenas podiam dedicar-se, principalmente, ao estudo da história contemporânea, uma vez que se mostravam "insensíveis à nossa história primitiva". O momento não comportava, dizia, a repetição de empreendimento igual ao que já fôra tentado, pelo Visconde de Pôrto Seguro. "Agora o que se precisa, reafirmava, é de monografias concienciosas".

***

Francisco Adolfo Varnhagen, que não possuía inteiramente, segundo Capistrano, "as qualidades necessárias para o estudo dos três séculos", de acôrdo com o plano que Martius nos traçara, escreveu, todavia, a melhor história geral do Brasil visto que outros mais bem dotados, no seu tempo, como Joaquim Caetano e João Francisco Lisboa não o quiseram fazer. E depois de enumerar, um por um, todos os assuntos que deviam ser tratados em monografias, desde a linguística aos episódios menores de nossos rastos políticos e administrativos, acentuava Capistrano: "Quando todos êsses trabalhos estiverem reunidos; quando um espírito superior insuflar a vida e o movimento na massa informe, Varnhagen, descerá do seu pedestal. Mas até então será o mestre, o guia, o senhor". Tal ponto de vista êle o defendeu até os últimos instantes de sua fecunda existência. Não admitia que nenhum historiador brasileiro, sem a devida preparação, se permitisse a escrever a obra que julgava de transcendental importância. Seria uma aventura inócua, sem nenhum proveito para a nossa historiografia.

Quando o historiador Rocha

Pombo o procurou para comunicar-lhe a introdução da sua "História do Brasil", Capistrano, que mantinha relações cordiais com o escritor paranaense, ouviu-o casmurro e silenciosamente até o fim. Após a leitura não lhe deu uma palavra sôbre a História Geral do ilustre filho do Paraná que, daquele dia em diante, deixou de cumprimentá-lo. De tal fato fui informado pelo próprio Rocha Pombo, quando, certa vez, eu estranhava que não houvesse entre os dois historiadores a menor aproximação pessoal. Era assim Capistrano; a história foi o seu destino e vocação. Era um ortodoxo selvagem. Considerava Varnhagen no seu pedestal: o monumento ainda não comportaria o aparecimento de obra que viesse superar a História Geral do ilustre filho de Sorocaba.

Ainda que julgasse que tudo estava por fazer, naquela quadra nenhum escritor estaria em condições de dispor dos arquivos que compulsara o criador da nossa história. Êle mesmo, Capistrano, com aquele seu exato conhecimento dos quatro séculos da nossa existência de povo, não se sentia encorajado a nos dar a obra que todos esperávamos da sua multifária cultura. Limitou-se àquela síntese magnífica dos "Capítulos de história colonial" e às inúmeras monografias, que constituem hoje fundamentos essenciais para a perfeita compreensão de nossos fenômenos sociais e históricos. A tentar obra semelhante, que julgava de segundo plano, preferiu anotar para publicar, em nova edição crítica, a História Geral, de Pôrto Seguro, verdadeiro monumento consagrado aos três primeiros séculos de nossa formação nacional.

Na época em que Capistrano de Abreu preparava, com a colaboração esclarecida do sr. Rodolfo Garcia, a nova edição de Varnhagen, não havia ainda no Brasil a organização editorial, que neste momento tanto tem contribuido para a opulência de nossa cultura literária e científica. Eram poucas as livrarias e de ação muito restrita em suas programações editoriais. Somente em São Paulo viria encontrar o editor com a alta compreensão patriótica de divulgar obra de tamanho vulto e de tão custosa impressão. Mas era indispensável publicá-la para que corresse.

A Companhia Melhoramentos de S. Paulo já havia publicado, nessa altura, os primeiros volumes dos historiadores do Brasil antigo. Pela primeira vez, entre nós, um editor, organizava uma coleção de autêntica brasiliana divulgando em bem cuidadas edições os primitivos cronistas que se ocuparam da Terra de Santa Cruz. Ainda de acôrdo com o espírito de Capistrano, a mesma Companhia editava a "História do Brasil", de frei Vicente do Salvador e, logo em seguida, a Carta de Pero Vaz de Caminha e a pitoresca "História da Província de Santa Cruz", de Pero de Magalhães Gandavo, os primeiros testemunhos do amanhecer do Brasil.

Os estudos de história pátria encontravam em São Paulo um clí-

max apropriado ao seu natural desenvolvimento. O Govêrno do Estado estimulava as pesquisas; dos arquivos públicos eram resguardados da traça e do caruncho os documentos interessantes, que aos poucos iam sendo classificados e publicados. O sr. Afonso de E. Taunay lançava os seus primeiros estudos de exegese da história de Piratininga, prefaciando e tirando do esquecimento em que se encontravam a "Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas", de Antonil, e as preciosas "Memórias para a história da Capitania de S. Vicente", de frei Gaspar da Madre Deus.

E na Companhia Melhoramentos, que já havia publicado êsse livro, insubstituíveis ao conhecimento do Brasil colonial, de sua terra e de sua gente, veio Capistrano encontrar o editor de Varnhagen, cuja obra em vários tomos foi saindo, sem maiores interrupções, num espaço de cêrca de dez anos. Com a sua morte, logo depois de pronto o primeiro volume, a História foi entregue aos cuidados de seu colaborador, também historiador de classe, o sr. Rodolfo Garcia, discípulo do mestre e que soube enriquecer o trabalho de Varnhagen de notas esclarecedoras do texto e de alta valia histórica. E a mesma c[illegible] que tão relevantes serviços vinh[illegible] prestando à cultura nacional, co[illegible]tinuou, simultaneamente à publicação da História Geral, a divulgar em edições primorosas os e[illegible]critos de Pedro Taques, de Manuel da Fonseca, autor de uma excelente biografia do padre Belchior de Pontes e, finalmente, de Bartolomeu de Gusmão, cujas obras completas foram compiladas e prefaciadas pelo sr. Afonso de E. Taunay.

A Companhia Melhoramentos editando tais obras, numa época ainda em que as coleções especializadas não encontravam o seu público de colecionadores e estudiosos, lançou as bases para a compreensão total do Brasil. Teve o mérito de estimular, entre nós, os estudos históricos referentes às coisas nacionais. É uma precursora.

("Dom Casmuro" — do Rio de Janeiro).

GENTE QUE EU CONHECI:

Eduardo Guimaraens

De Sousa Junior

Isso foi por 1911 ou 1912. Com o meu uniforme de ginasiano, eu galgava, tôdas as noites as escadas que levavam à galeria do então Café Colombo, para sentar-me diante de uma modesta chícara de café e escutar, por cem réis, até às 10 horas da noite, a orquestra do maestro Gnatali que tinha a especialidade das valsas de Strauss

e Waldteufel e das fantasias de óperas. Como eram saborosos aqueles cigarros clandestinos chupados aos compassos do "Sangue Vienense" ou do "La donna é mobile" do Rigoletto! Certa noite, eu tive a atenção solicitada para um homem moço muito bem vestido, alto, pálido, o ar melancólico, que começava a se fazer habitual de uma mesa perto da minha. Chegava pouco depois de mim, sentava-se, pedia um whisky com soda, apoiava as duas mãos sôbre a volta da bengala e ficava-se alí, a ouvir a orquestra. Aquele moço me parecia profundamente triste com a sua expressão meditativa e talvez por isso meteu-se-me na cabeça que êle devia ser Eduardo Guimaraens, pois êsse, eu ouvira dizer, era o nome de um poeta. E a minha imaginação entrou a compor todo um romance de amargura e de lágrimas em tôrno daquele poeta pálido e bem vestido que tomava whisky com tão impressionante melancolia. Um dia não resistí mais: escrevi um conto — o primeiro — cujo personagem era aquele inquietante sonhador da galeria do Colombo. Consumido por uma paixão sem esperança, que lhe dava aquela dignidade romanesca e aquela aparência de solidão e de distância, o meu herói só podia ter um destino — o suicidio. E coerente com essa hipótese, o meu personagem, certa noite, ao entrar no seu quarto de poeta habitado pela desventura e pelo desespêro, bebeu, alucinado, um litro de morfina. (Que paixão funesta! E que sêde!...) É claro que o conto acabava ai. Parece que um litro de morfina, sofregamente ingerida, era uma solução razoável...

Acontece, porém, que eu vim a saber, mais tarde, que não só o meu personagem do Colombo não era Eduardo Guimaraens, como não fazia versos, nunca tivera paixões fatais, não pensava em suicidio e a única coisa que bebia era aquele copo de whisky com soda depois de haver deixado o compêndio de propedêutica ou de patologia, pois que êle é hoje competentissimo médico do Hospital São Pedro e meu caro amigo Fernandes Barbosa...

Só um ano depois daquela inicial e malograda tentativa literária, me mostraram, na rua, o poeta Eduardo Guimaraens. Embora muito moço, os seus versos já andavam publicados, com grandes louvores, na "Fon!-Fon!", do Rio. Não se parecia com o meu herói da galeria do Colombo, mas, tudo nele denunciava poesia e espiritualidade. De estatura média, vestindo com discretissima elegância, a cabeça um pouco para o alto, havia qualquer coisa nele que o fazia diferente dos outros. O perfil bem desenhado? O cabelo castanho ondulado nas têmporas? Os olhos azues de um azul irreal perdidos sabe Deus onde, por trás das lentes grossas de pince-nez de míope? Difícil dizer... O que eu sei é que êle era, realmente, diferente dos outros. Verifiquei isso inúmeras vezes depois que me fiz seu amigo em 1915. E não hesito em dizer que através dêle eu cheguei a acreditar que os homens poderiam aproximar-se da

perfeição. Porque em Eduardo Guimaraens as virtudes que enobrecem a espécie se conjugavam e ajustavam harmoniosamente. Inteligência, caráter, bondade, senso do dever, lealdade perfeita, modéstia, indulgência para os erros alheios, uma profunda simpatia humana por tôdas as coisas. Muitas vezes tenho-me perguntado se a ausência completa de inveja não é um traço denunciador de vaidade, ou, pelo menos, de orgulho. Quero dizer: se aqueles que não se alarmam nem se contrariam com os êxitos alheios não revelam com isso uma confiança absoluta no próprio valor, a certeza, talvez injustificável, de que ninguém lhes poderá fazer sombra. Quem sabe. Isso, porém, não impede que constitua uma atitude de superioridade. Eu nunca surpreendí em Eduardo Guimaraens um movimento de inveja ou de despeito diante dos sucessos de qualquer confrade. Ao contrário disso, observei que nos trabalhos alheios êle não buscava o que era passível de censura, mas apenas o que podia merecer elogios ou que era, pelo menos, aproveitável. É que uma honestidade fundamental presidia todos os atos, mesmo os mais insignificantes, da vida de Eduardo.

Às vezes, examinando a personalidade do poeta e do homem, eu ficava a pensar: "Êste Eduardo deve ter grandes defeitos para equilibrar tantas qualidades..." Mas, nos treze anos de amizade que me ligaram a êle e nos quais houve períodos de grata e longa intimidade, não os descobrí. Longe disso, só encontrei motivos para consolidar o alto juízo que vinha fazendo dêle. Em tudo me pareceu sempre exemplar: filho, espôso, pai, amigo, cidadão.

Não transigia em questão de lealdade. Como não era capaz do menor gesto de insinceridade com um amigo, não permitia e não perdoava que o cometessem com êle.

Telmo Monteiro — que, depois, no Rio, passou a assinar Telmo de Escobar — êsse outro grande espírito que a morte levou tão cedo, tinha uma admiração sincera por Eduardo, de quem era amigo. Mas, polemista por inclinação e por preferências de leitura, era às vezes tentado a praticar uma perfídia ou uma perversidade com um confrade, embora mantivesse com êle as melhores relações. Não o fazia por mal, mas por espírito esportivo. E entendia por isso que o alvejado não se devia zangar mas rir do caso como de uma pilhéria. Um dia, sem que ninguém o esperasse, Telmo publicou uma crônica na "Kodak", de que era redator-chefe (2.ª fase, fins de 1917) com algumas referências mordazes e injustas a Eduardo.

Nunca mais Eduardo o cumprimentou. E Telmo ficou muito admirado, porque a polêmica era para êle um simples divertimento...

Mas, o que havia de interessante em Eduardo Guimaraens é que êle era antes de tudo, acima de tudo, mais do que tudo — homem de letras. Ao contrário dos outros escritores e poetas que, autênticos diletantes, só se ocupavam de

literatura quando não tinham assunto mais urgente, ou quando estavam entre confrades, Eduardo fizera dela, desde menino, por vocação, sem dúvida, o pensamento dominante da sua vida. Com uma cultura variadissima e uma memória prodigiosa, êle enriquecia as suas palestras admiráveis de fatos curiosos, anedotas a propósito, citações oportunas, que emprestavam um caráter de fina espiritualidade aos assuntos mais vulgares. Conhecendo a biografia dos homens de letras, dos pintores, dos músicos, dos escultores, dos aguafortistas, dos dramaturgos, dos atores de todos os países, não lhe era difícil encontrar um simile expressivo e ilustrativo para o caso em foco. Bastava dez minutos de contacto com Eduardo para sentir e respeitar nele um homem de raro bom-gôsto. Evidentemente, não era um conversador para mesa de café, que, talvez por isso mesmo, não frequentava. Vivendo exclusivamente para as coisas do espírito êle só podia ser compreendido e, por isso, interessar as elites, que lhe disputavam a companhia.

E o poeta era como o homem: um aristocrata. Nunca as suas poesias poderiam ter fortuna num concurso plebiscitário. Não só pela sensibilidade, das mais finas que conheço na nossa literatura, como pela forma, Eduardo Guimaraens há de ser sempre um poeta para figurar exclusivamente nas boas bibliotecas e nas estantes dos leitores de certo gôsto e certa cultura.

Talvez haja exagêro no juizo, uma admiração sem limites por êle, dizia, sempre, que o considerava o maior poeta do seu tempo.

Talvez haja exagero no juizo do comovido poeta da "Coroa de Sonho".

Mas, não tenhamos dúvida: foi o poeta mais aristocrático que o Brasil já teve.

("Correio do Povo"
— de Pôrto Alegre).

Maragatos e Gaúchos

Castilhos Goycochêa.

Os maragatos compõem pequeno povo de costumes e trajes curiosos que integra, com vários outros, a nação espanhola.

De onde veio e quando se radicou na península ibérica, ninguém sabe com segurança. Sôbre êle, de resto, há muitas hipóteses, inumeráveis fantasias e lendas, mas nenhuma certeza. No que há unanimidade de opiniões a seu respeito, entre os antropólogos, é que descende dos bereberes ou berberiscos, do norte da África, estudados no século XIV pelo historiador árabe Aben Taldun.

Opinam nesse sentido Aragón y Escacena em "Breve Estudo Antropológico acêrca del Pueblo "Maragato", publicado nos Anais da

Sociedad Española de História Natural (volume XXX — 1902), L. Martin Echeverria em "Geografia de España" e em "España, el pais y los habitantes". Dozy em suas "Investigaciones sobre la historia politica literaria de España en la Edad Media", e o autor anônimo do artigo que sob o título "Maragatos" se contém na Enciclopédia Larousse.

O primeiro dêsses tratadistas — Aragón y Escacena — não chegou a resultar positivo quanto à imigração dos maragatos, formulando duas hipóteses. Uma, a de que foram êles para a Espanha com os árabes; outra, a de que teriam sido importados pelos romanos para o trabalho nas minas de ouro da região onde ainda se conservam, no norte do país.

Dozy, mais concludente, diz que descendem êles de uns berberiscos que ao tempo de Alfonso I, o católico, se deixaram ficar entre Astorga e Léon, quando os demais berberiscos, fugindo à tirania dos árabes Yemen e da fome, que assolava grande parte da Espanha, emigraram para outras regiões ou regressaram à África.

Sôbre a origem da palavra **maragato** também não acertaram os estudiosos, podendo ser alinhadas pelo menos oito hipóteses: **mauri captus** que quer dizer mouros presos; vocábulo que designa os antigos habitantes da Moraghah, região na margem oriental do lago Urmiah, no alto Egito; natural da zona de calor **fusco**; cavalheiro, segundo a palavra celta: **mar'hekaat**; natural da zona junto à marca ou fronteira; oriundo de Marg-heb; malagouto, que se teria transformado em maragato, adaptação ao castelhano do têrmo **masbracata** que serve para assinalar os homens que usam bragas ou maragas, calções amplos presos nos tornozelos.

Sílvio Júlio, aquele dos escritores brasileiros que melhor conhece a história da Espanha e da América Espanhola, tem o vocábulo como composto de **mara** (mauro ou mouro) e de **gato** (goto ou gôdo), admitindo assim que os berberiscos se tenham mesclado com os gôdos.

Vem a propósito referir que Concha Espina, em "La Esfinge Maragata", livro notável premiado pela Academia Espanhola, faz menção a certo rei chamado Mauregato, dos tempos da ocupação romana.

Quanto à etnografia, pois, pode-se ter que os maragatos são descendentes da tribu original dos Berberiscos, subdivida mais tarde em líbios, mouros, númidas, gétulos e garamantes.

No que diz, porém, com o nome pelo qual são conhecidos, não há nenhuma certeza. Tôdas as conjeturas são boas, principalmente a que o dá como adaptação ao idioma castelhano da palavra masbracata: homem que usa calções largos.

***

Não só quanto à origem os maragatos são curiosos, e, destarte, dignos de estudo. Essa curiosidade é também pelos seus hábitos e vestimentas, aos quais se conservam decididamente apegados,

resistindo a tôdas as tentativas de infiltração exótica, a tôda influência que promane até dos vizinhos mais próximos, os de Léon e os Astorga.

São maragatos e só maragatos querem permanecer, tal como os vascos e como os catalães.

Fiéis às tradições, vivem como viveram os ancestrais mais remotos, aqueles que terão ido da África para as terras hispânicas, incorporados às hostes árabes ou levados pelas legiões de César.

Apolíticos, não consta sua intromissão em facções ideológicas e nem aos serviços administrativos do país.

Antes do surto dos caminhos-de-ferro conservavam, quasi que monopolizados, a indústria de transporte entre Madrí e o norte da Espanha e o comércio de peixe em todo o antigo reino. Depois, aos poucos, procuraram a América.

Deve ser dito a êsse propósito, como particularidade extremamente interessante, que somente os homens dêsse povo singular é que deixam o seu habitat, na Maragateria, na província de Léon, para trabalhar. As mulheres permanecem, cultivando os campos ou criando os gados, o que induziu Concha Espina a qualificar o povo maragato como povo feminino. De-fato, segundo todos os depoimentos conhecidos, nas sete aldeias da Maragateria, não há homens válidos além dos párocos, dos mestres-escolas, dos farmacêuticos, uma ou outra autoridade e poucos ricos aposentados nos negócios. Os mais são adolescentes ou anciãos ou inválidos.

Os maragatos, quer empreguem sua atividade na própria Espanha, em países próximos ou na América longínqua, só vão à Maragateria em visita, no gôzo de férias, mas sempre permanecendo por curto prazo.

São as maragatas, portanto, que educam os filhos, que presidem nos negócios familiares, comprando ou vendendo, que lavram a terra, plantam, colhem e transportam as colheitas para os mercados, que constroem e que opinam nos casos de interêsse coletivo. Além disso só conhecem a obrigação das espôsas de conceber.

A sorte lhes é dura a mais não ser possível, a essas mulheres admiráveis, mas parecem conformadas com ela, tanto que não admitem qualquer mudança nas regras do seu viver. Assim viveram-lhes as mães e as avós, assim têm que viver elas, formando uma sociedade talvez única no Mundo.

***

"Na fidalga região de Léon, solar dos mais castiços da raça, teatro e relíquia de imortais memórias, dorme o povo maragato, incógnito e obscuro, desprendido, com misteriosa origem de remota progênie. Séculos inteiros sobreviveu à desolação do deserto, solitário e íntegro na sua rara pureza, embarracado na planura como pobre navio que encalha e submerge, e ao qual se abandona e se esquece no turbilhonante mar da civilização".

Foi essa a imagem que notável escritora castelhana encontrou para descrever a situação do povo maragato em meio à nação espanhola.

Incógnito e obscuro, solitário e íntegro!

Esqueceu, todavia, de dizer o que é Maragateria em relação à Espanha. Pequeno rincão de terras tristes e cansadas, tendo em volta paisagens garridas e sítios úberes. Como área, 350 quilômetros quadrados, limitada ao norte pelo Bierzo e pela Cepeda, ao sul Valduerna e Cabrera, ao oeste a mesma Cabrera, e o mesmo Bierzo, a este o Cepeda e o Sequeda. Série de colinas que se elevam pouco a pouco da planura até os altos das serras da Pobladura, Foncebadón e Manzanal, atingindo o pico do Teleño a 2.188 metros acima do nivel do mar.

Integrando a província de Léon, no noroeste espanhol, faz parte da comarca de Astorga, de quem é também tributária comercial, ao menos para o escoamento do centeio, que é o principal, porque quasi único produto da Maragateria.

Entre as diversas razões referidas por Leandro Martin Echeverria para explicar a existência de ilhotes étnicos em Espanha (os maragatos de Léon, os campurrianos do Ebro, os granches das Canárias, os vaqueiros de Alzada e os gitanos de várias províncias) não figura a influência do meio cósmico. No que diz com os maragatos, porém, é para se ter que a terra áspera e a paisagem inhóspita hajam concorrido muito para o seu insulamento, principalmente atuando sôbre as mulheres, que a bem dizer, são as guardas das tradições sociais, forrando-lhes o caráter contra infiltrações despersonalizadoras, estranhas ao gênio da raça.

Informações atuais dão como sendo de 12.000 os habitantes da adusta Maragateria.

Quanto ao idioma, é certo que falam só o castelhano, com modismos localistas; nada, porém, que faça recordar a língua de seus ancestrais africanos.

O mesmo no que se refere à religião que professam com entranhada fé: o catolicismo. Coisa alguma de islamismo ou de sionismo.

***

Nenhum interêsse maior haveria na América, sôbre o povo maragato, fora dos círculos onde se estuda antropologia, ou particularmente etnografia, se não foram indícios de que êsse povo terá influído em usos e até na indumentária de um tipo de homem formado no sul do continente: o gaúcho.

E' opinião sustentada por Sílvio Júlio, por exemplo, que a bombacha dos gaúchos platinos e sul-rio-grandenses, que lhes emprestou tão acentuada feição regional no ciclo pastoril, foi introduzida na América Meridional pelos maragatos que no comêço do século passado se estabeleceram nas cercanias de Montevidéu.

Antes dessa época, é sabido, os cavaleiros da pampa argentina e das coxilhas uruguaias e sul-rio-

grandenses, só usavam chiripá, peça rudimentar dos íncolas andinos, que em quíchua quer dizer **para o frio.**

Quando se sabe isso, e não se ignora que uma das peças mais características do vestuário maragato são as vastas pantalonas presas abaixo dos joelhos, não há como recusar a tese do escritor brasileiro, apoiada, aliás, pelo sábio professor espanhol que sustentou ser **masbracata** (homem que usa maragas) a origem da palavra maragato.

Concorre em abono das duas opiniões, de resto, o fato de ser a bombacha gaúcha, sem sombra de dúvida, a mesma peça que usam os cavaleiros árabes do norte e leste de África e até do norte da Ásia.

O que se não sabia até agora, era por intermédio de quem havia sido introduzido êsse vestuário na América.

Nos lusitanos nunca se pensou, embalde também em Portugal tivesse havido dominação árabe ou moura, uma vez que se conhece a preferência dos mesmos lusitanos por calças justas às pernas.

Excluída essa hipótese, e a de que as bombachas tivessem resultado do aperfeiçoamento do chiripá andino, subsistiu a de que foram os espanhóis os seus carreadores para a América. Quando se diz espanhóis, porém, ocorre pensar que o são igualmente os charros, de Salamanca, apaixonados por calças estreitíssimas, modelando os membros interiores; os asturianos, que as usam largas, mas com babados dos joelhos para baixo; os castelhanos e os galegos, que as usam sem nenhum exagêro quanto à largura ou quanto ao comprimento; os catalães e os vascos, cujas calças têm o tipo inglês da moda atual; os marcianos, os valencianos e os chesos, que completam seus trajes com calções curtos, espécies de **shorts**; e por fim os andaluzes, em cujas calças típicas nada há que se pareça com as bombachas árabes e gaúchas.

Gravura inserta no livro já citado, de L. Martin Echeverria — "España, el pais y los habitantes" — faz prova, todavia, que as bragas ou maragas dos maragatos é que serviram de modêlo para as amplas calças dos camponeses sul-rio-grandenses, orientais, entrerianos e corrientinos, dando razão ao erudito autor de "Cérebro e Coração de Bolívar".

À possível objeção de que os maragatos não só se estabeleceram na República do Uruguai, mas em outros países da América, de fala castelhana, onde não há ou houve o uso das bombachas, pode-se aditar que foi naquela república vizinha que formaram êles maior colônia, talvez até com mulheres, suposição apoiada na existência alí da **ilha de las maragatas,** no curso do rio San José, do qual rio o galho principal é conhecido como **lavadero de las maragatas,** como tudo consta do "Diccionario Geografico del Uruguay", de Orestes Araujo, edição de 1912.

Há que considerar, ademais, que constituindo povo de cavaleiros, nas terras planas do Uruguai en-

contraram **habitat** conveniente às suas habilidades, ao passo que em outras regiões tiveram de se adaptar à agricultura, possivelmente substituíndo a indumentária característica por outra que melhor correspondesse às necessidades do novo ofício.

***

Sabido que a bombacha árabe foi levada da África para a Espanha pelos berberiscos, e pelos descendentes dêstes trazida para o sul da América, não parece absurdo que também certa andadura peculiar aos cavalos árabes e aos cavalos gaúchos — no Rio Grande do Sul chamado **tranco** — tivesse tido o mesmo conduto e seguido igual itinerário.

Não sei se alguém, antes, já assinalou de público, que a andadura do cavalo gaúcho, quer no Brasil, quer na Argentina e no Uruguai, não se assemelha a nenhuma outra. Não é **marcha** usada no centro, nem o **esquipado** ou o **choto** do norte, menos o **trote** comum às zonas, e nada que lembre o **trot** inglês ou francês.

O tranco gaúcho — usado nas viagens longas, — quanto à velocidade está entre o passo natural e o trote comum. É tão cômodo quanto à marcha ou o esquipado, sem que para benefício do cavaleiro se haja de recorrer ao desequilíbrio da cavalgadura, artifício que é necessário para obter essas andaduras.

Familiarizado com o tranco dos cavalos da fronteira entre o Brasil e o Uruguai, só o fui rever nos desertos da Líbia e da Arábia sem contudo poder explicar no momento como se fizera a transplantação.

Outra peculiaridade comum aos dois povos cavaleiros — árabes e gaúchos — é o que diz com o lado de montar, o lado esquerdo, usado obrigatoriamente pelos homens das duas origens, quando ninguém mais obedece essa regra. Até na conversação, aliás, os gaúchos e os árabes, ao invés de dizerem lado esquerdo ou lado direito, dizem lado de montar ou lado de laçar ou atirar. Mais guerreiros do que os gaúchos, os árabes referindo-se ao lado direito dizem lado de atirar; quando aqueles, mais industriais, indicam o lado de laçar, isto é, de jogar o laço.

É de se crer, pois, que também essa particularidade, ao lado de outras, tenha chegado ao Prata e passado ao Rio Grande do Sul, por via dos maragatos espanhóis, ao entrar em declínio a "arrieria" na Espanha.

***

A julgar pela revivescência do nome "maragato" nas terras do sul do Brasil, no Uruguai todo e na província argentina de Buenos Aires, a influência dêsse povo terá sido maior do que as de outras colônias espanholas, e não apenas em usos e costumes gaúchos.

No Uruguai, por exemplo, os naturais do Departamento de San José, lindeiro com Montevidéu, são conhecidos genericamente como maragatos, como no Brasil se chama gaúchos aos sul-rio-gran-

denses, capichabas aos espirito-santenses, potiguaras aos norte-rio-grandenses. Isso faz certo que nesse departamento é que tenha tido sede a colônia maragata mencionada por Francisco Bauzá, em sua "História de la Dominacion Española en el Uruguay".

Na nomenclatura geográfica da Argentina existe o nome maragato como de um lago da província de Buenos Aires.

No Rio Grande do Sul, o que vem a ser no Brasil, o nome "maragato", empregado depreciativamente a princípio, para assinalar os integrantes do Partido Federalista, da fundação e chefia de Silveira Martins e Jóca Tavares, em 1893, tornou-se título de nobreza gaúcha, igualmente como o de "farroupilha", inventado em 1835 para ridicularizar os do Partido Liberal de Bento Gonçalves e Vasconcelos Jardim.

A idéia do apelido para os revolucionários de 1893 - 1895 terá ocorrido ao se saber que a campanha militar teria como um dos generais a Gumercindo Saraiva, natural de Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul, mas que havia muito morava no Departamento uruguaio de San José, aquele mesmo cujos homens são conhecidos por maragatos.

Informa Souza Docca, a êsse propósito, que Gumercindo Saraiva saiu de San José, rumo ao Brasil, escoltado por certo número de maragatos orientais que serviram sob suas ordens durante os anos da guerra civil.

Fica explicado por essa forma, até argumento em contrário, como usos e costumes tipicamente árabes, depois de se manterem como que hibernados num povo radicado há séculos na Europa — o povo maragato, — vieram influir em usos e costumes de um tipo de homem sul-americano — o gaúcho.

("Jornal do Comércio" — do Rio de Janeiro).

NOTICIÁRIO

Uma carta do brilhante historiador uruguaio José Aguiar

Recebemos e publicamos, com o aprêço de que é merecedor, uma carta do sr. contra-almirante José Aguiar, distinto homem de letras do Uruguai, professor da Universidade de Montevidéu, tendo mesmo a representado no Congresso de História realizado, nesta capital, em 1940:

Montevideo, octubre 15 de 1941.

Ilmo. y Exmo. Sr. Dr. Dante de Laytano.

M. D. Director de la **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.**

Muy ilustrado Director y amigo:

He leído en el N.° 82 — (Ano XXI, II Trimestre, Junho de 1941) — de la benemérita REVISTA de su digna dirección, en el **"Noticiario"**, — páginas 530 a 535, — la reproducción del interessante reportaje que el prestigioso diario de esa bella e inolvidable ciudad, — **"Correio do Povo"**, — le hiciera al erudito Miembro de Número del **Instituto Histórico y Geográfico do Rio Grande do Sul,** Excmo. señor Capitán Deoclécio de Paranhos Antunes y que el diario citado publicó el dia 23 de junio último.

Como la base de todas las referencias de aquel reportagem es una conferencia dada por mi en 1934 con el título de **"Nuestra Frontera con el Brasil"**, y teniendo en cuenta las cordiales relaciones que mantengo con ese ilustre **Instituto** y muchos de sus eminentes asociados, me creo en el deber, — y sin duda en el derecho, — de dirigirme al señor Director y por su intermedio a sus distinguidos colegas y demás posibles lectores de su REVISTA, para rogarle quiera publicar estas líneas en las condiciones y situación en que reprodujo el ya citado reportaje. Formulo este pedido porque no me parece ni airosa ni justa la situación en que vengo a quedar ante los señores Miembros de ese INSTITUTO y demás posibles lectores al través de las manifestaciones del distinguido militar y aplaudido historiador que es el señor Capitan de Paranhos Antunes.

Haré, un poco, la historia de los hechos:

1. — En agosto de 1934 yo dí en la Universidad de Montevideo, una conferencia titulada **"Nuestra Frontera con el Brasil"**, y, algo después, la publiqué en la **"Revista Militar y Naval"**, editando algunos ejemplares em **"separata"**, que tuve a mi disposición a fines de 1936. Estaba seguro de haber incurrido en algunos errores pero tenía, — y siempre tengo, — la seguridad de haber escrito muchas cosas de gran amistad para el Brasil y para los brasileros.

2. — En febrero de 1937 se celebró en la ciudad de **Rio Grande** el **"II Congresso Sulriograndense de História e Geografía"**, y yo, creyendo de buena fé haber escrito un trabajo de franca y clara amistad brasilero-oriental, envié, — (estoy seguro que el Sr. Director lo recordará), — un ejemplar de aquel estudio para que fuera entregado en mi nombre a quien resultara vencedor en el tema "AS BULAS". Venció el entonces Teniente Deoclecio de Paranhos Antunes y recibió el ejemplar mencionado.

3. — En octubre de 1937 dí en el **"Ateneo Paysandú"**, en la ciudad de ese nombre, en mi país, una disertación sobre el tema **"Evocación del BARON DE RIO BRANCO"**. El ilustre **"Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul"**, me hizo el honor de publicarla en su **Revista** (II Trimestre, XVIII, 1938).

4. — El eminente militar e historiador, entonces Coronel, hoy merecidamente General, Emilio F. de Souza Docca, no estuvo de acuerdo con ciertas apreciaciones mías. Para refutarlas, — primero en el importante diario "Jornal do Commercio", de Rio de Janeiro de setiembre de 1938, y, enseguida, en la **Revista** del **Instituto** ya mencionado (IV Trimestre, XVIII, 1938), — publicó un artículo titulado **"Condominio da Lagôa Mirim e do Rio Yaguarão"**, en el que además de juzgar mi antes citada conferencia sobre el Baron de Rio Branco, anunciaba tener en prensa un libro en refutación a mis manifestaciones en esa conferencia y en la anterior sobre **Nuestra Frontera con el Brasil.**

5. — Escribí entonces al Ilmo. y Excmo. señor Presidente del Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, mi eminente amigo el Dr. Leonardo Macedonia una comunicación que me hizo el honor de insertar tambien en la **Revista** ya citada (II Trimestre, XIX, 1939). Dije entonces, — y repito ahora, — que si el estudio del Sr. Cnel. Souza Docca me convencía no tendría ningun inconveniente en decirlo clara y publicamente pero que tenía que esperar, naturalmente, a tener conocimiento del libro anunciado.

6. — A fines de 1939 el Sr. Cnel. Souza Docca publicó su libro honrándome con un ejemplar. Solicité su autorización, — que obtuve gentilmente, — para traducir, comentar y publicar su trabajo e la REVISTA MILITAR Y NAVAL de mi país. Debido a que solo puedo disponer de un limitado espacio (en general no mas de 30 páginas por número) aún estoy en esa labor. Pero se terminará y si el Sr. Cnel. Souza Docca tiene razón

así lo reconoceré sin el menor inconveniente dándole las gracias por sus enseñanzas.

7. — En la **Revista** del Instituto ya citada (II Trimestre, XX, 1940), el Sr. Teniente de Paranhos Antúnes publicó un juicio crítico sobre el libro del Sr. Cnel. Souza Docca, — que se titula LIMITES ENTRE O BRASIL E O URUGUAI, — y, al apreciar sus méritos hizo referencias a mi trabajo antes citado y que había obtenido como vencedor en el tema "AS BULAS".

8. — El Sr. Capitán de Paranhos Antúnes, — había sido merecidamente promovido, — envió al IX Congresso de Geografía celebrado en Florianópolis en setiembre de 1940 un trabajo especial refutando, — tambien él, — las afirmaciones contenidas en mi estudio ya citado: **"Nuestra Frontera con el Brasil"**, con referencia a la isla del rio Uruguay llamada **"Brasilera"**, próxima a la desembocadura del Rio Cuareim. Por consejo del Relator, aprobado por el Congreso, dicho trabajo fué enviado a Itamaratí como medida prévia a su posible publicación que aún no sé si se habrá producido o no. De la existencia de ese trabajo recien he tenido conocimiento por la lectura del reportaje que motiva estas líneas.

9. — A fines de 1940 tuve el honor de asistir, — conjuntamente con mi ilustrado colega y amigo el Sr. Coronel Manuel Carlos Tiscornia y en representación de la Universidad de Montevideo, — al III Congresso Sulriograndense de História e Geografía. Estaba seguro de hallar alli al Sr. Gnal. Souza Docca, miembro tan destacado del ilustre Instituto Histórico y Geográfico Sulriograndense y ofrecerme para aclarar publicamente y directamente todas las dudas que mis manifestaciones pudieran haberle sugerido. No tuve la suerte de encontrarlo. En combio, en una sesión solemne con que la Academia Sulriograndense de Letras, adhirió a los festejos del Bi-centenario de Porto Alegre, tuve el gran honor, — y el placer, — de ser saludado en forma excepcionalmente expressiva y por demás amistosa por el ya citado Sr. Capitan de Paranhos Antunes, cuyas exageradas expressiones agradecí entonces por tenerlas por sinceras. Y hoy reitero aquel agradecimiento. Nada ni nadie me hicieron conocer, entonces, la existencia del trabajo del Capitan Antunes enviado al IX Congresso de Geografía aun cuando dicho trabajo solo tiene razón de existencia como refutación a mis afirmaciones histórico-geográficas y de ética jurídica relacionadas con la isla antes citada.

Queda formulada en los números precedentes la **relación de hechos** y el porque de esta carta. Ahora, no conociendo del trabajo del señor Capitan Antunes nada mas que sus lijeras manifestaciones enunciadas en el reportaje antes indicado, no me es posible opinar sobre él y sobre los méritos que su autor le atribuye, por lo que, con esta misma fecha, me dirijo al citado señor capitán rogándole quiera hacerme conocer su trabajo y autorizarme para traducirlo, comentario y publicarlo, lo

que haría enseguida que terminara con libro del señor General Souza Docca.

Tenía y mantengo la intención de publicar a continuación de la traducción y comentario de los estudios del Sr. General Souza Docca ya citados — (**"Condominio da Lagôa Mirim e do rio Yaguarão"** y **"Limites entre o Brasil e o Uruguai"**) —, la del juicio que sobre ese último trabajo de su eminente camarada, cofrade y superior publicó el Sr. Capitán de Paranhos Antunes al que recien me referí, comentándolo tambien, como a mi juicio corresponde. Mi trabajo de tradución, comentario y publicación estaría completo si pudiera agregar el corespondiente a ese nuevo estudio del ilustrado y erudito señor capitán de Paranhos Antunes.

Para ello necesito disponer además de dicho trabajo, de la autorización de su eminente autor a quien se la solicito en carta que acompaña a la presente y cuya entrega ruego al señor Director. Y si las conclusiones a que llega el señor capitán de Paranhos Antunes son realmente, — como él lo dice, — convincentes, terminantemente convincentes, estoy seguro de tener el valor de reconocerlo ámplia y publicamente. Pero por ahora, y tan sólo sobre la base de su escueta información, **no estoy convencido.**

Rogándole al señor Director quiera tener a bien hacer llegar al Exmo. Sr. Capitán de Paranhos Antunes la carta adjunta y agradeciéndole desde ya esa atención así como la posible publicación de estas líneas en la REVISTA de su eminente dirección, tengo el honor de saludarle con mi mas alta consideración y amistad.

JOSÉ AGUIAR
Contra Almirante R.

C/Vd.: Calle Jaime Zudáñez, 2847.
Montevidéo.

Wolfgang Hoffmann Harnisch

O ecritor Wolfgang Hoffmann Harnisch, foi alvo de significativa homenagem por parte dos intelectuais e jornalistas portoalegrenses, por motivo da publicação de seu livro "O Rio Grande do Sul", editado pela Livraria do Globo.

Nesse trabalho, o laureado autor de "Lord Clive" e "Brasil que eu vi" focalizou aspectos da terra gaúcha, tradições, hábitos e costumes das gentes, demorando-se em considerações sôbre o surto progressivo de nosso Estado e abordando, com perfeito conhecimento de causa, os episódios que dizem respeito aos fastos rio-grandenses.

O almôço, que transcorreu num ambiente verdadeiramente cordial, teve lugar no restaurante do Pa-

lácio do Comércio, dêle participando as seguintes pessoas :

Moisés Velinho — Eurico Rodrigues — Edgar Schneider — Xavier da Rocha — Darcí Azambuja — Leonardo Macedonia — Erico Verissimo — Léo Arruda — Nestor Ericksen — Renato Costa — Dario Brossard — Adroaldo Mesquita da Costa — Olinto Sanmartin — Mario Teixeira de Carvalho — Angelo Guido — Jorge Felizardo — Ernesto Pelanda — Augusto Carvalho — Carlos de Paula Couto — Dante de Laytano — Mauricio Rosenblat — Antonio Barata — Justino Martins — Ernesto Vinhais — Mario Quintana — Manoel Feixoto — Adail Morais Arquimedes Fortini — Gustavo Nonemberg — Wolfgang Hoffmann Harnisch Junior — Valdi Rodrigues — A. Raimundo Schneider — Archibaldo Severo — Herbert Caro — Major Morencí de Couto e Silva.

O homenageado foi saudado pelo sr. Léo Arruda, que pronunciou brilhante oração, cuja íntegra é a seguinte:

"Sr. Wolfgang Hoffmann Harnisch:

Não tenho comigo a idéia de proferir aquí um discurso nos moldes clássicos da oratória. Esta reunião de amigos, amena e singela, feita ao calor da admiração espontânea, que não conhece tabús nem recalques, sadia e saudável, sem restrições nem prevenções, estaria irremediavelmente comprometida sob o pêso e a intenção do mau orador que alguém, em tais circunstâncias, tivesse o mau gôsto de escolher para esta hora íntima.

Não que a oratória, quando praticada com inteligência ou talento, com finura e senso literário, não seja ainda uma das mais belas formas de expressão do espírito humano, mediante a palavra nua, imediata, sem o auxílio intermediário de quaisquer outros meios mecânicos para promover a sua fixação, na obra de arte, jogando com a faculdade divina por excelência, que nos distingue inconfundivelmente, na confusão geral das espécies, valendo-nos a denominação pomposa de rei da criação.

Os gênios mudos não existem e nunca existiram. A incapacidade auditiva, voluntária, é uma confissão negativa, pouco lisonjeira, que não se compadece com a criatura humana na sua interminável contingência trágica. Só a palavra, viva e fácil, ardente ou mansa, aproxima-nos uns dos outros e da criação. E' vida e fôrça, persuasão e comunicação. E' a beleza personalíssima que eternamente deslumbra o telúrico e confinado doutor do cosmos — o homem. Ela faz-nos acreditar nos milagres maiores de outros mundos desconhecidos, onde a perfeição não seja apenas um sonho doloroso e vão, sem sentido algum.

Só a palavra dá-nos verdadeiramente a medida concreta da nossa diferenciação. Condenando um orador que transmite os seus anseios íntimos, que fala com lucidez e elegância intelectual, teria incorrido o homem num ato indigno

contra alguns dos mais altos espíritos da humanidade. Não desestimo a oratória. Nem a considero desamável sob o ponto de vista de afirmação superior do poder mental.

Se não vos trago um discurso, sr. Harnsch, concordei de bom grado em que alguém aquí deveria agitar, ao de leve, o tema essencial desta nossa doce convivência fugaz de alguns momentos, longe das grandes e tristes preocupações atuais, que andam lá fora agitando sangrentamente o destino do mundo.

Para escusar a presença do intérprete, no engôdo da má escolha, permito-me o uso de uma frase iterativa de sábio e modesto professor da infância minha, cuja figura marcada pela excessiva "physique du rôle" perdura ainda, com reflexos claros, nos vaivéns da minha sensibilidade.

Aquí estou! — exclamava sempre João Ribeiro — o saudoso mestre de tantas e dispersas gerações. Aquí estou — explicava então o inimitável autor das "Páginas de Estética", para dizer alguma cousa boa ou má.

Por sorte minha aquí estou para louvar quem tanto merece pela obra feita e pela própria simpatia humana que a anima, de modo que, na ausência de recursos para proferir razoavelmente o discurso, versar o tema que sois vós, restará para o consôlo de todos a intenção única do louvor ao belo intelectual que conquistou tão rapidamente, por forma tão galharda, de modo definitivo, o coração e a inteligência do Rio Grande.

Cheguei à última página do livro que acabais de publicar, sr. Harnisch, por uma destas atuais tardes estuantes do sul. Debrucei-me após, no alto do edifício, comovido, na minha janela sôbre o Guaíba. Olhei o intenso movimento humano indicando o Rio Grande atual. Voltei-me para os lados do rio com a paisagem cheia do sol do verão. Sentí-me emocionado porque a sugestão forte da leitura do "O Rio Grande do Sul" impregnara em mim naquele instante um sentimento maior de amor ao que os meus olhos contemplavam e o meu coração sentia.

Quem será êsse estrangeiro milagroso, dotado de visão tão pura e vasta, que me transmitia alí o complexo panorama psicológico, histórico e social do Rio Grande de hoje, retratado com tanta verdade e tanta beleza?

Confesso-vos que retornei ao livro para fixar atentamente o vosso nome, no propósito de não esquecê-lo jamais e guardá-lo carinhosamente na memória, como quem se acha obrigado, reconhecido pelo serviço desinteressado que prestastes à cultura do meu Estado. Descobridor verdadeiro do Rio Grande moderno, nesta altura da sua civilização esplêndida, andastes como um operador cinematográfico revelando realidades que estão bem perto de nós, pôsto que desconhecidas, para infundir depois o conhecimento integral e perfeito da terra e do homem me-

ridionais, nas suas alternativas e em tôdas as suas singularidades.

Tudo feito com simpatia equilibrada, com harmonia e graça, com entusiasmo e observação justa, sem idéia nenhuma preconcebida. Não vos deixastes também dominar pelo sentido meramente apologético. Nem a intenção do exagêro na aposição das lentes de maior poder gradual, aumentativo, deformou a realidade para satisfação do espectador unilateral.

Corpo e alma do Rio Grande tão somente, na mais rigorosa atualidade — eis o vosso delicioso livro. Alma e corpo do Rio Grande meio exclusivista, meio europeizado mas tomando chimarrão e comendo churrasco, forte e fanfarrão, disposto e alegre, vigilante e brasileiro, lutando tenazmente pela posse total de uma única corrente de sensibilidade dentro da conciência nacional.

Não vi equívoco algum dentro do vosso livro. Não incidistes na errônea interpretação, de sociológica fácil atribuindo narcisismo e certo apêgo, peculiar ao temperamento do rio-grandense, à terra e seus costumes, que se traduz apenas pelo zêlo que as prolongadas lutas e as duras experiências o incutiram ao longo da sua evolução e da sua formação social.

Creio que o maior defeito do Rio Grande é querer, à viva fôrça, ser exclusivamente o Brasil. Defeito que se estende numa virtude gloriosa. Notastes já, sem dúvida, olhando a carta geográfica do Brasil, como é semelhante a configuração física do Rio Grande ao Brasil. Até aí nesse pormenor o Rio Grande quer ser o Brasil.

Neste crepúsculo de 1941, sr. Harnisch, quando poucas horas nos restam do ano atual, afirmo-vos em nome dos homens de boa vontade e de inteligência, que estão aquí em vossa presença, em tôrno de vós para festejar-vos, que sois por excelência o estrangeiro que nos convém.

Não perderemos ainda a fé no destino da cultura e da humanidade. Para servi-las oferecestenos um régio presente. Para servi-las, de braços abertos, sentimonos bem vos abraçando. Lado a lado convosco sentimos que a vossa companhia é lúcida, compreensiva e eminentemente colaboradora".

Serenados os aplausos à saudação do sr. Léo Arruda, o escritor Wolfgang Hoffmann Harnisch agradeceu, sensibilizado, a demonstração de aprêço dos intelectuais e jornalistas gaúchos, assim se expressando:

"Meus senhores.

Tentarei expressar em vossa própria língua — tão linda e tão difícil — tôda a minha gratidão pela honra imerecida que me prestais com esta reunião.

Sinto-me feliz por poder, através de vosso honroso convite, dispor desta oportunidade para, também, externar meu profundo reconhecimento a todos os que, neste longo tempo de trabalho em terras rio-grandenses, me prestaram, de qualquer modo, a sua ajuda e seu auxílio para penetrar no

admirável mundo pampeano e a compreendê-lo.

Enaltece-se o mundo dos Pampas, entre outros motivos, por causa da proverbial hospitalidade que distingue seus moradores. Também eu pude sentir diretamente esta hospitalidade. Tanto nas estâncias dos Pampas, como na região colonial e serrana, é ela uma parte inseparável e um traço característico do povo gaúcho. Muito mais do que desta hospitalidade, pela qual muito devo aos gaúchos, quero referir-me a outra, à hospitalidade espiritual.

Hospitalidade espiritual — sim, senhores! — é algo que há também! E creio que ela significa e vale muito mais que a hospitalidade meramente material. E' eternamente verdade: Não só de pão vive o homem. Há também a fome e a subnutrição espiritual. Aquí, em vosso meio, encontrei desde o primeiro instante, o pábulo que alimentasse meu cérebro e meu coração.

No meu primeiro livro sôbre o Brasil dediquei um capítulo à "Duldsamkeit" do brasileiro. E meu tradutor deu à palavra a versão de "Tolerância". Mais tarde, então, verifiquei que teria muito melhor sido traduzido por "espírito de aceitação", a capacidade da alma brasileira em inspirar ao outro o sentimento de que ela o não rejeitaria, caso viesse em sua procura.

A solicitação tácita e naturalmente concedida, de poder entrégar, ligar e associar-me ao mesmo ritmo, eu a senti, indistintamente, no Norte como no Sul. Mas particularmente aquí, e desde o primeiro instante. E nisto, numa época de bárbaro regresso e degeneração, em que os homens, no ápice da civilização, não só chacinam os corpos, mas — o que é pior — envenenam os espíritos e as almas. E foi aquí, na terra gaúcha, que vim encontrar desfraldada à brisa, a bandeira do humanitarismo, da camaradagem humana no sentido mais alto, do espírito de aceitação, da generosidade sentimental e intelectual — estandarte levado sem a mínima afetação, com tôda naturalidade, e, por isso mesmo, tanto mais vigoroso em sua atração. Êsse clima moral, essa hospitalidade espiritual, em tôdas as horas difíceis, inerentes a essa espécie de trabalho estimulou-me sobremodo a que prosseguisse.

E' assim que entendo a hospitalidade espiritual. E foi assim que a senti nesta terra, sem exceção de ninguém, quer fôsse catedrático, quer fôsse poeta ou escritor, quer fôsse jornalista. Sentia-me sempre como amigo: entre amigos.

E' assim que termina o último capítulo do meu livro sobre o Rio Grande, intitulado "Adeus". E' também a palavra que calha ao dia de hoje, para todos nós, que nos despedimos do ano velho de quarenta e um. Aproveito, pois, também êste ensejo para augurar a todos vós, para o povo gaúcho e para o povo brasileiro um feliz e próspero Ano Novo; e aos demais povos da humanidade quise-

ra desejar que no Ano Novo encontrem aquela paz, aquela felicidade sem par, de que goza o humanissimo Brasil".

Logo que o escritor Wolfgang Hoffmann Harnisch ex-professor universitário na Alemanha, apareceu em Pôrto Alegre, impôs-se nos nossos circulos literários pela vasta cultura, comprovada em palestras sôbre problemas os mais diversos e pelas numerosas obras literárias de que é autor, e pela simpatia pessoal realçada por uma modéstia encantadora.

Tivemos, então, a oportunidade de ouvi-lo, sabendo que sua estada no Rio Grande do Sul obedecia ao plano de confeccionar um volume que refletisse aspectos os mais diversos dêste Estado. Efetivamente depois de longas e exhaustivas viagens pelo interior, onde recolheu o material necessário, o sr. Hoffmann Harnisch, nos brindou com um volume de cêrca de quinhentas páginas, que, pode-se dizer sem exagêro, é uma das mais completas senão a mais completa das obras jamais escritas sôbre os Pampas, sua paisagem física e humana.

Êste livro, que, intitulado "O Rio Grande do Sul — A Terra e o Homem" acaba de ser lançado em belíssima edição da Livraria do Globo, foi que nos levou a ouvir o autor. Quisemos nos contasse algo sôbre seus escritos anteriores, presentes e futuros.

— Quando deixei a Europa — começou, gentilmente, o escritor Hoffmann Harnisch — levei comigo apenas a bagagem mais indispensável. Nela havia também uma maleta contendo um exemplar de cada um dos meus livros — isto é, dos livros que me foi possivel receber, pois que a muitas traduções de obras minhas houve referência sem que eu pudesse obter os respectivos comprovantes.

— Mas, afinal, qual era o conteúdo dessa maleta?

— São estas duas obras: — e exibiu-as — uma biografia de Molière e uma "Sociologia do Teatro" — dois trabalhos da minha juventude, que hoje já não contam mais. Depois, êste livrinho aparecido em Praga: "História do terrorismo russo". Também o conteúde dêste livrinho foi superado pelo tempo, pois os revolucionários inofensivos de 1900 e 1910 já há muito sumiram no lixo da história universal. Há ainda algumas novelas, entre outras a "Alta escola de equitação", que se passa no Mexico.

Ei-lo. E' a biografia dum homem que se conta entre as figuras mais singulares e curiosas da história mundial. Como certamente o amigo está cansado de saber Bobby Clive, na juventude, foi um velhaco, um elemento associal, o escândalo de tôda gente em sua pequena cidade natal inglesa. Mandaram-no para as Índias, "para a casa do diabo", porque esperavam que a febre indiana livraria a parentela dêsse fardo penoso. Bem, o Bobby, de-fato, pegou a febre mas não morreu e não ganhou miseravelmente seu

pão de cada dia como modesto empregado comercial mas conquistou as Índias para a Inglaterra.

Quando escreví o livro, verifiquei, admirado, que a grande massa dos cidadãos ingleses nem tinham idéia da importância das Índias para a Inglaterra. Disse mesmo na introdução que, na Inglaterra de antes-guerra, precisava ser feita uma intensa propaganda para se tornar claro ao público o que significava dispor das Índias.

Após essa excursão pela história inglesa, voltei-me, então, a um tema russo e escreví "Catarina, a Grande — história duma carreira". E' êste livro a biografia da personalidade "política", e as célebras aventuras galantes da imperatriz só foram mencionadas, enquanto tivessem exercido alguma influência na política.

A biografia foi escrita em tôrno de pequena cena: O embaixador inglês, o "velho Williams", procura esclarecer a jovem princesa de que, entre a Inglaterra e a Rússia, há uma relação como que natural de certo modo eterna — não obstante tôdas as oscilações entre simpatias e antipatias, que se verificavam ocasionaumente. Quem quer que governe na Inglaterra ou na Rússia, qualquer que seja a política seguida por ambos os países: ambos os povos demonstram poucas simpatias mútuas, ambos os governos nunca estiveram, não estão e jamais estarão numa relação de amizade íntima. Mas, quando estiver em jôgo uma decisão real, quando soar a grande hora histórica, a Rússia procederá sempre em benefício da Inglaterra e esta em prol da Rússia. Os egoismos dessas duas grandes potências, em última análise, sempre correm paralelos, e ambos os governos — por vezes contra a própria vontade e de certo modo de maneira automática — são levados a ajudar-se reciprocamente. Qualquer ataque contra a Inglaterra obriga a Rússia a correr em auxílio da maior potência naval. E viceversa, qualquer ataque contra a Rússia força a Inglaterra a acorrer em auxílio da maior potência terrestre. Demonstrei-o já faz dez anos.

Meu primeiro livro, neste setor, chama-se "A marcha para o oeste". Nele está contida a biografia completa dum aventureiro, que se chamou Daniel Boone. E' a figura paralela norte-americana dos nossos bandeirantes, um homem da têmpera dum Fernão Dias Pais Leme ou Bartolomeu Bueno da Silva, chamado Anhanguera. Precedeu a todos nas regiões desconhecidas e inhóspitas, andando sempre às voltas com os indígenas. Tornou-se figura lendária, sendo-o realmente, pois nele se inspirou Fenimore Cooper para criar seu célebre Natti Bumpo que conhecemos tão bem através de "Meia de couro" e "O último dos moicanos".

Segue-se o livro "Evangelina e os Raw-Riders", que descreve as lutas de liberdade de Cuba. Nesse livro tem papel preponderante Tedoy Roosevelt, tio do atual presidente norte-americano, bem co-

mo o regimento de cavalaria voluntários, os chamados "Raw-Riders", por êle organizado, e, finalmente, uma mocinha cubana que contribuiu, de maneira decisiva, para a libertação de seu país. Mencionarei, além disto, o livro "Como êles conseguiram seus milhões", obra de caráter humorista, apresentando as biografias de alguns milionários norte-americanos, e pelo qual o leitor pode dar uma olhadela por detrás dos bastidores da especulação e da Bolsa. Conto nesse livro como se formaram as grandes fortunas americanas pela época do supercapitalismo americano.

— E sôbre o Brasil?

— Eis-nos chegados aos livros sôbre a América do Sul, particularmente sôbre o Brasil. Meu primeiro livro "Retrato de uma potência tropical" alcançou, a 1.° de julho do corrente ano, em sua edição alemã, a tiragem de 60.000 exemplares. Parte dêste livro, como sabe, apareceu no Brasil, sob o título "O Brasil que eu vi".

Estamos assim chegando ao tempo presente, e dêste pretendo falar em outra oportunidade. Direi apenas que já dei por terminado "Goethe e o Brasil", opúsculo que reúne tôdas as referências que Goethe tem feito ao Brasil (86 ao todo, em seus escritos). Terminei, ainda, "Os dois mais antigos livros sôbre o Rio Grande do Sul". São as traduções dos dois livros do jesuíta padre Sepp, dos anos de 1697 e 1705, ambos com uma introdução e comentário de minha autoria. Há, além disso, uma obra especializada sôbre "A arte do Rio Grande do Sul" isto é, a arte dos indígenas e jesuítas, dos açorianos, portugueses e brasileiros, entre 1690 e 1890. Terminei, outrossim, a coleta do material para um livro sôbre o Chile, material quase todo reunido por meu filho, de modo que, provavelmente será êle quem vai escrever o livro, e não eu. Estou, aliás, ocupado com uma obra de grande envergadura sôbre o Brasil, uma obra de quatro volumes, sob a epígrafe "O Brasil Novo". O primeiro volume intitulado "Análise", já foi traduzido para o português. O segundo volume "A biografia do presidente Vargas" está ultimado e está sendo traduzido também. A terceira parte denomina-se "A Nação" e descreverá a composição social e regional do povo brasileiro, como êste povo se formou e como é atualmente. Êste livro conterá 100 biografias breves de Brasileiros ilustres e outros anônimos descrevendo, de modo particular, a mulher brasileira, cuja vida passou, nestas últimas gerações, por transformações fundamentais. Apresentarei, aí, a mulher brasileira moderna, como se no-la representa a pessoa da professora.

Eis algo do que fiz, do que estou fazendo e do que pretendo fazer. Presentemente, é bem natural, estou todo preocupado com a questão de se o meu livro "O Rio Grande do Sul — a Terra e o Homem" terá algum êxito. Quero dizer: Reconhecerão os gaúchos a sua terra na descrição que fiz?

Consegui descrever o Rio Grande com acêrto? Estou plenamente convencido de ser uma tentativa extraordinariamente arrojada a de descrever uma terra tôda, já que a terra é um fenômeno eterno e complexo, ao passo que nós, homens, temos uma vida curta, um juízo também curto e uma visão mais curta ainda. Na descrição de países e terras é que o escritor percebe e com que clareza, como são limitadas as suas possibilidades e meios. Estes livros são verdadeiras escolas de modéstia.

Depois disto, a palestra gira em tôrno da vida literária brasileira, seu atual desenvolvimento e futuro, que o sr. Hoffman Harnisch prevê brilhante. Seu filho, Wolfgang Hoffmann Harnisch Junior, está seguindo de modo convincente a trilha do pai e do avô. (Êste também escreveu, se bem que somente sôbre assuntos científicos). Hoffmann Harnisch Junior, aliás, é um verdadeiro artista da máquinha fotográfica. Foi êle que apanhou os belíssimos aspectos da vida rural e urbana gaúchas que estão reproduzidos em "O Rio Grande do Sul", tendo também confeccionado o maravilhoso álbum fotográfico com legendas literárias, publicado por ocasião do Bi-Centenário. Êsse jovem escritor especializou-se em assuntos policiais, pelo menos foi o gênero que tentou até agora, e com auspicioso êxito.

Wolfgang Hoffmann Harnisch é, já, um nome familiar do público brasileiro. "O Brasil que eu vi" foi, entre nós, o seu cartão de apresentação. Tornou-o conhecido do Norte ao Sul, dada a maneira sincera e exata com que fotografou, em seu trabalho, a vida e a terra brasileira. Mas a atividade dêste escritor europeu não se resumiu àquele trabalho, que alcançou entre nós a 3.ª edição e que constituiu no Velho Hemisfério um verdadeiro "bestseller". Como resultado dos seus estudos e investigações, durante anos, deu-nos êle agora, em primorosa edição da Livraria do Globo, "O Rio Grande — a terra e o homem". E foi precisamente a publicação desta obra que vem enriquecer, sem dúvida, a bibliografia histórica do Estado, que decretou a entrevista abaixo, após um encontro fortuito de rua. Em sua residência o autor dêste trabalho sôbre os Pampas, que Erico Veríssimo estimou como o "livro mais rico sôbre o Rio Grande do Sul", refere-nos como surgiu a idéia da obra que não pensava escrever.

— Meu amigo, contar-lhe, com todos os pormenores, como surgiu a idéia é uma história bastante comprida — diz. Se estiver disposto a dar-me atenção, tentarei resumí-la em meia dúzia de palavras.

Em fins de 1939 — conta-nos, então, o dr. Hoffmann Harnisch — o insigne filho da terra gaúcha, o sr. Presidente da República, proporcionou-me a honra de receber-me em uma audiência privada. Palestrando comigo sôbre o meu livro à respeito dêste grande país intitulado o "Brasil que eu vi", que já naquela época figurava na

lista dos "best-sellers" da Europa, com uma edição de 60.000 exemplares, veio-me a idéia de juntar às biografias de "Molière", "Lord Clive" e "Catarina a Grande" a do genial autor do Estado Novo. A idéia foi acolhida benevolamente pelo sr. Presidente da República. E foi, assim, que vim para o Rio Grande, que já o percorrí em todos os quadrantes para estudar e compreender o ambiente em que o dr. Getúlio Vargas se criara e onde vivera tanto anos. No decurso de meses a minha convivência com a vida espiritual riograndense se tornou tão íntima, que resolví, não só enamorado pelos encantos múltiplos oferecidos pelo Pampa e como também fascinado pelos ideais nele incarnados, traçar-lhe o perfil histórico, social, cultural e econômico." E assim surgiu o "Rio Grande — a terra e o homem", cujo título, por si só, esclarece o conteúdo da obra.

O dr. Hoffmann Harnisch surpreendeu, nesta altura, o repórter. Retira, de uma pequena caixa o primeiro livro escrito sôbre o Estado, que dsecobriu, praticamente, ao escrever a obra ora dada à lume. Trata-se de "A minha viagem para junto dos indígenas do Rio Uruguai", escrito em 1691 e publicado em 1698 em Nuremberg, pelo Padre Antônio Sepp, S. J.. A obtenção dêste livro pelo autor de "Lord Clive" constituiu quase uma aventura. Eis como a descreve: — "Após haver lido as primeiras referências sôbre aquele trabalho, pediu a remessa de um exemplar a uma agremiação de cientistas europeus. Foi encontrado, então, o último exemplar existente da antiga obra original, ao preço de 6.000 francos, aproximadamente 3:500$000 em nossa moeda. Além disso só o seguro e a franquia postal o dr. Hoffmann Harnisch dispendeu mais de .... 1:500$000, cujos selos aéreos constituem, sem dúvida, uma atração para os filatelistas. E nesta altura, o dr. Harnisch acrescenta: "Mas isso pouco importa. O que interessa é a obra que representa, para o Estado, um documentário de valor inestimável, não havendo, mesmo, dinheiro que a pague. Entretanto, meses depois, caiu-me às mãos, por vias semelhantes, o segundo livro mais antigo sôbre o Rio Grande do Sul: a "Continuatio Laborum Apostolicorum" do mesmo autor, o padre Sepp. Editado, em verdade, um pouco mais tarde, lá por 1710, não me foi possível obter, na Europa, nenhum exemplar original. Tôda a obra foi, assim, fotocopiada, página por página, na Biblioteca Estadual de Berlim, onde se guarda, ciosamente, um dos poucos exemplares.

E quanta coisa valiosa e interessante encerra estes dois volumes — exclama o dr. Hoffmann Harnisch. Aquí o Pe. Sepp relata a tendência dos moradores primitivos das terras gaúchas para o churrasco, que preferiam, sempre, a diversos pratos de carne preparados à maneira européia. O tradicional churrasco venceu aos melhores acepipes europeus. Há, entretanto, uma diferença entre o

churrasco de ontem e o de hoje. Enquanto o gaúcho moderno prepara a carne com bastante sal, os indígenas rio-grandenses sofriam da falta dêste popularíssimo condimento. Conta, então, o Pe. Sepp que os índios, depois de ingerirem a carne sem sal, se entregavam ao chimarrão, à guisa de condimento. Acolá, refere como, pela vez primeira, fundiu êle o ferro, constituindo, assim, êste fato o início da siderurgia brasileira. E' um detalhe devéras curioso, pois não se fundia, naquele tempo, o ferro em Minas Gerais. A siderurgia alemã surgiu, igualmente, 100 anos depois. E naquela época, já o Pe. Sepp fazia distinção entre ferro e aço, quando ninguém ainda sonhava com essa classificação. Há mais ainda: foi com o ferro dessa fundição, rústica é verdade, que se forjaram as armas que Sepé Tiarajú usou mais tarde na batalha de Caibaté.

Mais adiante, conta como surgiram as reduções, como estavam organizadas, a sua administração, a sua vida social, os trabalhos agrícloas dos indígenas, a pecuária e sua importância capital na economia daquelas povoações, como se construíam as casas e igrejas e como foram produzidas as obras de arte que ainda hoje tanto nos encantam. E estes dois volumes vou apresentá-los ao público brasileiro, num trabalho que se denominará "Os indígenas do Rio Uruguai". Os dois primeiros e mais antigos livros sôbre o Rio Grande do Sul, que se dividirá em quatro partes: Introdução e análise; Minha viagem para junto dos indígenas do Rio Uruguai (o primeiro livro); Minha Vida Com os Indígenas em São Miguel e São João Batista (Segundo livro) e Comentários e esclarecimentos". A obra já se acha concluida devendo ser dada à publicidade em futuro próximo.

Depois de uma rápida pausa, o dr. Hoffmann Harnisch prossegue em sua palestra com a reportagem, — acrescentando:

— "Espero ainda, no corrente ano, apresentar um outro trabalho da minha autoria, intimamente ligado à vida rio-grandense. Trata-se de uma obra mais fotográfica, documentária, que se intitula — "Rio Grande do Sul — Arte dos Indígenas e Jesuítas, os Açorianos, Portugueses e Brasileiros, de 1690 a 1890". Essa obra reunirá cêrca de 300 fotografias, confeccionadas por meu filho. A parte literária será editada em três línguas: português, espanhol e inglês, afim de torná-la acessível a tôdas as repúblicas americanas e destarte, despertar o turismo das Américas para êste recanto de verdadeira importância cultural panamericana. Embora tenha, com esta obra, chegado ao término de meus trabalhos no Estado, pois pretendo seguir viagem para o Rio dentro em breve, não significa, entretanto, que haja concluído os meus trabalhos sôbre o Rio Grande do Sul. Espero, ainda, visitá-lo inúmeras vezes, pois que tenho, aquí numerosos e bons amigos os quais jamais esquecerei. O Rio Grande está em definitivo,

intimamente ligado não só ao escritor e cientista, como ao homem e ao coração".

(Noticiário extraído do "Correio do Povo" e "Fôlha da Tarde").

Virgilio Varzea

Em um sanatório da Gávea, onde se achava em tratamento, faleceu um escritor que deu ao Brasil belas páginas impressionistas dos nossos costumes, principalmente da vida dos nossos marinheiros, o Sr. Virgilio Varzea. A obra literária por êle deixada não é pequena e mereceu sempre da critica o melhor acolhimento. Viveu 78 anos, escrevendo e ensinando.

Nascido na praia de Canavieira, ao nordeste da ilha de Santa Catarina, a 6 de janeiro de 1863, desde criança integrou-se na vida do mar gravando no espírito as impressões que mais tarde serviriam para a composição de uma obra literária única na espécie e superior a quinze volumes.

Filho do capitão de navio, João Barbosa Varzea e de D. Julia Maria Alves Brito, senhora descendente de uma linhagem de marujos, tinha no sangue a hereditariedade marinheira que iria qualificar seu modo de escrever. Crescendo a bordo de brigues e galeras comandados pelo pai, recebeu educação maruja antes das primeiras letras, que se fez na antiga Destêrro, hoje Florianópolis, juntamente com Cruz e Souza, o poeta negro que foi seu condiscípulo desde as primeiras letras.

Vindo para o Rio, aquí foi matriculado no Colégio Naval, cujo curso não terminou, ao tempo do Ministro Almirante Pereira Franco, desviado pela vida literária desta Capital. Foi quando iniciou a carreira jornalistica, interrompida várias vezes por engajamentos em veleiros estrangeiros, a cujo bordo correu os oceanos Atlântico e Indico.

Perdendo o pai, voltou para Destêrro, onde renovou a camaradagem com Cruz e Souza, já então voltado inteiramente para as preocupações poéticas. Os dois fundaram um jornal no qual apareceram numerosos prosadores e poetas novos.

Quando da transição do Império para a República, o Sr. Virgilio Varzea encontrava-se novamente nesta Capital, como redator da "Cidade do Rio", com José do Patrocinio e do "Diário de Noticias", com Ruy Barbosa, colaborando ainda, mais tarde, ativamente na "Gazeta de Noticias", no "O País", e no "Correio da Manhã", além de um periódico estadual.

Em Santa Catarina publicou seus livros de estréia, "Traços Azues", versos e "Tropos de Fantasia", contos de colaboração com Cruz e Souza, mas foi no Rio de Janeiro que editou a maior parte da sua obra, constante do seguin-

te: "Rose Castle", novela; "Mares e Campos", contos; "Contos de amor". "George Marcial", romance da política e da sociedade do fim do Império; "A ilha de Santa Catarina", estudo de geografia humana, predecessor dos trabalhos do gênero agora tão comuns; "Histórias rústicas", contos; "A noite de Paladino", novela; "Os argonautas", "O brigue Flibusteiro", romance sôbre a ilha da Trindade e "Nas ondas".

Muitos dos trabalhos do Sr. Virgilio Varzea, como "Bois chucros", constituíram páginas verdadeiramente notáveis. Outros foram traduzidos em várias línguas, como o "Natal no mar", que a Sra. Selma Lagerlöf, escritora suéca, enfeixou na coleção que organizou como sendo os melhores contos latinos que já lera.

Além disso, o extinto deixou numerosos e interessantes estudos de história e geografia, sempre preferindo motivos brasileiros e especialmente de sua terra natal. Ultimamente escrevia as memórias de sua vida literária, quando foi colhido pela enfermidade que o prostrou, quasi aos oitenta anos.

O Sr. Virgilio Varzea, que dedicou dezenas de anos à causa da instrução pública, nesta Capital, como orientador do ensino, deixou viúva, D. Euridice de Vasconcelos Varzea e os seguintes filhos Professor e escritor, Afonso Varzea, jornalista Paula Varzea, João Varzea, Raul Varzea, Julio Varzea, D. Heloiza Varzea Preuss, Arthur Varzea e George Varzea.

Seu entêrro realizou-se no Rio de Janeiro, saindo o féretro da capela de Santa Teresinha, no Túnel Novo, para o cemitério de S. João Batista, com grande acompanhamento.

O féretro foi coberto de coroas de flores naturais.

Monumento a Euzébio de Oliveira

Com a presença do Sr. Carlos de Souza Duarte, Ministro interino da Agricultura, do General Candido Rondon, do Prof. Leitão da Cunha, Reitor da Universidade do Brasil, diretores e altos funcionários do Ministério da Agricultura, realizou-se, no Rio de Janeiro, à Avenida Pasteur, 404, a solenidade de inauguração da erma mandada erigir pelo Govêrno em homenagem ao notável cientista patrício Auzébio de Oliveira, ex-diretor do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil.

A cerimônia foi iniciada com o discurso do engenheiro Luciano Jaques de Moraes, Diretor Geral do D. N. P. M., que enalteceu a obra do grande geólogo brasileiro.

A viúva Euzébio de Oliveira descerrou, em seguida, a bandeira nacional que cobria o busto.

Falou depois o Dr. Mello Leitão, como representante da Aca-

demia Brasileira de Ciências, fundada por Euzébio de Oliveira, que também foi um dos seus presidentes.

Por último, usou da palavra o geoólogo Aníbal Alves Bastos, Diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia, tendo discorrido sôbre os valiosos trabalhos deixados pelo eminente cientista.

Regiões geoeconômicas do Brasil

Das regiões geoeconômicas em que o Brasil ficou dividido, depois do inquérito realizado em 1939 pelo Conselho Técnico de Economia e Finanças, a mais importante é, sem dúvida, a região denominada Sudeste, que abrange os Estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Distrito Federal e São Paulo. Essa região é a maior produtora de café, concorrendo com 92 % da produção total do país, algodão em rama 64%, carnes 51%, laranjas 88% e bananas 69 %. Trata-se, na realidade, do centro irradiador da economia nacional, servido pelos dois portos principais do Brasil, que são os do Rio e Santos, e dotado do melhor sistema rodoviário e ferroviário do país.

A Secretaria do Conselho Federal de Comércio Exterior ao fazer o confronto dos dados do comércio exterior do Brasil nos nove primeiros meses do biênio 1940-41 salienta que essa região em 1940, representou 64 % da exportação total do país, percentagem essa que em 1941 se elevou para 66%. Na pauta de importação, o Sudeste aparece com 84 % em 1940 e 86 % em 1941. Essas percentagens bastam para evidenciar a importância dessa região geoeconômica brasileira.

Nessa região, a unidade federativa de maior movimento na importação é o Distrito Federal, por onde se faz quasi todo o movimento do comércio externo do grande Estado de Minas Gerais, que não tem saída para o mar. Dêsses dois portos do Sudeste, é o do Rio o que mais importa e o de Santos o que mais exporta.

Nos nove primeiros meses de 1940 a importação feita pelo pôrto do Rio representou 42 % do valor da importação total do país, e em 1941 essa percentagem se elevou surpreendentemente para 45% Quanto à exportação por êsse mesmo pôrto, ela correspondeu a 12% do valor total dos três primeiros trimestres de 1940, contra 15 % em igual período do ano em curso.

Só o Estado de São Paulo concorreu com 50 % do valor da exportação total dos nove primeiros meses de 1940, e embora o valor de sua exportação se tenha elevado em 1941, essa percentagem caiu para 49 %, dado o grande au-

mento da exportação de outros Estados.

Logo depois da região sudeste, aparece em importância econômica a região Nordeste, abrangendo os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Baía. E' o maior centro produtor de açucar do país. Suas vias de comunicação ainda são, no entanto, deficientes, predominando as rodovias. Embora ocupe o segundo lugar em importância econômica, distancia-se muito da região Sudeste, pois concorre com apenas 15% para a exportação total do país e participa com 6 a 7% da importação.

A terceira região em importância econômica é a denominada Sul, a qual compreende os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Essa zona absorveu nos nove primeiros meses de 1940 7 % do valor da importação e 6 % em 1941. Para a exportação sua contribuição foi de 14% até setembro de 1940 e 12 % em igual período de 1941.

Nessa região é o Estado do Rio Grande do Sul que detém a liderança, tanto na importação como na exportação, participando com 5% a 6% da primeira e concorrendo com 8 a 10 % para a última. O movimento do comércio exterior dessa zona teve de decrescer consideravelmente, de janeiro a setembro de 1941, devido sobretudo à falta de linhas de navegação.

Segue-se na ordem da maior importância econômica a região Norte, que é a que cobre maior extensão territorial do Brasil, pois é constituída dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí e Território do Acre. Economicamente, porém, representa só 1 % a 2 % da importação total e 6 % a 7 % da exportação. E' uma região pobre de estradas-de-ferro e de rodovias, tendo, no entanto, a vantagem de ser servida pela bacia Amazônica. Dêsse grupo de Estados, destaca-se o Pará, que absorveu mais da metade da importação total da região, de janeiro a setembro de 1940-41, e contribuiu com aproximadamente 1/3 da exportação por ela feita no referido período.

Por último, vem a região denominada Central, também de grande extensão territorial, mas de densidade de população mínima; de difícil acesso à costa e de riquezas naturais praticamente inexploradas. Compreende os Estados de Mato Grosso e Goíaz. As estatísticas dessa região quasi se referem somente ao Estado de Mato Grosso, visto o comércio de Goiaz se processar pelos portos do Pará, Baía, Mato Grosso e São Paulo. Contribue para o movimento de importação e exportação do Brasil com percentagens inferiores a ½ %.

São cifras essas que provam a grande oportunidade da campanha iniciada em prol do desenvolvimento das nossas regiões geo-econômicas menos favorecidas e da necessidade da imigração das populações para o interior do país.

———

Instituto Brasil-México

Com o objetivo de assentarem as bases de uma associação capaz de trabalhar eficientemente pela aproximação cada vez maior, entre o México e o Brasil, reuniram-se, no Rio de Janeiro, brasileiros e mexicanos dispostos à concretização dessa idéia.

Efetuou-se a reunião em um dos salões da Embaixada do México gentilmente oferecido, para o ato, pelo sr. Embaixador José Maria Davila.

Inicialmente, usou da palavra o sr. Embaixador José Maria Davila, que solicitou do Sr. Leonardo Truda aceitasse a missão de dirigir os trabalhos da reunião.

O Sr. Leonardo Truda agradeceu a delegação que acabava de receber e pôs em evidência a elevação dos intuitos que, naquele momento, congregavam brasileiros e mexicanos. Em seguida, deu a palavra ao Sr. Alvaro Palmeira, que discorreu sôbre a finalidade da reunião, propondo, depois, se manifestassem os presentes a propósito dos três seguintes pontos: — declaração formal da fundação; — título da associação; e diretoria provisória.

Falaram, então, sucessivamente, os Srs. Ministro Pacheco de Oliveira, Erasmo de Lima, Marechal Uchoa Cavalcanti, Morais Coutinho, Eduardo Tourinho, Martins Sampaio e Silvio Corrêa de Brito. O último propos fôsse a novel associação denominada "Instituto Brasil-México", por entender que êsse título abrangia tôdas as modalidades de intercâmbio, relativamente aos dois países.

Sob os aplausos gerais, deliberou-se considerar fundado, o "Instituto Brasil-México" e constituída uma Comissão para redigir os estatutos respectivos a serem proximamente aprovados. Integram a referida Comissão os Srs.: Ministro Pacheco de Oliveira, Dr. Morais Coutinho, Dr. Alvaro Palmeira, Dr. Mario Kroeff, Dr. Salvador Martinez Mercado e Dr. Fernando Lazarde, sob a presidência do Dr. Leonardo Truda, que teve o seu nome aclamado para êsse pôsto.

Foi ainda aprovada proposta do Coronel Dilermano de Assis, no sentido de ser dado conhecimento da fundação do Instituto aos Srs. Presidentes das Republicas do Brasil e do México, bem como aos Srs. Ministros das Relações Exteriores de ambos os países.

Lido um telegrama do Sr. Herbert Moses, pedindo fôsse considerado presente à reunião, falou o Sr. Embaixador José Maria Davila, que manifestou sua intensa alegria pelo empreendimento naquela ocasião iniciado e opinou a sua certeza na grande influência dêsse movimento para a obra de maior aproximação entre brasileiros e mexicanos.

Centenário da Revolução de 1842 e da ação pacificadora de Caxias

No gabinete do Sr. Lourival Fontes, Diretor Geral do D. I. P., realizou-se, uma reunião da Comissão Organizadora dos Festejos Nacionais Comemorativos da Pacificação do Movimento de 1842 pelo grande soldado e patriota que foi mais tarde, elevado à dignidades de Marechal e Duque de Caxias. Estiveram presentes os Srs. Lourival Fontes, Luiz Simões Lopes, Tenente-Coronel Afonso de Carvalho, Gustavo Barroso, Paulo Filho, Peregrino Junior, Cypriano Lage, Candido Motta Filho e Ciro dos Anjos tendo justificado sua ausência os demais membros da comissão.

Abrindo os trabalhos, o Sr. Lourival Fontes declarou que era necessário que fôsse esboçado, desde logo, o programa geral das comemorações afim de que pudessem ser organizadas diversas sub-comissões, para melhor distribuição do trabalho.

Cada um dos presentes ofereceu uma série de sugestões e alvitres sendo, afinal, estabelecido o programa geral dos festejos, que se decidiu fôsse iniciado no mês de junho e prosseguisse em julho e agôsto, para encerrar-se no dia da Pátria, a 7 de setembro, com o discurso do Sr. Presidente da República.

O programa geral ficou assim estabelecido:

1.º — Exposição evocativa da figura de Caxias e das personalidades políticas que participaram do movimento de 1842, a se realizar no Rio de Janeiro.

2.º — Conferência sôbre a significação nacional da ação pacificadora de Caxias, inaugurada com a dominação do movimento de 1842 em São Paulo e Minas.

3.º — Concurso de monografias e estudos sôbre a ação de Caxias e a unidade nacional, abrangendo o movimento de 1842, o dos Farrapos e da Balaiada ou, ainda, a questão religiosa, por êle encerrada quando Ministro do Império. Concurso de peças de teatro, sôbre a Revolução de 1842, salientando a missão pacificadora de Caxias, sendo a obra premiada levada à cena com o patrocínio do govêrno.

4.º — Realização de filmes cinematográpicos sôbre as cidades paulistas e mineiras ligadas a Revolução de 1842 e contendo a resenha histórica dos acontecimentos.

5.º — Realização de desfile comemorativo pela Juventude Brasileira e sociedades esportivas.

6.º — Comemorações locais, no Estado do Rio, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul e Maranhão, nas cidades que ficaram assinaladas na história por feitos memoráveis de Caxias. Inauguração da estátua do grande soldado na capital paulista.

7.º — Transferência da estátua do Duque de Caxias do local em

que se encontra para o que lhe foi destinado, em frente ao Ministério da Guerra, com solenidade pública em que será prestada homenagem à memória do Pacificador.

8.º — Concurso escolar sôbre Caxias e leitura didática em tôdas as escolas primárias e técnico-profissionais, durante o ano de 1942, sôbre a Revolução de 1842 e o papel de Caxias na pacificação do país e na consolidação da ordem e da unidade nacional. Inclusão nos programas de História do Brasil das Escolas Normais de todos os Estados de um ponto especial destinado ao estudo da Revolução de 1842, suas origens e consequências.

9.º — Cunhagem de moedas e impressão de selos comemorativos da Revolução de 1842.

10.º — Realização de festividades públicas, parada militar com a reconstituição dos uniformes do Exército na época de Caxias.

11.º — Publicação de documentos históricos sôbre a Revolução de 1842. Reedição do livro do Cônego Marinho.

12.º — Realização de missa campal destinada a comemorar a pacificação religiosa da família brasileira pelo Duque de Caxias.

13.º — Colocação de padrões comemorativos da ação de Caxias nos lugares onde se feriram as mais importantes ações da campanha de 1842.

Depois de animado debate sôbre as comemorações nos Estados, ficou estabelecido que as solenidades marcantes, nas cidades do interior, independente de outras comemorações a serem efetuadas nos demais locais, fôssem realizadas em Santa Luzia (Minas), Campinas (São Paulo), Caxias (colocação do marco no novo município fluminense), Caxias (Maranhão) e Bagé (Rio Grande do Sul), esta última escolhida por ser o lugar onde o Pacificador recusou um "Te-Deum" pela vitória das suas armas, declarando que preferia comparecer a uma missa de Finados, pela alma de todos os brasileiros que haviam morrido nas lutas fratricidas do Sul.

O Sr. Peregrino Junior sugeriu que se efetuasse propaganda através dos jornais e publicações infantis no sentido de despertar, para as comemorações, o interêsse da juventude. O Tenente-Coronel Affonso de Carvalho declarou que as festividades comemorativas em todos os Estados, terão a participação do Exército, o Sr. Ciro dos Anjos declarou que o govêrno de Minas vai auxiliar a Prefeitura de Santa Luzia a concertar a estrada que leva ao alto Tamanduá, onde esteve instalado o Q. G. de Caxias, e ao povoamento da Lapa. Sugeriu, ainda, que fôsse solicitada pela comissão a cooperação do serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, afim de que seja completada a restauração da casa onde esteve instalado o quartel dos revolucionários, visto não se achar a mesma em condições de receber visitas.

Passou-se então, à organização das subcomissões, que ficaram assim distribuídas:

Coordenação — Lourival Fontes, Gustavo Barroso e Cypriano Lage.

Orçamento — Luiz Simões Lopes, Queiroz Lima e Lourival Fontes.

Publicações - Comandante Braz Velloso, Tenente-Coronel Affonso de Carvalho, Cypriano Lage, Paulo Filho e Lourival Fontes.

Conferências — Lourival Fontes, Tenente-Coronel Affonso de Carvalho, Comandante Braz Velloso e Cypriano Lage.

Exposição — Gustavo Barroso e Alcindo Sodré.

Comemoração em Minas — Ciro dos Anjos.

Comemoração em São Paulo — Candido Motta Filho.

Comemoração no Rio Grande do Sul — Luiz Simões Lopes.

Comemoração no Maranhão — Viriato Correia.

Comemoração no Distrito Federal — Comandante Braz Velloso, Tenente-Coronel Affonso de Carvalho e Peregrino Junior.

Teatro — Viriato Correia e Gustavo Barroso,

Cinema — Peregrino Junior e Viriato Correia.

Escultura — Comandante Braz Velloso, Gustavo Barroso e Alcindo Sodré.

Parte educacional — Peregrino Junior e Paulo Filho.

Selos de Caxias, sêlo comemorativo, medalhas e carimbos — Tenente-Coronel Affonso de Carvalho, Luiz Simões Lopes e Peregrino Junior.

Organizadas as subcomissões e discutidas as linhas gerais da ação das mesmas foi, em seguida, encerrada a reunião.

Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

Reuniu-se em assembléia geral para leitura do relatório do Presidente no biênio 1939-1941 o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Após a leitura dessa resenha de trabalhos, por proposta da Diretoria que finda seu mandato, a casa em sua unanimidade, elegeu sócios beneméritos pelos relevantes serviços prestados ao Instituto na sua dificílima fase inicial os Srs. Ministro Gustavo Capanema, Ministro Ataulfo de Paiva e generais Parga Rodrigues e Meira de Vasconcellos, antigo e atual presidente do Clube Militar e João Marcelino Ferreira e Silva, atual presidente do Círculo dos Oficiais Reformados do Exército e Armada.

Pelo voto da assembléia geral, também ficou resolvido que os atuais Ministros da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica, General Eurico Gaspar Dutra, Almirante Aristides Guilhem e Dr. Salgado Filho fiquem considerados presidentes honorários natos, mesmo quando deixarem os cargos que atulmente exercem.

O Instituto, em homenagem excepcional ao Sr. General Candido Rondon, seu sócio efetivo, elevou-o à categoria de sócio benemérito pelos notáveis serviços prestados no setor das atividades culturais a que se dedica o mesmo Instituto.

Sendo a data do dia dessa reunião marcada pelos Estatutos para renovação dos cargos dirigentes, procedeu-se em seguida à eleição, sendo vencedora por quasi unamidade, a seguinte chapa: Presidente, General Benicio de Silva; vice-presidente, General Emilio Fernandes de Souza Docca; 1.º secretário, Coronel Luiz Lobo; 2.º secretário, Cap. Severino Sombra de Albuquerque; 1.º tesoureiro, 1.º Tenente Humberto Peregrino; 2.º tesoureiro, Cap. Adailton Pirassinunga; Bibliotecário, Major Jonathas de Moras Corrêa.

Comissão de Geografia e Cartografia — General Tasso Fragoso, Almirante Henrique Boiteux e Coronel F. Paula Cidade.

Comissão de História Militar — Coronel Genserico de Vasconcellos, Comandante Didio I. Costa e Tenente-Coronel Leoncio Ferraz.

Comissão de Heráldica e Medalhística — Tenente-Coronel Jonathas de Morais Corrêa, Comandante Lucas Boiteux e Tenente Egon Prates.

Comisão de Iconografia e Armas Antigas — Tenente-Coronel Garrastazú Teixeira, Comandante Cesar Xavier e Coronel Jaguaribe de Mattos.

Comissão Fiscal — General Lima Mindello, Almirante Nogueira da Gama e Coronel Damasceno Vieira.

Comissão de Admissão de Sócios — Coronel Alvaro Otavio de Alencastre, Comandante Raja Gabaglia e Manoel Humberto Castello Branco.

Comissão de Redação das Publicações do Instituto — General Souza Docca, Comandante Frederico Villar e Tenente-Coronel Lima Figueiredo.

Centro Dom Vital

Na sessão comemorativa do aniversário da morte de Jackson de Figueiredo ,realizada no Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro foi anunciado o veredicto da Comissão Julgadora encarregada de escolher a melhor obra literária aparecida no ano, sob o ponto de vista da renovação do espirito cristão nas letras. A obra premiada foi "Itinerário", de Armando Más Leite, o malogrado escritor falecido, não há muito em Belo Horizonte. Tratando-se, de uma obra póstuma, resolveu a Diretoria do Centro, que a importância do prêmio, dois contos de réis, fosse aplicada na publicação das poesias e versos inéditos do mesmo autor, que dessa forma terá seu nome duplamente consagrado.

Êsse novo livro aparecerá brevemente editado em Belo Horizonte.

Heróis de Laguna e Dourados

O Govêrno graças à iniciativa do Sr. Presidente Getulio Vargas, resgatou em 15 de novembro uma dívida, trazendo para o Monumento, erguido nesta capital, com tôda a solenidade e imponência, as cinzas dos heróis de Laguna e Dourados.

Prestando à Pátria um serviço relevante, com bravura e estoicismo, o Coronel Camisão e seus denodados companheiros escreveram, com seu sangue, uma página gloriosa na História da nacionalidade. Heróis de uma retirada, que é um exemplo admirável de estoicismo e de fibra os bravos soldados mereceram, assim, o culto de todos os seus concidadãos. A cerimônia realizada, na Praia Vermelha, sob a presidência do Sr. Getulio Vargas, teve, dessa forma, uma grande significação. O Exército, de tão altas e tão nobres tradições, alí estava representado pelas suas mais destacadas figuras, rendendo ao Coronel Camisão e a todo o pugilo de bravos, seus companheiros, a manifestação da sua lealdade e da sua veneração.

A praça General Tibúrcio, onde se acha o Monumento que o Govêrno mandou erigir em honra aos heróis de Laguna, apresentava um aspecto festivo. Todos os colegios oficiais e particulares, unidades do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, escoteiros, delegações da Escola Naval e Militar, associaram-se ao ato, formando, no jardim da praça, em guarda ao derradeiro túmulo dos soldados-heróis.

O Chefe do Govêrno esteve na Praia Vermelha, sendo recebido pelo Sr. General Eurico Dutra, Ministro da Guerra, todo o Ministério e outras altas autoridades, civís e militares. Ouve-se o Hino Nacional, ao mesmo tempo que as baterias salvam. Logo após, em carretas do Batalhão de Guardas, chegaram as urnas que foram retiradas pelos cadetes.

Uma a uma, as urnas foram colocadas sôbre uma mesa, em frente à Cripta, enquanto tôda a tropa apresentava armas, ao som dos Hinos da República e da Independência. O Arcebispo de Cuiabá, D. Francisco Aquino Corrêa, proferiu então uma oração, exaltando o feito dos heróis de Laguna e Dourados.

Para um livro sôbre os Estados-Unidos

A União Cultural Brasil — Estados-Unidos, com sede em São Paulo, e destinada a promover um estreito intercâmbio espiritual entre o nosso país e a grande República americana, organizou um concurso literário destinado a escolher o melhor livro escrito

no Brasil sôbre os Estados-Unidos, havendo uma distribuição de prêmios em dinheiro e menções honrosas aos primeiros classificados. Êsse concurso vem despertando o maior entusiásmo nos nossos meios culturais, sendo numerosos os escritores brasileiros que se vão inscrever. As condições do concurso são as seguintes:

Prêmio: 1.º — 3:000$000; 2.º — 1:500$000; 3.º — inscrição gratuita como sócio remido da União Cultural Brasil - Estados - Unidos; 4.º — coleção de 20 livros norte-americanos no valor de 800$000. O prazo para a inscrição na secretaria da União vai até o dia 30 de junho de 1942. As condições para o concurso são as seguintes:

1 — Prazo para inscrição, na secretaria da União: até 30 de junho de 1942.

2 — A obra deverá ser inédita e escrita em português, sendo o assunto de livre escolha do concorrente.

3 — O julgamento será feito por uma comissão de escritores nacionais, escolhida pela diretoria.

4 — Não haverá recurso das decisões da comissão homologadas pela diretoria.

5 — Os originais deverão ser entregues, dactilografados, em duas vias, grampeados, em espaço duplo, papel de tamanho carta, em 200 páginas no mínimo, com indicação do pseudônimo. Dentro do envelope fechado e marcado por fora com o pseudônimo, deverá ter uma fôlha de papel com todos os dados sôbre a identidade do concorrente, nome, nacionalidade, idade, profissão, endereço e pseudônimo.

6 — A comissão poderá classificar, em caso de empate, mais de um livro num mesmo prêmio, mas, deverá fazer tudo para que tal não se dê.

7 — Uma vez aceito pela comissão, o autor automaticamente, autoriza a União Cultural Brasil-Estados-Unidos a fazer uma edição da obra, de 4.000 exemplares, independentemente de qualquer pagamento de direitos autorais ou porcentagem.

8 — A União Cultural garantirá os direitos do autor sôbre o livro, cabendo ao premiado só da 2.ª edição em diante, 10% sôbre o preço da venda, exceto sôbre os exemplares doados a bibliotecas, até o máximo de 500.

9 — A União Cultural se reserva o direito de prioridade para contratar com o autor a tradução da obra para o inglês e espanhol.

10 — O autor premiado em 1.º lugar tem o direito de encaminhar, por intermédio da diretoria e sem responsabilidade financeira desta, mas, com todo apôio moral, um pedido de uma bolsa de estudos nos Estados-Unidos da América do Norte.

11 — Quaisquer dúvidas serão resolvidas pela diretoria.

12 — Nenhum candidato terá direito a qualquer idenização pela não classificação de sua obra.

13 — A comissão poderá conceder menção honrosa (5.º prêmio) com sugestão para publicação da obra.

14 — A União Cultural sómen-

te se obriga a editar as obras classificadas em 1.º e 2.º lugar, tendo opção, nas condições acima, para a edição das demais classificadas.

15 — Nenhum autor terá direito a restituição de originais a não ser uma só via, depois de anunciado o julgamento do concurso.

16 — Qualquer esclarecimento poderá ser solicitado verbalmente, ou por carta, na secretaria da União Cultural.

D. Júlia Lopes de Almeida

Foi inaugurada na herma da insigne escritora D. Julia Lopes de Almeida, no Passeio Público, a placa de bronze para êsse fim enviada pela "Associacion Cultural Argentino-Brasileira Júlia Lopes de Almeida", de Buenos Aires, e da qual foi portadora a Dra. Adalzira Bittencourt.

Ao ato compareceram, além de muitas senhoras, o Embaixador da República Argentina, Sr. Eduardo Labougle; o presidente da Academia Brasileira de Letras, Sr. Levi Carneiro, outros membros da ilustre companhia; diretores do Centro Carioca, numerosos homens de letras e jornalistas, e ainda amigos da família Filinto de Almeida.

Em nome da Academia Brasileira proferiu o seu presidente as seguintes palavras:

A Asociacion Cultural Argentino-Brasileña Júlia Lopes de Almeida, de Buenos Aires, solicitando à Academia Brasileira de Letras que fizesse colocar, no pedestal da herma de sua patrona, a bela placa de bronze, que vamos inaugurar — deu a esta homenagem, por si mesma bem expressiva, alto sentido de confraternização internacional, de comunhão intelectual das duas maiores nações da América Meridional no culto de uma das mais nobres personalidades de nossa literatura.

Cada uma dessas circunstâncias, por si só, seria suficiente para justificar a emoção jubilosa com que a Academia assumiu o encargo e dêle se desincumbe.

Tanto se lhe tem censurado certo critério restritivo, adotado na formação do seu quadro social, que bem lhe vale o presente ensejo de reafirmar que essa determinação não significa a negativa, ou, sequer, o desconhecimento, da capacidade literária da mulher brasileira.

Bastaria para comprová-la êste só exemplo, esta grande e forte escritora, contista, novelista, romancista admirável. Nem é, de certo, um exemplo isolado, mas, acaso terá sido o primeiro cronologicamente e, ainda hoje, será o maior.

Júlia Lopes de Almeida — assim a designamos os que não tivemos a fortuna de a conhecer, ao passo que, num contraste muito significativo, os que com ela conviveram, mesmo agora não a chamam senão "Dona Júlia" — Júlia Lopes de Almeida destruiu, para sempre, tôdas as prevenções que, até o seu tempo, acolhiam

as atividades literárias da mulher brasileira. Aliou o encanto e a doçura, que lhe são peculiares, aos melhores dotes do escritor — dotes de observação, de idealização, de expressão. E mostrou como a aptidão literária não pretere a função peculiar da mulher nas sociedades bem organizadas — a um tempo realizando a sua obra literária imorredoura e construindo um lar, hoje imerso na saudade da sua ausência, cultivada pelo poeta exímio que lhe foi companheiro devotado, e por uma descendência ilustre, de variadas e notáveis aptidões artísticas.

Por tudo isso, ante sua efigie, podemos repetir-lhe alguns dos belos versos em que teve expressão essa mesma saudade:

"Tua imaginação nos deu beleza
E bondade, e ternura, e luz, e amor."

Em seguida o Sr. Embaixador da Argentina e o Sr. Levi Carneiro arredaram as bandeiras dos dois países que encobriam o preito das intelectuais argentinas à nossa ilustre romancista.

Usaram depois da palavra: o Sr. Claudio de Souza, da Academia Brasileira e presidente do P. E. N. Club do Brasil, que, em nome desta associação internacional de escritores, recordou a glória de D. Júlia e rendeu homenagem ao poeta seu marido; a Sra. Iveta Ribeiro, presidente do Club das Vitórias-Régias, que entregou à declamadora e escultora Margarida Lopes de Almeida magnífica palma florida, para que a depusesse junto ao monumento de sua mãe, e por fim, em singelas e comovidas frases, o Sr. Filinto de Almeida, para agradecer, em seu nome e no de seus filhos, tôdas aquelas homenagens à memória da grande brasileira.

D. Pedro II

A Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comemorou solenemente o cinquentenário da morte do seu inolvidável sócio grande benemérito, Sr. Dom Pedro II.

Na Igreja de S. Francisco de Paula, largo de S. Francisco, atendendo à solicitação feita pelo Presidente do Instituto Histórico, celebrou missa Sua Eminência o Sr. Cardeal-Arcebispo D. Sebastião Leme, também sócio do Instituto Histórico.

Depositaram flores no túmulo de D. Pedro II, no Panteon, os diretores do Instituto Histórico, que para isso seguiram incorporados para Petrópolis.

Por delegação da Sociedade Reverência à Memória de D. Pedro II, a Santa Casa da Misericórdia fez celebrar, em sua igreja, exéquias solenes por alma do eximperante, saudosa homenagem daquela Sociedade que, "ad perpetuam" será prestada pela pia instituição.

Realizou-se no Instituto Brasileiro de Cultura, a sessão consagrada à memória do Imperador D. Pedro II, à qual afluiu numerosa assistência, composta de homens de letras, políticos e personalidades do nosso meio social. Achando-se ausente o Sr. General Souza Docca, presidente do Instituto, e não podendo comparecer por motivo de fôrça maior, o Dr. Mello Vianna, seu vice-presidente, a sessão foi presidida pelo 1.° Secretário, Américo Palha.

Estiveram presentes, S. A. Imperial D. Pedro, os Srs. Embaixador da Venezuela e a Sra. Sardi, Thadeu Skowronski, Ministro da Polônia; Enrique Arroyo, Ministro do Equador; Ministro J. R. Macedo Soares e senhora, a Marquesa de Barral Montferrat, Condessa de Gontu-Biron, Viscondessa de Odivellas, Srs. Hugo Napoleão, Alvaro de Teffé, João Mello Franco e senhora, Victor Santos e senhora, Candido Guimarães, e Sras. Helena Borges, Sylvia Prates, Alma Rizzo, José Cortez e outros.

Usaram da palavra, apenas dois oradores, o Sr. Affonso Bandeira de Mello e o Sr. Paulo Filho, que falaram respectivamente sôbre a atitude do Imperador em face do movimento abolicionista e ante a propaganda republicana.

O Sr. Bandeira de Mello, apoiando-se nos documentos trazidos à luz pelo Sr. Wanderley do Pinho, extraídos dos arquivos do Barão de Cotegipe e do Visconde de Itaboraí, pôs em relêvo a constante preocupação do Imperador, de pôr termo à escravidão no Brasil, por cuja instituição sempre manifestou a mais profunda repugnância. Valendo-se da opinião de historiadores da autoridade do Sr. Affonso de Taunay, contestou o ponto de vista sustentado por alguns escritores, de que a coroa havia influenciado para a procrastinação da data da emancipação dos escravos, quando ao contrário, Dom Pedro II não cessava de estimular seus ministros para suprimir tão degradante instituição que aviltava o Brasil em face do mundo civilizado. Rendeu homenagem a Ruy Barbosa e a Joaquim Nabuco, que tão grande parte tomaram no movimento abolicionista. Citou a opinião do Sr. Embaixador Ramon Carcano, que, em artigo recentemente publicado na "La Nacion" de Buenos Aires, traçara o magnífico perfil do Imperador, que soube, com os seus ministros, fazer do Brasil, a nação mais poderosa da América do Sul, que, por ocasião da guerra do Paraguai, havia alcançado o zênite. Como príncipe reinante, D. Pedro II "jámais calcara as leis e ofendera os sentimentos democráticos do seu povo", no dizer do grande pensador argentino.

Concluindo, disse o Sr. Bandeira de Mello: "a grandeza das nações resulta do valor dos seus homens e o Imperador foi inquestionavelmente no Brasil, um dos melhores fatores de sua grandeza e um dos mais altos expoentes da sua formação moral."

O Sr. Paulo Filho começou falando do elevado conceito em que

era tido o Imperador entre os sábios e os artistas do seu tempo, desfrutando o respeito e a admiraçã de Darwin, Agassis, Victor Hugo e outros. Referiu-se, em seguida, ao espírito de tolerância com que S. M. encarou o movimento republicano no Brasil, de que resultou a queda das instituições monárquicas. O Sr. Paulo Filho acentuou, entretanto, que, no domínio da moral, o Imperador era o mais exigente e o mais severo dos chefes de Estado, jamais transigindo com os deshonestos e prevaricadores, dando assim um exemplo de moral pública e de proba administração. Faz elogio da alta cultura do soberano, da sua larga compreensão dos problemas políticos e da sua profunda bondade, qualidade que fizeram dêle o Marco Aurélio dos tempos modernos.

Centro de Pesquisas Educacionais

Foi iniciado, no Serviço de Divulgação da Secretaria Geral de Educação e Cultura, do Distrito Federal, mais um Curso de Aperfeiçoamento do Centro de Pesquisas Educacionais.

De acôrdo com o plano recentemente aprovado pelo Sr. Secretário Geral de Educação e Cultura o objetivo essencial do referido Curso consiste na divulgação de processos de apreciação de nível mental e de caráter corretivo de certas deficiências escolares.

O Curso será realizado pelos Srs. Dr. Pedro Pernambuco Filho, Chefe do Serviço de Ortofrenia e Psicologia e pelos seguintes funcionários em exercício nesse Serviço: Técnico de Educação Ofélia Boisson Cardoso, Dr. Claudio Mesquita de Azevedo e Dr. José de Paula Chaves. Prestará também sua colaboração ao Curso o Dr. André Ombredane professor de Psicologia Experimental da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

O Curso desdobrou-se em dois períodos: o primeiro composto de 8 aulas, realizado de 3 a 19 de dezembro inclusive às segundas, quartas e sextas-feiras pela Técnica de Educação Ofélia Boisson Cardoso; o segundo constante de sete aulas e algumas demonstrações práticas será iniciado no ano letivo em Março de 1942.

Foram inscritos no Curso de acôrdo com o plano aprovado, cem diretores de escolas, professores e funcionários entre os quais figuram os indicados pelos Srs. Diretores do Departamento de Educação Primária do Instituto de Educação, do Centro de Pesquisas Educacionais e pelas Diretoras de escolas do "campo experimental".

O Curso obedecerá ao seguinte programa.

Pela professora Ofélia Boisson Cardozo — 1-Maturidade—O Teste ABC e seus fundamentos psicológicos — Técnica de aplicação. 2 — Interpretação dos resultados obtidos por meio do teste ABC. —

A coordenação visual e auditiva motora e a aprendizagem inicial da leitura e escrita. 4 — Deficiência (do ponto de vista psicológico) mais comumente encontradas entre crianças brasileiras de 1.ª série. 4 — Fundamentos psicológicos, justificando diretrizes gerais no sentido de bem definir a atitute inicial do professor diante de um grupo de primeira série. 5 — A sentenciação bem compreendida. — Processos analíticos e globais. — Síntese e análise na aquisição da técnica de ler e escrever. 6 — O 1.º contacto com as vogais — seu papel. — As consoantes. Objetividade do ensino. Atividades manuais. Ginástica articulatória Euritmia e Rudolf Steiner. 7 — A "escrita ao espelho". Como corrigí-la. Deslexia de evolução. — Processo corretivo. 8 — Deficiência decorrentes de falhas no ensino inicial. — A inteligência (testes de inteligência) e a capacidade de aprender a ler e escrever.

Pelo Professor André Ombredane: — 1 — Testes de aprendizagem. 2 — As perturbações da linguagem na criança. 3 — Problemas pedagógicos relativos à situação dos canhotos.

Pelo Dr. Claudio Mesquita de Azevedo: — 1 — Distúrbios orgânicos e sua influência na aprendizagem.

Pelo Dr. José de Paula Chaves — 1 — Causas da irritabilidade nos escolares.

Pelo Dr. Pedro Pernambuco Filho — 1 — Considerações sôbre os testes de inteligência. — Testes coletivo de Dearborn e individual de Binet-Terman. — Demonstrações práticas sôbre os referidos testes. 2 — Atitudes anômalas das crianças nas classes e causas prováveis dêsses desajuntamentos.

Dr. Edmundo Navarro de Andrade

Faleceu em São Paulo, onde residia, o Dr. Edmundo Navarro de Andrade, nome de realce nos meios científicos e figura de destaque na nossa sociedade. Homem de cultura e rara capacidade construtiva, desde moço revelou-se um grande estudioso e um trabalhador de energia e sólido preparo, especialisando-se em assuntos agrícolas. Foi Secretário da Agricultura daquele Estado, tendo prestado os melhores serviços à administração pública. Esteve várias vezes exercendo comissões de estudos fôra do Brasil e em países da África e principalmente da Ásia, estudou a questão do plantio de eucaliptos e a sua aplicação como dormentes para estradas-de-ferro. Dêsses estudos resultou a plantação em larga escala de eucalipto em São Paulo para o seu aproveitamento nas vias-férreas do Estado.

Esteve também na Europa e ultimamente nos Estados-Unidos, onde lhe foram prestadas grandes homenagens.

Quando o Sr. Juarez Távora es-

teve na pasta da Agricultura, chamou-o para seu colaborador direto o Dr. Navarro de Andrade como Diretor Geral do Ministério teve oportunidade de prestar a êsse departamento da administração pública os mais assinalados serviços graças à sua alta capacidade. Era chefe do Serviço Florestal da Companhia Paulista de Estradas-de-Ferro e Gerente da Companhia de Agricultura, Irrigação e Colonização.

O Dr. Navarro de Andrade que era membro da Academia Paulista de Letras deixa entre outras as seguintes obras:

Dunas — Coimbra — 1904. — A Cultura do Eucalipto — São Paulo, 1909. — A Cultura do Eucalipto nos Estados-Unidos — São Paulo — 1910; Manual do Plantador de Eucaliptos — São Paulo — 1911. A Utilidade das Florestas — São Paulo — 1912. A Dinamite na Agricultura (de colaboração com H. de Carvalho e O. Vecchi) — São Paulo, 1912. — A Cultura do Café nas Índias Neerlandesas — São Paulo — 1914. — Questões Florestais — São Paulo, 1915. — Les Bois Indigénes (de colaboração com O. Vecchi) — São Paulo — 1916. Os Eucaliptos, sua cultura e exploração (de colaboração com O. Vecchi) — São Paulo — 1918. A Volta do mundo (Impressões de viagem) — São Paulo — 1920. Instruções para a cultura da juta em São Paulo — São Paulo — 1920. O reflorestamento do Brasil e a Companhia Paulista — São Paulo — 1922. O Problema Florestal no Brasil — São Paulo, 1923. Café, Juta e Borracha — São Paulo — 1923. Relatório da Comissão Técnica sôbre a broca do Café (de colaboração com os Drs. Arthur Neiva e Costa Lima) — São Paulo — 1924. Instruções para o combate à broca do café (de colaboração com os Drs. Arthur Neiva e A. Queiroz Telles) — São Paulo — 1924. A Broca do Café (de colaboração com os Drs. Arthur Neiva e A. Queiroz Telles) — São Paulo — 1925. Por Aí Além (impressões de viagem) — São Paulo — 1927. O Eucalipto e suas aplicações — S. Paulo, 1928.

Xavier Marques

No tranquilo retiro da ilha de Itaparica, defrontando com a sua Baía querida, que os seus olhos não vêem mais senão por uma projeção de alma, completou recentemente oitenta anos Xavier Marques.

O Brasil não está habituado a ver os seus intelectuais chegarem à idade proveta. Por isto, êste aniversário vale por um centenário ilustre, e é justo que seja celebrado como o dum vitorioso. Xavier Marques não é um nome popular, mas é um nome sólido. A sua obra se inscreve aere perennius na nossa história literária, como um padrão de modés-

tia, de inteireza, de humanidade um pouco esquiva e pudica, porém de alta qualidade.

Não se pode falar em um humanismo brasileiro sem lembrar Xavier Marques. Êle faz figura dum homem do Século XVIII, pela sua linha discreta de absoluto, total homem de letras: um daqueles leitores, um daqueles autores de outros tempos, que meditavam quando liam e pensavam repousada e cabalmente quando escreviam.

A sua obra tem pináculos, que, só êles, já lhe garantiriam perduração ao nome. O conjunto, entretanto, é um modêlo de argúcia delicada, de vida espiritual nobre, de comunicabilidade rara e fina. "Jana e Joel" é o nosso "Paulo e Virgínia": uns tocantes praieirosinhos da Baía no eterno e sempre novo idílio da primeira adolescência. "Sargento Pedro", êsse é fremente de boa sensibilidade, como aquela melancólica e definitiva "Boa Madrasta", um dos mais entranhadamente sinceros e representativos dentre os romances brasileiros. Depois dessas obras excelentes é preciso mencionar "O Feiticeiro", cheio de vivaz documentário da baixa mística feiticista; "Terras mortas"; uma 2.ª série de "Praieiros" ("Jana e Joel" constituiu o 1.º volume); "Pindorama" romance em que procurou evocar a época cabralina; "A Cidade Encantada", novelas; e ainda outras obras da mais serena ficção.

Completam o quadro dessa obra a magnífica "Arte de Escrever" (ed. Alves), obra que representa o que de mais penetrante e elevado possuímos no terreno da psicologia do estilo, traçado com um requinte e uma aristocracia de intenções críticas verdadeiramente excepcionais; e ainda vários volumes de conferências e de artigos sempre duma límpida finura de alma e dum intelectualismo que nada tem de estéril e cerebrino.

Foi tabelião e deputado federal, e é acadêmico. Na realidade as funções civís e as dignidades sociais nunca representaram nada ponderável para êsse homem de letras, patriarca venerando e representativo, mas bem vivo, e produtivo, e companheiro seguro de vida do espírito.

Foram feitas diversas homenagens ao jornalista baiano e escritor brasileiro Sr. Xavier Marques, por motivo da passagem do seu 80.º aniversário natalício.

A primeira sessão das homenagens realizou-se na Casa da Baía, no Rio de Janeiro.

Outra sessão especial se fez na Academia Carioca de Letras, instituto que lançara a idéia da comemoração. À mesa estavam, aos lados do presidente, o Sr. Ministro Eduardo Espinola e o Coronel Severiano Marques, o qual, ao fim da sessão, agradeceu as homenagens a seu irmão. Foram oradores na sessão os Srs. Affonso Costa, Asterio de Campos, Eugenio Gomes e D. Martins de Oliveira.

Ao encerrar da sessão, foi enviado ao ilustre escritor êste telegrama:

"Xavier Marques, rua Augusto Guimarães, 115-Baía. A Academia Carioca de Letras, tendo lançado

a idéia das homenagens à passagem do vosso 80.° aniversário natalicio, e havendo agora realizado sessão especial com êsse motivo, apresenta saudações ao insigne escritor, incontestável glória das letras brasileiras. — **Affonso Costa**, presidente."

Foi uma reunião seleta, a da casa da Baía, à qual compareceram numerosos escritores.

A mesa que presidiu a sessão estava composta dos Srs. Ministro Pacheco de Oliveira, Almirante Tosta da Silva e Coronel Severiano Marques, irmão do Sr. Xavier Marques.

Abrindo a sessão, falou o Almirante Tosta da Silva. Depois, usaram da palavra os Srs. Lemos Brito, Eduardo Tourinho e Afonso Costa, que também leu uma página do Sr. Eugenio Gomes sôbre o homenageado.

Na Academia Carioca de Letras houve outra sessão, no Silogeu Brasileiro, com discursos dos Srs. Afonso Costa, Asterio de Campos, Eugênio Gomes e D. Martins de Oliveira.

Sob a presidência do Professor Roquette Pinto, realizou-se mais uma sessão em homenagem a Xavier Marques que teve lugar na Associação Brasileira de Imprensa. Fizeram o discursos os Srs. Afrânio Peixoto, Artur Neiva, Fócion Serpa, Herman Lima, Junqueira Aires, Rafael Barbosa, Simões Filho e Wanderley Pinho.

A Casa da Baia transmitiu ao homenageado o seguinte telegrama: "Xavier Marques, S. José de Cima, 32 — Baia. — A Casa da Baia, iniciando com uma sessão especial as festas comemorativas do 80.° aniversário do ensigne escritor conterrâneo, apresenta-lhe fraternais congratulações, com louvores à sua obra magnífica."

A Academia Brasileira realizou, por sua vez, uma grande sessão, tendo falado os srs. Levi Carneiro e Clementino Fraga.

Marechal Argollo

O Museu Histórico Nacional, que entesoura numerosas relíquias de grande valor histórico, foi enriquecido com o espólio civico do Barão de Cajaíba, Marechal Francisco de Paula Argollo.

Falou, oferecendo o rico espólio em nome da viúva do Marechal Argollo, o Sr. General José Pires de Albuquerque, cuja oração foi uma sincera exaltação aos feitos do herói da guerra do Paraguai e da revolução de setembro de 1898.

Em nome do govêrno, agradeceu as preciosas dádivas feitas ao Museu o Dr. Gustavo Barroso.

Estiveram presentes a esta solenidade de civismo a viúva Argollo Ferrão, os Srs. Ministros Pires e Albuquerque, General Candido Rondon, Coronel Luiz Procopio, representando o Sr. General Góes Monteiro; Coronel Amilcar Botelho de Magalhães, representante do Sr. General Silva Junior; Contra-Almirante Raul Bandeira, Dr.

Jorge Abreu, secretário do Instituto Nacional de Ciência Política; Coronel Garcia Pires de Albuquerque, Dr. Paulo Tacla, secretário do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná; Dr. Antonio Galloti, Procurador da República; representantes dos Departamentos de Educação Nacionalista e Primária da Prefeitura, alunos da Escola Euzébio de Queiroz e grande número de pessoas de nossa sociedade.

Manoel Ribeiro

Portugal, no curto espaço de um mês, perdeu três escritores de valor, Carlos Malheiro Dias, Teixeira Gomes e, agora, Manuel Ribeiro. Dos três, Malheiro Dias era o mais conhecido no Brasil, onde viveu longos anos e onde fundou e dirigiu revistas de larga irradiação. Teixeira Gomes, que foi embaixador em Londres e chegou à Presidência da República, conheceu o triunfo no verdadeiro sentido da palavra e granjeou fama de primoroso estilista. Manuel Ribeiro, que era pouco conhecido do público do Brasil, teve uma vida aventurosa, desigual, fremente, mas profundamente humana.

Manuel Ribeiro, no verdor da sua mocidade dedicou-se à pregação do socialismo e, mais tarde, do anarquismo. Fundou e dirigiu jornais como "O Sindicalista" e o "Bandeira Vermelha". Tornando-se perigoso pelas doutrinas que pregava, por três vezes se viu processado e preso.

Foi durante o último período de encerramento que Manuel Ribeiro abraçou o catolicismo, tornando-se daí por diante um crente fervoroso. Se dantes escrevia fragmentariamente em jornais, depois da sua conversão ao catolicismo sentiu a vocação literária, transformando-se num romancista de altos dotes e num artista inteiramente liberto de preocupações notaveis.

Manuel Ribeiro estreou com um romance "A Catedral", que teve êxito retumbante, esgotando-se em pouco tempo nada menos de seis edições num total de mais de 10.000 exemplares.

O romancista católico reafirmou-se depois em outras obras-primas como "O deserto". "A Ressurreição", "A revoada dos anjos", "A batalha nas sombras", "A Bíblia sagrada", "A planície heróica" e os "Vínculos eternos", representando aspectos da vida de Beja e de Evora, isto é, do seu Alentejo natal.

Todos êsses romances são obras-primas e levaram críticos portugueses e afirmar que Manoel Ribeiro era o Huimans de literatura portuguesa.

Como romancista, Manuel Ribeiro está brilhantemente colocado ao lado de Malheiro Dias, Ferreira de Castro e Aquilino Ribeiro.

Exposição do Livro Português

Numeroso público, constituído de homens de letras, diplomatas, jornalistas, professores, e elementos de destaque da colônia portuguesa, assistiu na Biblioteca Nacional à inauguração festiva da Exposição do Livro Português. Foi realmente magnífico êsse certame patrocinado pelo Secretariado da Propaganda Nacional e pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. Edições antigas, preciosidades bibliográficas, trabalhos admiravelmente ilustrados e cobertos com as ricas encadernações em que ainda são mestres os portugueses, farta mostra de livros científicos, copiosa literatura popular, tudo isso enche as grande estantes artisticamente arranjadas pelo decorador Eduardo Anahory, um dos artistas colaboradores do S. P. N.

Presidiu a cerimônia, a que esteve presente o Sr. Embaixador Martinho Nobre de Mello, o Sr. Ministro Gustavo Capanema, que manifestou o seu contentamento por encontrar-se alí e salientou o alto significado cultural do certame.

Em seguida, S. Ex. deu a palavra ao escritor Antonio Ferro.

O autor de "Homens e Multidões" começou chamando a exposição inaugurada no momento de primeira flor do recente acôrdo cultural luso-brasileiro.

Louvou a iniciativa particular que realiza aquela obra sem favores materiais do Estado, afirmando que antes de a êle recorrermos, para lhe pedirmos tudo, devemos começar por pedir, a nós próprios, alguma cousa.

"Todos aqueles, portanto, brasileiros e portugueses, disse, que hostilizarem direta ou indiretamente, a amizade íntima dos nossos livros, a sua interpretação, são inimigos, claros ou disfarçados, do espírito de nosso acôrdo cuja suprema finalidade é, precisamente, unificar a cultura luso-brasileira, transformá-la na grande vitrina comum da nossa produção intelectual. Não seria, aliás, natural que, expulsássemos das nossas montras e das nossas estantes os livros brasileiros e portugueses para ceder êsse espaço, ia dizer vital, aos livros puramente estrangeiros, franceses, ingleses ou alemães. Recebamos os nossos parentes e nossos amigos, de braços abertos, mas sejamos hospitaleiros, acima de tudo, para os nossos irmãos.

Evocando os pioneiros da propaganda do livro português no Brasil, disse o Sr. Antonio Ferro: — "Antes do acôrdo, há já bastantes anos, que certos obreiros modestos, apagados, na sombra dos seus armazéns, sentinelas vigilantes nas suas guaritas, trabalhavam infatigavelmente, heroicamente, hora a hora, minuto a minuto, para que o livro português não sofresse um colapso, para que a luz do nosso espírito não se extinguisse. Entre êsses pertinazes obreiros, depois de prestar sincera homenagem a Francisco Alves,

que foi o grande missionário do livro português, ao seu continuador Paulo de Azevedo, é de elementar justiça mencionar Álvaro Pinto, intrépido, valoroso D. Quixote da nossa cultura, que tão bons serviços tem prestado à causa do nosso intercâmbio; Heitor Antunes, já falecido, que tanto mato desbravou, seu irmão Joaquim Antunes, que teve de aguentar, por vezes, sôbre os seus ombros de lutador modesto, mas paciente, tôda a produção intelectual portuguesa que chegava ao Brasil; o popular Saraiva, de S. Paulo, espécie de Papai Natal dos estudantes daquela cidade, o portuguesíssimo livreiro Pontes, igualmente querido e estimado, Moura Fontes, tantos outros...

Referiu-se o orador à magnífica obra levada a têrmo no campo cultural pelo Embaixador Martinho Nobre de Mello e teve palavras de elogio para o livreiro Souza Pinto, promotor do certame, e que não receou, em época tão incerta, jogar-se em aventura tão cheia de riscos, merecendo o nosso louvor e a nossa simpatia. Disse o Sr. Antonio Ferro: "Dou a Souza Pinto o meu apôio, a sua mocidade corajosa, voluntariosa, porque lhe adivinhei a fé e o entusiasmo necessários para realizar em três meses, com as imperfeições inevitáveis, dentro de tão curto prazo, uma obra que demandaria, por antigos e rotineiros processos, o esfôrço paciente de dois ou três anos". Tratando da propaganda do livro e da necessidade das exposições, diz: — "Em París, em Viena, em Madrid, os livros passeiam conosco, na rua, de braço dado. Há sugestões e títulos por tôdas as esquinas. Um livro hoje, em que pese aos inquilinos da Tôrre de Marfim — para que se misture com a multidão, para que seja visto por ela, para que seja lido, precisa de ser gritado, anunciado. Assim compreendeu o editor Grasset, que lança um livro como um empresário lança uma peça ou um industrial lança um artigo. Comércio, cabotinismo ou — abro um parentesis à minha citação — triste sinal dos nossos tempos? Talvez. Mas no pandemônio da vida moderna, na algazarra que vai por êsse mundo, onde quasi todos preferem o filme no cinema ao livro na poltrona, o editor que não faça como o Grasset transformar-se-á, ao fim de certo tempo, num alfarrabista".

O Sr. Antonio Ferro referiu-se ao concurso de vitrines e ao seu significado e anunciou a futura exposição de livros brasileiros em Portugal, com estas palavras:

"Mas não julguem os editores e os livreiros brasileiros, tão dignos de admiração pela sua audácia inteligente, pelo seu poder de iniciativa, que pretendemos fazer obra interesseira e egoísta. A alta finalidade que prosseguimos não atingida, ficaria a meio do caminho, se não nos preocupássemos igualmente com a expansão da cultura portuguesa no Brasil. O segundo ato desta obra que hoje principia, será portanto, legitimamente, uma Exposição do Livro Brasileiro em Lisboa que procurarei realizar com a possível urgen-

cia. Da mesma forma podem contar comigo os livreiros e os editores brasileiros para a divulgação do livro brasileiro em Portugal. Tarefa que não julgo difícil. Ao contário do que se afirmava, há dias, em certo jornal, existe hoje possivelmente maior interêsse pelo livro brasileiro na nossa terra do que pelo livro português neste lado do Atlântico. E' que o Brasil possue, atualmente, uma excelente literatura de ficção que lhe desbrava o caminho, que lhe serve de propaganda. O romance foi sempre, efetivamente, a guarda avançada de tôdas as literaturas, como a poesia, a-pesar de pouco vendida ou lida, é, por vezes, o canto do rouxinol que nos obriga a abrir as janelas para contemplar a paisagem..."

Depois de agradecer ao Sr. Ministro Gustavo Capanema, ao Dr. Lourival Fontes e ao Dr. Rodolfo Garcia pela Colaboração eficiente que prestaram à vitória da primeira exposição do livro português, conclue, o Sr. Antonio Ferro:

"Meus senhores! Enquanto os países lançam-se uns contra os outros, enquanto os homens se dilaceram, se despedaçam, se matam, numa guerra impiedosa, sem quartel, com Santanaz a fornecer-lhes as mais diabólicas munições, em que sentimos náufragos os próprios alicerces da civilização cristã, a própria arquitetura moral do Homem, Brasil e Portugal — quem o diria? — também declararam guerra um ao outro... Simplesmente a nossa metralha, as nossas balas, os nossos obuzes, os nossos bombardeiros, são livros, muitos livros, munições que não explodem, que vão caindo na terra, como sementes... Guerra pacífica, guerra de amor que constitue um protesto contra tôdas as guerras de ódio, guerra feita de paz, guerra que não quer desunir mas unir, luta pela vida mas não pela morte, batalha onde todos ficarão vitoriosos, batalha de livros, batalha de flores".

Além do Sr. Ministro da Educação e do embaixador de Portugal e entre mais de 500 pessoas que enchiam o vastíssimo hall da biblioteca estavam os Srs. Levi Carneiro, Presidente da Academia Brasileira de Letras. Herbert Moses, Presidente da ABI, Dom Helvecio, arcebispo de Mariana, Dom Francisco Aquino Corrêa, arcebispo de Goiaz e Padre Riou, provincial da Companhia de Jesus.

A exposição do livro português teve lugar a 8 de dezembro, na capital brasileira.

Com o prêmio de 5:000$000 oferecido pelo Conselho Superior da Colônia Portuguesa do Brasil, atingiu a 10:000$000 o valor total dos 3 prêmios a distribuir pelas livrarias da Capital inscritas ou a inscrever-se para o concurso de vitrines decoradas em homenagem ao Livro Português, que teve início quando foi inaugurada a Exposição na Biblioteca Nacional cujo amplo átrio foi decorado pelo artista Eduardo Anahory.

Êsse concurso interessou os meios livreiros da Capital, que se

aprestaram para o certame, cujas bases foram as seguintes:

1.º — Ao certame podiam concorrer tôdas as livrarias desta Capital que se inscreverem até ao dia de início da Quinzena do Livro Português, que decorrerá paralelamente com a inauguração da Exposição.

2.º) — Para se habilitar aos valiosos prêmios destinados aos concorrentes, cada estabelecimento teria de ornamentar, pelo menos, uma de suas vitrines, em homenagem ao Livro Português e organizar, internamente, uma secção de exposição e venda de livro devidamente decorada, sendo permitido, às livrarias que dispuserem de mais duma vitrine, concorrer até com tôdas elas, estendendo-se, porém, que cada vitrine será julgada separadamente, para a atribuição dos prêmios.

3.º) — Os artistas decoradores podiam concorrer, individualmente, desde que disponham de vitrines, nas livrarias e desde que se obriguem a satisfazer, inteiramente, as exigências do concurso.

4.º) — As vitrines em concurso manter-se-iam expostas de dia e de noite até às 23 horas, durante a Quinzena do Livro Português afim de que o público e o juri, especialmente organizado, possam apreciá-las devidamente.

5.º) — Os prêmios foram 3: um grande prêmio de "Realização", no valor de 5 contos de réis, oferecido pelo Conselho Superior da Colônia Portuguêsa do Brasil, que será conferido por votação popular; e dois prêmios de "Concepção" um primeiro de 3 contos e um segundo de 2 contos, oferecidos pelo Secretariado da Propaganda Nacional de Lisboa e conferido por juri constituído pelos Srs. Drs. Lourival Fontes, Antonio Ferro, Herbert Moses, Castro Filho e Peregrino Junior, representando, respectivamente, o Departamento de Imprensa e Propaganda, Secretariado da Propaganda Nacional, Associação Brasileira de Imprensa, Sociedade Brasileira de Belas Artes e Associação dos Artistas Brasileiros.

6.º) — A concepção e realização decorativa das montras foram inteiramente livres, mais o motivo ornamental teriam de ser exclusivamente dedicado à Cultura Portuguesa, incorrendo em desclassificação as montras que aproveitassem o motivo decorativo para propaganda de artigos diferentes do Livro Português ou que escolhessem assuntos considerados reprováveis por concepção ou realização imprópria.

7.º) — Os estabelecimentos a que pertenciam as vitrines ornamentadas obrigam-se a inaugurá-las em dia a ser fixado pelo juri e mantê-las expostas até ao fim da Quinzena e da resolução do juri, ao qual os concorrentes terão de entregar, quando da sua visita, uma fotografia das vitrines em concurso, que figurará na reunião de decisão para atribuição dos prêmios

Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro

Sob a presidência do Sr. Almirante Raul Tavares realizou-se a 1 de dezembro a última sessão de 1941, sendo lida a ata da anterior, que foi aprovada, e dado destino ao expediente, o Sr. Presidente submeteu ao Conselho Diretor a questão referente ao preenchimento do cargo vago, da presidência da comissão Organizadora do Congresso Brasileiro de Geografia a ser realizado em 1943 em Belém, no Pará Em cumprimento ao regimento do referido Congresso foi designado para preencher a vaga o vice presidente da Comissão, Sr. Prof. Dr. Fernando Antonio Raja Gabaglia. Essa designação foi aprovada unanimemente.

O Dr. Epitácio Monteiro Pessoa, propôs que fôsse designada uma comissão do Conselho Diretor para visitar o consórcio, Dr. Alexandre Emilio Sommier que se acha convalescente de grave enfermidade. Essa proposta foi unanimente aprovada, tendo o Sr. Presidente indicado os Srs. Comte. Oliveira Bello, Dr. Couto Fernandes e o Comte. Cesar Feliciano Xavier, para levarem as felicitações da Sociedade àquele consócio.

O Dr. Paulo Pires Brandão comunicou, que o Grêmio 11 de fevereiro de Florianópolis se propõe erguer um monumento à memória de José Arthur Boiteux, sócio da Sociedade de Geografia e idealizador dos periódicos Congressos Brasileiros de Geografia. Propôs que a Sociedade oficiasse ao Presidente do Grêmio, bem como ao Interventor Dr. Nereu Ramos, solicitando à primeira que empregue esforços e ao segundo para amparar por parte do Estado o X Congresso Brasileiro de Geografia, em setembro de 1943.

O Sr. Comte. Oliveira Bello, propôs que fôsse consignado em ata um voto de grande pesar pelo falecimento do consócio Gal. Raul Corrêa Bandeira de Mello em cujas exéquias representou a Sociedade de Geografia com o Sr. Edgard Ismael da Silveira; voto êsse aprovado. O mesmo Comte. Bello propôs fôsse enviado um telegrama de congratulações ao Capitão de Mar e Guerra Frederico Villar em nome da Sociedade de Geografia pela resolução do Tribunal de Segurança mandando retirar das livrarias o Livro intitulado — "A mulata" — de autoria do escritor português Malheiros Dias, o Dr. Couto Fernandes, tesoureiro da Sociedade pediu ao Conselho Diretor autorização para dispor das quotas dos sócios para proceder melhoramentos na sede social.

A História e a Geografia do Colégio Pedro II

Realizou-se com a presença de vários professores, acadêmicos, jornalistas, homens de letra, autoridades civis e militares, a ex-

posição retrospectiva organizada pelo Grêmio Científico e Literário Pedro II, do Rio de Janeiro.

Junto aos compêndios de cada professor, encontravam-se os respectivos retratos: Justiniano José da Rocha, Joaquim Manuel de Macedo, Barão de Tautphoeus, Moreira de Azevedo, Matoso Maia, João Ribeiro, Capistrano de Abreu, Berquó, Joaquim Caetano da Silva, Pedro do Couto, Jonathas Serrano, Domingos Ramos Melo, Calogeras, Escragnole Doria e J. B de Mello e Souza.

Em móvel separado os alunos organizaram a Exposição Imperador Pedro II, dela constavam: Autógrafo do Imperador, livros de seu uso, retratos em vários períodos de sua vida e livros sôbre o Imperador.

Em mesa separada foi prestada homenagem ao Sr. Presidente Getulio Vargas e Ministros Ferreira Vianna e Gustavo Capanema.

O retrato do Chefe do Govêrno ornava o Salão sob o dístico "Salve Getulio Vargas".

O Dr. Pires Brandão, neto do Bacharel Conselheiro Dr. Antonio Ferreira Vianna gradeceu a homenagem prestada pelo Grêmio a seu avô.

O professor Raja Gabaglia Presidente de Honra do Grêmio, encerrou a Exposição proferindo frases de carinho e de incitamento aos seus alunos e em particular aos sócios do Grêmio.

"Dia do Reservista", em 1941

O Gabinete do Sr. Ministro da Guerra distribuiu a seguinte nota:

"Durante longo tempo esteve o Brasil despreocupado de formar as reservas para seu Exército e fazer ao mesmo tempo, da vida dos quartéis uma escola perene de civismo, à qual acorressem todos os cidadãos, sem distinção de classe irmanados pelo sentimento único de servirem sua Pátria. Somente em 1908, sendo Presidente da República o Dr. Afonso Pena e Ministro da Guerra o Marechal Hermes da Fonseca, foi possível dar um passo decisivo para a realização de tão elevado ideal, com a decretação da lei do serviço militar que acompanhou a da reorganização do Exército, promulgada no mesmo ano. Decidiram as altas autoridades militares ensaiar o sistema adotado de abrir o voluntariado especial que iria inaugurar a nova fase cívico-militar do Brasil. Verificou-se, então, que a mocidade brasileira, compreendendo o alcance para sua pátria, das medidas decretadas, acorria pressurosa aos quartéis, apresentando-se para a instrução e para as manobras que se realizaram nesse mesmo ano, com surpreendente aproveitamento técnico e grande satisfação patriótica, para os responsáveis, pela segurança de nossa Pátria. Entre os primeiros voluntários especiais de 1908, por conseguinte pioneiros do serviço militar no Brasil, encontravam-se

nomes, hoje ilustres de ministros, engenheiros, magistrados, diplomatas, advogados, etc., então estudantes de cursos superiores. Foram dessa primeira turma de 1908 os seguintes, além de outros: Dr. Raul Rio Branco, Edgard Ramos, Octavio Moreira Penna, Alexandre Moreira Penna, João Gualberto Marques Porto, Joaquim Pedro Salgado Filho, Aloisio Neiva, Augusto Moreira de Lima Junior, Ismael Coelho de Souza, Hernani da Motta Mendes, Alvaro Crespo, Tito Portocarrero, Adolfo Morales de los Rios Filho, Georgino Aveiz da Fonseca Galvão, Luiz Guimaraens, José Viriato de Assumpção, Aviz da Fonseca Galvão, Luiz Guimarães, Mauricio de Lacerda, Maitre da Gama, Jayme do Nascimento Brito, José do Nascimento Brito, Angelo de Araujo Pimentel e inúmeros outros que seria longo citar. O General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, resolveu relembrar essa atidude digna e patriótica dos jovens de 1908, hoje homens de responsabilidade e projeção social, convocando-os para um encontro no qual S. Excia. procurará demonstrar o aprêço do Exército, pelos cidadãos que sabem cumprir o seu dever para com o Brasil. Por isso, estimaria o titular da pasta da Guerra que os antigos voluntários especiais de 1908 deixassem suas cadernetas em mão do Tenente-Coronel Raul Tavares, adjunto de seu gabinete no Edifício principal do Ministério da Guerra, 9.° andar, afim de ser nelas feito um lançamento comemorativo do dia do reservista êste ano".

O dia 16 de dezembro, o "dia do reservista", foi grandemente comemorado em todo o território nacional.

Louis Bertrand

Louis Bertrand, falecido em Antibes autor de vários romances de cenário algerino e narrador brilhante de viagens à Grecia e a todo o Oriente Próximo que o consagraram "O escritor mediterrâneo por excelência" adquiriu renome universal com os seus magníficos estudos sôbre Santo Agostinho e Luiz XIV.

A grande figura do filósofo e santo é revelada nesse trabalho, "sob aspecto que os historiadores e os poetas não haviam até então conhecido", escreve o Sr. Alberic Cahuet. Louis Bertrand consagrou-se a êsse estudo durante anos, com uma fidelidade de místico, em longos movimentos "de paixão, de êxtase, de delírio", revendo-o repetidas vezes, refazendo-o, apurando-o antes de entregá-lo ao editor.

Ainda discutido, a-pesar-de haver aparecido em 1923 mas sempre admirado, seu livro sôbre Luiz XIV é outro trabalho de alto valor, em que o autor restitue a êsse

monarca a grandeza que lhe havia sido contestada por ilustres historiadores modernos.

Vindo do romance, em cujo estilo vivo e luminoso se reflete a influência de Flaubert, de quem era admirador exaltado e sôbre quem escreveu um belo livro, Louis Bertrand soube dar aos seus estudos históricos o colorido e a vibração da sua obra de ficção, que segundo outros críticos, lembra a de Zola pelo vigor e pela rudeza das personagens que descreve, notadamente no cenário ardente da África.

Louis Bertrand foi, também, com "La fin du classicisme et le retour à l'antique", seu primeiro trabalho, publicado em 1897, crítico de análise profunda e sensibilidade muito aguda.

Nascido em 1866 em Spincourt, estudou na Escola Normal Superior, tendo conquistado o título de doutor, em letras. Em 1891, foi nomeado professor de retórica no liceu de Alger onde lecionou durante dez anos e onde pôde observar o curioso meio norte-africano, que iria constituir o motivo de alguns dos seus romances mais notáveis e de uma obra realmente modelar: "África".

Mais tarde, como consequência de suas viagens mediterrâneas, escreveu dois excelentes livros de crítica de arte: "La Grèce du soleil et des paysages" e "Les villes d'or", e "Le Mirage oriental" sôbre a sedução das extranhas terras que apaixonadamente percorrera.

Estreando, como, romancista, em 1899, com "Le sang des races", que alcançou êxito imediato, publicou, depois, as seguintes obras de ficção: "La Cina" (1901), "Le Rival de Don Juan (1903), Gaspard de la Nuit, Pepète le bien-aimé" (1904), "Le Jardin de la mort, l'Invasion" (1907), "Mademoiselle de Jessincourt" (1911), "Sanguis Martyrum" (1918), Infante" (1920).

Louis Bertrand foi eleito para a Academia Francesa em 1925, na vaga de Maurice Barrès. Era membro, também, da Academia Espanhola.

O ensino da língua Portuguesa

Está atualmente a registar-se nos Estados-Unidos um interêsse sem precedentes na aprendizagem da língua portuguesa. Muitas das Universidades mais importantes do país e elevado número de colégios particulares para o ensino de línguas estrangeiras estão a oferecer cursos de português, pela primeira vez na sua história. O Departamento de Educação, por sua vez, anunciou que foram já iniciados cursos para o ensino da língua portuguesa em algumas das Universidades e colégios secundários públicos.

Quasi tôdas as Universidades principais de Nova-York estão a introduzir nas suas disciplinas cursos de português. Entre essas Universidades figura a de Colúmbia, onde se inaugurou êste ano um curso de português, dirigido pelo professor sr. Adolfo da Rosa Prista, diplomado pela Universidade de Lisboa. Também foi inaugurado um curso de língua portuguesa na Universidade de Nova-York, dirigido pela professora sra. d. Maria Luiza da Fonseca. Entre as Universidades públicas que oferecem cursos de português figuram o "Hunter College" e a "New York Comercial High School".

Num discurso proferido recentemente o governador de Nova-York, Fiorella La Guardia, disse que, em sua opinião, em tôdas as escolas públicas de Nova-York devem ser introduzidos cursos para o ensino das línguas portuguesa e espanhola, visto ser uma necessidade para os norte-americanos a aprendizagem daqueles dois idiomas. Salientou que mais de setenta milhões de pessoas falavam o português: em Portugal continental, nas colônias portuguesas e no Brasil.

Entre as escolas particulares que oferecem cursos de português, em Nova-York, figuram as seguintes: "Language Service Center", "Berlitz School of Languages", "International School of Languages" "Latin American Institue" e "Fisher School of Languages". Tôdas estas escolas particulares informam que as matriculas para os cursos de português têm sido numerosas e que constantemente estão a receber novos alunos para o ensino daquele idioma.

A troca sistemática dos nomes das ruas

Em sessão do Departamento Administrativo do Rio Grande do Sul o sr. Moisés Vellinho, destacado membro daquela casa e brilhante homem de letras, teve ocasião de dar o seguinte parecer sôbre um projeto de decreto-lei, oriundo da prefeitura de Montenegro, que dá nova denominação a uma rua.

"O incluso projeto de decreto-lei, originário da Prefeitura de Montenegro, dá nova denominação a uma rua.

Em regra, nada descaracteriza tanto uma cidade, como a troca sistemática dos nomes que distinguem suas vias públicas, suas praças e jardins. A ligeireza com que se substituem os nomes tradicionais das ruas e logradouros é uma prática que atenta diretamente contra a história das vilas e cidades. Denominações que surgiram naturalmente de um fato ou de um acidente ligado à tradição, à topografia, aos usos e costumes de um lugar — denominações por vezes imemoriais, impregnadas dêsse pitoresco cujo segrêdo só as improvisações populares conhecem — saborosas denominações que trazem em si mesmas sua explicação

e razão de ser, — eis que um belo dia são revogadas por decreto, sem que para isso se descubram motivos capazes de convencer e ainda menos de comover o vulgo. Pelo contrário êste sente-se como espoliado de um bem que lhe pertencesse e que em verdade lhe pertencia...

O pior é que nomes antigos, às vezes vinculados à própria origem das localidades, como às suas instituições primitivas, são permutados por nomes de políticos de duvidosa benemerência ou de heróis que nunca experimentaram um batismo de sangue, — uns e outros dotados de uma irreprimível vocação para o anonimato. A silenciosa legião que enche as placas da cidade republicana — glórias momentâneas, figuras de alto relêvo faccioso, cabos eleitoraes cheios de constrangido arrependimento, vultos de arrabalde, proprietários felizes, —aí está a clamar que se diga aos transeúntes desatentos, que se explique ao povo indiferente quem foram, o que fizeram, os que a compõem... Como ninguém acorde ao apêlo dos mortos e esquecidos, fica-nos a melancolica impressão de que o paraninfo das ruas coube principalmente aos que se distinguiram pelo que deixaram de fazer... Ou então a datas medíocres, vagas expressões cronológicas esvaziadas pelo tempo. Não era preferível, por amor à tradição e aos costumes locais respeitar a nomenclatura espontaneamente adotada pelo povo?

Há, por certo, exceções. Inúmeras placas de ruas e praças consagram grandes nomes da nossa história política, diplomática e militar, escritores, poetas, cientistas. O projeto de Montenegro dando a denominação de Olavo Bilac a uma via publica daquela cidade, inclue-se entre as exceções.

Ninguém merece mais que Bilac o culto da posteridade. Foi um poeta cuja glória dispensa o louvor dos adjetivos.

Soube nobilitar como poucos as atividades do espírito e do pensamento e, sem deixar se enredar nos louros do poeta, fez-se, numa das quadras mais estéreis da nacionalidade, um grande animador da juventude, um mestre incomparável de energias, de afirmações e de esperanças. Viveu e morreu sem jamais haver exercido qualquer parcela de autoridade ou de mando. Vem daí, talvez, o poder de irradiação no espaço e no tempo de seu vibrante apostolado cívico cada vez mais vivo na conciência da mocidade brasileira".

Instituto Histório e Geográfico Brasileiro

Realizou-se, sob a presidência do Sr. Embaixador José Carlos de Macêdo Soares e Ministro Augusto Tavares de Lyra, a assembléia geral para eleição da Diretoria e das Comissões Permanentes no biênio de 1942-43.

Compareceram os seguintes só-

José Carlos de Macedo Soares, Augusto Tavares de Lyra; Alfredo do Nascimento; Max Fleiuss; Alcindo Sodré; Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho; Fernando Luiz Vieira Ferreira, Alfredo Ferreira Lage, Ernesto de Souza Campos; Jeronymo de Avelar Figueira de Mello, Frei Pedro Sinzig; Thiers Fleming, Leopoldo Antonio Feijó Bittencourt; Dom Francisco de Aquino Corrêa; Carlos Delgado de Carvalho; Virgilio Corrêa Filho; Christovão Leite de Castro; Herbert Canabarro Reichardt; Pedro Calmon Moniz de Bittencourt; Candido Mariano da Silva Rondon; Nelson de Senna; José Luiz Baptista; Sylvio Rangel de Castro; Claudio Ganns; Ataulpho Napoles de Paiva; Antonio Leoncio Pereira Ferraz; Raul Regis de Oliveira; Francisco Radler de Aquino; Rodrigo Octavio Filho.

O Presidente Macedo Soares mandou iniciar os trabalhos eleitorais, nomeando escrutinadores os Srs. Herbert Canabarro Reichardt e Claudio Ganns.

O resultado foi o seguinte:

Diretoria — Presidente — José Carlos de Macedo Soares. 1.º Vice-Presidente — Augusto Tavares de Lyra. 2.º Vice-Presidente — Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes. 3.º Vice-Presidente — Alfredo Nascimento Silva. 2.º Secretario — Virgilio Corrêa Filho. Orador — Pedro Calmon. Tesoureiro — Francisco Radler de Aquino.

Comissões permanentes — História — Max Fleiuss. Souza Docca, Basilio de Magalhães, Feijó Bittencourt, Canabarro Reichardt.

Fundos de orçamentos — Rodrigo Octavio, Alfredo Lage, Oliveira Vianna, Mattoso Maia Forte, Alexandre Sommier.

Geografia — Raul Tavares, Radler de Aquino, Carlos da Silveira Carneiro, Leão Teixeira Filho, Lucas Boiteux.

Arqueologia e Etnografia — Rodolfo Garcia, Afranio Peixoto, Roquette Pinto, José Luiz Baptista, Virgilio Corrêa Filho.

Bibliografia — Rodrigo Octavio Filho, Bernardino de Souza, Liberato Bittencourt, Vieira Ferreira, Gustavo Barroso.

Estatutos — Afranio de Mello Franco, Costa Ferreira, Wanderley Pinho, Pedro Calmon, Edmundo da Luz Pinto.

Admissão de sócios — Alfredo do Nascimento, Augusto Tavares de Lyra, Alfredo Valladão, Braz do Amaral, Levi Carneiro.

O Sr. Presidente Macedo Soares proclamou os eleitos.

Logo depois, o Sr. Nelson de Senna leu a seguinte moção, que foi aprovada por aclamação:

"A Assembléia geral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, seguindo a tradição, iniciada com o Visconde de S. Leopoldo, seu fundador e 1.º Presidente, e continuada com as figuras marcantes do Barão do Rio Branco e do Conde de Affonso Celso, declarados presidentes perpétuos do Instituto depois de exercerem o elevado cargo, efetivamente, por periodo acima de dois anos — resolve que seja agora também declarado seu Presidente perpétuo o Embaixador José Carlos de Macedo Soares — que

desempenha, com inexcedível brilho o encargo a princípio, interinamente de 19 de maio de 1939 e, efetivamente desde 15 de dezembro do mesmo ano. Trata-se de distinta personalidade, cujos trabalhos ao Instituto são notórios e relevantes, cujos serviços ao país, em altos postos da administração pública e da política têm sido por igual merecedora de aplausos e do aprêço dos contemporâneos.

O Instituto Histórico, tendo em atenção essas atividades partióticas, a que imprime sempre um cunho pessoal de desinterêsse, elegância e fidalguia — deseja por isso vê-lo honrando a cadeira presidencial desta casa, em caráter perpétuo, que é a melhor forma de agradecimento coletivo aos seus dedicados préstimos e desvelada assistência, em benefício do prestígio e das gloriosas tradições do mesmo Instituto. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1941. — Epitácio Pessoa, Cardeal Sebastião Leme, Rodrigo Otavio, Max Fleuiuss, Oliveira Vianna, Bernardino de Souza, Alfredo do Nascimento Silva, Radler de Aquino, Affonso de Escragnolle Taunnay, João da Costa Ferreira, Basilio de Magalhães, Jeronymo de A. Figueira de Mello, Cincinato Braga, Virgilio Corrêa Filho, Alberto Frederico de Moraes Lamego, Herbert Canabarro Reichardt, Nelson de Senna, Raul Regis de Oliveira, Feijó Bittencourt, Christovam Leite de Castro, Francisco, Arcebispo de Cuyabá, M. Tavares Cavalcanti, Delgado de Carvalho, Rodrigo Otavio Filho, Sylvio Rangel de Castro, Clovis Bevilaqua, Ataulpho de Paiva, Leão Teixeira Filho, Edgundo da Luz Pinto, Thiers Fleming, Serafim Leite, S. J., Candido Mariano da Silva Rondon, José Mattoso Maia Forte, Fidelino de Figueiredo, Claudio Ganns, Martinho Nobre de Mello, Camelo Lampreia, A. L. Pereira Ferraz, Carlos Carneiro, Alfredo Ferreira Lage, Francisco José Pinto, Norival de Freitas, Ernesto de Souza Campos, Antonio Carlos, Frei Pedro Sinzig (O. F. M.), Pedro Calmon, Vieira Ferreira, Augusto Tasso Fragoso, José Luiz Baptista, Alexandre Sommier, Hermenegildo de Barros, Alcindo Sodré.

Aderiram à moção os seguintes sócios residentes fora do Rio de Janeiro: Rodolfo Rivarola, Ramon J. Carcano, Ricardo Levene, José Honorio Silgueira, Enrique de Gandia, José Salgado, Roberto Simonsen, Ernesto Leme, Eugenio Egas, Djalma Forjaz, Manoel Pirajá da Silva, Braz do Amaral, Jorge Hurley.

Agradecendo a sua eleição para presidente perpétuo do Instituto, o Sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares proferiu a seguinte oração:

"Meus senhores. A recondução no mandato de presidente do Instituto já seria a mostra da vossa satisfação pela forma porque o desempenhei no primeiro período. Quisestes, porém, por indicação assinada por tantos conspícuos brasileiros que honram as poltronas dêste sodalício, acrescentar ao novo mandato a condição de perpetuidade.

Bem sei que estamos dentro da tradição da Casa, assim mesmo tendo acontecido aos meus eminentes antecessores o Visconde de S. Leopoldo, o Marquês de Sapucaí, Barão do Rio Branco e o Conde de Affonso Celso. No remanso e quietude das nossas reuniões de estudo e dedicação patriótica a hierarquia é a igualdade nas obras do espírito, quer dizer, os postos na mesa são apenas servir, obedecendo a ordem dos trabalhos e provendo as modestas exigências da nossa administração. Contudo devo confessar-vos o meu apêgo aos bons princípios da filosofia biológica contemporânea, os quais desde Lamarque mostram que a renovação é a condição da evolução e do progresso das espécies. A renovação convém não sómente às pessoas, como ao próprio Instituto Histórico. Faculta a entrada de idéias novas, a satisfação de aspirações legítimas, e ao mesmo tempo resguarda-nos o direito de em certo momento atender melhor o interêsse do Instituto segundo as circunstâncias da vida brasileira de que tão unidamente participamos.

A continuidade das tradições da Casa está perfeitamente assegurada pela dedicação e competência do nosso eminente secretário perpétuo, o Sr. Max Fleuiuss.

Consignando uma opinião pessoal, nem de leve ponho em dúvida da vossa generosa deliberação. Aceito honrado e gratíssimo o mandato tal qual vos aprouve condicioná-lo. Apenas do que fica dito se deduzirá que estaremos todos atentos às verdadeiras conveniências do Instituto, às quais não poderá contrapor-se o mandato tal qual me foi conferido.

Agradecer a nova eleição seria pouco diante do imperativo de agradecer a vossa bondosa, constante e atenta colaboração, animando os nossos trabalhos de maneira tão feliz, que podemos consignar com estrita exatidão, que durante os dois anos decorridos desempenhamos, todos nós, as obrigações que a missão do Instituto nos impunha.

Ainda uma vez meus eminentes consócios, empenho a minha gratidão à vossa grande benevolência".

O Sr. Claudio Ganns, leu a seguinte moção unanimemente aprovada:

"À vista da valiosa doação de 340 volumes, sôbre "revoluções brasileiras", que o nosso consócio o Embaixador José Carlos de Macedo Soares, acaba de fazer à biblioteca do Instituto — necessário e indispensável à pesquisa dêsses acontecimentos históricos — requeiro seja inserta em ata um voto de louvor e agradecimento àquele nosso benemérito presidente perpétuo, Rio de Janeiro, 15-12-1941".

O Sr. Pedro Calmon, salientando ter sido mais uma vez reeleito 2.º vice-presidente o sócio grande benemérito, Ministro Rodrigo Octavio, sugeriu que uma comissão de sócios fôsse visitar aquele insigne brasileiro comunicando-lhe a nova homenagem do Instituto. O que foi aprovado com calorosos aplausos.

O presidente Macedo Soares nomeou para êsse fim a seguinte comissão: Max Fleuiuss, Ministro Ataulpho de Paiva e Pedro Calmon.

O presidente Macedo Soares agradeceu a moção apresentada pelo Sr. Claudio Ganns, declarando que o autor da idéia de se reunir no Instituto a maior cópia possível de trabalhos sôbre as revoluções ocorridas no regime Republicano, cabe ao ilustre 1.º presidente Ministro Augusto Tavares de Lyra.

Em seguida, encerraram-se os trabalhos.

Concurso de filmes brasileiros

Conforme fora anunciado, realizou-se, sob os auspícios do Departamento de Imprensa e Propaganda, na Divisão de Cinema e Teatro, o julgamento do concurso de filmes de longa e pequena metragem, anualmente instituido de acôrdo com o que estabelece o decreto-lei número 1.949, de 20 de dezembro de 1939.

A Comissão Julgadora, que ficou composta dos Srs. Prudente de Morais Neto, Manuel Bandeira e Annibal Machado, após o exame dos filmes apresentados pelos concorrentes, resolveu dar-lhes a seguinte classificação, para efeito da distribuição de prêmios:

Longa metragem: — Primeiro lugar — "Pureza", segundo, "Céu Azul", terceiro, "Aves sem ninho".

Pequena metragem — Primeiro lugar — "Metamorfose do Sapo"; segundo, "Siderurgia no Brasil n.º 1", terceiro, "A Bacia de Macao".

Para os premios correspondentes aos quartos, quinto, sexto e sétimo lugares, foram classificados os filmes:

"Manhã em Copacabana", "Seleção de batatas para sementes" "Lanterna Mágica n.º 32" e "O leite", respectivamente.

Foram classificados ainda os filmes "Lanterna Mágica n.º 31", "A Marinha em Trabalho n.º 3" e "Siderurgia do Brasil n.º 2", correspondentes ao oitavo, nono e décimo lugares.

De conformidade com o que estabelecem os termos do art. 121 e seus parágrafos, do decreto-lei n.º 1.949, de 20 de dezembro de 1939, o julgamento dos filmes nacionais de longa e pequena metragem produzidos, em janeiro de 1940 à 30 de maio de 1941, por emprêsas cinematograficas nacionais, para a classificação dos que venham a fazer jús aos prêmios instituidos, obedecidas as condições que se seguem:

1.º — O total de prêmios a serem distribuídos será de cento e cinquenta contos de réis ..... (150:000$), reservando-se cento e dez contos de réis (110:000$), para filmes nacionais de longa metragem e quarenta contos de réis (40:000$), para os compreendidos entre 100 e 400 metros.

2.º — Para os filmes de metragem superior a 1.500 metros serão conferidos três prêmios cabendo, ao primeiro colocado, a importância de sessenta contos de réis ....

(60:000$), e aos 2.º e 3º classificados, respectivamente 30:000$ e ... 20:000$000.

3.º — Para os filmes de pequena metragem, isto é, com metragem compreendida entre 100 e 400 metros, serão conferidos dez prêmios, num total de 40:000$, na seguinte base de concurso:

Para o 1.º lugar 8:000$ para o 2.º lugar 6:000$, para o 3.º lugar 5:000$, para o 4.º, 5.º e 6.º lugares 4:000$ a cada um, para o 7.º lugar 3:000$, e para os classificados em 8.º, 9.º e 10.º lugares 2:000$ a cada um.

4.º — As inscrições dos filmes destinados ao concurso, tanto os de longa metragem, quanto os de metragem compreendida entre 100 e 400 metros deverão ser feita na Secretaria da Divisão de Cinema e Teatro, pelos interessados.

5.º — Só poderão cumprir o que determinara o item anterior, os produtores cinematográficos nacionais inscritos no DIP, e regularmente registados na Divisão de Cinema e Teatro.

6.º — A ficha de inscrição deverá conter:

a) — nome do produtor ou Emprêsa produtora; b) — laboratório onde foi confecionado o filme; c) — diretor técnico; d) — operador; e) — encarregado do som; f) — técnico de luz; g) — nome dos artistas principais e sua nacionalidade; h) — ano de produção; i) — metragem do filme; j) — mês de lançamento, quando não se tratar de filme inédito; k) — número de cópias tiradas; l) — nome do distribuidor.

7.º — Os filmes de longa metragem submetidos a julgamento, bem como os de metragem superior a 100 e inferior a 400 metros, deverão ser apresentados à comissão julgadora completos, tal como se fôssem destinados às apresentações públicas;

8.º — A cada filme deve acompanhar um roteiro, com os letreiros, diálogos, letras e nomes das músicas utilizadas, bem como os nomes dos seus respectivos autores.

9.º — Serão reservados cinquenta contos de réis (50:000$), para a aquisição de cópias de filmes premiados à vista do que estabelecem os termos do ítem c) do art. 121, do decreto-lei acima referido, e destinadas à filmoteca do DIP.

10.º — Para a aquisição dos filmes premiados, destinar-se-ão as seguintes quantias:

Ao 1.º, 15:000$, ao 2.º e 3.º 8:000$ e 7:000$, respectivamente, reservando-se os restantes vinte contos de réis (20:000$) para a aquisição das cópias dos filmes de pequena metragem classificados nos dez primeiros lugares.

Alberto de Oliveira

Realizou-se, no Rio de Janeiro no cemitério de São João Batista, a cerimônia da inauguração do mausoléu de Alberto de Oliveira, mandado construir pelo Comandante Ernani do Amaral Peixoto, Inter-

ventor Federal no Estado do Rio, em homenagem à memória do grande poeta, nascido em Saquarema.

Presidiu a cerimônia da Inauguração o Comandante Amaral Peixoto, que compareceu acompanhado dos Srs. Ruy Buarque, da Educação; Eugenio Borges, do Interior e Justiça; Walfredo Martins das Finanças; Rubens Farrulla, da Agricultura; Alfredo Neves, presidente do Departamento Administrativo; Brandão Junior, Prefeito de Niteroi; Coronel José Alves da Fonseca, comandante da Fôrça Pública do Estado e vários oficiais dessa corporação.

Estiveram também presentes os Srs. Ministro Ataulpho de Paiva, Aloysio de Castro e Pedro Calmon, representantes da Academia Brasileira de Letras; Phocion Serpa, da Academia Carioca de Letras; e Ariosto Berna do Centro Carioca.

A família do homenageado esteve representada pelos Srs. Alfredo Mariano de Oliveira e Antar de Oliveira, respectivamente, irmão e filho do grande poeta.

O monumento, de autoria do Professor Corrêa Lima, representa uma mulher — a Poesia — recostada numa palmeira — os versos de Alberto de Oliveira — "A Palmeira", e no pedestal, a seguinte incrição:

"Ser palmeira depois de homem ter sido".

A Alberto de Oliveira 1897-1937

O Estado do Rio de Janeiro por iniciativa da Acadêmia Brasileira de Letras".

Em nome do Govêrno do Estado do Rio, falou o Sr. Ruy Buarque, que exaltou a vida e obra de Alberto de Oliveira, para dizer depois da significação do culto de sua memória pelo povo fluminense.

O Sr. Aloysio de Castro, pela Academia Brasileira, proferiu brilhante oração.

Instituto Heráldico-Genealógico

O Instituto Heráldico-Genealógico, com sede em São Paulo, celebrou o seu 10.º aniversário com uma sessão solene.

Essa instituição, atualmente presidida pelo Dr. Menezes Drumond, publica uma revista especializada e conta mais de cem sócios de todos os pontos do país.

São seus membros honorários, os Srs. Dr. Fernando Costa, o Cardeal D. Sebastião Leme, D. José Gaspar de Afonseca e Silva, Princípe D. Pedro Gastão de Orléans e Bragança, Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Coronel Luiz Carlos de Moraes, Drs. Eugenio Vilhena de Moraes, Jorge Godofredo Felizardo, José Maria Mac-Dowell da Costa e Manoel Cicero Peregrino da Silva.

Academia Brasileira de Letras

E' tradição da Academia procurar manter-se em contato, não só com a elite intelectual do país, mas também, democraticamente, com o público em geral. Partindo automaticamente dêste ponto de vista, organizou-se em 1940 (de 17 de junho a 16 de dezembro) uma série de conferências a qual Leví Carneiro denominou "Panorama da Literatura Estrangeira Contemporânea (1914-18-1941)". Ouvimos assim a palavra de vários escritores de renome nacional e universal. A literatura da França, por Fortunato Strowsky; — da Polônia, por Jan Lechon; — de Portugal, por Fidelino de Figueiredo; — da Austria, por Frischauer; — da Itália, por Giulio Dolci; — da Hungria, por Paul Ronal; — da Alemanha, por frei Mansueto Kohlman; — da Inglaterra, por Eric Churh; — Escritores rumenos da língua francesa, por Leopoldo Stern (D. Margarida Lopes de Almeida disse versos da Condessa de Noialles); — Literatura belga de língua francesa, por Frans Van Cauwelaert; — Literatura da Grécia, por Taka Politis; — da Hespanha, por José Maria del Rey; — Literatura hispano-americana, pelo prof. Rodrigues Fabregat; — Literatura dos Estados-Unidos, por Carolina Nabuco: — da Rússia, pelo Conde Manuel de Benningsen; — do Canadá, por Jean Désy. Como se vê, promoveu a Academia importante curso de literatura.

Descobertos em Rio Pardo fósseis de gigantescos tatús e preguiças antidiluvianos

Nos últimos dias do ano findo, o dr. Heróflio de Azambuja, respondendo, então, pela Secretria de Educação, recebeu a noticia da descoberta, no município de Rio Pardo de restos fósseis de grandes animais anti-diluvianos. O diretor geral daquele departamento estadual convidou, em seguida o conhecido paleontologista rio-grandense Carlos de Paula Couto, a cujo cargo se acha o trabalho de restauração dos fósseis de São Gabriel no Museu do Estado, para inspecionar o jazigo descoberto. Paula Couto acaba agora de regressar a esta capital, tendo realmente verificado no local anunciado, a existência de rico jazigo fossilífero, onde conseguiu encontrar restos de gigantescos tatús e preguiças, que viveram, alí há cêrca de .... 400.000 anos. Procurado pela reportagem no Museu do Estado, o jovem paleontológo patrício, que se dedica desde 1925, por iniciativa própria, à Paleontológio, especialmente na parte referente aos mamíferos fósseis, prontificou-se a prestar-nos todos os esclarecimentos a respeito, fazendo-nos inicialmente, as seguintes declarações:

— Desincumbindo-nos da nossa missão, procuramos, logo de chegada a Rio Pardo, no dia 26 de dezembro último, entrar em contacto com o sr. Oscar Borba, conceituado fazendeiro naquele município, em cuja fazenda, se acha o jazigo fossilífero que procurávamos. Inteirado de nossa missão oficial e em atenção aos desejos da Secretaria de Educação, de salvaguardar, para o Estado o patrimônio cientifico representado pelos fósseis que se encontram em sua propriedade, prontificou-se logo o sr. Borba a atender-nos acompanhando-nos, no dia seguinte, a sua bela fazenda e encarregando dois filhos de mostrar-nos o jazigo.

O autor de "Paleontológia no Rio Grande do Sul" passa, então, a narrar como se verificou a descoberta dos fósseis, dizendo:

"O jazigo fica em pleno campo, mui distante da casa da fazenda, numa depressão do chamado "Pântano Grande". A descoberta dos primeiros fósseis foi feita, ocasionalmente, por um dos filhos do sr. Borba, graças a um desbarrancamento, produzido pelas águas duma sanga nos barrancos que a margeiam, sanga essa que atravessa a depressão fossilífera, nas proximidades de um de seus rebordos, e que serve de escoadouro das águas que nela ainda poderiam acumular-se, se não tivessem êsse escoadouro natural".

"Logo que descemos o barranco, em companhia do dr. Dácio Guimarães, chefe do Pôsto de Higiene de Rio Pardo, do dr. Mendes e dos dois filhos do sr. Borba, descobrimos, no leito da sanga, inúmeros fragmentos de ossos, entre os quais grande quantidade de placas de couraça de Gliptodontes, tatús gigantes, exitintos, cujo tamanho ultrapassava o de um boi, assim como restos de uma gigantesca Preguiça fóssil, parente do Megatério que atribuímos, quasi com certeza, ao gênero Lestodon, encontrado pela segunda vez no Brasil, pois, entre os restos procedentes de São Gabriel e recolhidos ao Museu do Estado, conseguimos classificar no dito gênero, pela primeira vez no Brasil algumas peças de características inconfundíveis.

Paulo Couto refere-se, a seguir, à riqueza do jazigo, bem como a época em que viveram os fósseis descobertos, a qual se pode calcular em 400.000 anos, aproximadamente:

— Numa extensão de mais ou menos 200 metros — continua, o fundo da sanga está coberto de fragmentos fósseis misturados com ossos de animais recentes, principalmente de gado vacum e cavalar. No barranco, acham-se incrustados enormes ossos da Preguiça gigante, enterrados numa argila ou tabatinga cinzenta, algo porosa e mui viscosa, o que nos faz acreditar que seja um depósito de fundo do paúl ou pântano que alí devia existir, quando viviam os animais, cujos restos foram, agora, descobertos. Esta nossa hipótese é tanto mais viável quanto sabemos que a região é ainda hoje algo pântanosa e, por isso, denominada de "Pântano Grande". Na época Plei-

lomena, quando viviam os grandes mamíferos que alí deixaram os seus restos, o pântano devia ter forçosamente, uma extensão muito maior e muito mais contínua do que hoje é o fato de encontrarmos, enterrados na argila, tão numerosos restos fósseis, pertencentes a diversos indivíduos do mesmo gênero e de gêneros diferentes, ao ponto de podermos considerar a região, mui propriamente como um verdadeiro "cemitério de mamíferos pleistocênicos", é uma prova de que o pântano era procurado pelas grandes bêstas de antanho, que, em grande número nele pretendiam refrescar-se ou saciar a sêde ou mesmo alimentar-se com os sumarentos talos das plantas herbáceas, próprias dos banhados, encontrando frequentemente a morte nos atoladouros ou sumidouros, tão comuns nos pântanos.

E após rápida pausa, Paula Couto acrescenta:

"Aliás, êste é também o caso do jazigo pampeano de São Gabriel, outro autêntico "cemitério de mamíferos pleistocênicos". Temos certeza de que, com pessoal pago para êste fim, trabalhando sob a nossa direção, e com o auxílio de pelo menos dois funcionários do Museu do Estado, munidos de todo o material apropriado e indispensável a um trabalho de tal natureza, coletaremos, em tôda a depressão, muitos esqueletos completos ou quasi completos, dos gigantescos mamíferos que acabámos de citar, além de outros, seus contemporâneos mas de gêneros diversos. Aliás tôda a região do "Pântano Grande", abrangendo fazendas de diversos proprietários, deve ser rica em fósseis, bastando-nos, para disso certificar-nos apenas explorá-la.

A natureza geológica do terreno fossilífero pleistocênico de Rio Pardo é — segundo tudo nos faz crer — idêntica à do jazigo pleistocênico de São Gabriel e os fósseis neles descobertos, todos característicos do Pampeano superior da Argentina e do Uruguaí, pertencem aos mesmos gêneros.

Tanto por sua natureza geológica, como pelos fósseis que os caracterizam, êsses terrenos podem ser considerados, com tôda a probabilidade como "pâmpeanos", o que quer dizer, pois, que a formação pempeana, tão extensa na Argentina e no Uruguái, começa no Rio Grande do Sul, a partir da margem esquerda do rio Jacuí, o que nos permite afirmar que a denominação de "terra dos pampas", dada, no Brasil, ao Rio Grande do Sul, tem a sua razão de ser".

Informa-nos, então, o jovem paleontologista rio-grandense que voltará, dentro em breve, àquele local, afim de reunir novos restos para restaurar completamente, os dois fósseis encontrados, sob os auspícios da Secretaria de Educação.

— "E' intenção da Secretaria da Educação — diz — enviar, na segunda quinzena do mês corrente ou nos primeiros dias de fevereiro próximo, sob a nossa direção, uma expedição paleontológica a Rio Pardo, com o fim de explorar o jazigo fossilífero e coletar o ma-

terial fóssil mais importante, que se ache melhor conservado, aproveitando também, para isso a flagrante boa vontade do Prefeito Municipal — Sr. Ernesto Wunderlich — que nos facilitou em tudo o que lhe foi possível, o desempenho de nossa missão, prometendo-nos ainda maior ajuda, para quando estivermos no serviço de coleta dos fósseis, razão por que queremos agradecer-lhe sinceramente, por intermédio de vosso jornal, em nome da Secretaria da Educação da qual fomos enviados, tôda a obsequiosa solicitude com que nos atendeu".

(Entrevista concedida pelo Sr. Carlos de Paula Couto, destacado sócio do Instituto Histórico do R. G. do Sul, à "Fôlha da Tarde" de Pôrto Alegre).

BIBLIOGRAFIA

ASPECTOS GERAIS DE CACHOEIRA

Fortunato Pimentel — Tip. Gundlach — Pôrto Alegre 1941

O sr. Fortunato Pimentel é um esforçado estudioso, incansável nas pesquisas históricas, contribuindo assim grandemente para maior conhecimento do nosso passado.

Acaba agora de divulgar novo trabalho que muito se recomenda pelo clima histórico, econômico, geológico e estatístico que apresenta. A cidade de Cachoeira encontrou em Fortunato Pimentel, a lúcida inteligência que carecia para por em relêvo a sua riqueza agrícola e pastoril bem como tôda sua potencialidade administrativa.

Apreciável e útil monografia que todos os estudiosos devem ler.

O. S.

SOCIALIZAÇÃO DO DIREITO

Gabriel de Rezende F.º — Faculdade de Direito — São Paulo 1941

O trabalho que temos em mão é a oração que o autor, na qualidade de Paraninfo dos bacharelandos de 1940, proferiu na Faculdade de Direito de São Paulo. Bela peça oratória, doutrinária e conceituosa ao caraterizar o direito em face à socialização do aglomerado humano e a par da evolução civilizadora — Todo êsse empolgante trabalho obedece a um *criterium* de tese grandemente expressionista e de viva atualidade cuja leitura é um complexo de ensinamentos.

O. S.

FASCISMO — CATOLICISMO — JUSTIÇA

A. Pompeo de Camargo — E. G. da Revista *dos Tribunais — São Paulo 1941*

São páginas de palpitante atualidade onde o autor se confessa empolgado por acontecimentos que se refletem no seio do regime totalitário que êste século criou para tornar mais profunda a angústia do mundo. Seus trabalhos são bem pensados e se revela um conhecedor das boas crônicas, de sabor psicológico.

Livro que se lê com prazer absoluto e até mesmo com alegria.

O. S.

APONTAMENTOS HISTÓRICOS E ESTATÍSTICOS DE BAGÉ

Jorge Reis — Tip. Jornal do Povo — Bagé 1911

Um livro antigo, de há 30 anos que pessoa da família do autor fez chegar às nossas mãos. E' um excelente subsídio para a história do Estado onde a bela cidade da fronteira aparece delineada e vivida com suas características históricas, acontecimentos urbanos e pormenores que muito enriquecem a obra do finado ajudante da procuradoria da República, sr. Jorge Reis.

O. S.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SÔBRE PROGRAMAS ESCOLARES

Sólon Borges dos Reis — S. Carlos 1941

O prefessor Sólon Borges dos Reis apresenta um meditado estudo referente ao ensino em geral no Brasil. Desde a essência primária às exigências de pedagogia em grau superior, o autor, em seu plano geral, reúne fórmulas bem estudadas. E' exato que no programa está o exito das realizações e nesse traçado deve tudo estar condensado de tal forma que o ensino, notadamente o primário, resulte completo e satisfatório.

Excelente trabalho que merece ser lido e analisado. —

O. S.

FESTA DA ÁRVORE

Fortunato Pimentel — Tip. Tiedlach — Pôrto Alegre 1941

Trata-se de um discurso proferido pelo ilustrado historiador Fortunato Pimentel por ocasião da comemoração do *Dia da Árvore* realizado em São Leopoldo. O autor estuda, com ligeira síntese, a contribuição econômica dos nossos campos florestais fazendo um paralelo com a riqueza do norte do país onde tudo se converte numa sinfonia infinita de matas exuberantes. Com isso o autor enalteceu a árvore elevando o destino do Brasil. —

O S.

O BI-CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO DE PÔRTO ALEGRE

General Souza Docca — Grafica Laemmert Lt. — Rio de Janeiro 1941

O grande historiador patrício General Souza Docca reuniu em livro o seu trabalho divulgado em parte pela imprensa onde estuda e determina a data do Bi-Centenário da cidade de Pôrto Alegre. A respeito dessa controvérsia suscitada pelo autor, já se pronunciaram diversos historiadores interessados no debate.

O trabalho do Gal. Souza Docca é por demais interessante, tanto sob o aspecto histórico como documental e desde que o dia 5 de novembro de 1940 foi tomado como sendo o dia oficial para ser comemorado o Bi-centenário, como efetivamente aconteceu é de justiça e de interês-

se essencialmente histórico que sejam reabertos os debates em tôrno dêsse importante tema. Para isso será indispensável uma serenidade absoluta de ânimo abolindo a idéia pessoal e num ambiente de estudo e cordialidade restabelecer a verdade conforme a ética da boa interpretação documental.

O. S.

DOIS TITAS DO IMPÉRIO

L. de Oliveira Bello — Imprensa Naval — Rio de Janeiro 1941

O sr. L. de Oliveira Bello que é um ilustrado oficial da nossa marinha de guerra, tem se distinguido nos últimos tempos pela sua constância na elaboração de estudos históricos. Sua característica principal é o critério dos conceitos e honestidade nas suas investigações.

Dois Titãs do Império é uma ótima monografia onde são estudados dois grandes vultos do nosso passado integrados na história nacional: Caxias e Tamandaré. Nunca é demais falarmos sôbre homens que iluminaram um ciclo glorioso da vida americana. Além dêsses dois vultos inconfundíveis, o autor estuda ainda, na conferência proferida no Círculo dos Oficiais Reformados, a estranha personalidade de Marcílio Dias, autêntico herói da gloriosa Marinha Brasileira. O sr. L. de Oliveira Bello, com sua brilhante inteligência está prestando um grande serviço às letras históricas do país.

O. S.

ANTONIO BEZERRA

Andrade Furtado — Imprensa Oficial — Fortaleza, Ceará 1941

Aí está o perfil de um homem que a história cearense crismou de *Cearense Padrão* como o chama Andrade Furtado. Seu biografado, pelo valor mental e sentimentos raros foi efetivamente um grande brasileiro, um patriota de puro ardor defendendo todos os problemas de interêsse nacional como o movimento abolicionista que defendeu ardorosamente.

O autor dêste trabalho, Manuel Antonio de Andrade Furtado que é uma das mais belas expressões da intelectualidade cearense dos nossos dias, ao estudar a personalidade de Antonio Bezerra, o fez magistralmente, numa síntese onde se resume o alto espírito do *Cearense Padrão.*

O. S.

REVISTAS

— Revista das Academias de Letras do Brasil — N.° 36 — Agôsto de 1941 — Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil — Rio de Janeiro.

— Estandarte Cristão — Periódico da Igreja Episcopal Brasileira — Pôrto Alegre — Novembro 1941.

— Investigaciones Históricas — 2 opulentos volumes — 1935 - 1937 — Buenos Aires.

— Documentos para la História Argentina — 3 alentados e preciosos tomos ns. XV - XVI - XVII — 1922 — Buenos Aires.

— Universidad — n.° 9 — Publi-

ración de la Universidad Nacional del Litoral — 1941 — Santa Fé.

— Boletim de Historia y Antiguedades — Julho e Agosto 1941 — Bogotá.

— Annals of the Association of American Geographers — Setembro 1941 — Lancaster — U. S. A.

— Tradição — revista de cultura — setembro 1941 — Recife.

— Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte — 1938-1940 — Natal.

Volume com excelente material histórico sendo seus redatores Nestor Lima, Antonio Soares e Luiz da Camara Cascudo nomes laureados das nossas letras.

— Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano — 2 ótimos volumes — 1937-38 e 1939-40 — Pernambuco.

— G E G H P — Revista do Gabinete de Estudos de Geografia e História de Paraíba — Abril 1941 — João Pessoa.

— Revista de Geografia — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — 2 volumes preciosos — Abril-Junho e Julho-Setembro — 1941 — Rio de Janeiro.

— Sistema de Remuneração e registo dos professores particulares — Ministério da Educação e Saúde — 1941 — Rio de Janeiro.

— Organização dos Desportos — Ministério e da Educação e Saúde — 1941 — Rio de Janeiro.

— Revista do Arquivo Municipal — 2 excelentes volumes n. 73 e 74 — Departamento de Cultura — 1941 — São Paulo.

— Estatísticas Culturais — 3 volumes correspondentes a 1937, 1938 e 1939 — Diretoria de Estatística Educacional — Pôrto Alegre.

— Revista Universitária — 4 exemplares — Setembro e Novembro 1941 — Pôrto Alegre.

Pedimos, por obsequio, que os livros e revistas destinados ao Instituto sejam endereçados sem menção de nomes dos sócios.

2746

Bibliotheca von Hager-Gintner

Acervo Cultural

Obras Raras

2746